This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

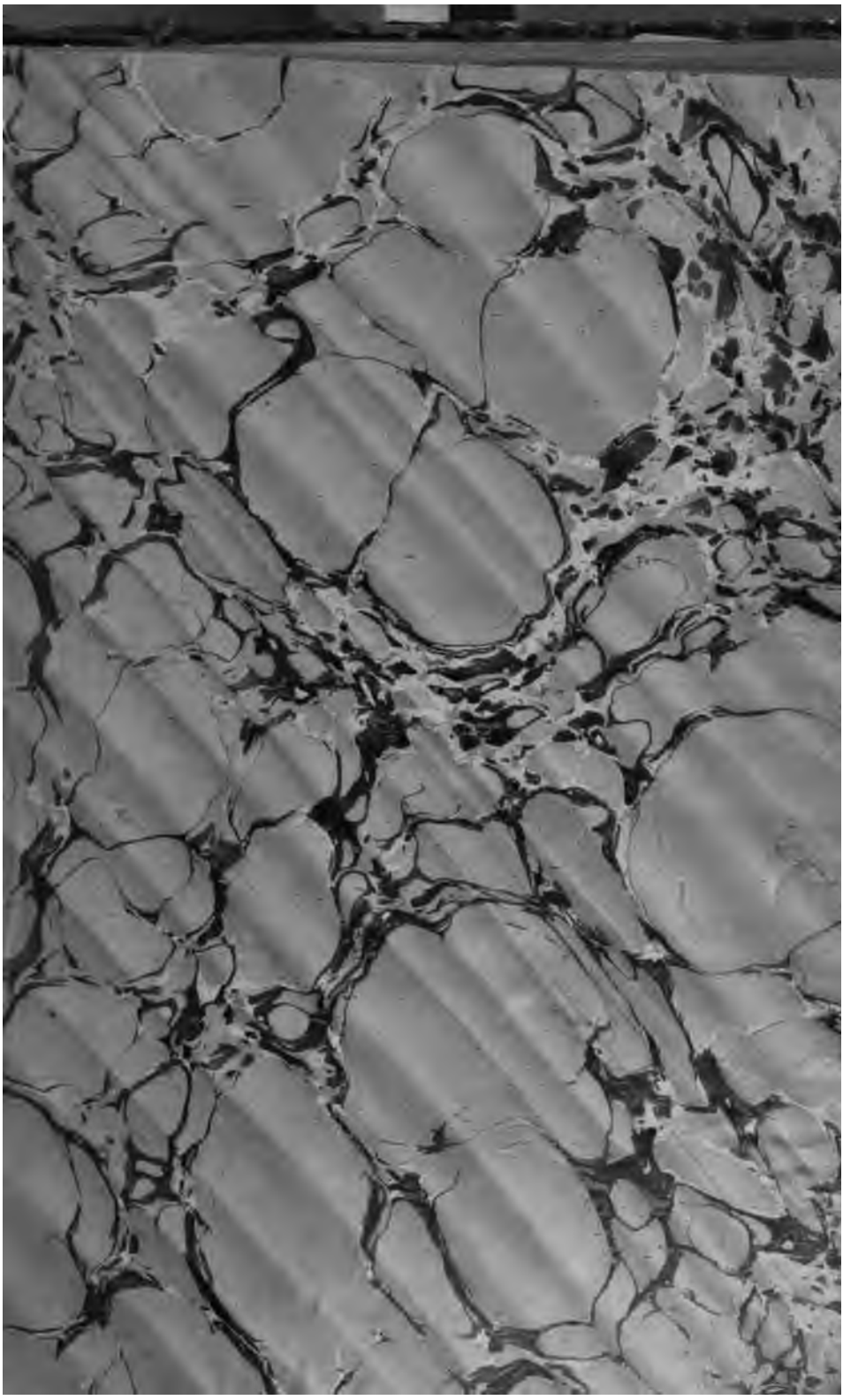
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

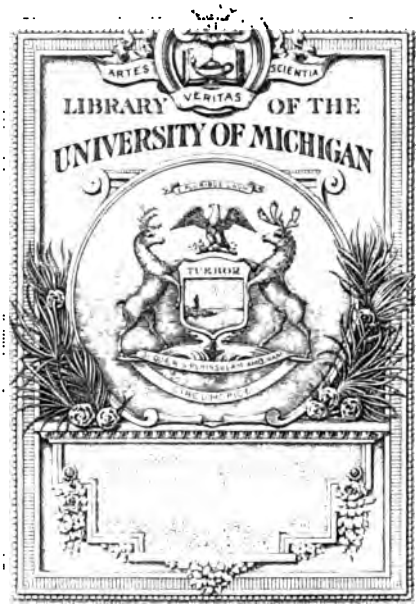
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

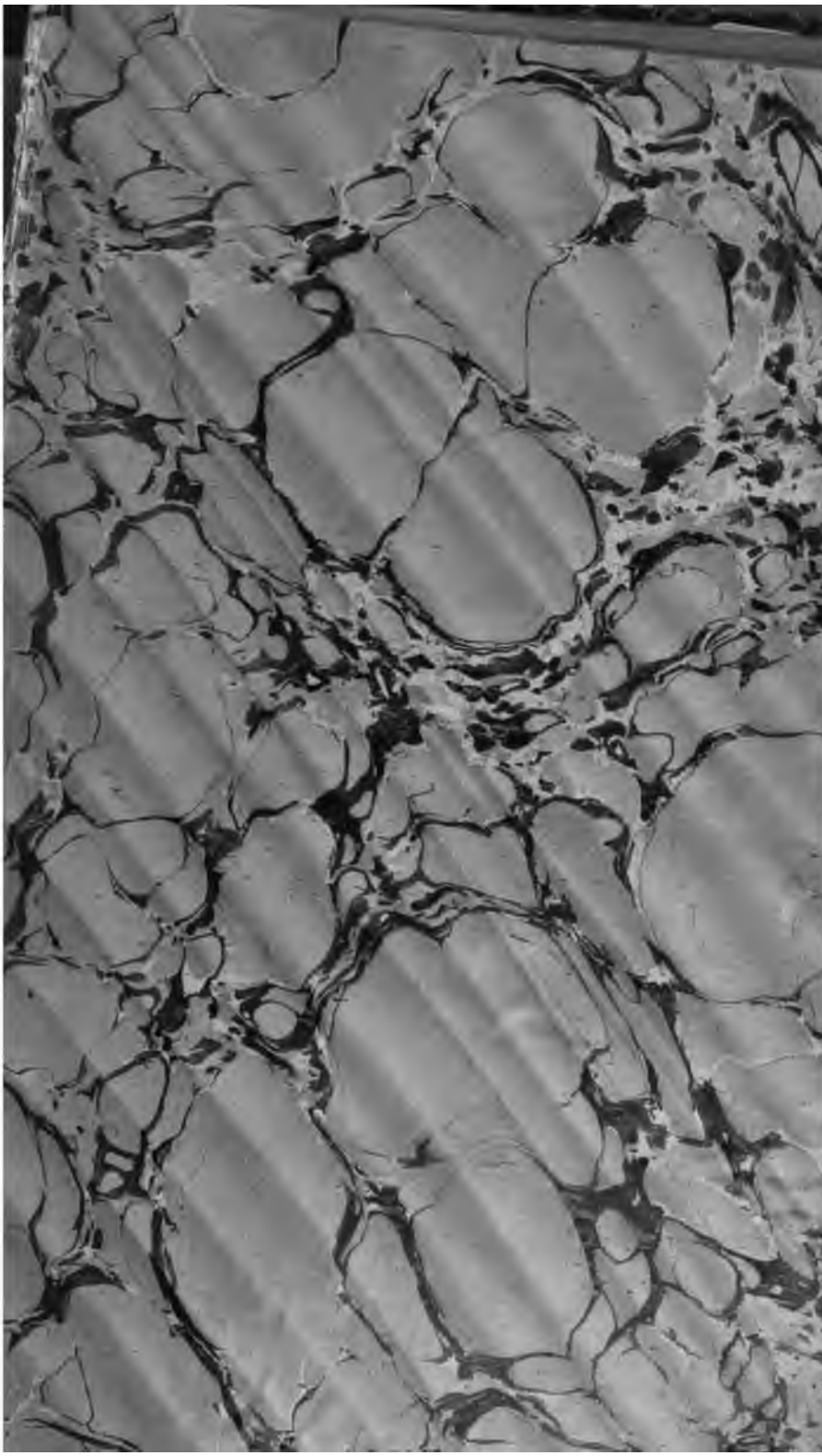
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN




ARTES
VERITAS
SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR



80
.T6

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

Geographico e Ethnographico do Brasil

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XXXIX

Parte primeira

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO
B. L. Garnier — Livreiro-editor
65 Rua do Ouvidor 65

1876

Livro Completo
Digitado
26394

MEMORIA HISTORICA

DA

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA D'ESTA CÔRTE

ESCRIPTA PELO

Conego Dr. Manoel da Costa Honorato

vigario d'esta freguezia

E PELO MESMO

Lida nas sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

NO ANNO DE 1875

PROLEGOMENOS (*)

A memoria dos grandes monumentos, que ornam as populosas cidades, deve em todo o tempo interessar aos que se empenham pela conservação historica de sua fundação e progressos; e, se essa fundação foi occasionada por um acontecimento extraordinario, mais ainda se devem esforçar os homens amantes das letras, afim de que não se perca em o esquecimento do passado aquillo que deve perpetuar para o futuro a gloria e o renome dos que, não sendo mais d'este mundo, comtudo deixaram vestigios memoraveis de sua existencia.

Sinto não dispôr das habilitações necessarias para historiar minuciosamente um monumento digno de apreço, que alteroso se eleva n'esta importante capital do Imperio

(*) Lido pelo o autor na sessão do Instituto Historico, presidida por S. M. o Imperador, em 25 de Junho de 1875.

americano. Já quasi tres seculos têm perpassado sobre o seu tecto, e as nobres acções praticadas em sua fundação, e a generosidade desenvolvida em seus progressos, e a constancia patenteada pelos seus sustentadores, e a devoção tão nobremente praticada por tantos milhares de fiéis desde o seu primitivo estado até os nossos dias, tudo jaz como que occulto sob o véo do passado, que apenas deixa aos homens do presente uma noticia vaga, rapida e incerta, de quanto se possa pensar a respeito de tantos factos dignos de memoria sobre a igreja de Nossa Senhora da Candelaria.

Entretanto, apezar de quasi nada ter podido conseguir a respeito d'esse templo em que actualmente exerço immerecidamente o importante cargo de parocho, direi n'esta memoria quanto me foi possivel conseguir das pesquizas que fiz, dos documentos que examinei, das informações que ouvi e dos factos que presenciei.

Em minha exposição observarei sempre a indispensavel regra da franqueza, da verdade e da imparcialidade, que devem acompanhar ao escriptor judicioso, sem dar ouvidos a insinuações nem fazer-me echo de recriminações.

Para facilitar, pois, a exposição d'este trabalho, dividil-o-hei nos seguintes capitulos:

1.° Descoberta do lugar em que se acha o magestoso templo da Candelaria, fundação da primeira ermida e seus proprietarios.

2.° A creação da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, seus progressos e o seu estado actual.

3.° A erecção da irmandade do SS. Sacramento n'esta matriz, seus progressos, seus encargos, comprehendendo as pias instituições do côro, da caridade, dos lazaros e da fabrica, o seu florescimento e poder actual.

4.° As creações, desenvolvimento e estado actual de todas as corporações religiosas erectas n'esta freguezia.

5.° Finalmente, a fundação do novo templo, d fficuldades occorridas em sua edificação, dedicação e esforços empregados para a sua conclusão pela irmandade administradora, e o seu estado actual.

CAPITULO I

DESCOBERTA DO LUGAR EM QUE SE ACHA A MATRIZ DA CANDELARIA, SUA FUNDAÇÃO E SEUS PROPRIETARIOS

§ 1.°

Do mundo antigo se voltavam anciosas as vistas dos nossos antepassados, os quaes, já considerando o velho continente acanhado para as suas explorações, tiveram a felicidade de descobrir além do oceano um mundo novo, extensissimo, uberrimo e dotado de tudo quanto podia fazer a felicidade do homem.

Coube ao nautico ousado a gloria da descoberta casual d'este torrão, que foi por elle ornado com o pomposo titulo de *Terra da Santa Cruz*; mas, apezar de seu empenho e dos esforços por elle empregados, a grande obra incetada com tanto ardor apenas estava em começo, quando desappareceu da scena para ceder o passo a out os que deviam continual-a.

Postos os alicerces da grande *Sebastianopolis*, apenas uma ermida se erigíra no ponto que mais seguro parecêra aos seus fundadores; e creou-se a primeira freguezia n'essa ermida edificada no alto do morro conhecido hoje por Castello, a qual prestava-se aos actos espirituaes dos povos, ainda diminutos, espalhados na superficie da cidade nascente.

D'ahi as habitações não ousavam estender-se ao longe, com receio dos continuos ataques dos *Cahetés*; e a historia nos affirma que, para evitar as hordas d'esses selvagens, foi necessario plantar-se na lingua de terra, que lhes dava passagem do continente ao referido morro, um forte, de páo a pique, com a denominação de *Santa Cruz*, no lugar que hoje vemos occupado pelo magestoso templo do mesmo titulo, no centro do commercio, á rua Primeiro de Março.

Contam alguns historiadores que um barco encalhára no lugar em que se eleva a magestosa igreja de Nossa Senhora da Candelaria; porém parece-nos mais segura a opinião de outros que affirmam tal não ter acontecido. E, se sabemos que foi edificado o forte de Santa Cruz para impedir a passagem dos indios ao morro do Castello, é crivel que o terreno sêcco por onde elles faziam sua excursão devia ser o mesmo em que existe actualmente a igreja da Candelaria, porque o mar banhava a praia que por ahi se estendia até o ponto em que vemos hoje o largo de *Santa Rita*, banhava os morros de S. Bento e da Conceição, e continuava até o continente, no bairro conhecido actualmente por S. Christovão; tanto que, por habitarem os pescadores longo tempo as praias fronteiras a essa lingua de terra até o mencionado hoje largo de Santa Rita, pôz-se o nome que ainda é conservado em nossa lembrança, de rua dos *Pescadores* á actual rua do Visconde de Inhaúma. E esta crença nos fortalece a convicção, porque dizem que essa lingua de terra ou isthmo, partindo do continente, de um lado era batida pelas aguas da magestosa bahia do Rio de Janeiro, e pelo outro banhada pelas aguas estagnadas dos pantanos e alagados dos mangues, que depois foram aterrados.

Trataremos, porém, do objecto d'esta memoria.

§ 2.°

Dizem as chronicas, que compulsei, pouco mais ou menos o seguinte :

Em principios do seculo decimo setimo Antonio Martins de Palma e sua esposa D. Leonor Gonçalves, indo da Hespanha ás Indias, em sua volta viram-se perigosamente açoutados pelos ventos, acompanhados de borrascosa tempestade, que lhes transtornaram a viagem ; e Palma, apezar de sua pericia maritima, teve um momento de desesperança.

Porém ao crente, áquelle que recebeu com o leite materno a educação religiosa, não falta o conforto que só o sentimento christão nos offerece ; e, em meio do tormento, em frente ao perigo e quasi submergido pelas encapelladas ondas, Palma e sua esposa Leonor Gonçalves elevam os olhos ao céo, que parece ameaçal-os com o exterminio, e supplices dirigem uma prece fervorosa ao Supremo dominador dos mares por intermedio de sua Immaculada Mãe, fazendo voto de erigirem um santuario dedicado á mesma Virgem no lugar em que aportassem a salvamento, afim de que se perpetuasse a memoria de sua efficaz protecção aos que confiadamente a invocam.

Com effeito a tormenta cessou, serenaram os ventos, alisaram-se as ondas, e o navio, caminhando ligeiramente, aprôou á lingua de terra de que já fallei.

N'esse tempo, além da matriz dedicada ao martyr protector da cidade nascente, existiam uma ermida dedicada á Mãe de Deus sob a invocação d'Ajuda, e outra sob o titulo do Bom-Successo, ambas nas fraldas do morro do Castello.

Os naufragos eram naturaes e baptizados na freguezia

de Nossa Senhora da Candelaria da ilha de Tenerife pertencente ao dominio portuguez, dedicavam particular devoção á SS. Virgem sob essa invocação, e o navio,que com elles tinha sido salvo do naufragio, tinha o mesmo nome; portanto facil lhes era a realização de perpetuar n'este lugar a devoção á Senhora da Candelaria, tanto mais que nada se oppunha a tão feliz lembrança.

Palma e Leonor compraram o terreno em que lançou a ancora o seu navio, e ahi edificaram uma ermida dedicada á Virgem Maria, sob o titulo que a tinham invocado.

§ 3.º

Eis-ahi quanto pôde colhêr de suas pesquizas o autor d'esta memoria sobre a origem do templo de que nos occupamos.

A ermida primitiva tinha sua face voltada para a actual rua de S. Pedro, e, arruinando-se com o correr dos tempos, foi reformada, voltando-se a face para o lado opposto, onde ainda hoje se conserva uma porta que dá entrada para as dependencias posteriores, até que, chegando a segunda ermida ao estado de ruinas, a mesa administrativa, que funccionava em 1775 sob a direcção e presidencia do piedoso prelado diocesano, resolveu fundar o templo que hoje vemos com a face voltada para a rua que d'elle tomou o nome.

A fundação do novo templo teve logar no dia 6 de Junho de 1775.

Tratarei d'este assumpto em lugar conveniente. Passemos agora a occupar-nos da Candelaria, considerada como freguezia desde a sua creação em 1634 até os nossos dias.

CAPITULO II

DA CREAÇÃO, PROGRESSO E ESTADO ACTUAL DA FREGUEZIA DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA (*)

§ 1.º

Como vimos no capitulo antecedente, a primeira ermida fundada n'esta cidade foi a do morro do Castello, dedicada ao martyr S. Sebastião, na qual foi erecta a primeira matriz; depois foram edificadas outras duas ermidas nas fraldas do morro, sendo uma dedicada a Nossa Senhora do Soccorro, onde se instituiu logo depois a santa casa da misericordia (1), e a outra no lado opposto do mesmo morro, dedicada á Nossa Senhora da Ajuda (2), que foi mais tarde substituida pelo templo e convento que alli vemos sob a mesma invocação.

Portanto a ermida de Nossa Senhora da Candelaria foi a quarta fundada n'este nascente povoado. Mas, crescendo a população, e tornando-se difficil prestar os soccorros espirituaes aos povos que já se espalhavam na planicie, foi indispensavel a creação de uma nova freguezia.

N'aquelles tempos a corôa exercia tal poder em materias ecclesiasticas, fundada talvez no direito do padroado, que

(*) Lido na sessão do Instituto Historico, celebrada no dia 9 de Julho de 1875, presidida por S. M. o Imperador.

(1) A santa casa da misericordia foi fundada por José de Anchieta e seus companheiros em 1582, quando aqui chegaram, o que se confirma pela provisão do 1º de Julho de 1591.

(2) Esta ermida foi reedificada pouco antes ou depois de 1600, e n'ella estiveram os frades franciscanos em 1607.

sem dependencia dos prelados diocesanos creava curatos ou parochias, segundo attendia ás necessidades e ás supplicas dos povos.

Notemos, porém, de passagem, que o systema então seguido em materias de disciplina ecclesiastica era tão irregular e defeituoso, que, se a corôa creava livremente os beneficios e os preenchia ao seu bel-prazer, ao mesmo tempo deixava attribuições puramente civis entregues ao poder ecclesiastico, bem como a abertura de testamentos e outras funcções alheias ao espirito da disciplina da igreja. Deixemos isso que não interessa ao nosso intento.

Em 1634 a ermida de Nossa Senhora da Candelaria foi elevada ao gráo de parochia, sendo, portanto, a segunda freguezia creada no Rio de Janeiro, com uma área immensa, porque os povos estavam espalhados em todo terreno habitavel.

Entretanto não agradou aos fundadores e proprietarios da ermida de Nossa Senhora da Candelaria a creação da parochia em um templo que tinham fundado como sua propriedade particular, porque d'essa fórma passaria elle para o dominio do Estado sob a immediata inspecção do parocho. Portanto resolveram fazer doação da ermida á santa casa da misericordia, o que effectuaram por escriptura publica de 4 de Julho de 1639, sendo provedor da misericordia o capitão-mór, governador do Estado, Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

Se a creação da nova freguezia foi motivo de desgostos para os fundadores da igreja, está claro que a doação feita por elles acarretava a desharmonia entre o parocho e a irmandade da santa casa, por se julgarem ambos com direito de propriedade no templo. Em consequencia d'isso rompeu a luta entre um e outros.

Diz o erudito monsenhor Pizarro (3) que por escriptura de 10 de Setembro de 1639, feita na nota do tabellião João Antonio Corrêa, que tambem fizéra a de 4 de Julho do mesmo anno, foi celebrado accordo amigavel entre as duas partes contendoras; porém outros dados mais positivos nos convencem de que houve grande demanda, sustentada entre o parocho e a referida irmandade por espaço de doze annos, até que em 25 de Setembro de 1651 terminou a luta mediante certas estipulações feitas e aceitas pelo, então vigario, João Manoel de Mello, e pelo provedor da misericordia Salvador Corrêa de Sá (4).

Na referida escriptura foram estipuladas oito condições, que não vale a pena mencionar aqui, porque já não têm mais razão de ser, e apenas servem para revelar o espirito acanhado d'aquelle tempo. Entre essas condições nota-se a de ter a porta principal da igreja duas chaves, uma das quaes pertenceria ao parocho e a outra á administração da santa casa.

Por alvará de 16 de Maio de 1636 marcou-se á parochia da Candelaria a quantia de 23$920 rs. annuaes para as despezas de guizamentos, como se fazia ás demais freguezias do Estado (5); por alvará de 24 de Janeiro de 1645 marcou-se-lhe mais a quantia annual de 12$000 para lavagem de roupa e o necessario para o asseio (6), e, tendo a principio o respectivo parocho a congrua de 50$000 rs.

(3) Vol. 2°, á pagina 228, de suas *Memorias*.

(4) Escriptura, que se acha registrada a fl. 6 do liv. 3° dos termos d'esta matriz.

(5) Apezar de já terem decorrido quasi dois e meio seculos, ainda é esta a quantia que os parochos recebem do thesouro nacional a titulo de guizamentos.

(6) Esta perdeu-se com o tempo, e ninguem tem noticia d'ella.

annuaes, por alvará de 20 de Março de 1647 foi elevada essa congrua a 200$000.

Notemos aqui uma grande differença entre aquelles tempos e os que correm. Em 1647 era indispensavel ao parocho a quantia de 200$000 annuaes, apezar de ser tudo tão facil para a sua decente sustentação ; quasi dois e meio seculos depois, em que as necessidades cresceram incomparavelmente, os parochos têm apenas 600$000, se são collados, ou 400$000, se são encommendados, e isso mesmo sujeitos a pagar ao thesouro nacional, no primeiro anno de sua administração, a *insignificante* quantia de 266$000 de impostos e emolumentos de sua nomeação, ou mais ainda, segundo a lotação em que os empregados d'essa repartição quizerem taxar.

N'aquelles tempos, que já foram, o parocho era um membro nato de cada uma familia de sua freguezia, que o consideravam o pae, o juiz, e o medico de seus parochianos. Na qualidade de pae elle era ouvido com respeito e amor no recinto das familias, e nada se lhe occultava, afim de que a voz autorisada do pastor se fizesse ouvir reprehendendo ou aconselhando ; na qualidade de juiz decidia os pleitos e fazia desapparecer a intriga, a inimizade e os odios entre os parochianos, que com sinceridade e franqueza expunham-lhe suas queixas ou justificavam-se de suas faltas, aguardando com attenção e acatamento as decisões do parocho, as quaes eram sempre recebidas e cumpridas com satisfação d'aquelles que até ha pouco se debatiam; na qualidade de medico ainda era o parocho procurado para dar o conforto do Evangelho, com bons conselhos, que sempre produzem a resignação para aquelles que soffrem e confiadamente ouvem a voz do ministro do Senhor.

O pobre desvalido, o enfermo abandonado, o pae de familia desventurado, o menino travesso, o joven desobe-

diente, o potentado soberbo, todos se humilhavam perante o parocho, e este ministro do altar espalhava em todas as as partes por onde andava a paz, o amor do proximo, o perdão ás injurias, a dedicação ao cumprimento do dever, e ninguem ousava levantar a voz contra aquelle que tantos beneficios fazia pelo amor do seu ministerio augusto, e ninguem occultava d'este pae commum tudo quanto havia de mais recondito em seu coração, e o parocho era o pae, o juiz e o medico de todos os seus parochianos.

Portanto a freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, que foi a segunda creada n'esta cidade, tomou um desenvolvimento espantoso, tanto porque estava na planicie, como tambem porque, principiando a cidade a crescer, o seu dominio foi espalhando-se por uma área extensissima, isto é, por todo o territorio da varzea que se foi conquistando aos indios e se ia povoando, porque n'esse tempo o povoado estava apenas dividido entre as duas unicas freguezias existentes.

Augmentando, porém, a população da cidade, o pasto espiritual já se tornava difficil, porque n'aquelles bons tempos, em que a civilisação ainda não tinha produzido os fructos que hoje vemos, ninguem dispensava os soccorros da igreja; por isso foram creadas posteriormente as freguezias de S. José e de Santa Rita, dando-se-lhes como territorio de jurisdicção os terrenos habitados, tirados ás duas unicas freguezias já existentes (7).

(7) As freguezias de S. José e de Santa Rita foram creadas por pastoral de 30 de Janeiro de 1751, sendo os seus territorios desmembrados da da Candelaria, em cumprimento da ordem régia de 9 de Novembro de 1749. Como era extensa!... E apezar d'isso ainda ficou a Candelaria com uma população de 9.400 almas capazes de Sacramento; e hoje a sua população total é de 10.005 almas, porém que não procura Sacramento.

Com a creação d'essas duas freguezias ficou a de Nossa Senhora da Candelaria com o territorio limitado entre as ruas das Violas e da Cadêa (hoje da Assembléa), de norte a sul, e entre a rua dos Ourives e a praia, de oeste a éste.

Estes limites foram conservados até quasi os ultimos tempos, porque foram alterados na parte do sul, tirando-se a rua da Assembléa e uma face da do Cano (hoje Sete de Setembro), além do paço imperial, para a freguezia de S. José, por demais extensa e populosa em relação á da Candelaria.

Mesmo assim, apezar da estreiteza dos seus limites, a freguezia de Nossa Senhora da Candelaria era a mais importante desde os seus primeiros tempos; porque, tornando-se o centro commercial da cidade, todos os negociantes ahi estabelecidos, os medicos e os advogados, que tinham seus escriptorios n'esta freguezia, consideravam-se parochianos da Candelaria, dando suas familias a rol da parochia, fazendo-se inscrever na lista eleitoral e satisfazendo os preceitos da igreja, n'esta matriz, que, apezar de se achar no centro do commercio, nunca deixou de ser muito frequentada.

Como veremos em outro artigo, o vigario d'esta freguezia sempre desempenhou o primeiro lugar, como lhe é devido, pelo exercicio de suas funcções, tanto na administração dos sacramentos, como tambem na creação de corporações religiosas; e, tornando-se importantissimo o bairro em que se acha collocada a igreja matriz e o seu territorio, importante tambem se tornou a freguezia, e até é voz geral que a freguezia da Candelaria é a primeira da côrte, e, portanto, do Imperio.

Com effeito, apezar dos seus estreitos limites territoriaes, em seu ambito se acham estabelecidas quasi todas as casas commerciaes de grosso trato e as mais importantes de

varejo, algumas repartições publicas que servem de mola ao commercio, bem como o tribunal do commercio, o correio, a caixa da amortização, além da praça do commercio e quasi todas as casas bancarias, de deposito e de seguros. Tambem dentro dos seus limites se acham as igrejas de Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores e de Nossa Senhora Mãe dos Homens, que ainda estão sujeitas á parochia; e as da cathedral, ordem terceira do Carmo, Santa Cruz dos Militares, Conceição e Boa Morte, e S. Pedro dos Clerigos, que são independentes.

§ 2.º

A imprevidencia, que muitas vezes acompanha os actos mais nobres dos homens, faz que, não reflectindo sobre o futuro, demos passos pouco seguros, apezar de generosos, sem attendermos ás suas consequencias.

Em 1775 se havia posto a pedra fundamental do novo templo por iniciativa do bispo diocesano, que era o provedor da irmandade do SS. Sacramento, de perfeito accordo com o vigario da freguezia, que até aquella época exercia influencia plena e real nos negocios da matriz; a irmandade do SS. Sacramento começára a adquirir donativos e legados dos irmãos e de muitas pessoas devotas para auxilio das obras da nova igreja; e o vigario, que não podia ceder o passo aos demais corações generosos, entendeu que tambem devia por todos os meios favorecer a obra.

No seu louvavel empenho o padre Luiz Mendes de Vasconcellos Pinto e Menezes, que se achava exercendo o lugar de parocho desde 1802, por escriptura publica de 15 de Outubro de 1808 cedeu por si e seus successores o

patrimonio da fabrica da matriz, que constava de dois sobrados (8), á irmandade do SS. Sacramento, para auxilio das obras, com a condição de fazer esta as despezas do culto, e obrigando-se ainda o mesmo vigario a exigir dos parochianos certos emolumentos em favor da fabrica.

Foi esse o primeiro passo dado para a decadencia do dominio parochial e para o predominio exclusivo da irmandade do SS. Sacramento, que, d'ahi em diante, julgando-se proprietaria por ser a fundadora e administradora da igreja matriz, suppõe-se acima da lei, põe e dispõe de tudo sem audiencia do parocho.

Convém advertir que o provedor da irmandade do SS. Sacramento, que empenhou-se para a fundação do novo templo foi o bispo diocesano, de accordo com o parocho, e certamente não foi sua intenção excluir a autoridade parochial de um templo que elle, na qualidade de prelado da diocese e provedor da irmandade se esforçára para levar á effeito. O certo, porém, é que o bispo e o vigario d'aquelle tempo já não existem, e os seus successores foram para sempre excluidos do dominio da igreja matriz. Convém ainda notar que, sendo o patrimonio onerado com as condições impostas pelos doadores (9), o parocho, quando muito, podia ceder a administração d'esse pa-

(8) Um d'esses sobrados é o de n. 126, placa, á rua de S. Pedro, e o outro é o de n. 56, placa, á rua da Quitanda. O primeiro foi legado por Maria Pereira com a condição de serem celebradas annualmente 52 missas em suffragio de sua alma e de seus filhos; o segundo foi legado por Manoel Antunes de Azambuja, com a condição de serem celebradas annualmente 100 missas por sua alma.

(9) O patrimonio da fabrica é sobrecarregado da obrigação de mandar celebrar todos os annos 152 missas em suffragio dos doadores; entretanto o vigario da matriz nem sabe onde e quando são celebradas.

trimonio sómente emquanto elle vivesse, e não obrigar perpetuamente a expoliação de um direito adquirido, não para a pessoa do parocho, porém sim para o sacerdote que exercesse as suas funcções.

Em consequencia d'esse acto de generosidade, desde essa época principiaram as lutas, que se tornaram quasi constantes, entre o parocho e a irmandade do SS. Sacramento, porque esta principiou a restringir a autoridade parochial em sua matriz, e aquelle a exigir a liberdade de acção e a realidade de seu dominio no templo, que póde tornar-se propriedade do Estado pelo fim a que é destinado, mas nunca de uma irmandade, embora esta se tenha esforçado na sua edificação.

E taes foram os desgostos que sobrevieram ao vigario Luiz Mendes de Vasconcellos Pinto e Menezes, que d'ahi em diante rarissimas vezes vinha á esta igreja, o que bem se prova com os livros dos assentamentos da matriz, nos quaes são muito poucos os termos abertos por esse vigario até 1834, em que falleceu.

Desde Julho de 1816 occupou o lugar de coadjutor d'esta freguezia o virtuoso sacerdote Sebastião dos Reis Saraiva até Abril de 1834, em que falleceu o vigario. Durante esse longo periodo o padre Saraiva tornou-se o idolo dos parochianos pela docilidade do seu genio, pela austeridade do seu caracter e pela actividade do seu trabalho.

Fallecendo o vigario, o coadjuctor foi a concurso, e depois apresentado e collado vigario da freguezia. O prazer dos parochianos foi tal, que toda freguezia expontaneamente illuminou-se por espaço de oito dias, além do solemne *Te-Deum* que foi celebrado na matriz no dia da sua posse, e outras demonstrações de satisfação e contentamento.

Porém o vigario Saraiva tinha deixado de ser coadjutor; quiz assumir ao caracter que deve exercer o parocho em

sua parochia, e por isso foi desacatado e desfeiteado, e falleceu submergido no maior desgosto, porque os amigos da vespera se haviam tornado inimigos da autoridade que assumira o virtuoso e incansavel padre Saraiva.

§ 3.°

Tratemos agora do segundo golpe soffrido pelo vigario da Candelaria.

Como é sabido, nos tempos que já passaram os habitantes do Brasil, com rarissimas excepções, eram fervorosos catholicos; por isso não dispensavam os soccorros da igreja na hora extrema e o seu ultimo suffragio quando transpunham os umbraes da eternidade. Além d'isso os cemiterios eram dependencias das igrejas, onde nenhum cadaver era sepultado sem primeiro ter sido encommendado. Portanto os parochos tinham muito que fazer, principalmente o da Candelaria, pelas razões já expendidas no principio d'este artigo.

Aconteceu, porém, que o crescimento da população e as necessidades da hygienne publica fizessem com que se afastasse do centro dos vivos a cidade dos mortos, e por um espirito de caridade fosse entregue á santa casa da misericordia o estabelecimento dos cemiterios e o novo regimen dos enterramentos, o que effectuou-se por decreto de 14 de Junho de 1851. Devemos notar que a imprevidencia do legislador, fazendo essa concessão, não salvou os direitos parochiaes, como acontece nas outras cidades do Brasil.

Ora, antigamente nenhum cadaver de catholico era sepultado sem as orações da igreja; mas a santa casa, apezar

de religiosa, não curou dos interesses das almas, cujos restos mortaes lhe são entregues.

E' inegavel que o espirito religioso de nosso paiz tem descido desde que a moderna civilisação encarregou-se de reformar os costumes dos povos. Ora, se os cemiterios catholicos recebem os cadaveres dos fiéis, independente dos suffragios da igreja, não é de admirar que a maior parte dos *civilisados* se dispensem d'essa pratica, que já póde passar por anachronica.

Por isso, desde que estabeleceu-se o monopolio dos enterramentos em favor d'essa casa de caridade, desappareceu quasi completamente o antigo costume de encommendar-se os mortos, porque nos cemiterios d'esta cidade não se faz questão d'esta formalidade da igreja.

Portanto muito diminuiu o trabalho e consequentemente os réditos das freguezias, e a que mais veiu a soffrer foi a da Candelaria pelos seus estreitissimos limites territoriaes.

§ 4.°

Apezar das lutas intestinas e das outras circumstancias que tenho mencionado, a maior parte dos negociantes estabelecidos n'esta freguezia, embora tivessem outra residencia fóra dos seus limites territoriaes, arrolavam suas familias e dependentes na Candelaria, e por um costume immemorial ainda o vigario d'esta parochia ia levar-lhes os soccorros da igreja onde elles residiam.

Esse costume havia-se tornado um quasi direito, porque ninguem oppunha-se á sua continuação. Portanto o parocho e seus coadjutores, apezar do esbulho causado pelo privilegio concedido á misericordia, ainda tinham algum trabalho para dar cumprimento aos seus deveres, porque a ci-

dade crescia, a população espalhava-se até longe e os parochianos da Candelaria não reconheciam outro parocho.

No dia 13 de Dezembro de 1855 falleceu repentinamente, na rua do Regente, o negociante José Dias Portugal, estabelecido e morador á rua da Quitanda, n'esta freguezia, e, como era costume, o vigario João Rodrigues da Purificação foi á casa em que achava-se o cadaver, encommendou-o e acompanhou-o ao cemiterio de S. Francisco de Paula.

N'esse tempo era cura da freguezia do SS. Sacramento, dentro de cujos limites se acha a rua do Regente, o celebrado conego Marinho, e esse parocho, deixando de conformar-se com o uso antiquissimo, levantou uma questão de competencia e de jurisdicção de tal sorte, que o prelado diocesano, D. Manoel do Monte, baixou uma portaria em 1856 determinando que eram parochos proprios aquelles em cujo territorio se déssem as necessidades espirituaes.

Não pretendo entrar no exame theologico d'esta decisão; mas os canones são muito claros quando tratam dos direitos parochiaes, declarando que para o parocho ter dominio sobre o parochiano é necessario que tenha este residido dentro dos limites de sua parochia por mais de sessenta dias, e além d'isso com o indispensavel *animus manendi*.

O certo, porém, é que a decisão do prelado entrou desde logo em vigor, e deu o terceiro golpe mortal nos interesses da freguezia da Candelaria, que, limitada como é, nada póde fazer, porque as pessoas ahi estabelecidas em sua quasi totalidade residem em outras parochias, onde fazem todos os actos do christão; e os poucos que aqui residem são moços que, quando casam-se, effectuam o casamento nas parochias onde residem as familias a que vão ligar-se, e quando adoecem vão para os hospitaes das ordens terceiras ou para as casas de saude, d'onde sahem curados, ou, no caso contrario, seguem para os cemiterios.

§ 5.º

Finalmente, o quarto golpe desfechado na autoridade parochial d'esta freguezia foi o que passo a relatar.

Desde a instituição do côro, em 1720, cujos primeiros estatutos obtiveram approvação diocesana, afim de evitar qualquer conflicto de jurisdicção dentro do templo, era nomeado presidente do côro o parocho da freguezia; e, apezar de serem esses antigos estatutos alterados inteiramente em 1858, e não serem approvados os novos pelos poderes constituidos, continuou-se o mesmo costume de nomear presidente do côro o parocho da freguezia. E assim nada soffria o culto nem podia offerecer-se occasião de invasão da jurisdicção parochial, porque o parocho accumulava os dous lugares eminentes existentes na parochia.

Sendo nomeado vigario d'esta freguezia, em Junho de 1867, o Dr. José Raymundo da Cunha, logo depois da sua posse, que teve lugar no dia 30 do mesmo mez, segundo o costume antigo, a administração da irmandade do SS. Sacramento offereceu-lhe o lugar de presidente do côro, e o novo vigario foi empossado d'esse cargo com satisfação de todos.

O Dr. Cunha, porém, era um moço intelligente e dominado de muito bons sentimentos; encontrou o côro em completa desorganisação, em consequencia da longa ausencia, motivada pela enfermidade que levou ao tumulo o seu antecessor. Emprehendeu, pois, a espinhosa tarefa de elevar o côro ao gráo em que devia ser collocado, apezar de não ter approvação legal desde a sua reforma em 1858.

Com dignidade sustentou alguma opposição dos padres,

que afinal convenceram-se da perda do tempo empregado em qualquer resistencia, visto que n'essa occasião o novo presidente contava com as boas disposições da mesa administrativa do SS. Sacramento.

Mas, como sabem todos, as administrações são mudadas annualmente, e nem sempre as successoras sustentam as medidas das que as precederam.

Por qualquer razão de ordem, que não cabe aqui examinar, em 1871 o digno vigario resignou o lugar de presidente do côro, firmando-se talvez na razão de que n'essa qualidade era considerado empregado da irmandade do SS. Sacramento, perdendo por isso o seu caracter de parocho da freguezia, cuja acção deve ser independente de quantas irmandades existam na matriz.

Livre d'esse jugo, pretendeu o vigario rehaver os direitos de parocho; e a consequencia foi encontrar forte resistencia dos padres do côro, sustentados pela irmandade do SS. Sacramento, que officiou ao vigario no dia 18 de Abril de 1871 negando-lhe o direito de celebrar ou mandar celebrar qualquer officio divino no altar-mór durante o tempo em que funccionasse o côro, allegando para isso direitos e isenções que nunca teve, assim como tambem negando-lhe a jurisdicção que tem o parocho para dar ou negar paramentos aos sacerdotes que pretendam celebrar em sua matriz sem a sua licença, não se lembrando que esses paramentos são comprados com a renda da fabrica e só ao parocho compete inspeccionar o culto em sua matriz.

Como era natural, o vigario da Candelaria não aceitou a imposição da irmandade do SS. Sacramento, erecta em sua matriz, e repelliu com a dignidade que a sua posição exigia as insinuações odiosas que se lhe fazia n'essa peça official.

Houve, porém, quem animasse a irmandade em sua pretenção despropositada, e esta não tropeçou em dirigir ao prelado diocesano, em 15 de Maio do mesmo anno, um memorial, que mais parece um cartel de desafio do que uma reclamação de justos direitos ao poder superior. N'essa peça official a mesa administrativa da irmandade do SS. Sacramento disse ao prelado que « o côro estava legalmente approvado, sem comtudo exhibir provas d'essa allegação; disse que o parocho exorbitava de seus direitos celebrando no altar-mór(1) ou prohibindo que se fizesse em sua matriz actos solemnes sem sua licença ; disse que a igreja matriz era propriedade sua, não pertencia ao Estado, porque este não tinha concorrido para a sua edificação (10), e que tambem não pertencia ao parocho, porque a parochia estava na igreja edificada pela irmandade do SS. Sacramento, e portanto era méro favor consentir que o vigario funccionasse em sua igreja; exigiu que o prelado reprehendesse ao vigario porque cumpria o seu dever; finalmente, ameaçou ao prelado de recorrer ao poder legislativo, allegando em seu favor o art. 179, § 1° da constituição do Imperio, se o prelado não désse as providencias exigidas n'essa representação (11). »

E tal foi a animosidade patenteada pela irmandade n'essa questão, que o prelado, guiado antes pela prudencia do que pelos empenhos da occasião, ouviu com resignação as exi-

(10) Em 1873 o poder legislativo concedeu 40 loterias em favor das obras d'esta matriz, e em 1875 o ministro da fazenda concedeu isenção de direitos para o material importado para as mesmas obras.

(11) O § 1° do art. 179 da constituição do Imperio diz, que « nenhum cidadão póde ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma cousa senão em virtude de lei. » E o vigario estava estribado na lei canonica aceita no Imperio, ao passo que a irmandade não tinha lei alguma civil nem canonica em seu favor.

gencias da irmandade, prometteu dar providencias e mandou a mencionada reclamação dormir o somno, que ainda dorme, para talvez não mais acordar.

Entretanto esse longo silencio do prelado diocesano deu ares de triumpho á poderosa irmandade, que d'ahi em diante não considerou mais o parocho senão como um mero capellão de missas *pro populo*, e para fazer casamentos, baptizados e encommendações.

D'ahi em diante os padres do côro, salvo poucas e honrosas excepções, fiados na poderosa irmandade que se diz proprietaria da igreja matriz, fazem quanto querem sem ao menos por delicadeza e urbanidade pedirem venia ao vigario.

E taes foram as humiliações que soffreu o digno e esperançoso conego Dr. José Raymundo da Cunha, que no dia 16 de Fevereiro de 1872 entregou a alma ao Creador, victima do cumprimento de seu dever !...

Desde esse tempo ficou reduzido o parocho da Candelaria á humilhante posição em que se acha, porque existe um Estado dentro de outro Estado.

§ 6.°

Segundo é voz geral dos antigos escriptores, principalmente o monsenhor Pizarro, o primeiro parocho da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria foi o padre Paulo Santi, cuja asserção não está provada, porque não se pôde verificar do exame que se fez no 1° livro de assentamentos dos baptizados ; a esse succedeu o padre Manoel de Araujo no mez de Fevereiro de 1635, e logo depois o padre Pedro Homem Albernaz, que tambem occupou as varas da diocese desde o principio do anno de 1636.

O primeiro vigario collado foi o padre João Manoel de Mello, que entrou em exercicio em Fevereiro de 1637, e falleceu em meados de 1665. Portanto foi com esse parocho que rompeu a luta com a irmandade da Misericordia, e com o qual foram estipuladas as bases da conciliação entre a parochia e a Misericordia, tanto em 1639, que não produziram effeito, como em 1651, que puzeram termo á contenda.

O segundo vigario collado foi o padre Sebastião Barreto de Brito, que exerceu tambem o cargo de governador do bispado, por procuração do bispo D. José de Barros de Alarcão, em 1673.

O terceiro vigario collado foi o padre Thomé de Freitas da Fonseca, que, tendo visitado as igrejas da diocese em 1692, foi apresentado para esta freguezia em 20 de Janeiro de 1696, accumulou os cargos de provisor e vigario geral, e governou a diocese na ausencia do bispo D. José, que se retirára para Lisboa.

O quarto vigario collado foi o Dr. Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, que depois de uma viuvez de onze annos, seis mezes e seis dias d'esta parochia, foi apresentado em 12 de Fevereiro de 1724 e tomou posse em 22 de Julho do mesmo anno. Por seu fallecimento foram nomeados dois coadjutores em 12 de Agosto de 1762, que regeram cumulativamente a freguezia até a apresentação do successor. Por ahi vê-se como era extensa e trabalhosa esta freguezia.

O quinto vigario collado foi o padre João Pereira de Araujo e Azevedo, apresentado em 10 de Maio de 1763 e empossado em 24 de Outubro do mesmo anno, deixando a freguezia de Santa Rita, onde era collado. Em 1775, além do vigario João Pereira de Araujo e Azevedo, servia encommendado o padre Sebastião Rodrigues Ayres, que assignou

com o bispo diocesano D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, em o dia 6 de Junho, o auto que foi encerrado na pedra fundamental do novo templo.

O sexto vigario collado foi o padre Joaquim José de França, ex-jesuita, que foi apresentado em 21 de Abril de 1776 e confirmado em 5 de Outubro do mesmo anno. Falleceu em 5 de Dezembro de 1801 e foi sepultado na igreja de S. Pedro, como se vê á fl. 118 do livro 14 dos obitos d'esta matriz.

O setimo vigario collado foi o padre Luiz Mendes de Vasconcellos Pinto e Menezes, apresentado em 26 de Junho de 1802, confirmado em 25 de Outubro e empossado no dia 1º de Novembro do mesmo anno. Foi esse o parocho que cedeu perpetuamente a administração da fabrica da freguezia á irmandade do SS. Sacramento por escriptura de 15 de Outubro de 1808. Ainda em 25 de Outubro de 1817 esse vigario abriu um termo de baptismo no livro 10 d'esta matriz; porém d'ahi em diante todos foram feitos pelos coadjutores. Notemos, que rarissimos foram os assentos feitos por esse parocho durante a sua longa e espinhosa administração. Falleceu no dia 14 de Abril de 1834, e foi sepultado na igreja de S. Pedro, como se vê á fl. 218 do livro 15 dos obitos d'esta matriz.

O oitavo vigario collado foi o padre Sebastião dos Reis Saraiva, natural d'esta cidade, que, tendo servido de coadjutor desde Julho de 1816, foi encommendado logo depois da morte do seu antecessor, e, tendo feito concurso, e sido apresentado e collado, tomou posse solemne no dia 25 de Julho do anno de 1834. A posse d'esse parocho foi esplendida, e festas publicas foram celebradas na freguezia por espaço de oito dias. Mas logo depois os desgostos principiaram a matal-o lentamente, levando o ao leito da dôr para d'ahi seguir para o tumulo. Durante todo o tempo

que serviu n'esta freguezia, tanto na qualidade de coadjutor, como em a de vigario, esse virtuoso sacerdote foi muito zeloso e cumpridor dos seus deveres, o que bem se prova com os livros da parochia, que durante esse longo periodo foram quasi sempre escriptos por elle. Em 27 de Junho de 1857 o vigario Saraiva fez o ultimo assentamento de baptismo á fl. 307 v. do livro 12 d'esta matriz, cedendo o lugar aos seus successores. Falleceu tysico em o dia 4 de Novembro do referido anno de 1857, e foi sepultado no cemiterio de S. Francisco de Paula, como se vê á fl. 259 do livro 16 dos obitos d'esta matriz.

Logo depois do fallecimento do vigario Saraiva, foi encommendado o seu coadjutor padre Manoel Nunes de Almeida, que serviu até a apresentação do seu successor e retirou-se para Portugal.

O nono vigario collado foi o padre João Rodrigues da Purificação, egresso benedictino, que foi apresentado em Maio de 1858 e tomou posse solemne no fim do mesmo mez, abrindo o primeiro assentamento de baptismo no livro da parochia no dia 1° de Junho. Falleceu tysico em o dia 13 de Fevereiro de 1867, com 37 annos de idade, e foi sepultado no cemiterio da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, como se vê á fl. 331 do livro 16 dos obitos d'esta matriz.

Logo depois do seu fallecimento foi nomeado vigario encommendado da freguezia o seu coadjutor padre Manoel Francisco de Aguiar Valladão, que serviu até o dia da posse do successor e continuou depois como coadjutor. Em Fevereiro de 1868 deixou a freguezia, fallecendo depois tysico.

O decimo e ultimo vigario collado foi o conego Dr. José Raymundo da Cunha, natural do Maranhão, apresentado em Junho de 1867 e empossado no dia 30 do mesmo mez.

O ultimo assentamento de baptismo feito por esse vigario foi datado de 28 de Janeiro de 1872. Falleceu com 31 annos de idade tysico no dia 16 de Fevereiro seguinte, na povoação, hoje villa, da Sapucaia, em cujo cemiterio foi sepultado.

Não sou pessimista; mas tenho notado que todos os vigarios d'esta freguezia, no seculo presente, falleceram tysicos. O certo é que todos elles ralaram muitos desgostos, apezar do apparente respeito que lhes têm sido tributado pelos parochianos.

Fallecendo este ultimo vigario collado, no dia 20 de Fevereiro de 1872 foi nomeado encommendado um padre natural do Rio-Grande do Norte, que se achava em disponibilidade n'esta côrte, e no dia 25 de Fevereiro de 1874 o autor d'esta memoria, que é natural da freguezia de Santo Antonio da cidade do Recife, capital de Pernambuco.

§ 7.º

Tratemos dos coadjutores. Dos livros existentes no archivo d'esta matriz o primeiro é o oitavo, em que acham-se os assentamentos de 1781 a 1800. Já no primeiro termo, aberto n'esse livro em 20 de Outubro de 1781, era coadjutor o padre D. Alexandre Fidele de Araujo, natural d'esta cidade, que serviu com diversos vigarios até o dia 4 de Maio de 1808, em que falleceu muito velho e foi sepultado na igreja de S. Pedro, como se vê á fl. 235 do liv. 14 dos obitos d'esta matriz.

Esse coadjutor foi incansavel; porque, apezar de ter sempre dous e tres companheiros, além do vigario, quasi todos os termos abertos nos livros de baptizados, casamentos e obitos, de livres e de escravos, n'esse longo

espaço de tempo, foram escriptos por elle. Rarissimos foram os termos abertos pelos vigarios e pelos outros coadjutores, o que denota a grande affluencia de trabalho n'aquelles tempos; porque, emquanto uns occupavam-se em administrar os sacramentos dentro ou fóra da matriz, outros abriam os termos.

Basta citar aqui os nomes dos vigarios e dos coadjutores d'esse longo periodo, a saber: vigarios, o padre Joaquim José de França, cujo ultimo termo aberto no referido livro 8º é de 4 de Agosto de 1793. Parece que esse vigario soffria muito de sua saude, porque muitas vezes vê-se nos livros da parochia assignados como vigarios o padre Francisco dos Santos Pinto, em 1793 e em 1801, e o padre Luiz Mendes de Vasconcellos Pinto e Menezes em 1801, antes de ser apresentado.

Tambem serviram de coadjutores, durante o tempo em que exerceu esse cargo o padre D. Alexandre, os padres José da Costa Dias, Manoel Ribeiro da Fraga, Luiz Antonio Marques de Andrade e José Ribeiro de Faria.

Com o desapparecimento do padre D. Alexandre, em 1808, succederam-lhe os padres José Ribeiro de Faria, que serviu de coadjutor até 1824, e durante esse tempo teve elle por companheiros de fadigas os padres João Alves Pinto de Carvalho, José da Silva Alvarenga, Antonio Francisco Gomes, Antonio do Rosario Lemos, José de Carvalho e Sousa, Antonio de Azevedo, Sebastião dos Reis Saraiva, João Bernardo d'Oliveira, José Pereira da Silva Maia, Manoel Dias de Castro, Bernardo José de Magalhães, Faustino José de Araujo e Antonio Joaquim de Moraes Pimentel.

Durante esse longo periodo quem mais escreveu nos livros da parochia foi o coadjutor José Ribeiro de Faria; mas vê-se perfeitamente que, além do vigario, que nada

escrevia, elle tinha sempre nada menos de dois coadjutores seus companheiros, porque o padre Saraiva não deixou o seu lugar desde 1816.

Cheguei a esta conclusão pelo exame minucioso que fiz em todos os livros da parochia, e pela multiplicidade de assignaturas que encontrei.

Em 1825 foram coadjutores os padres Saraiva e Domingos da Rocha Vianna.

Em 1826, os padres Saraiva e Manoel dos Santos, que continuaram em 1827.

Em 1828, os padres Saraiva, Pimentel e Manoel Gonçalves de Sousa, que continuaram até 1832.

Em 1833, os padres Saraiva, João Caetano Corrêa de Andrade e Joaquim Alves Muniz.

No dia 16 de Abril de 1834 o padre Sebastião dos Reis Saraiva assignou o primeiro termo, na qualidade de vigario encommendado, á fl. 301 do livro 11 dos baptizados.

Durante o tempo em que foi vigario o padre Saraiva foram seus coadjutores os padres José Joaquim Viccini, José Joaquim da Costa Mayrink, João Maximo do Prado, Antonio Joaquim de Moraes Pimentel, Joaquim Alves Muniz, Rodrigo de Almeida e Sousa Moreira, natural de Portugal, e Manoel Nunes de Almeida, natural de Portugal.

Em Maio de 1858 entrou no exercicio de coadjutor d'esta freguezia o padre Joaquim do Amor Divino Martins; em Novembro do mesmo anno principiou o exercicio do mesmo cargo o padre Christiano Lomelino de Carvalho, natural de Portugal, que só serviu um anno, sendo succedido pelo padre Joaquim Mariano de Castro Araujo, como se vê á fl. 17 do livro 13 dos baptizados, aberto em 25 de Outubro de 1859. Este coadjutor tambem só durou um anno, e foi succedido pelo padre Francisco Xavier Pinheiro, natural de Campos, que appareceu pela primeira vez nos

livros d'esta parochia em 13 de Outubro de 1860, como se vê á fl. 32 do mesmo livro 13, e serviu até 14 de Dezembro de 1864, em que foi elevado a conego effectivo da capella imperial.

Já n'este tempo a freguezia não precisava de mais que um coadjutor.

Em Maio de 1865 appareceu como coadjutor o padre Antonio Alves Guedes Vaz, natural de Portugal, que durou pouco tempo n'esse exercicio e foi succedido pelo padre Manoel Francisco de Aguiar Valladão, natural de Portugal.

Fallecendo em 13 de Fevereiro de 1867 o vigario Purificação, o seu coadjutor padre Valladão foi nomeado encommendado até a apresentação do novo parocho, e depois continuou como coadjutor até Fevereiro de 1868, sendo succedido pelo padre Januario José de Oliveira Rosa, natural d'esta freguezia.

Em Julho de 1871 o padre Januario deixou de ser coadjutor, e succedeu-lhe o padre Francisco Fernandes de Oliveira, natural de Portugal, em Janeiro de 1872.

Desde Janeiro de 1872 até Outubro de 1873 todos os assentamentos dos livros d'esta parochia foram feitos pelo coadjutor Fernandes de Oliveira, que cansado de trabalhar demittiu-se. Notemos que no longo espaço de dous annos e cinco dias o vigario que regia esta freguezia até Fevereiro de 1874 apenas abriu nos livros d'esta parochia 32 termos de baptismos de livres, 8 de ingenuos e 13 ditos de casamentos e nem um de obitos!

A freguezia de Nossa Senhora da Candelaria já foi muito trabalhosa; porém hoje tal é o seu movimento que o vigario dispensa os serviços de coadjutor. Actualmente acha-se provisionado coadjutor o padre Francisco Fernandes de Oliveira; porém sómente serve nos impedimentos do vigario.

§ 8.º

Concluamos este capitulo, que já vae longo.

Geralmente se diz, que a freguezia de Nossa Senhora da Candelaria é a mais importante da côrte, e, portanto, de todo o Imperio. Vamos ás provas:

Se considerarmos a antiguidade de sua fundação e a influencia que os seus parochos tiveram até ao fim do seculo passado, aceito a proposição.

Se considerarmos a riqueza que a actual irmandade do SS. Sacramento possue e os encargos que desempenha, aceito-a ainda.

Se considerarmos o magnifico templo, em cuja edificação trabalha-se ha mais de um seculo, e que depois de concluido será um monumento digno de honra de uma côrte civilisada, ainda estou de accôrdo.

Se considerarmos a natureza e importancia dos estabelecimentos fundados dentro do seu territorio, e o movimento constante da grande somma de riquezas publica e particular, cujas transacções são effectuadas dentro dos seus limites, ainda affirmo a proposição.

Mas, se considerarmos a freguezia de Nossa Senhora da Candelaria no sentido rigoroso da palavra, posso affirmar que é a ultima d'entre as suas irmãs. Para isso desçamos á demonstração.

O seu territorio é de todos o menor, porque apenas occupa o espaço comprehendido entre as ruas das Violas e Sete de Setembro, e a rua dos Ourives até a praia. Além d'isso, apezar da estatistica official dar uma cifra de 10,005 habitantes, sendo 8,162 livres e 1,843 escravos, quasi todos elles têm seus domicilios em outras freguezias,

razão pela qual n'esta parochia nada tem quasi a fazer o parocho, tanto que dispensa sem sacrificio o serviço de coadjutores.

Dentro da matriz existem seis irmandades, e cada uma d'ellas considera-se uma sociedade independente da autoridade espiritual; não ouve nem consulta o vigario em cousa alguma, e até impõe-lhe a sua vontade em tudo quanto lhe parece, sem receiar nem attender a opposição do vigario, que não ousa oppôr-se ás suas resoluções para não ser desacatado.

D'entre essas irmandades nota-se especialmente a do SS. Sacramento, que é uma potencia: governa e administra, nomêa e demitte livremente os empregados, e julga ainda fazer favor ao vigario quando, a pedido d'este, mantem o respeito devido ao templo. De sorte que as reclamações que o vigario fizer serão bem ou mal acolhidas, segundo o bom ou máo humor dos administradores.

Accresce ainda, que existe um simulacro de collegiada, que funcciona independente do vigario, não lhe pede venia para cousa alguma, e até intromette-se nos actos puramente parochiaes, perturbando por esta fórma a harmonia e a ordem que devem existir em todas as instituições. E, se o vigario ousa reclamar os seus direitos ou pretende impôr a sua autoridade, a sua voz é suffocada por meia duzia de padres desobedientes, que preferem obedecer aos administradores da irmandade, apezar de seculares, do que ao parocho, n'aquillo que é puramente de sua competencia.

Por ahi se vê que a freguezia de Nossa Senhora da Candelaria actualmente é a peior de quantas existem.

Passemos á estatistica do seculo actual até o corrente anno.

ESTATISTICA

DA

FREGUEZIA DE N. S. DA CANDELARIA NÔ SECULO PRESENTE

Annos	Baptisados		Casamentos	Obitos	
	LIVRES	ESCRAVOS		LIVRES	ESCRAVOS
1800	158	194	39	40	19
1801	209	152	48	45	6
1802	232	162	48	39	9
1803	210	193	57	51	11
1804	229	189	42	40	23
1805	200	204	36	37	10
1806	230	210	45	40	26
1807	193	199	32	35	11
1808	184	202	46	189	99
1809	238	284	63	199	122
1810	232	405	62	155	78
1811	217	666	58	94	61
1812	229	582	54	145	87
1813	235	458	55	121	90
1814	204	475	50	87	56
1815	230	495	47	76	29
1816	186	547	31	92	43
1817	204	586	35	60	44
1818	191	483	48	64	27
1819	168	484	51	69	47
1820	180	470	39	63	45
1821	150	431	39	35	24
1822	171	504	35	31	6
1823	183	450	50	28	12
1824	201	635	35	100	94
1825	149	589	32	130	82
1826	168	779	40	155	159
1827	154	984	40	139	205
1828	153	844	39	111	168
1829	159	804	48	134	197
1830	150	932	44	143	175
1831	153	474	36	105	132
1832	114	296	33	108	152

Annos	Baptisados		Casamentos	Obitos	
	LIVRES	ESCRAVOS		LIVRES	ESCRAVOS
1833	133	264	27	109	167
1834	131	220	37	91	138
1835	142	185	28	81	242
1836	144	166	30	140	170
1837	129	148	42	110	141
1838	145	179	53	96	97
1839	141	206	30	104	102
1840	145	201	38	75	99
1841	139	201	27	109	95
1842	139	236	41	87	60
1843	146	266	35	111	76
1844	140	215	40	119	86
1845	121	256	35	81	75
1846	157	221	36	112	71
1847	129	219	35	87	72
1848	145	245	31	96	108
1849	153	283	42	100	67
1850	129	250	37	280	39
1851	131	178	39	88	21
1852	130	209	47	138	31
1853	140	218	39	143	92
1854	128	167	39	86	57
1855	128	168	44	79	27
1856	129	116	33	72	14
1857	115	108	42	133	7
1858	122	80	42	109	6
1859	126	76	46	51	3
1860	125	56	37	92	2
1861	145	63	43	58	2
1862	140	65	32	53	2
1863	106	54	32	46	3
1864	137	57	26	35	2
1865	130	58	37	38	7
1866	110	44	41	38	4
1867	137	40	30	54	2
1868	181	40	42	39	1
1869	143	34	35	39	3
1870	149	25	28	77	1

Annos	Baptisados			Casamentos	Obitos	
	LIVRES	ESCRAVOS	INGENUOS		LIVRES	ESCRAVOS
1871	150	31	3	39	42	1
1872	165	2	24	35	38	2
1873	121	1	32	54	124	3
1874	141	—	23	44	33	—
1875	135	—	15	34	30	1

A desproporção que se nota entre o numero estatistico de uns para outros annos parece ser o resultado de falta de zelo na abertura dos assentamentos, porque encontra-se nos livros d'esta parochia muitas paginas em branco, e muitissimos termos principiados e não acabados.

No anno de 1875 fiz a somma até 31 de Dezembro inclusive.

RELAÇÃO

Dos Livros de baptisados, casamentos e obitos existentes n'esta parochia

BAPTISADOS DE LIVRES

Livro	9°	que servio de	1800	a	1809
»	10°	»	1809	a	1819
»	11°	»	1819	a	1844
»	12°	»	1844	a	1858
»	13°	»	1858	a	1870
»	14°	»	1870	aos nossos dias.	

BAPTISADOS DE ESCRAVOS

Livro	7°	que servio de	1801	a	1809
»	8°	»	1809	a	1816
»	9°	»	1816	a	1824
»	10°	»	1824	a	1834
»	11°	»	1834	a	1850
»	12°	»	1850	aos nossos dias.	

BAPTISADOS DE INGENUOS

Existe um só livro, que serve desde 1871.

CASAMENTOS

Livro	8°	que serviu de	1782	a	1809	
»	9°	»	1809	a	1837	
»	10°	»	1837	a	1866	
»	11°	»	1866	aos	nossos	dias.

OBITOS DE LIVRES

Livro	14°	que serviu de	1797	a	1809	
»	15°	»	1809	a	1838	
»	16°	»	1838	a	1867	
»	17°	»	1867	aos	nossos	dias.

OBITOS DE ESCRAVOS

Livro	2°	que serviu de	1794	a	1833	
»	3°	»	1833	aos	nossos	dias.

OBITOS DE INGENUOS

Existe um só livro qne ainda não principiou a servir por não haver encommendações de ingenuos.

O livro 14° dos obitos das pessoas livres tambem serviu de registro aos testamentos d'aquella epoca, como até então era costume.

CAPITULO III (*)

DA CREAÇÃO DA IRMANDADE DO SS. SACRAMENTO N'ESTA MATRIZ, SEUS PROGRESSOS, SEUS ENCARGOS E SEU ESTADO FLORESCENTE ACTUAL.

§ 1.°

Em todas as partes do mundo christão os parochos, em virtude de seu cargo, são os sustentadores do culto religioso em suas parochias, e á sua dedicação e empenho deve-se os progressos da civilisação que desenvolve-se a par da boa doutrina que ensina o encarregado de vigiar uma porção da vinha do Senhor.

Mas o parocho só por si pouco póde fazer quando não dispõe de outros recursos mais do que os seus esforços. Então, ensinando com a palavra e com o exemplo, elle colhe o fructo desejado reunindo em torno de si homens de bons sentimentos para o auxiliarem na grande obra da religião.

Eis-ahi porque vemos em quasi todas as parochias associações religiosas com o titulo de *irmandades* tendo por fim auxiliarem aos parochos na sustentação do culto ao SS. Sacramento.

Na igreja de Nossa Senhora da Candelaria foi creada a segunda freguezia do Rio de Janeiro, e a devoção á sua excelsa padroeira estendeu-se naturalmente entre os povos que habitavam esta nova cidade.

(*) Lido em sessão do Instituto Historico, presidida por S. M. o Imperador, em 22 de Julho de 1875.

Mas só o SS. Sacramento é bastante para attrahir todas as attenções em face dos encargos da freguezia.

Todos nós sabemos que o espirito humano é naturalmente inclinado ás associações. N'aquelles tempos dominava o espirito religioso no seio da colonia nascente, e os homens de principios austeros, que não conheciam ainda a variedade de associações que a civilisação moderna tem descoberto, reuniam seus esforços para sustentarem o culto com decencia e celebrarem com explendor os mysterios da religião em que tiveram a felicidade de ser educados.

Contando com tão bons elementos o parocho reuniu os seus parochianos que dispunham de boa vontade, convidou-os a instituir uma irmandade, mostrando-lhes a conveniencia e utilidade da sustentação do culto ao SS. Sacramento ; e com tal fervor lhes fallou, e com tanto respeito, veneração e amor foi ouvido, que em breve foi instituida a irmandade do SS. Sacramento na freguezia de Nossa Senhora da Candelaria.

Vê-se, pois, que, tendo sido a primitiva ermida de Nossa Senhora da Candelaria de propriedade particular dos seus fundadores, passou depois ao dominio immediato e exclusivo do parocho, apezar da opposição d'esses fundadores, que haviam-n'a legado á irmandade da santa casa da misericordia, ficando afinal o parocho senhor e possuidor do templo na qualidade de matriz; e para o explendor do culto foi instituida a irmandade do SS. Sacramento.

Apezar das pesquizas que fiz, foi-me impossivel descobrir a data da sua creação. E' certo, porém, que a parochia foi creada em 1634, que por muito tempo não existiu n'esta parochia corporação alguma especialmente dedicada ao culto do SS. Sacramento, e que levantando-se a questão de propriedade sobre o templo foram ouvidos os devotos que festejavam a sua padroeira ; mas nem ao menos *per accidens*

fallou-se, por largo espaço de tempo, em irmandade do SS. Sacramento.

Consta, porém, que o seu primeiro compromisso foi feito em 1699, e, que depois dessa época as mesas e as juntas fizeram accordãos em 1744, os quaes foram reformados no anno compromissal de 1756 a 1757.

Este novo compromisso foi approvado pela autoridade ecclesiastica em 23 de Junho de 1757, pelo poder civil em 15 de Novembro de 1766, aceito e jurado pela irmandade em 4 de Junho de 1768. E, apezar de já terem passado tantos longos annos, é ainda esse compromisso que rege a irmandade, sendo para os tempos actuaes muito deficiente em uns pontos, ridiculo em outros e inexequivel em muitos.

Quando foi reformado o antigo compromisso já a irmandade principiava a adquirir patrimonios sujeitos a diversos onus, bem como as instituições do côro e da caridade, augmentados depois pela administração do hospital dos Lazaros, da fabrica da matriz e das obras da igreja. Tratarei de cada um d'esses encargos nos paragraphos que seguem.

§ 2.º

DO CÔRO

E' tradicional que nos tempos idos os povos occupavam-se mais da vida futura do que da presente, que não passa de uma peregrinação n'este valle de lagrimas, de dôres e de incertezas; por isso cada um dispunha dos meios ao seu alcance para garantir um suffragio pela sua alma quando d'este mundo partisse para a eternidade.

Hoje não é assim: a vida futura é considerada uma chimera, e, segundo os espiritos *illustrados* da época, o verdadeiro inferno é este mundo. De sorte que faça o homem o que fizer, pratique o que lhe parecer, seja soberbo e vaidoso, e desempenhe com maestria toda serie de vicios, na vida futura não deve ter mais do que um céo delicioso, onde perpetuamente goze a continuação das delicias que fruiu n'este mundo.

Manoel Pinto Duarte e sua esposa D. Antonia de Abreu ainda liam pela cartilha antiga. Por isso julgaram que faziam bem em perpetuar um suffragio por suas almas na matriz da Candelaria. Portanto no dia 2 de Outubro de 1720 fizeram doação á irmandade do SS. Sacramento de um patrimonio que n'aquelles bons tempos já valia quarenta mil cruzados, com o onus de sustentar perpetuamente um côro, composto de 13 sacerdotes para recitarem diariamente o officio divino na igreja matriz, celebrando á hora conveniente uma missa em suffragio de ambos e de Antonio Duarte Velho, primeiro marido da instituidora, como se vê das notas do tabellião João de Carvalho e Mattos.

Tendo fallecido o referido Manoel Pinto Duarte, sua viuva D. Antonia de Abreu confirmou a doação em 7 de Fevereiro de 1721, como se vê nas notas do tabellião Manoel de Vasconcellos Velho; e, no dia 20 do mesmo mez e anno, de accordo com Fructuoso de Macedo Cruz, testamenteiro do seu fallecido marido, fez entrega d'essa quantia á irmandade do SS. Sacramento, que aceitou em sessão de mesa conjuncta celebrada em 26 de Maio do mesmo anno, como se vê nas notas do mesmo tabellião Manoel Velho.

Aceitando a doação com os onus que foram impostos pelos doadores, a irmandade do SS. Sacramento requereu

ao bispo diocesano, D. José da Silva Coutinho, licença para dar principio á instituição e eleição dos sacerdotes que deviam compôr o côro, a qual foi concedida em 16 de Fevereiro de 1721.

Fallecendo o bispo da diocese, em 21 de Abril o cabido d'esta cidade mandou passar provisão para a creação do côro. Em 6 de Maio seguinte foi passada a referida provisão, *sede vacante;* em 26 do mesmo mez foram approvados os estatutos pela mesa da irmandade do SS. Sacramento, e no mesmo dia mandou-se passar a provisão de approvação, a qual foi assignada em 28 do mesmo mez e anno.

Assim concluido todo o processo d'esta instituição, no domingo do Espirito-Santo, 1° de Junho de 1721, foi o côro inaugurado com toda solemnidade n'esta matriz, estando o SS. Sacramento exposto no throno durante todo o dia, por concessão feita no dia 29 de Maio ultimo sómente para esse dia.

Por esta simples narração vê-se que n'essa occasião foram atropelladas todas as formalidades que exigiam tempo e reflexão, attendendo que esta igreja era uma matriz com autoridade propria, cujos direitos não deviam ficar expostos aos abusos de uma corporação que se tornou um Estado dentro de outro Estado.

Entretanto, como o espirito predominante era o religioso, o culto nada soffreu, porque ao menos na pratica se respeitava os direitos alheios.

A instituição primitiva do côro constou de sete capellães; este numero foi elevado successivamente até 16, em consequencia das sobras que ficavam da renda do seu patrimonio, e tambem das doações em favor do mesmo côro, feitas por Francisco Rodrigues da Silva e Simão Francisco de Carvalho. Mas depois a administração da irmandade resolveu reduzir esse numero a 13, que ainda conserva. Actualmente existem sete vagas.

Portanto a irmandade administra o patrimonio do côro, e com sua renda mantem os capellães, e faz celebrar diariamente duas missas em suffragio dos instituidores que para esse fim fizeram largas doações.

Os capellães do côro dos primitivos tempos procuravam cumprir os seus deveres para com aquelles que, tratando do interesse de suas almas, ao mesmo tempo legavam uma fortuna para sustentar perpetuamente treze sacerdotes ao serviço do altar na matriz de Nossa Senhora da Candelaria.

Deficientes como tinham sido os estatutos primitivos, atravessaram o longo espaço decorrido de 1721 a 1858; mas a experiencia demonstrou a necessidade de reformal-os, e a irmandade do SS. Sacramento, na qualidade de administradora do seu patrimonio e encarregada da sustentação do côro, reformou inteiramente esses estatutos, dando organisação nova ao côro, e approvando os novos estatutos nas sessões de mesa ordinaria de 9 de Agosto e na conjuncta de 23 de Setembro de 1858. Entretanto não curou de solicitar as indispensaveis approvações dos poderes ecclesiastico e civil, como preceituam as leis do paiz, condição sem a qual não podiam entrar em vigor.

Os novos estatutos, feitos em 1858, inutilisaram quanto existia, fizeram novas disposições, para as quaes não podiam aproveitar as approvações de 1721, e apezar d'isso entraram desde logo em vigor. E esse simulacro de collegiada, que actualmente conta apenas seis capellães, é uma segunda potencia que existe na matriz, que planta e alimenta a desharmonia no regimen parochial, que desconhece a autoridade do parocho e invade as suas attribuições, e que celebra actos solemnes na matriz sem lhe prestar a devida venia.

E o parocho vê-se tolhido em sua autoridade, e precisa revestir-se de toda paciencia e prudencia para não ser

desacatado publicamente por alguns padres, que não sabem ou não querem respeitar a primeira autoridade espiritual da parochia.

Convém observar que não sou inimigo da instituição do côro. Nos tempos que correm parece inutil; mas é um signal de que n'esta matriz ainda se louva diariamente a Deus, intercedendo-se ao mesmo tempo por aquelles que tanto precisam do seu auxilio n'este mundo, e pelas almas dos que, perpetuando seus nomes em uma obra tão meritoria, tambem perpetuaram o culto n'este templo.

O côro da matriz de Nossa Senhora da Candelaria é uma instituição que data de 1720, e até hoje, apezar de algumas lutas improficuas entre os seus membros e a irmandade do SS. Sacramento, apezar de sua desobediencia nos ultimos tempos ao vigario da freguezia, apezar mesmo dos defeitos de alguns de seus membros que bem deviam edificar pela observancia das virtudes proprias do nobre estado sacerdotal, não cessou ainda de funccionar mais ou menos regularmente.

O patrimonio do côro no exercicio de 1874 a 1875 rendeu 52:547$530 e despendeu 22:542$527.

§ 3.°

DA REPARTIÇÃO DA CARIDADE

I

A caridade... Eis-ahi a expressão sublime do Evangelho: DEUS É A CARIDADE.

Eu quizéra dispôr agora da illustração de tantos filhos do catholicismo que não cessaram de exaltar ésta virtude; quizéra dispôr da imaginação de tantos poetas, da sublime

expressão de tantos oradores e das disposições de tantos corações bem formados, para n'este momento dizer quanto fosse bastante sobre tão pia instituição, como é a que encarrega-se de matar a fome ao pobre, alliviar a dôr ao afflicto e mitigar as ancias da orphandade !...

Esta virtude, que tanto nobilita a creatura perante o Creador, ordinariamente na terra vive cercada de um véo que só se deve rasgar no céo quando lá chegam aquelles que a praticam. E' por esta razão que no silencioso correr dos tempos as nações esquecem nomes que deviam saber de cór para transmittil-os agradecidas ás futuras gerações. E' por esta razão que tantos nomes illustres de verdadeiros heróes da humanidade, que não esqueceram-se das necessidades dos pobres, dos afflictos e dos orphãos, apezar de percorrerem a tortuosa carreira d'esta vida transitoria e cheia de illusões, que perdem-se com o correr dos tempos, deixaram após si raios luminosos das mais nobres, raras e custosas virtudes ; e apezar d'isso seus nomes, illustres por tanto amor á humanidade, são esquecidos e perdem-se no indifferentismo dos homens. Eis-ahi porque nomes, que deviam figurar no Pantheon da humanidade cercados da gratidão e da veneração dos povos, pelos beneficios que legaram aos desvalidos, nem ao menos são referidos para exemplo de tantos outros que bem podiam imital-os.

Mas ó que fazer se esta é a sorte da humanidade ?! O orgulho e a vaidade tudo occultam para que a gratidão não appareça com o explendor de sua gloria exaltando áquelles que, sómente elles, merecem amor e respeito !

O fausto, a riqueza e a vaidade, com o seu nefando cortejo, tudo occultam para que não appareçam as virtudes oppostas, que tanto os combatem e os vencem na arena da razão e da logica !

Pois bem, ainda que fraco, eu quero aqui levantar um

pequeno altar á virtude da caridade, tão nobremente exercida por tantos habitantes d'este rico e opulento paiz fadado por Deus para grandes cousas.

Inimigos do nosso progresso na civilisação, que, apezar de tão moderna ainda, já vae tão adiantada, têm levantado suas criminosas vozes para dizerem que no Brasil não ha caridade, não ha hospitalidade.

Este paradoxo tenho lido em muitos escriptos de estrangeiros apaixonados, e até em peças officiaes, como a que em 19 de Dezembro de 1773 dirigiu o conde da Cunha, então governador d'este Estado, ao governo da metropole portugueza.

Bem alto, em nome do Brasil e dos seus habitantes, direi agora : « Não é exacto ; nenhum paiz do mundo é mais hospitaleiro nem exercita mais a caridade do que o Brasil. »

Tratemos agora d'esta repartição a cargo da irmandade do SS. Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, e que tão bons serviços tem prestado á pobreza d'esta côrte.

II

A igreja matriz de Nossa Senhora da Candelaria desde os primitivos tempos desafiou os bons sentimentos dos habitantes d'esta cidade, quando ainda se achava envolta nas faixas da infancia. Uns sustentavam o culto já com os seus serviços pessoaes, já com os seus donativos segundo os meios de que dispunham ; outros procuravam de maneira mais incontestavel firmar e desenvolver esse mesmo culto, perpetuando n'esta igreja a recitação diaria dos officios divinos, afim de que todos os dias subissem ao throno da Ma-

gestade infinita o incenso da oração e as alegrias dos hymnos sagrados; outros, finalmente, acatando a mesma Magestade, e querendo que as obras de Deus fossem reflectidas tambem nos homens, não esqueceram-se dos pobres, lembrando-se talvez de que ao desenvolvimento da riqueza e opulencia de uns naturalmente deviam acompanhar a miseria e os soffrimentos de muitos.

Todos os quadros que nos representam as côres mais vivas têm seu fundo escuro que mais faz realçar o primor da téla; e ninguem poderá negar que no quadro da humanidade o fundo escuro é a pobreza que acompanha á opulencia.

No dia 1° de Janeiro de 1738 o brigadeiro José da Silva Paes, reunindo muitos dos seus amigos, e dominado pelo sentimento religioso que n'aquelles bons tempos aqui se cultivava, instituiu n'esta matriz uma associação de caridade com o fim de distribuir esmolas aos necessitados da freguèzia. E como a irmandade do SS. Sacramento principiava a florescer foi-lhe commettido esse nobre encargo pelos seus fundadores, ainda sem patrimonio algum; porém ao mesmo brigadeiro José da Silva Paes coube a gloria de fazer a primeira doação, entregando-lhe em 1745 o sobrado da rua das Violas, que hoje é marcado com o n. 50, afim de servir de começo ao patrimonio exclusivo dos pobres da freguezia.

Depois d'essa importante doação desenvolveu-se o amor aos pobres, e os bons habitantes d'esta nova cidade não duvidaram privar-se de uma parte de sua fortuna em favor de uma instituição tão pia. Em sessão de mesa conjuncta, celebrada em 15 de Fevereiro de 1765, a irmandade resolveu principiar a pôr em pratica os fins d'esta instituição, em vista do patrimonio que já possuia a caixa da caridade.

E assim o patrimonio foi crescendo, suas rendas tornaram-se avultadas e consequentemente os beneficios em maior numero.

Convem notar-se que outr'ora esta freguezia contava grande numero de pobres, porque era extensa e abrangia quasi toda a população da cidade; porém, depois da creação das outras freguezias, cujos territorios foram desmembrados da de Nossa Senhora da Candelaria, e tornando-se esta limitadissima, além de ser o centro do commercio, os pobres desappareceram, e segundo é voz geral e a experiencia me tem mostrado, n'esta freguezia não ha pobres, ou, se os ha, são tão poucos que não apparecem.

E o fim primitivo d'esta instituição foi soccorrer aos pobres da freguezia. Mas o patrimonio crescia e era necessario tornar-se uma realidade o seu beneficio.

Se n'esta côrte vemos tantas fortunas colossaes, tanta riqueza em mãos pouco zelosas, tanto luxo em quasi todas as classes, tanto desenvolvimento no trabalho e tantos meios de ganhar ao menos o pão quotidiano, nem por isso podemos dizer que não ha pobreza. Não; ha muita miseria n'esta opulenta e rica cidade; só a conhece quem a procura, porque a vergonha a faz occultar-se, e muitas vezes fingir um prazer que não sente-se, um gozo de que está muito longe a realidade.

Quanta decrepitude e quanta orphandade desvalida não se occultam n'esses recantos onde não penetra o rebulicio da população agitada?!

E aquelles velhos, que já inclinam-se ao peso dos annos, que já não podem trabalhar, que tropeçam no andar, precisam de pão para soffrer ainda por alguns dias o seu longo penar n'este valle de lagrimas.

E aquelles orphãosinhos que ainda não têm o uso da razão, que ainda não conhecem o mundo e suas illusões, aos

quaes tudo sorri, mas que ainda não podem trabalhar, pedem pão para viver, para desenvolverem-se, para mais tarde talvez serem uteis á patria.

E aquellas viuvas desamparadas, sem o braço protector de seu esposo, que choram amargamente a falta dos que com o fructo honrado do seu trabalho davam-lhes quanto podiam para o seu sustento e viver honesto, pedem pão....

E só a caridade é que conhece esses filhos de Deus, e só a caridade é que os procura, e só a caridade é que lhes dá o abrigo ás intemperies, a roupa para cobrir a nudez e o pão quotidiano para seu alimento...

Oh! santa caridade! eu te venero, eu te adoro, porque Deus é a caridade...

III

De tres em tres mezes correm os soccorridos á sacristia d'esta matriz, e ahi o espirito contemplativo aprecia até que ponto chega a miseria nas grandes e populosas cidades.

Que contraste entre uns, que tanto afadigam-se para accumular riquezas muitas vezes mal adquiridas, com sacrificio da propria honra e dignidade, e outros que arrastam-se sob os andrajos da pobreza, velhos, já sem forças, e vêm receber o pequeno obulo da caridade, que, apezar de diminuto, tanto lhes serve!

E com que amor e empenho não deve-se desvelar aquelle que tem a seu cargo distribuir aos pobres a esmola que lhes é concedida?!

Com quanta difficuldade não arrastam-se de suas choupanas até este lugar os indigentes, já carregados de annos, além das enfermidades, para ahi, estendendo suas maci-

lentas mãos, darem graças a Deus pelo beneficio que recebem, e talvez dirigirem-lhe uma prece agradecida em suffragio dos seus bemfeitores!?

A utilidade, pois, d'esta pia instituição não soffre a menor duvida; passemos adiante.

IV

Como vimos, desde a instituição d'esta pia repartição a irmandade do SS. Sacramento tomou a seu cargo o desempenho.

E tal foi a generosidade dos fiéis desde os primitivos tempos, e tal tem sido o empenho e desvelo da irmandade, que o seu patrimonio sobe a uma quantia avultada, que zelado escrupulosamente como tem sido pela irmandade produz uma renda annual superior a 80:000$, e no anno corrente produziu 83:592$710, de que se deduziu os impostos ao thesouro e outras despezas indispensaveis, e distribuiu-se a quantia de 43:339$ a 600 pobres de numero, como se vê do relatorio apresentado pelo respectivo provedor em 28 de Outubro.

N'esse mesmo dia (28 de Outubro de 1875) a nova administração resolveu crear mais 40 lugares para novos soccorridos por esta caixa.

Convem, comtudo, fazer aqui um pequeno reparo. O patrimonio da caridade é exclusivamente destinado aos pobres. Mas, attendendo aos grandes dispendios que têm-se feito e se fará com as obras até a conclusão do templo, a irmandade applica a essas obras uma parte da renda do patrimonio da Caridade, tomada a titulo de emprestimo para ser paga depois da conclusão do templo.

E' verdade que os pobres soffrem, porque maior numero podia ser soccorrido; mas a mim não cabe censurar a irmandade por este motivo.

§ 4.°

HOSPITAL DOS LAZAROS

I

A caridade encontrou desde os nossos primitivos tempos um fiel interprete no opulento e novo paiz baptizado com o nome de Santa Cruz, e depois chrismado com o de Brasil.

Não é muito que admiremos hoje tantos estabelecimentos de beneficencia fundados n'esta côrte em favor da humanidade desvalida, porque os povos de hoje naturalmente têm recebido os saudaveis influxos da civilisação a par da religião dos nossos paes.

Entretanto, considerando aquelles tempos que passaram, em que a civilisação ainda não havia penetrado o nosso clima, devemos admirar mais ainda o espirito bemfazejo d'aquelles povos.

II

Como era natural, a falta de resguardo no uso de comidas e bebidas excessivamente quentes, além da transmissão das molestias trazidas pelos negros da Costa d'Africa, produziu n'este nascente paiz o mal denominado de S. Lazaro; e, como ainda ninguem havia se lembrado de evitar o contagio d'esse mal, facilmente a molestia propagava-se na população, porque os lazaros banhavam-se nas fontes publicas,

moravam entre os sadios e comiam de tudo quanto encontravam.

Coube ao conde de Bobadella a iniciativa de um melhoramento em favor dos pobres lazaros. Com uma caridade acima de todo elogio esse homem de Estado desenvolveu tudo quanto estava a seu alcance em favor dos miseros morpheticos.

Mas o que podia fazer esse governador se faltavam-lhe todos os recursos ?

Paiz nascente, onde a sciencia ainda não principiava a desenvolver-se, além d'isso subjugado pelas ordens régias tardias e contraditorias, de uma metropole milhares de leguas distante, que não tinha nem podia obter pleno conhecimento das necessidades dos povos sujeitos á sua tutella, soffria sempre as contrariedades das urgentes necessidades, sem remedio para evital-as, apezar da boa vontade de alguns dos seus administradores.

Por isso o conde de Bobadella, que mostrava tanta compaixão em favor dos lazaros, nada mais fazia do que soccorrêl-os com a sua bolsa, que, por muito cheia que estivesse, não podia chegar para todos.

Esse governador mandou reunir os lazaros em um sitio existente no campo de S. Christovão (hoje praça de D. Pedro I), encarregando o seu tratamento a um enfermeiro, que recebia d'elle as esmolas para o sustento dos infelizes que recolhiam-se a esse asylo da miseria.

Mas o serviço n'esse tempo era imperfeitissimo, e com o fallecimento do caridoso conde de Bobadella cahiu no primitivo estado, porque não havia com que sustentar os pobres doentes.

Entretanto o bispo diocesano, D. Fr. Antonio do Desterro, comprehendendo a importante missão do seu cargo, entendeu que não devia deixar ao desamparo tantos infelizes

da sorte, e em 13 de Fevereiro de 1763 encarregou o regimen desse simulacro de hospital á irmandade do SS. Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, pedindo ao mesmo tempo ao conde da Cunha que alcançasse do governo da metropole o edificio dos jesuitas para servir de hospital aos lazaros.

N'esse tempo não havia rendas nem patrimonio, e só a caridade publica era que podia valer aos administradores do hospital dos Lazaros no sitio de S. Christovão.

Algumas choupanas miseraveis accommodavam apenas cincoenta e dois doentes, assistidos por tres donatos do convento de S. Antonio, que serviam-lhes de enfermeiros, ajudados por algumas negras, que por crimes graves eram tiradas das cadêas para servirem aos lazaros como punição dos seus crimes.

Oh ! quanta caridade não desenvolviam os religiosos de S. Antonio, n'esse tempo, em favor desses infelizes !

Mas não era tudo : elles precisavam de uma casa regularmente montada, onde encontrassem cama para repouso de suas dôres, remedios para cura de sua enfermidade, medicos para garantia da prolongação de seus dias, alimentos para ainda supportarem resignadamente as dôres do corpo. E quanto era lastimoso o estado d'esses miseraveis ! E quanto precisavam elles da caridade dos homens !

Pois bem, em 1763 os lazaros encontraram um amigo, que, compadecido, empregou a influencia de sua posição official em favor da sua miseria.

III

Em 1759 haviam sido expulsos de Portugal e seus dominios os padres jesuitas, que tinham principiado, em 1752,

a edificação de um imponente hospicio para sua residencia no bairro de S. Christovão. Como é facil de vêr, o espaço de sete annos decorridos entre o principio d'essa edificação e a expulsão dos seus fundadores não foi tempo sufficiente para a conclusão da obra monumental projectada. Entretanto a excellente posição por elles escolhida, afastada do centro da população, collocada no alto de um outeiro, lavada de todos os ventos, com agua do mar de um lado e uma corrente de agua doce pelo outro, eram qualidades por demais recommendaveis para a salubridade. Além disso, abandonado como se achava esse edificio desde a expulsão dos seus fundadores, brevemente não seria mais do que um montão de ruinas.

Attendendo, pois, á supplica do bispo dioceesano D. Fr. Antonio do Desterro, o vice-rei conde da Cunha emprehendeu a nobre tarefa de estabelecer ahi os miseros lazaros.

Em 19 de Dezembro de 1763 esse vice-rei dirigiu ao governo da metropole um extenso e minucioso officio em que se descrevia o estado lamentavel dos lazaros que se achavam nas casinhas ou choupanas do sitio de S. Christovão, e propunha ao mesmo governo algumas importantes medidas para a occasião, notando-se entre outras as de alojar-se os lazaros no edificio dos jesuitas e entregar-se a sua administração á irmandade do SS. Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, por merecer-lhe mais confiança do que a irmandade da Santa Casa da Misericordia.

Já em 27 de Agosto de 1760 e em 5 de Novembro de 1761 o governo da metropole, por suas reaes resoluções, havia ordenado a edificação de uma casa propria para os lazaros, applicando a esse fim a quantia de 6:412$921 em que tinha sido condemnada a companhia de vinhos do Alto Douro pela extorsão que fizéra ao povo d'esta cidade

na venda dos seus vinhos (15); porém deve-se attender que, apezar de n'aquelle tempo tudo custar baratissimo preço, essa quantia não podia chegar para a edificação de uma casa commoda ao grande numero de doentes que existiam, avaliado pelo conde da Cunha em numero não inferior a duzentos; além de que elles precisavam do pão quotidiano, da roupa para o corpo e do remedio para a sua enfermidade. Por isso muito bem lembrou o mesmo conde ao governo da metropole que essa quantia podia ser empregada com proveito nos reparos e accrescimos indispensaveis na casa dos jesuitas para accommodação dos lazaros.

Existia tambem uma especie de imposto lançado pelo governo da metropole aos habitantes d'esta cidade para a alimentação dos lazaros; porém a exiguidade da quantia para nada podia chegar, porque as casas do povo, ou terceiro Estado, concorriam com um vintem, as das pessoas que gozavam de privilegio de nobreza com dous vintens, e cada uma das que tinham fóros da casa real com quatro vintens annualmente para o sustento dos lazaros. Essas contribuições por muito escrupulosamente que fossem pagas e recebidas, não podiam render mais do que 140$660 annualmente, como affirmou o conde da Cunha em seu citado officio de 1763.

Attendendo ao pedido do vice-rei conde da Cunha, o governo de D. José I, em 31 de Janeiro de 1765, deferiu a referida proposta em todas as suas partes, e mandou que se entregasse o hospicio dos jesuitas, sito em S. Christovão, á irmandade do SS. Sacramento da freguezia de Nossa

(15) N'aquelle tempo o governo obrigava os mercadores a vender os seus generos pelo justo valor; hoje, que ha liberdade para tudo, o povo geme sob o peso da carestia injusta, e não ousa esperar remedio ás extorções dos mercadores.

Senhora da Candelaria para hospital dos lazaros, encarregando-a de sua administração.

Em 17 de Fevereiro de 1766 o conde da Cunha mandou cumprir a ordem régia, dando um regulamento composto de 22 artigos, e o intendente-geral e presidente da administração dos lazaros, Dr. José Mauricio da Gama e Freitas, mandou executar a ordem e o regulamento em 13 de Março do mesmo anno de 1766.

Em virtude d'esse regulamento, que ainda se acha em vigor, a administração do hospital dos Lazaros é composta da seguinte fórma : juiz conservador, o Dr. juiz de capellas e residuos ; escrivão, o ex-provedor da irmandade do SS. Sacramento da Candelaria ; thesoureiro, o ex-escrivão ; procuradores, o ex-procurador e o ex-thesoureiro da mesma irmandade que terminaram o anno compromissal de sua administração na irmandade.

IV

Estavam os infelizes lazaros accommodados no antigo hospicio dos jesuitas, quando grandes transições passavam-se em nossa vida politica. De colonia viu-se o Brasil elevado a reino unido e pouco depois a Imperio independente. As commoções, portanto, eram successivas e em gráos ascendentes.

N'esses tempos a sociedade, que passava por uma grande transformação, tambem soffria bastante, porque as mudanças repentinas, apezar de toda boa disposição do povo, fazem soffrer as diversas classes que compõem a sociedade.

Eis-ahi, pois, os pobres lazaros soffrendo novos revezes. Grande numero de tropas tinham chegado da metropole a esta cidade com a vinda do monarcha portuguez, que aqui

aportou em 1808; entretanto os edificios existentes não offereciam as accommodações necessarias aos seus aquartelamentos. Por isso no dia 3 de Outubro de 1817 foram mandados mudar os infelizes lazaros do seu hospital para a acanhada e desabrigada ilha das Enxadas, onde faltavam todos os meios de accommodações e conforto aos doentes.

Eram sempre os mesmos infelizes; todos evitavam o seu contacto, porém não tinham compaixão dos seus soffrimentos. Parece que elles não eram humanos como os demais homens: evitava-se o seu contacto, porém não se lhes dava allivio aos soffrimentos; puzeram-n'os fóra do seu hospital, mandando-os para uma ilha onde não havia commodos, nem soccorros, nem caridade!... Pobres miseros!...

Depois de longo penar os religiosos franciscanos, que sempre foram o modelo da caridade, privaram-se dos beneficios que lhes haviam legado os fundadores do convento do Bom-Jesus, na ilha da Caqueirada, tambem conhecida depois por ilha dos Frades, e no dia 3 de Fevereiro de 1823 receberam os miseros morpheticos repellidos da sociedade que passava por uma transformação repentina, e alli os deixaram ficar em paz até que por decreto de 25 de Agosto de 1832 foi-lhes mandado restituir o hospital que já lhes pertencia desde 1765.

Estabelecidos de novo em seu hospital do bairro de S. Christovão, em 1832, alli permaneceram até os nossos dias, e devemos esperar que não serão mais obrigados a deixar esse asylo de sua miseria os infelizes lazaros existentes n'esta côrte.

V

Attendendo ás miserias que passavam os infelizes lazaros, e talvez em compensação da privação do seu hospital

por espaço de tantos annos, o governo, por carta de lei de 24 de Outubro de 1832, concedeu-lhes uma pensão mensal de 500$, principiando a sua execução desde essa data. Mas essa pensão equivalia a 6:000$ annuaes; parecia pesada aos cofres publicos, que têm muito em que gastar; além d'isso o patrimonio do hospital dos Lazaros ia augmentando, graças á generosidade de alguns corações caridosos e á boa administração da irmandade do SS. Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, por isso o poder legislativo, por lei posterior fixou, em 2:000$ annuaes o auxilio dos cofres publicos para tão pio estabelecimento. E' esta a quantia que desde 1844 recebe a administração do hospital dos Lazaros para auxilio de sua manutenção.

Por lei n. 1733 de 6 de Outubro de 1869 foram concedidas 10 loterias para o melhoramento d'este hospital. Essas loterias já foram todas extrahidas e o seu producto empregado no accrescentamento do edificio antigo, que ainda carece de muito para chegar ao ponto desejavel.

Entretanto convém saber-se que os infelizes lazaros não encontrarão, talvez, em nossos dias, muitos hospitaes que lhes offereçam tanta commodidade, tanto empenho em seu bem-estar, nem tão boa situação, como o actual hospital de S. Christovão.

O patrimonio d'este pio estabelecimento até o dia 4 de Abril do corrente anno (1875) constava de 442 apolices da divida publica no valor nominal de 434:600$, com a renda de 26:066$, e mais os terrenos do bairro de S. Christovão cedidos por el-rei D. José a pedido do vice-rei conde da Cunha, que acham-se divididos entre 118 foreiros e produzem a insignificante renda annual de 1:467$860; uma chacara na praça de D. Pedro I, onde esteve o primitivo hospital, e que ha pouco foi dividida em diversos lotes e afo-

rados por 18:190$, e os 2:000$ annuaes concedidos pelo poder legislativo, e outros legados em predios, conjunctamente com a Santa Casa da Misericordia, com a irmandade do SS. Sacramento d'esta matriz, com a repartição da Caridade da mesma matriz, e com a ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, produzindo todas essas parcellas a quantia annual de 88:831$670, como se vê do ultimo relatorio apresentado pelos administradores no referido dia 4 de Abril de 1875, os quaes no anno de sua administração gastaram no mesmo hospital a quantia de 63:941$461, sendo 38:941$291 despendidos em manutenção e 24:999$970 em obras, passando um saldo de 24:890$209 para o anno corrente.

Innegavelmente as administrações da irmandade do SS. Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, á qual foi encarregada a administração d'este hospital, merecem todas ellas sinceros elogios pelo empenho e desinteresse com que, desde a sua posse em 1766, até a presente data têm desempenhado tão nobre e espinhoso dever. Se não posso aqui mencionar nome por nome os bemfeitores d'esta casa de verdadeira caridade, porque muitos têm sido elles, e quasi todos acham-se esquecidos pela ingratidão dos posteros, ao menos elevo aqui um pequeno altar para supplicar ao Todo-Poderoso em favor d'esses bemfeitores da humanidade desvalida, desamparada e repudiada da sociedade.

§ 5.°

DA FABRICA

Desde a creação da parochia na primitiva igreja de Nossa Senhora da Candelaria foi o parocho auxiliado pelo povo com o indispensavel para as despezas do culto; em 1636 o

CAPITULO IV (*)

DAS IRMANDADES ERECTAS NA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA

§ 1.º

Da irmandade de Nossa Senhora da Candelaria

A noite dos tempos tem-se encarregado de occultar no denso vêo do passado as acções mais meritorias dos primitivos povoadores d'este vasto torrão, ornado com o saudavel nome de Santa Cruz, por isso quando nos empenhamos em historiar a fundação e progressos de qualquer instituição d'aquelles tempos lutamos com insuperaveis difficuldades para descobrir alguma noticia, que, embora não seja de todo exacta, pareça ao menos verosimil.

Desejando, pois, fazer uma memoria completa sobre a freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, empreguei os meus esforços para descobrir em seus archivos quanto me podesse habilitar a escrever com clareza e exactidão o que lhe interessasse; porém apezar do meu esforço estou muito áquem do meu intento.

Entretanto, pelo que tenho lido e consultado, cheguei á conclusão de que a irmandade mais antiga d'esta freguezia é a da sua padroeira.

(*) Lido na sessão do Instituto Historico, celebrada no dia 6 de Agosto de 1875, sob a presidencia de S. M. o Imperador.

Affirma-se, com algum fundamento, que a irmandade de Nossa Senhora da Candelaria data do principio do seculo XVI, que o seu actual compromisso feito e approvado pela mesa administrativa em 25 de Outubro de 1826, approvado pela mesa de consciencia e ordens em 27 de Agosto de 1828, aceito e jurado pela mesma irmandade, depois do beneplacito imperial, em 11 de Dezembro do mesmo anno de 1828, é uma reforma do primitivo compromisso, que desappareceu, talvez, na occasião do saque que soffreu esta igreja no tempo da invasão de Du-Clerc, em 1711.

O autor do *Santuario Mariano*, Fr. Agostinho de Santa Maria, á pagina 15 do tomo 10 de sua obra, diz «que a imagem de Nossa Senhora da Candelaria foi a segunda que começou a ser venerada n'esta cidade.»

Não parece muito exacta esta asserção, porque já vimos no principio d'esta memoria que, ao tempo em que o navegante Palma fundou a primeira ermida dedicada á Nossa Senhora da Candelaria, já existiam as duas das fraldas do morro do Castello, sendo uma dedicada á Nossa Senhora do Soccorro, onde depois fundou-se a Santa Casa da Misericordia, e a outra á Nossa Senhora da Ajuda, que foi substituida pelo templo e convento que hoje vemos.

Entretanto essa pequena differença não altera o sentido principal de que a Senhora da Candelaria foi uma das primeiras imagens aqui venerada.

Se examinarmos a historia pelo lado da questão suscitada em 1634, em consequencia de ter sido a ermida elevada á parochia sem o consentimento do fundador, veremos que a escriptura de cessão feita pelo referido fundador á Santa Casa da Misericordia em 1639 refere-se á confraria de Nossa Senhora da Candelaria, que já existia funccionando na ermida, tanto que os seus mordomos foram ouvidos,

com a condição de que *a eleição da dita confraria seria feita no dia da festa, 2 de Fevereiro.*

E, quando razões não tivessemos para confirmar o nosso asserto, bastava considerar-se que, se já não existisse qualquer corporação encarregada do culto na igreja ao tempo em que foi creada a freguezia, talvez não fosse conservado o titulo de sua padroeira; porque, se a irmandade do SS. Sacramento tivesse sido creada primeiro, naturalmente não consentiria em tal creação, que iria tirar-lhe um titulo de precedencia.

Entretanto a irmandade de Nossa Senhora da Candelaria, que foi a primeira instituida n'esta igreja, que data do principio do seculo XVI, que já floresceu em seus primitivos tempos, cahiu em tal decadencia, que hoje mal póde sustentar o culto ordinario de sua padroeira.

O culto, que actualmente esta irmandade presta á sua padroeira, consta de missa nos sabbados e dias santificados, e festa solemne no dia 2 de Fevereiro de cada anno.

O seu pequeno patrimonio produz a receita annual de 7:162$824, como vê-se no relatorio do seu provedor, feito em 31 de Março de 1873; e d'ahi em diante não me consta que tivesse augmentado.

§ 2.º

Da irmandade de S. Miguel e Almas

O espirito religioso era tal entre o povo, que este não esquecia-se das almas penantes no santo purgatorio; e, movidos por esse piedoso sentimento, reuniram-se n'esta igreja sob a direcção do parocho Dr. Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, em 1733, muitos parochianos devotos, e instituiram a irmandade de S. Miguel e Almas, com o fim de festejarem o archanjo e de suffragarem os mortos.

O seu compromisso foi approvado pelo bispo diocesano D. Fr. Antonio de Guadelupe, em 31 de Outubro de 1735, aceito pela irmandade em 21 de Janeiro de 1737, jurado pela mesma irmandade em 24 de Novembro de 1762, confirmado por el-rei D. José I, em 12 de Setembro de 1768; finalmente, registrado á fl. 151 do livro 5° de provisões da provedoria, em 19 de Novembro de 1802.

Este compromisso foi organisado com todas as regras de prudencia e com as precauções necessarias ao bom desempenho dos encargos da irmandade, o que bem revela o espirito pratico e a sabedoria de quem o fez, porque não se limitou a legislar para o presente, porém tambem acautelar para o futuro. Entretanto convem dizer que já não se presta ao espirito do nosso seculo; muitas das suas disposições já são inexequiveis, e as ultimas administrações têm-se dirigido antes pelo bom senso do que pelas prescripções de sua lei organica

E este grande defeito convém remediar em tempo; porque, se uns administradores são prudentes e desinteressados, póde comtudo dar-se abusos quando menos esperar-se.

Inalteravelmente esta irmandade tem cumprido os seus encargos, que constam de missa nas segundas-feiras e nos dias santificados, a festa solemne do seu padroeiro no ultimo domingo de Setembro, um officio funebre solemne no mez de Novembro em suffragio dos irmãos fallecidos, e mais 1,280 missas em satisfação dos legados que em tempos idos aceitou, annexos aos donativos para o seu patrimonio.

Actualmente esta irmandade conserva-se estacionaria, apezar da boa vontade de alguns dos seus administradores.

Consta o seu patrimonio de dois predios, 21 apolices do valor nominal de 1:000$ cada uma, e 10 acções do banco do Brasil de 200$ cada uma, produzindo uma receita total de 10:871$133 annuaes.

§ 3.º

Da confraria de Nossa Senhora das Dôres

Como sabem todos, a devoção da SS. Virgem é a mais popular no Brasil, por isso os seus habitantes sempre empregaram os meios ao seu alcance para a propagação do seu culto sob diversas invocações.

Sabemos que a primeira devoção instituida n'esta igreja foi a da sua padroeira, convertida depois em irmandade; porém os moradores da freguezia, e tambem da cidade e seus contornos, entenderam que deviam fundar na mesma igreja outra corporação sob a invocação de Nossa Senhora das Dôres.

Em 1780 o vigario d'esta freguezia, Joaquim José de França, reuniu os devotos e com elles instituiu uma confraria, cujo compromisso foi approvado pelos fundadores em 17 de Março do mesmo anno, approvado pela rainha D. Maria I em 14 de Outubro de 1781, aceito e jurado pela referida confraria em 6 de Junho de 1782.

Esse compromisso consta apenas de 17 capitulos, que só occupam-se da parte espiritual e não contém disposição alguma administrativa; e, apezar da grande lacuna que soffre nos tempos actuaes, não foi ainda alterado nem revogado em nenhuma de suas partes.

Entretanto convém observar, que as administrações succedem-se sem ao menos conhecerem as bases fundamentaes de sua instituição; e crearam cargos e obrigações sem disposição alguma que as autorisasse a isso. Vendo as difficuldades com que lutavam alguns irmãos bem intencionados por não terem o minimo conhecimento das bases d'esta confraria, que já conta quasi um seculo de existencia, e entretanto ainda possuia o primitivo compromisso em

original, já estragado pelas traças e incapaz de ser lido, o actual vigario da freguezia por sua devoção mandou imprimir por sua conta o referido compromisso, annotou-o e offertou 500 exemplares impressos á confraria, n'este corrente anno.

E' tradicional que um devoto irmão obteve da Santa Sé grandes privilegios e graças espirituaes para a confraria, tornando as demais devoções e irmandades ou confrarias, que fossem creadas depois d'está, sujeitas á approvação da confraria de Nossa Senhora das Dôres da matriz da Candelaria. Em virtude d'esses privilegios pediram venia a esta confraria, para poderem ser installadas e funccionarem, as devoções de Nossa Senhora das Dôres fundadas: em S. Domingos, provincia do Rio de Janeiro, na cidade do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina, e na cidade de Diamantina, provincia de Minas Geraes.

Mas com a morte desse devoto desappareceu o mencionado breve, e com elle todos os privilegios, porque são hoje ignorados, e até n'elles se falla sómente por tradição.

Actualmente em qualquer parte funda-se novas devoções ou confrarias de Nossa Senhora das Dôres sem dependencia da confraria fundada em 1780 na matriz de Nossa Senhora da Candelaria, tanto porque ignora-se a extensão dos seus privilegios, como tambem porque não tem mais razão de ser esse exclusivismo condemnado pelo espirito do seculo.

E a confraria de Nossa Senhora das Dôres d'esta matriz apenas festeja a sua padroeira na penultima sexta-feira da quaresma, como é costume, e sustenta uma capellania para celebrar missas nas sextas-feiras e dias santificados.

Possue 17 apolices da divida publica de 1:000$ cada uma. No corrente anno de 1875 fez a despêza de 6:183$160, obtendo para isso donativos de devotos, joias de irmãos e os juros das referidas apolices.

§ .°

Da irmandade de S. Chrispim e S. Chrispiniano

Na boa ordem segue a irmandade dos Martyres S. Chrispim e S. Chrispiniano.

Consta que desde o seculo passado os homens de côr e os artistas sapateiros, desejando ter n'esta matriz seus padroeiros, crearam uma devoção que por longos annos manteve o seu culto, segundo as forças de que dispunham. Mas depois, para melhor firmarem a sua existencia e permanencia, resolveram crear uma irmandade regular.

Reunidos, pois, fizeram seu compromisso, que, depois de discutido e approvado pelos irmãos fundadores, foi sujeito á approvação dos poderes competentes para dar-lhe a necessaria existencia legal. Esse compromisso foi examinado e despachado favoravelmente pelo desembargo do paço em 18 de Fevereiro de 1811, teve approvação do principe regente, D. João, em 16 de Novembro do mesmo anno e foi registrado á fl. 58 v. do livro 8° das provisões em 7 de Janeiro de 1812.

Cahindo em decadencia, o vigario d'esta freguezia, João Rodrigues da Purificação, em 1866 convidou e animou os irmãos mais dedicados para elevarem d'esse abatimento a sua irmandade, e elles, aceitando tão bons conselhos e seguindo a sua iniciativa, reformaram o compromisso primitivo, sendo o novo approvado em mesa conjuncta da irmandade, celebrada aos 29 de Abril d'esse anno. Foi approvado pelo monsenhor vigario capitular, *sede vacante*, Felix Maria de Freitas Albuquerque, em 11 de Junho, e confirmado por carta imperial de 26 de Setembro do mesmo anno.

Esta irmandade possue um soffrivel patrimonio, composto de sete moradas de casas, que rendem a quantia an-

nual de 10:243$, e 44 apolices da divida publica, que rendem annualmente 2:478$. Esta renda reunida a outras, provenientes de joias, etc., produz a receita annual de 22:602$028. Distribue 1:316$ em pensões aos irmãos pobres, sustenta um capellão para as missas do domingo e festeja os santos padroeiros no domingo ultimo do mez de Outubro de cada anno.

§ 5°

Da irmandade de S. Manoel.

Finalmente, a mais moderna das irmandades erectas n'esta matriz é a do martyr S. Manoel.

Consta tradicionalmente que ha muitos annos existia uma devoção instituida n'esta matriz com o fim de festejar o santo martyr no dia que lhe é consagrado pela igreja; mas em 1862 muitos devotos, dirigidos pelo muito digno vigario que regia a freguezia João Rodrigues da Purificação, fundaram uma irmandade, cujo compromisso foi approvado pelos irmãos fundadores em numero, de 54, no dia 8 de Abril d'esse anno.

Este compromisso obteve approvação do prelado diocesano, conde de Irajá, de saudosa memoria, aos 8 dias de Maio, e foi confirmado por carta imperial de 2 de Julho do mesmo anno de 1862.

Tem algumas disposições importantes, como seja a fundação de uma casa para asylo das filhas dos irmãos pobres, onde deverão receber educação e sustento até casarem-se. Mas até hoje não foi posta em pratica essa importante disposição, e posso affirmar que não será talvez nunca, tanto porque para isso é necessario grande patrimonio, o que não se consegue em pouco tempo e sem muita dedicação, como

porque os irmãos existentes são poucos, e, graças ao espirito beneficente d'este grande paiz, já existem muitas casas de educação e de caridade, onde poderão talvez ser recolhidas as poucas orphãs de S. Manoel sem grande dispendio da irmandade.

Esta irmandade até o presente não tem feito mais do que celebrar a festa annual do seu padroeiro e sustentar uma capellania para as missas dos dias santificados, capitalisando todo o excedente da sua receita para formar o seu patrimonio, que já conta 19 apolices da divida publica do valor nominal de 1:000$ cada uma.

Tem havido alguma dedicação da parte dos seus administradores; porém ainda não é tudo. Muito ha que fazer.

§ 6.°

Não fallo em suffragios dos irmãos fallecidos, porque não sei se as irmandades d'esta matriz cumprem esse dever; notemos, porém, que o pensamento dominante dos seus fundadores foi o interesse da vida futura. Consta-me apenas que as irmandades do SS. Sacramento e a das Almas mandam celebrar grande numero de missas em satisfação dos grandes legados que aceitaram; mas, se me perguntarem onde são celebradas essas missas, e quaes são os sacerdotes que as celebram, responderei: Não sei.

Mas o que queremos se hoje as corporações religiosas, n'esta côrte principalmente, são consideradas apenas como associações de beneficencia temporal, e esquecem os bens futuros, comtanto que occupem-se sómente da vida presente?

Já tenho ouvido a muitos dizerem, que o culto externo é desnecessario e inutil, que os suffragios pelos mortos de nada valem, e que o dinheiro que se gasta com o culto e

com os suffragios deve ser antes capitalisado para distribuir-se com os associados que cahirem na indigencia...

De sorte que, segundo o pensamento dominante da actualidade sobre as corporações religiosas, confrarias e irmandades, hoje é melhor ser-se indigente, quando se pertence a grande numero d'essas associações, do que passar com o fructo do trabalho afanoso de cada dia, porque as irmandades dão pensões aos irmãos pobres e estes podem passar sem trabalhar.

Quanto á vida futura, ninguem a vê, e por isso tambem não a considera nem com ella deve importar-se.

CAPITULO V (*)

DESCRIPÇÃO DO NOVO TEMPLO EM QUE SE ACHA A MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA

§ 1.°

Já vimos precedentemente que o primeiro templo dedicado a Nossa Senhora da Candelaria n'esta cidade foi uma ermida fundada no mesmo lugar em que se acha o actual, em principios do seculo XVI, no qual erigiu-se a segunda freguezia d'esta diocese no anno de 1634; sabemos igualmente que, arruinada essa ermida pela acção devoradora do tempo, foi substituida por outra no mesmo local, e que essa teve a sorte da primeira; devemos agora occupar-nos do templo actual, que substituiu a segunda ermida.

(*) Lido na sessão do Instituto Historico, celebrada no dia 26 de Novembro de 1875, sob a presidencia de S. M. o Imperador.

§ 2.°

Corria o anno de 1775; já existia na igreja de Nossa Senhora da Candelaria uma irmandade instituida desde 1699 para sustentar o culto do SS. Sacramento, e o vigario da freguezia procurava quanto estava ao seu alcance augmentar o explendor do culto em sua matriz.

N'esse anno de 1775, como de costume, era provedor da irmandade do SS. Sacramento o bispo diocesano D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, era vigario collado d'esta freguezia o padre João Pereira de Araujo Azevedo e vigario encommendado o padre Sebastião Rodrigues Ayres.

Se á irmandade faltavam recursos para emprehender a fundação de um novo templo em proporções collossaes. nem por isso faltava o animo ao prelado, nem a sua confiança na generosidade e devoção dos seus diocesanos. Elle era um prelado perspicaz e que bem previa o engrandecimento futuro de um povo, cujos primeiros assomos patenteavam sua coragem e dedicação para as emprezas grandiosas. E assim, confiando nos auxilios da Divina Providencia e na dedicação do povo, o prelado convocou a mesa administrativa da irmandade do SS. Sacramento, a que presidia, e em reunião do dia 3 de Junho manifestou aos funccionarios da irmandade a nobre idéa da fundação do novo templo e a necessidade da sua realização.

Se actualmente, apezar de tanta licença de costumes, a voz do prelado ainda é ouvida com respeito, o que devemos dizer d'aquelles tempos em que o prelado tudo podia, e tudo fazia com os seus humildes e devotados rebanhos em favor da religião de Jesus-Christo?

A manifestação da idéa pelo prelado diocesano já era um principio de realização; portanto sem a menor discrepan-

cia foi aceita a proposta do bispo D. José, e n'esse mesmo dia 3 de Junho foi resolvida a grande obra, e marcou-se o dia 6 do mesmo mez para a solemnidade religiosa da collocação da pedra fundamental por ser esse dia o do vigesimo quinto anniversario do reinado do D. José I.

§ 3.°

Resolvida a edificação do novo templo pela irmandade do SS. Sacramento, presidida pelo prelado diocesano, auxiliado pelos vigarios da freguezia que tomavam parte activa na administração da irmandade, e pelos parochianos que prometteram seu concurso em bem das obras, no dia 6 de Junho de 1775 teve lugar a grande solemnidade da collocação da pedra fundamental, que foi sagrada pelo referido bispo D. José, ajudado pelos mencionados vigarios, em presença do vice-rei marquez do Lavradio, sua comitiva, autoridades civis, ecclesiasticas e militares, todas as irmandades da freguezia e um grande concurso de povo de todas as classes, ordens e condições.

Dentro da pedra foi encerrado o auto respectivo com a seguinte inscripção, que copiei fielmente do livro dos termos, existente n'esta matriz:

Termo da sagração da primeira pedra e padrão da mesma

« Aos 6 dias do mez de Junho de 1775, no consistorio da irmandade do SS. Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, estando congregados o Exm. e Revm. Sr. bispo diocesano, provedor actual d'esta irmandade, com os irmãos de mesa abaixo assignados, para se sagrar a primeira pedra da nova igreja da Candelaria, como se determinou no termo d'este livro, o que com effeito se executou pelo dito Exm. e Revm. Sr., na presença do Illm. e Exm. Sr. marquez de Lavradio, vice-rei d'este Estado, com

assistencia de todos os corpos ecclesiastico, militar e civil, em cuja pedra se lançaram as moedas que corriam no presente anno, de todas as especies, com o padrão seguinte:

Padrão da nova igreja de Nossa Senhora da Candelaria do Rio de Janeiro

« Governando a santa e universal igreja de Deus o « SS. padre Pio VII, no primeiro anno do seu pontificado ;

« Reinando em Portugal e em todos os seus dominios o « fidelissimo rei Sr. D. José I, no 25° anno de seu fausto- « sissimo reinado ;

« Governando esta capital da America, por terceiro vice- « rei do Estado do Brasil o Illm. e Exm. Sr. D. Luiz de « Almeida Portugal Soares Alarcão Essa Mello Silva e Mas- « carenhas, marquez do Lavradio, tenente-general dos « reaes exercitos, no sexto anno de seu feliz governo ;

« Sendo bispo d'esta diocese o Exm. e Revm. Sr. D. José « Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco, natu- « ral e baptizado n'esta parochia, no primeiro anno de seu « bispado, no qual serve de provedor da irmandade do « SS. Sacramento ;

« Servindo de vigario encommendado o Rev. Sebastião « Rodrigues Ayres ;

« Servindo de escrivão da referida irmandade o capitão « José Alves Esteves, de procurador o capitão Francisco « de Araujo Pereira e de thesoureiro Domingos Antonio « Pereira e de irmãos de mesa os que abaixo se assignam;

« Havendo-se arruinado a dita igreja da Candelaria, que « serve de parochia, determinou a referida irmandade fun- « dar esta nova igreja de Nossa Senhora da Candelaria, « para a qual se sagra e lança a primeira pedra aos 6 de « Junho de 1775.

« Na tampa da referida pedra se pôz a seguinte ins-
« cripção:

Deo optimo maximo
Beatissimæ Virgini Mariæ
Sub titulo Candelariæ
Templum hoc sacravit
Primum lapidem
D. Joseph Joachim Justinianus Mascarenhas Castel-Branco
Hujus diœcesie episcopus
Et solemni ritu jecit
An. MDCCLXXV
Die VI Junii

« E para a todo o tempo constar da referida sagração, mandou o dito Exm. e Revm. Sr. provedor fazer este termo, que assignou com os irmãos de mesa, e eu José Alves Esteves, escrivão actual da irmandade, que este fiz escrever, e subscrevi e assignei.—*José*, bispo.—*Sebastião Rodrigues Ayres.—José Alves Esteves.—Francisco de Araujo Pereira.—Domingos Antonio Pereira.—Manoel Rodrigues Ferreira.—Luiz Antonio de Miranda.* »

(Seguem-se outras assignaturas dos membros da mesa administrativa.)

§ 4.°

Já vimos nos artigos anteriores que a primeira e a segunda igrejas que serviram de matriz da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, fundadas no mesmo lugar em que se acha a actual, foram apenas ermidas edificadas segundo as forças monetarias dos seus fundadores, além de que

n'aquelles tempos estavam bem longe de pensar em edificar um templo magestoso como o que as substituiu.

Ora, resolvida a fundação do novo templo, a primeira difficuldade que encontraram os fundadores foi a falta de numerario.

Com effeito, emprehender uma obra tão grandiosa sem recursos pecuniarios, é grande coragem e confiança na Providencia. Entretanto convém attender que os bons corações não consentem que soffra uma empreza tão pia por falta de recursos.

As offertas de dinheiro, de serviços pessoaes e de tudo quanto a caridade christã póde engendrar para as boas obras, appareceram de todos os lados, e os cofres da Candelaria foram obtendo numerario para fazer face ás despezas de momento e continuarem as obras.

Desde o dia da fundação do novo templo as obras não deixaram de proseguir com grande adiantamento, até que em 1811 já se achava parte da igreja nova capaz de funccionar. Por isso no dia 8 de Setembro d'esse anno, em que a igreja celebra o feliz nascimento da SS. Virgem Maria, o vigario d'esta freguezia, padre Luiz Mendes de Vasconcellos Pinto e Menezes, autorisado pelo prelado diocesano, D. José Caetano da Silva Coutinho, e acompanhado de muitos sacerdotes, da irmandade do SS. Sacramento e de grande concurso de povo, procedeu á benção d'essa parte do novo templo, como se vê á fl. 284 do liv. 14 dos termos d'esta parochia. E porque n'esse dia e nos seguintes cahisse copiosa chuva sobre esta cidade, sómente na tarde de 18 teve lugar a solemne trasladação das imagens da antiga ermida para a parte principal da nova igreja que se achava prompta, fazendo-se n'essa occasião pomposa procissão, que percorreu a freguezia com grande acompanhamento do clero, nobreza e povo.

N'essa solemne procissão todos á porfia exultavam de prazer, e ainda mais se alegravam por verem que o principe regente e sua côrte concorriam para o brilhantismo e explendor da religião.

No dia seguinte, 19 de Setembro, grande foi a festa celebrada no templo novo, á qual assistiu o principe que depois foi elevado ao throno do reino unido com o titulo de D. João VI, celebrando missa pontifical o bispo de Moçambique, que achava-se n'esta côrte, não comparecendo o nosso diocesano por achar-se em visita no interior da diocese.

N'essa festa ligaram-se os sentimentos de todos, e perante o augustissimo sacrificio da religião de nossos paes confundiam-se as distincções da terra para darem honra e gloria á Magestade do céo.

E quanto julga-se feliz um povo quando vê que o seu soberano é o primeiro a dar o exemplo de devoção, de amor e de respeito a essa religião que nossos paes conservaram e nos transmittiram com a pureza dos seus sentimentos!

Os monarchas da terra, semelhantes ao sol, que, apezar de achar-se collocado em distancia quasi infinita, não póde occultar de quantos para elle se voltam suas manchas nem os seus beneficos raios, são attentamente olhados pelos subditos, que de suas acções tomam a norma de seu procedimento, e felizes julgam-se quando vêm que o soberano acompanha-os nas crenças piedosas, herdadas de seus antepassados

N'esta parte principalmente nós os brasileiros podemos dizer que somos felizes, porque até hoje os successores de Santa Isabel têm-nos dado o melhor religioso exemplo e Deus ha de permittir que cada vez mais os sentimentos de seus antepassados se ha de perpetuar no throno do Imperio americano.

Assim, pois, a festa celebrada no dia 19 de Setembro de 1811 na igreja matriz de Nossa Senhora da Candelaria foi solemne, de qualquer maneira que a consideremos, e d'ahi ainda mais augmentou-se o enthusiasmo dos promotores das obras para o seu proseguimento.

Apezar, porém, de todas as difficuldades as torres do templo já em 1818 estavam capazes de receber os sinos em seus campanarios, tanto que o sino maior da torre do lado da antiga rua do Sabão foi fundido n'esta côrte e collocado em seu lugar no referido anno. Este sino tem uma sinta em relevo com a seguinte inscripção : « João Baptista Jardineiro fez no Rio de Janeiro, 1818. »

N'esta mesma torre se acha o sino meião com a seguinte inscripção: « Este mandou fazer o reverendo padre Fidele no anno de 1792.» (13) E mais o sino pequeno com a seguinte inscripção: «Maria José, anno de 1796.»

Tambem o sino grande da torre do lado da rua de S. Pedro foi fundido (em Lisboa) antes de 1820 ; porém el-rei D. João VI, que achava-se n'esta côrte, pretendeu mandal-o collocar em sua real capella por ser apropriado a um carrilhão, em vista de sua voz sonorosa, e ordenou que fosse transportado para a mencionada capella. Mas, retirando-se aquelle monarcha para a antiga metropole do reino, não realizou o seu intento. O sino ficou encostado a um canto do pavimento terreo da capella real, hoje imperial, pelo longo espaço de 47 annos, até que os administradores da irmandade do SS. Sacramento conseguiram que o governo imperial mandasse-o entregar em Novembro de 1866, e o transportaram para esta matriz no dia 29 do mesmo mez e anno.

(13) O padre Fidele foi coadjuctor d'esta freguezia desde 1780 até 1808, quando falleceu.

Logo que transferiu-se o mencionado sino para esta matriz mandou-se fundir em Lisboa mais dois menores e comprou-se um relogio, os quaes foram collocados na mencionada torre e inaugurados no dia 2 de Fevereiro de 1867.

Durante o anno estes sinos servem sómente para tocar as horas que marca o relogio, e apenas tocam em os repiques das festas dos oragos da matriz, porque os da outra torre tocam durante o anno em todos os outros actos do culto divino.

§ 5.º

A primitiva matriz de Nossa Senhora da Candelaria occupava uma pequena área, e, sendo esta freguezia o bairro preferido pelo commercio para estender suas casas de negocio, todo o terreno tornava-se pouco para as edificações; e nós vemos que n'esta freguezia as ruas são estreitas e os edificios de dois e tres andares, porque n'aquelles tempos, além dos estabelecimentos de commercio occuparem os pavimentos terreos, as familias dos commerciantes residiam nos sobrados sobre os mesmos estabelecimentos. Por isso talvez a matriz de Nossa Senhora da Candelaria ficou rodeada, salvando-se apenas o espaço occupado pela igreja, um pequeno cemiterio e um jardim no centro das edificações.

Ora, desde que em 1775 concebeu-se a idéa de edificar novo e espaçoso templo em substituição ao antigo, os promotores d'essa obra gigantesca descobriram a necessidade de demolir-se todas as casas para que a matriz occupasse toda a quadra comprehendida entre as ruas da Candelaria, Quitanda, S. Pedro e Sabão. Porém como realizar esse desejo é que parecia mais difficil, porque todas as casas pertenciam a particulares.

Entretanto, no correr dos tempos, a irmandade administradora foi adquirindo a posse d'essas casas, ou por legados ou por compra, apezar da relutancia de alguns proprietarios que oppunham-se por todos os meios a taes desapropriações. Felizmente hoje apenas uma d'essas casas é que ainda não pertence á irmandade administradora das obras d'esta matriz.

Os primeiros predios demolidos foram os da rua da Quitanda, porque tendo bastante fundo o novo templo era necessario desoccupar o terreno para a edificação da capella-mór e das capellas fundas lateraes. As casas das ruas de S. Pedro e do Sabão, em numero de vinte e duas, foram cortadas para darem espaço á largura do templo; e, como todas ellas são occupadas por armazens de commercio, não perderam o seu valor, notando que, excepto uma, que é terrea, todas as outras são de sobrado de um e dois andares, e produzem actualmente uma renda importante destinada ás obras da igreja.

Segundo o plano da obra todas essas casas serão demolidas depois de concluidas as obras da igreja, não sómente porque foram adquiridas e são conservadas com o fim de serem applicados ás obras os rendimentos respectivos, como tambem porque o plano da obra ainda exige o terreno occupado por ellas para certos augmentos lateraes, e para rodear-se o templo de gradil e jardim.

Houve desejo e projecto tambem de formar-se uma praça em frente á igreja, demolindo-se a quadra que existe entre a rua da Candelaria e a de Primeiro de Março. Porém nos tempos actuaes e para o futuro será empreza difficilima; porque essa quadra é toda occupada por sobrados de dois e tres andares, pertencentes a particulares, e que produzem uma renda avultada aos seus proprietarios em razão de estarem no centro do commercio. Importará em uma somma

enorme a desapropriação d'esses predios em numero de 22; porém, se fôr levado a effeito esse projecto, a nova matriz tornar-se-ha de uma perspectiva importantissima.

Deus queira que se realize esse projecto; e é de esperar que assim aconteça, porque não falta dedicação em favor das obras da matriz de Nossa Senhora da Candelaria.

§ 6.º

Até o anno de 1870, apezar de todos os esforços empregados pela irmandade administradora, apezar da habilidade dos seus engenheiros, das grandes sommas despendidas nas obras e do grande numero de obreiros que trabalharam durante tão longo periodo, ainda o templo não chegava á sua conclusão; ao contrario, mais difficil se tornára desde 1860 por ter chegado á parte mais importante da obra. Quero referir-me ao zimborio, que deve corôar a magestosa igreja que depois de concluida bem devia ser a cathedral d'esta rica e populosa côrte do Imperio americano.

No dia 5 de Novembro de 1866 principiou-se a obra do zimborio; porém mesmo assim a difficuldade augmentava pela escolha do risco que se devia adoptar, e pela segurança e solidez que deviam existir, para a sua duração e perfeição.

Muitos engenheiros foram ouvidos e apresentaram seus planos e riscos para esta obra, e no anno de 1870, apezar de já ter-se principiado a collocar as fieiras de pedras que deviam formar o tambor, ou base do zimborio, foram ainda ouvidos os principaes engenheiros d'esta côrte sobre o risco que afinal devia-se adoptar, e cada um d'elles expendeu largamente suas idéas e opiniões, robustecendo-as com os planos executados nas obras monumentaes do velho e novo mundo, taes como as bazilicas de S. Pedro, em Roma; Santa Maria das Flôres, em Florença; S. Paulo, em Londres,

e Santa Sophia, em Constantinopla; as igrejas dos Invalidos, Val de Grace e Assumpção, em Paris; S. Marcos e Santa Maria del Salute, em Veneza, e os palacios das exposições de Londres e de New-York; até que resolveu-se executar o plano que acha-se em andamento.

Em Maio de 1865 haviam sido encommendadas as estatuas e a balaustrada de marmore branco de Cintra, que deviam ser collocadas sobre o tambor, na base do zimborio.

No dia 6 de Junho de 1870, 95 depois da collocação da pedra fundamental do templo, em meio de grande jubilo, os administradores da irmandade do SS. Sacramento, acompanhados do vigario da freguezia e de muitas pessoas, viram subir a primeira estatua, representando o evangelista S. Matheus, e ser collocada no pedestal de um dos octogonos da base do zimborio; no dia 11 foi posta em outro octogono a segunda estatua, representando a Religião; no dia 16 assentou-se a terceira, representando o evangelista S. Marcos; no dia 19 foi collocada a quarta, representando a Caridade; no dia 24 pôz-se em seu lugar a quinta, representando S. João Evangelista; no dia 29 subiu a sexta, representando a Fé; no dia 4 de Julho foi collocada a setima, representando o evangelista S. Lucas, e no dia 9 subiu a oitava e ultima, representando a Esperança. Estas estatuas estão postas em cada uma das saliencias octogonaes, e são de altura de 22 palmos cada uma. Deve-se notar que n'esse ponto rodêa a base do zimborio a balaustrada de marmore com as respectivas peanhas para as estatuas, e formando uma varanda interior para andar-se livremente e com segurança.

Cabe aqui fazer menção da expontaneidade com que S. M. o Imperador dignou-se honrar com sua presença a todos os que empenham-se pela conclusão d'este magestoso templo, comparecendo no dia 9 de Julho de 1870 ao acto da ascen-

são da ultima estatua; e para maior gloria dos administradores, devendo-se pôr debaixo da referida estatua o auto da sua collocação assignado pelas pessoas presentes; como se fizéra em todas as outras, Sua Magestade dignou-se tambem assignar o referido auto que foi depositado sob a estatua da Esperança, que se acha na base do zimborio da matriz de Nossa Senhora da Candelaria.

§ 7.°

Eu quizéra agora dar uma descripção exacta do magestoso templo de Nossa Senhora da Candelaria; porém não cabe essa tarefa nas raias dos meus conhecimentos, porque sómente os profissionaes pódem com verdade fallar d'aquillo que a elles é commettido.

Não sigo a opinião d'aquelles que, por terem algumas pretenções a scientificos, julgam-se habilitados a tratar de todos os ramos de conhecimentos humanos quando mesmo não pódem julgar do que lhes cahe sob os olhos pela pratica do mundo. Entretanto digo quanto posso pelo que vejo e pódem vêr todos os que visitarem esta matriz.

Da porta principal do templo ao fundo da capella-mór tem a igreja de Nossa Senhora da Candelaria $88^{m},56$ sobre $54^{m},12$ de largura.

Metade do comprimento formará o corpo da igreja, e é esta parte em que funcciona-se actualmente; e na outra metade estão o arco cruzeiro e a referida capella-mór.

O arco cruzeiro, ou melhor, o ponto principal do templo, sobre o qual eleva-se o zimborio, na parte inferior, fórma um quadrado com $15^{m},9$ em cada lado, e do pavimento até a base do zimborio mede 22 metros de altura.

A parte que actualmente funcciona compõe-se de seis

altares lateraes e dois pulpitos collocados em symetria, e no fundo acha-se o altar-mór provisorio.

O estylo architectonico da parte do templo, que actualmente funcciona, é o coryntio de Vignolle; porém o que existe é tão simples que nada tem de bello nem elegante, e é até desagradavel.

Sou, porém, levado a crêr que a ornamentação actual interior não persistirá depois de concluidas as obras, porque não está em relação á magestade d'este templo; posso apenas notar como dignos de menção o côro e o tecto ultimamente feito de alvenaria com toda solidez e segurança, do qual pendem correntes de ferro que sustentam os lustres, e são suspensas por manivelas de guindastes para isso collocados entre o tecto e a coberta do templo.

Como fiz notar, o altar-mór actual acha-se no meio do templo. O que segue d'ahi está em osso.

Além dos altares lateraes, de que já fallei, existem mais tres capellas fundas, cada uma d'ellas com $5^m,28$ de largura, que são a capella-mór e duas lateraes. Quando concluirem-se as obras, este templo formará uma cruz perfeita.

As torres têm $64^m,68$ de altura, distribuidas pela maneira seguinte:

1° corpo até a cornija.....	$13^m,20$
Corpo superior até a cimalha real ..	$12^m,10$
1° corpo das torres.....	11^m
Embasamento	$4^m,40$
2° corpo e coruchéo	$23^m,98$
	$64^m,68$

O zimborio depois de concluido excederá ás torres $9^m,9$.

Na obra do zimborio serão empregadas 1,500 pedras de

marmore branco de Cintra, das quaes n'esta data já se acham collocadas 680 e faltam 820 (14).

A solidez com que acham-se feitas as grossas paredes, e as grandes pedras da base do tambor, sobre o qual descansa o zimborio, dão-nos a certeza da sua durabilidade e segurança.

Devo ainda notar que, com toda a arte foram levantadas escadas interiores, que, partindo do solo, vão até o zimborio sem perturbar a belleza e a solidez da obra, porque do solo até o tambor a obra é feita de pedra, cimento e cal do reino; o tambor exteriormente é todo de cantaria, além das grossas paredes interiores feitas de alvenaria, medindo as paredes desde a superficie uma largura de 16 palmos, termo médio; e as pedras do zimborio estão de tal maneira ligadas, que depois de concluida a obra só a fogo poderão ser arrancadas.

Essas escadas interiores de que fallei dão subida até a base do tambor, onde uma especie de corredor contorna todo o referido tambor, além das arcadas que deitam para a coberta do templo, onde póde-se passeiar com segurança. D'ahi continuam as escadas até a balaustrada, onde estão as estatuas, e que é a base do zimborio. Ainda continuam as escadas até a parte mais elevada do mesmo zimborio.

De sorte que, concluida a obra, poder-se-ha livremente e com segurança subir á parte mais elevada d'este monumento e primor de arte.

A fachada principal é toda de cantaria; o seu estylo predominante é o barroco; a parte central mais saliente, e que constitue o corpo da igreja, apresenta tres portas no plano inferior e tres janellas no superior; entre o corpo central e as torres ha um segundo corpo, que apresenta uma janella no plano inferior e um mesanino no superior.

(14) 26 de Novembro de 1875.

Nada mais posso dizer sobre a construcção d'este templo.

As obras vão muito adiantadas, e devemos esperar que, concluido o zimborio, concluir-se-ha o templo rapidamente, porque, apezar de todas as difficuldades encontradas nos primeiros tempos para a sua realização, hoje a irmandade administradora possue grande patrimonio, em sua maior parte adquirido para esse fim, que produz uma receita extraordinaria, que é quasi toda empregada na referida obra.

Além d'isso as administrações da irmandade capricham no bom andamento d'esta obra collossal, que será talvez muito breve um monumento digno da côrte e do Imperio.

§ 8.°

Para concluir devia eu apresentar detalhadamente as sommas despendidas n'esta obra durante o longo periodo de um seculo ; porém é isso nova difficuldade para o autor d'esta memoria.

Entretanto posso affirmar, pelos dados que obtive, que de 6 de Junho de 1775 a 30 de Setembro de 1875 gastou-se n'esta obra a enorme somma de 1.762:742$158, a saber :

Até 30 de Setembro de	1869	1,526:058$190
»	1870	8:525$370
»	1871	10:537$910
»	1872	14:252$990
»	1873	84:012$405
»	1874	59:488$490
»	1875	59:866$803
	Total	1,762:742$158

Notemos, porém, que esta cifra está muito áquem da realidade; porque nos primeiros tempos muitas pessoas trabalhavam por devoção um certo numero de dias, e os salarios a que tinham direito não figuravam nas despezas, visto que não os recebiam; quasi toda a cantaria foi tirada da pedreira da Candelaria, que pertencia a esta igreja matriz, e que só nos ultimos tempos é que foi alienada; grandes porções de outros materiaes foram offerecidos por esmola para as obras, e nada d'isso figurava nas contas, quer da receita, quer da despeza; accresce ainda que a escripturação d'esses tempos não era regular, como seria para desejar: portanto não receio dizer que nas obras da matriz de Nossa Senhora da Candelaria, desde 1775 á 1875, tem-se gasto quantia superior a dois mil contos de réis, não fallando ainda na differença dos jornaes e vencimentos dos empregados e operarios, que n'aquelles bons tempos eram diminutissimos em relação ao que actualmente se paga; não fallando tambem na differença do padrão monetario e respectivo cambio desde aquelles tempos até os nossos dias.

§ 9.º

Não devo finalisar esta memoria sem tratar, ainda que perfunctoriamente, de uma questão que convém ser tomada em consideração, e tem entretanto passado desapercebida.

Refiro-me á questão de propriedade, isto é, a quem pertence o direito de propriedade sobre esta igreja matriz.

Como vimos em outros pontos d'esta memoria, a primitiva ermida foi edificada por particulares, isto é, por Antonio Martins de Palma e sua mulher Leonor Gonçalves, que compraram o terreno em que edificaram-n'a, em a varzea da nascente cidade, e ahi cumpriram o voto que haviam feito sob os horrores da tempestade.

Estendendo-se a população do morro do Castello para a referida varzea, e, tornando-se trabalhoso o serviço espiritual de uma só parochia para esse povo que crescia e espalhava-se, o governo da metropole e o prelado diocesano attenderam ás necessidades do referido povo creando em 1634 segunda freguezia n'essa ermida dedicada a Nossa Senhora da Candelaria, edificada na varzea; pelo que os fundadores e proprietarios em 1639 fizeram d'ella doação á Santa Casa da Misericordia, como se vê da escriptura lançada á fl. 7 do liv. 3° de termos d'esta matriz, extrahida do liv. 1° de tombo da Santa Casa da Misericordia á fl. 7 v.; mas, tomando posse da nova parochia e entrando em exercicio o primeiro vigario collado d'esta freguezia, padre João Manoel de Mello, grande luta sustentou a administração da Misericordia com esse vigario até 25 de Setembro de 1651, em que fizeram um accordo, reconhecendo-se o direito de propriedade d'este e seus successores sobre esta igreja matriz, e fazendo elle algumas concessões á administração da Misericordia, que consistiram em ceder-lhe um deposito para tumbas, algumas sepulturas no adro da igreja e uma chave da porta principal, ficando o vigario senhor e possuidor do templo e suas dependencias, como se vê da escriptura registrada á fl. 6 do liv. 3° dos termos d'esta matriz.

N'esse tempo ainda não existia n'esta matriz a irmandade do SS. Sacramento, e apenas a referida escriptura de 1651 refere-se á confraria de Nossa Senhora da Candelaria, que já festejava a sua padroeira no dia 2 de Fevereiro.

A primeira vez que mencionou-se a irmandade do SS. Sacramento, como existente n'esta matriz, foi na resolução de 11 de Novembro de 1710, que se acha registrada a fl. 8 do liv. 3° dos termos d'esta matriz, em que a Santa Casa da Misericordia concedeu-lhe licença para fazer uma

escada para o côro e torre da igreja nos chãos pertencentes á referida Santa Casa.

Na fl. 1 do mesmo liv. 3º encontra-se a resolução da mesa do SS. Sacramento para edificar-se a nova igreja, que ainda vemos em construcção, em substituição á segunda. Notemos que até essa data nem uma só vez ao menos deu-se a entender que a irmandade do SS. Sacramento era proprietaria tanto da primeira, como da segunda igrejas que serviram de matriz. E como tivemos occasião de vêr em outro artigo esta irmandade só teve approvação e existencia legal em 1699.

A resolução para a edificação d'este novo templo foi tomada em mesa conjuncta da irmandade do SS. Sacramento aos tres dias do mez de Junho de 1775, presidida pelo bispo diocesano D. José Joaquim Justiniano Castello-Branco, que tambem era o provedor da irmandade, com assistencia do vigario collado João Pereira de Araujo e Azevedo, e do vigario encommendado Sebastião Rodrigues Ayres, que tomavam parte activa e directa nos negocios da freguezia e da irmandade do SS. Sacramento.

N'essa resolução bem claramente se reconhece o direito do vigario da freguezia sobre a referida matriz, porque *recommenda-se á irmandade que tome sobre a sua administração o trabalho da edificação e ao vigario que concorra tambem com a sua administração*, e ainda mais determinou-se positivamente, que na capella-mór se fizessem sómente cinco carneiros para jazigos, sendo um para os bispos que quizessem ahi ser sepultados, um para os vigarios d'esta parochia, um para os provedores da irmandade do SS. Sacramento, um para os descendentes dos primeiros fundadores, e o ultimo para alguma pessoa distincta a quem os vigarios quizessem dar. Parece, pois, que não póde soffrer a menor duvida o direito que até essa

data conservaram os vigarios, e que ainda foi consagrado n'essa resolução.

No dia 27 de Setembro de 1775 ainda a irmandade do SS. Sacramento, em sessão de mesa ordinaria, presidida pelo bispo diocesano e com assistencia do vigario Sebastião Rodrigues Ayres, resolveu edificar uma casa particular para as tumbas da misericordia, como se vê á fl. 4 do mesmo liv. 3° dos termos d'esta matriz. N'este termo perfeitamente se vê que o vigario exercia parte activa na administração de sua igreja.

No dia 15 de Outubro de 1808 o vigario Luiz Mendes de Vasconcellos Pinto e Menezes cedeu perpetuamente por si e seus successores á irmandade do SS. Sacramento a administração dos bens da fabrica d'esta matriz, como se vê á fl. 182 do liv. 144 do cartorio do tabellião Castro; mas comprehende-se que esse acto do vigario foi evidentemente nullo, porque elle não podia obrigar a seus successores o esbulho de um direito adquirido desde os primitivos tempos; e notemos que n'essa escriptura foram estipuladas varias obrigações da irmandade em consequencia da aceitação dos referidos bens, ficando para as obras da nova igreja o excedente das despezas que se fizesse com o culto; porém ainda assim nem uma só vez ao menos se disse que a propriedade da nova igreja ficaria pertencendo á irmandade, e sómente fallou-se em administração. Notemos ainda, que em 1808 as obras da nova igreja já estavam muito adiantadas tanto que tres annos depois foi franqueada ao culto publico, depois de estar decentemente preparada a parte prompta do novo templo.

Como já notei, a irmandade do SS. Sacramento no seculo passado tinha pequeno patrimonio, e no principio do actual era tão insignificante que não merecia menção.

A' piedade dos fieis é que se deve o grande patrimonio

que hoje possue, adquirido em sua maior parte para auxilio das obras do novo templo.

Ora, se a primeira e a segunda igrejas que serviram de matriz estiveram sob o pleno dominio do vigario da freguezia, e a terceira, que ainda se acha em edificação, foi fundada para substituir a segunda, que se achava em ruinas, notando-se que esta ultima occupa o mesmo terreno das duas primeiras ; se o patrimonio actual da irmandade do SS. Sacramento foi adquirido com o fim principal das obras da matriz ; se esta igreja foi fundada pelo bispo diocesano, acompanhado dos vigarios da freguezia, que chamaram em seu auxilio a devoção d'essa irmandade ; se apenas foi cedida á referida irmandade a administração dos bens e das obras; se foi recommendado especialmente que o vigario *concorresse* com a sua administração nas obras da nova igreja : parece claro que não se póde invocar essas concessões e favores para provar um direito que não esteve na mente dos fundadores conceder, tanto mais que, sendo o bispo da diocese provedor e protector da irmandade, não havia de querer e nem podia esbulhar os seus delegados, vigarios d'esta freguezia, de um direito adquirido ha tres seculos, e nem tambem estes concorreriam com suas presenças e assignaturas para um esbulho de seu dominio adquirido, e consagrado pelo tempo e pelas leis em vigor, e que deviam passar intactos aos seus successores.

Além d'isso, por decreto n. 2327 de 30 de Julho de 1873, o poder legislativo concedeu 40 loterias, que devem produzir a somma liquida de 399:600$ em beneficio das obras d'esta matriz, e no corrente anno (1875) o ministro da fazenda concedeu tambem isenção de direitos ao material importado da Europa para as mesmas obras.

Ora, é claro que, se a igreja matriz não fosse de serven-

tia publica; se a irmandade do SS. Sacramento fosse exclusiva proprietaria da igreja, nem os poderes publicos fariam esses favores, nem a irmandade era digna d'elles, porque possue um grande patrimonio.

Convém ainda attender á expressão de direito. Proprietario é todo aquelle que é possuidor da cousa e póde dispôr d'ella como fôr do seu agrado. Isso não acontece com o administrador, que zela a propriedade que lhe é entregue, conserva-a, applica as suas rendas a certo fim determinado e presta contas, a quem compete por direito, de todos os os actos relativos á propriedade que administra. Eis o que succede com a irmandade do SS. Sacramento administradora da igreja matriz de Nossa Senhora da Candelaria.

Ainda resta uma consideração, e é que a igreja matriz é de serventia publica, razão pela qual não soffre a condição de propriedade de quem quer que seja. Se ha proprietario deve ser o Estado; porém nem mesmo a este eu considero proprietario, porque, apezar de superintender a todos os negocios da nação, não póde chegar ao dominio exclusivo de um templo fundado com os auxilios do povo, e destinado ao mesmo povo para ahi render seu culto ao Supremo Senhor de todas as cousas.

Nego o direito de propriedade, tanto d'esta, como de qualquer outra irmandade sobre a igreja destinada ao culto publico, porque as irmandades não podem ser mais do que administradoras. Não pretendo o direito de propriedade exclusivo para o vigario, porque entendo que elle deve ser, como é, o zelador do culto e de tudo quanto lhe disser respeito; mas não posso consentir que o vigario seja hospede e receba obsequios em sua igreja matriz.

A igreja matriz é um templo dedicado ao culto publico; e tanto basta para excluir toda a idéa de propriedade de quem quer que seja.

Não se pense, porém, que hostiliso á irmandade do SS. Sacramento nem que pretendo negar os importantes serviços por ella prestados na edificação d'este templo. O que pretendo apenas é tornar bem saliente que a irmandade do SS. Sacramento d'esta matriz é administradora dos bens que lhe foram legados para as obras d'esta igreja, é administradora das obras e do patrimonio da matriz; mas por isso não póde ser considerada proprietaria do templo, nem o vigario póde ser considerado méro hospede n'uma igreja que lhe foi entregue desde os primitivos tempos, para cuja edificação elle tem concorrido, além de ser o encarregado de apascentar a porção da vinha do Senhor que lhe foi entregue. E todos sabem que para o exercicio pleno das funcções parochiaes não se póde viver na dependencia de irmandades que foram creadas para auxiliarem os parochos, e não para estorva-los.

Conclusão

Eis-me, pois, chegado á conclusão d'esta memoria que para alguns de vós pareceu enfadonha.

O historiador consciencioso não póde deixar de tocar em todos os pontos relativos ao estudo a que se propõe, porque deve occupar-se não sómente das cousas dignas de louvor, mas tambem d'aquellas que merecem reparo.

S. M. o Imperador, em 1874, dignou-se recommendar-me que escrevesse uma memoria, para lêr n'este Instituto, sobre a matriz de Nossa Senhora da Candelaria, da qual sou humilde vigario. Hesitei, por conhecer que as minhas forças não me permittiam cumprir essa ordem tão honrosa com aquella maestria digna de outras pennas sublimes, que ornam esta illustrada corporação. Vi mais que o tempo actual não consente que se diga a verdade tal

qual ella é, e deve ser conhecida; e, além d'isso, não disponho das flôres de eloquencia, dos vôos de imaginação, da robustez de raciocinio, dos conhecimentos historicos e da belleza de exposição, de que outros meus collegas tão brilhantemente fazem uso.

Entretanto aceitei a honra; fiz quanto pude; e tenho convicção de que não offendi a verdade, e disse sómente aquillo que muitos ignoravam, porém que todos devem saber.

Entregando agora á luz da publicidade este meu tosco trabalho, assumo a responsabilidade do que escrevi, e peço aos meus dignos consocios, que estudem e façam melhor do que eu fiz; porque a matriz de Nossa Senhora da Candelaria d'esta côrte não muito longe será um monumento digno de estudo e de apreço.

Feci quæ potui, non ut volui, sed ut me augustiæ temporis coegerunt. (Ovidio).

Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1875.

Manoel da Costa Honorato.

HISTORIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO

E

FEITOS MEMORAVEIS DO MESTRE DE CAMPO

JOÃO FERNANDES VIEIRA

Heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra

POR

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

(*Continuada da pag.* 336 *do tomo XXXVIII, parte primeira*)

CAPITULO XIV

COMO OS HOLLANDEZES SITIARAM A FORÇA DO ARRAYAL E A DE NAZARETH, QUE GANHARAM, E DAS TYRANNIAS QUE USARAM COM OS QUE ESTAVAM NO CERCO, E DE COMO O CONDE DE BAGNUOLO SE RETIROU PARA ALAGÔA.

Em 3 de Março de 1635 vieram marchando os hollandezes que tinham occupado a povoação de S. Lourenço, por ser retirada a nossa infantaria, em demanda da varzea de Capibaribe, para pôrem em cerco a força do Arrayal. Vinha por governador das armas, como temos dito, o coronel Christovão Artichofsky, e Jacob Stachouwer e Gervasio Carpentier, que eram dos do supremo conselho, e chegados man-

daram tomar os caminhos do Arrayal, e mataram alguns homens que encontraram, que para a força se retiravam com suas armas, não deixando passar nenhum mantimento, pondo-a em estreito cerco. Estava, como dissemos, por governador André Marim e os vereadores que serviam aquelle anno dentro da força, e outra muita gente e moradores com suas mulheres, filhos e escravos, e moveis; porém mandou-se pôr fóra d'ella alguma gente inutil por não comerem os mantimentos de que estava provida para muitos dias, fazendo-se dentro farinha de muitas roças circumvizinhas, e se metteu dentro muita carne e recolheram junto á força todo quanto gado poderam haver pela varzea, e os moradores que dentro ficaram com suas mulheres recolheram quanto mais poderam de sustento. Mandou André Marim fazer grandes cavas para estarem as mulheres e gente que não era de peleja, separadas da artilharia do inimigo, e uma trincheira alterosa em que todos trabalharam para se defenderem da artilharia que o inimigo assentou em um outeiro, que ficava como superior e padrasto á nossa força, e não ficasse descortinada, e fez outras prevenções, repartindo os postos pelos capitães e soldados que na força assistiam, e ordenou outras cousas necessarias, que, como vou compendiando esta historia, deixo de tratar d'ellas e outros particulares que n'este cerco succederam. Logo no principio, indo muitos flamengos de corrida após de umas vaccas pelas ruas das fraldas do Arrayal, lhes sahiram os capitães Antonio André e Henrique Dias, e outros que andavam de fóra com gente volante, e lhes mataram sete e feriram muitos; n'esta occasião se achou João Fernandes Vieira, sendo cabo de vinte e cinco mancebos da terra, procedendo com grande satisfação em a dita pendencia, sendo de idade de vinte e dois annos.

Fez o inimigo suas baterias assentando peças de bater

em um outeiro, onde principiou o conde de Bagnuolo um reducto d'onde se descortinava a força, e por isso foi de effeito a trincheira que n'ella se fez, como temos dito; outras peças de bater assentou nas casas de Jeronymo Paes e outros postos em frente do Arrayal, e plantaram alguns morteiros para deitarem na força granadas, e outros artificios de fogo para atemorisar e fazer damno.

A 23 de Março sahiu gente do nosso arraial e teve uma grande pendencia com o inimigo, matando a muitos d'ellos, e tomando-lhe farinha e munições, e em dia de Ramos houve outra em que morreram muitos dos inimigos, e quasi todos os dias se pendenciava com muito valor e esforço, e quando faziam as trincheiras para pôrem as baterias lhes matavam os nossos muita gente, e em uma pendencia um soldado particular dos nossos aprisionou o Artichofsky, pegando-lhe pelas redeas do cavallo e levando-o comsigo; porém descuidando-se elle, feriu ao soldado com a insignia, que era um martello de ponta aguda, e escapou das suas mãos ao mais correr do cavallo, exemplo que nos mostra que não fiemos de boas palavras do inimigo rendido e prisioneiro, nem o deixemos ficar com suas armas; antes com muito cuidado, pondo-o a bom recato, não haver nenhum descuido.

Deitaram alguns trabucos á força, que se apagaram e não fizeram damno de consideração, porque tanto que cahia a granada e começava a arder, antes que rebentasse, lhe punham em cima couros molhados em agua com que as apagavam.

A 18 e 19 de Abril plantou o inimigo artilharia grossa contra a força, e disparando-a nos mataram alguma gente e feriram outra, e continuando com a bateria sem descansar nem os nossos de lhe fazer muito damno com a artilharia, e mosquetaria das plataformas e trincheiras do Arrayal, prin-

cipalmente quando por algumas vezes quizeram escalar a força, enchendo com faxina uma das cavas; mas receberam muita perda de gente que lhe mataram com a mosquetaria, e deitando sobre elles páos e traves, e outros materiaes, com que a seu pezar se retiraram á suas estancias com muitos mortos e feridos. Em todo o tempo do cerco houve muitas pendencias, com muitos mortos e outros feitos em armas, casos notaveis, successos admiraveis que o historiador d'estas guerras poderá ir mais extensamente relatando.

Em resolução chegaram os cercados a padecer gravissima fome, por o inimigo ter tomado todos os caminhos e estarem dentro da força cousa de novecentas pessoas, entre soldados e moradores, com suas familias e escravos, tres mezes e doze dias, e chegaram a comer treze cavallos, couros de bois e outras sevandilhas; e muitos soldados sahiam a buscar umas hervas como beldroegas, que havia em uns alagadiços, para se sustentarem, e sempre se defenderam valorosamente, e inda houvéra o mantimento de durar um mez se não se enchêra a farinha que tinham com terra, que com o abalo das balas das peças cahia n'ella, e comtudo a joeiravam para comer. Vendo, pois, que a cabo d'este tempo lhes não chegava o soccorro que havia promettido Mathias de Albuquerque, e tendo já comido quasi quanto havia, e sabendo estar o inimigo senhor da campanha e freguezias circumvizinhas, trataram de entregar a força, e havendo embaixadas de parte á parte mandou o governador André Marim aos capitães João de Campos Gamboa e Luiz de Avellar Souto, com o coronel Pedro da Cunha de Andrade, a tratar os concertos com os hollandezes, que depois de fazerem os partidos á infantaria, querendo-se tratar os partidos dos moradores que estavam dentro na força, responderam o Sigismundo, general da

guerra, e Guilherme Schotte (que de Nazareth haviam vindo a assistir aos partidos) e o coronel Christovão Artichofsky, que era oque no cerco governava as armas, e Jacob Stachouwer e Gervasio Carpentier, que eram dos do supremo conselho, tratando-lhe os dois capitães e o coronel nos homens nobres, e mais moradores que na força estavam, que não era necessario tratar nos moradores, porque elles lhes promettiam e davam palavra de usarem com elles muita clemencia e piedade ; que se até aquelle tempo foram vassallos de el-rei de Hespanha, que d'alli por diante o ficavam sendo seus e que como taes os estimariam, que nenhuma razão havia para lhes fazerem aggravo algum, que a boa guerra faria a boa paz.

Com estas razões não trataram mais de concertos os dois capitães e coronel dos moradores, fiando-se que pelos adquirirem a sua amizade os tratariam com muita benignidade ; mas não ha que fiar em palavras de inimigos : sempre se hão de concluir e fechar semelhantes negocios com muita prudencia e cautela, posto que de um ou outro modo sempre fique á descripção do inimigo vencedor fazer o que lhe pareça.

Depois de estarem senhores da força que se lhes entregou a 10 de Junho do anno de 1635, sahiu André Marim com toda a infantaria, com suas armas, caminho do Arrecife, para lhe darem embarcações para Indias, deixando dois capitães em refens de se não alevantarem no mar ; e querendo os moradores sahir da força do Arrayal para sahirem para suas casas, mandaram os generaes e os do conselho que fossem todos passados á espada e outros enforcados, dizendo serem traidores ao principe de Orange, como que se tivessem elles aceitado seus passaportes ou como se consistisse a traição em serem leaes a seu rei ; depois de muitas petições e exclamações dos moradores, prenderam ao co-

ronel Pedro da Cunha de Andrade, homem principal, e o quizeram tratear, e por prometter, como pagou cinco mil cruzados, deixaram de executar tão barbaro rigor. Prenderam Antonio de Freitas da Silva, ao qual tratearam de tal sorte que o desconjuntaram, dizendo-lhe que o castigavam d'aquella maneira porque ajudára a sustentar a guerra (como se não fosse tão justa e em serviço de seu rei, e bastava quando assim não fôra ser a defesa natural e permittida pela lei divina e humana); comprou a vida por dois mil e quinquentos cruzados; execranda maldade e peior que na Barbaria, d'onde resgatando-se os escravos se não faz aggravo á pessoa; finalmente, todos os que na força ficaram compraram com dinheiro as vidas, uns a cem cruzados, outros a duzentos, outros subindo mais; houve homem que a comprou por quatro mil cruzados e cinco mil, como dissemos de Pedro da Cunha de Andrade, e n'este cerco se resgatou tambem João Fernandes Vieira com dois moços seus, e d'esta sorte com esta tyrannia nunca vista ajuntaram vinte e oito mil cruzados, e davam por desculpa que os da companhia haviam gastado muito dinheiro n'aquelle cerco e na campanha, e que o que pediam era por relação do gasto, como se de direito fosse a terra sua, e lhes tivessem os moradores culpa em os sitiarem n'aquella força ou commetteram algum peccado em se defenderem. Ficaram muitos dos moradores empenhados com este dispendio e preadivinhando as tyrannias que com elles se havia de usar pelo tempo em diante; e promettendo-lhes nos concertos usariam com elles de muita clemencia e piedade, considere-se que piedade e clemencia usaram com os pobres cercados, a que tinham roubado por dizerem que por serem seus inimigos se retiraram á força, não querendo ficar com os outros moradores debaixo de seus passaportes.

Rendida a força, fizeram grande festa no Arrecife e em todas suas fortalezas, com muitas surriadas de artilharia e mosquetaria, e o Segismundo se tornou para Nazareth a continuar com o cerco d'aquella força, e deixando gente bastante foi em 9 de Abril com 600 homens e 300 indios, marchando para Serinhaem, aonde estava Mathias de Albuquerque e seu irmão Duarte de Albuquerque, que mandou sahir-lhe ao encontro parte da nossa gente. Houve uma pendencia em que morreu gente de ambas as partes, vindo-se a pelejar á espada; n'este conflicto mataram ao capitão Antonio André, havendo pelejado com grande valor e mortos a muitos com sua espada, e aprisionaram dois capitães nossos, e elles receberam tambem muita perda.

Para que a historia vá por seu fio é necessario tornar atraz alguns passos, porque não se póde escrever tudo junto por não causar confusão ao leitor, e assim se ha de saber que, emquanto durava o cerco da força do Arrayal e de Nazareth pelos hollandezes, mandou Mathias de Albuquerque ao conde de Bagnuolo que com o seu terço de italianos marchasse para a Alagôa (cuja povoação toma o nome assim de uma grande alagôa d'agua, abundante de muito peixe), e que n'ella se fizesse forte emquanto elle ficava em Serinhaem para mandar soccorro ás forças e ordenar outras cousas necessarias; que na Alagôa esperaria até a chegada do soccorro da armada real que por momentos esperava.

N'este tempo despediu o inimigo doze náos suas, onde ia o general do mar Joao Corneliszoon e o Calabar; tomaram posto na Barra Grande, cinco leguas da povoação do Porto do Calvo, onde os moradores tinham feito algumas trincheiras nas bocas dos rios e lugares perigosos; e começando o inimigo a desembarcar sua gente em terra chegou ao Porto do Calvo o conde de Bagnuolo com a sua tropa de ita-

lianos, e com alguns outros soldados castelhanos e poucos portuguezes, entre os quaes vinha o mestre de campo hespanhol D. Fernando de Ribaguero, os quaes iam na derrota da Alagôa; pediram os moradores ao conde, com requerimentos, da parte de el-rei os ajudasse a defender aquella praça, pois alli se achava n'aquella occasião, o que elle fez, e mandou marchar para diante uma esquadra de seus soldados em guarda de sua fazenda, em carros em que a levava; ficou alli aquelle dia, e mandou fazer um reparo de páo a pique e taboas; ao seguinte dia veiu marchando o general hollandez com setecentos homens, e os nossos com o conde os esperavam, e por detraz da igreja lhe deram uns mancebos da terra algumas cargas de arcabuzarias e mataram alguma gente. E D. Fernando com cincoenta homens que tinha se metteu entre o inimigo, animando a gente. O conde de Bagnuolo, que estava a cavallo, acompanhado de alguns moradores d'aquelle districto, vendo a pendencia travada e no maior conflicto, e que o inimigo vinha ganhando terra, se veiu retirando com grande pressa, deixando os que pendenciavam no meio do perigo; o que vendo os soldados, cada qual se foi retirando por entre os matos, e D. Fernando de Ribaguero se metteu por um alagadiço e assim salvou a vida. Foi o conde caminhando para Camaragibe, indo os soldados seguindo cada um por onde melhor pôde, e d'alli se foi para a Alagôa, ficando a gente ao Porto do Calvo mettida pelo mato, mulheres, homens e meninos, com grande temor e desamparo.

Vendo o inimigo que o conde se havia retirado e que a mais gente era fugida, se apoderou de tudo o que achou e mandou chamar os moradores que pelos matos andavam para suas casas e fazendas.

Tornando aos que estavam cercados na força de Nazareth, depois que valorosamente se defenderam, faltando-

lhe o sustento e sahindo fóra da força a buscar farinha, custando muito sangue, até que vendo tomados todos os portos por onde lhe podia entrar algum mantimento, posto que Mathias de Albuquerque sempre lh'o mandava emquanto teve algum caminho e traça para o metter na força; porém como lhes faltou foi-lhes força renderem-se a partido, e assim domingo, o primeiro de Julho de 1635, fez os concertos com o Sigismundo, Pedro Corrêa da Gama e outros. Apoderaram-se os hollandezes da força, sahindo a infantaria com suas armas para se embarcar com os outros soldados do Arrayal. Ficou no Arrecife Pedro Corrêa da Gama por estar muito enfermo, e esteve algum tempo até que se foi quando o capitão Rebellinho veiu a S. Lourenço, como diremos ao diante, com o qual se retirou Luiz Barbalho. Esteve alguns dias até que o embarcaram para Hollanda.

Passados dois ou tres mezes depois de terem ganhado o Arrayal, pelo que poderia succeder o mandaram derrubar e pôr por terra, e inda succedeu um caso notavel, que, cahindo um lanço d'elle, matou alguns flamengos dos que o derrocavam. O mesmo fizeram á força do monte de Nazareth, que com tanto dispendio e trabalho se tinham feito uma e outra força sem ficar alli rasto nem vestigio de sua grandeza.

CAPITULO XV

DE COMO MATHIAS DE ALBUQUERQUE SE RETIROU DE SERINHAEM E NO PORTO DO CALVO TOMOU UM REDUCTO DO INIMIGO

Vendo Mathias de Albuquerque, que estava com seu irmão em Serinhaem, que a força do Arrayal estava rendida e ultimamente a de Nazareth, ajuntou toda a gente da

terra que se quiz retirar em sua companhia, assim homens, como mulheres e meninos, uns em carros, outros a pé, levando-os a todos diante, provendo-os de mantimentos, e elle se partiu, indo na retaguarda com toda a gente de guerra que tinha, marchando para a Alagôa, onde tinha mandado fazer alojamento fortificado pelo conde de Bagnuolo; e passando á vista do Porto do Calvo, sendo um dia antes certificado do poder que o hollandez alli tinha por Sebastião do Souto, mancebo animoso e atrevido, mandou a carriagem por fóra do Porto do Calvo, uma legua em distancia, por uma estrada que atravessa do morro para Camaragibe; elle veiu com a gente de guerra apparecer no outeiro de Amador Alves, e mandou com muito segredo aos capitães Francisco Rebello e Asenso da Silva fazer uma emboscada entre o outeiro e a povoação, e pelo outeiro abaixo mandou cousa de vinte soldados e outros tantos indios do Camarão a fazer algazarra ao inimigo. Estava na povoação com os hollandezes o sargento-mór Ricardo, que por conselho de Sebastião do Souto, que lhe disse que se queria grande pilhagem sahisse a cortar o caminho a Mathias de Albuquerque e que lhes iria mostrando caminho; sahiu do reducto o Souto e se metteu com os nossos, havendo urdido o engano ao Ricardo. A nossa gente, dando a primeira surriada, matou ao inimigo alguns homens de duas companhias que trazia, porque tinha deixado tres na povoação e a Domingos Fernandes Calabar com elles.

Retirou-se o Ricardo para o primeiro reducto e os nossos o seguiram, matando-lhe muita gente á espada, e entraram de mistura com elles no reducto, levando os que n'elle acharam ao fio da espada, tirando o Ricardo, que com doze soldados se retirou, fugindo para a segunda fortificação, onde estava a outra gente com o Calabar.

Como Mathias de Albuquerque viu a primeira fortificação

entrada e escalada, desceu do outeiro com o restante dos soldados, e com as mesmas peças que n'ella achou começou a bater a segunda, e os nossos soldados arremeteram com a palissada, com grande animo, entendendo poder derrubal-a, que não foi possivel por ser muito forte: alli nos mataram dois soldados e feriram cinco.

Tanto que foi noite mandou Mathias de Albuquerque combater o inimigo por todas as partes com a mosquetaria, e o pôz em grande aperto e mandou metter muita lenha debaixo das casas, onde estava o inimigo feito forte, para os abrazar se não se quizessem render, na qual obra nos mataram um capitão e doze soldados. Chegou o dia, e vendo os hollandezes a casa cheia de lenha por baixo, o que não podiam remediar sem sahir fóra das trincheiras, onde se perdiam de remate, e que por outra parte as peças estavam disparando e lhes iam derrubando as casas pouco a pouco (supposto que o Calabar contradisse muito esta resolução), o sargento-mór Ricardo chamou com um panno branco de que se queria entregar a partido; acudiu logo o nosso sargento-mór Martim Ferreira a saber o que queriam, e havendo petições e replicas lhes concedeu Mathias de Albuquerque o que o sargento-mór Ricardo e os mais officiaes sahiriam com suas insignias militares, e os mais soldados com suas armas, mas que o Calabar ficaria preso até a mercê de el-rei.

Aceitaram os hollandezes o partido, e sahiu o Ricardo e os mais, ficando o Calabar preso sem que os hollandezes fizessem muita força por lhe libertar a vida nos concertos que trataram antes de se renderem (que este é o pago que elles costumam dar aos que n'elles se fiam, que se servem d'elles emquanto os hão mister, e no tempo da necessidade e tribulação os deixam desamparados e entregues á morte). Tambem prenderam um Manoel de Crasto, que lhes servia

de almoxarife, que mandou o auditor-geral enforcar, e assim condemnou a ser enforcado e feito quartos o Calabar por traidor á sua patria e rei, o que se executou; feitas estas cousas mandou Mathias de Albuquerque carregar em carros as peças que alli se acharam e as foram esconder a um rio para seu tempo, e marchou com toda a gente de guerra para a Alagôa; com elles se foram tambem alguns moradores d'aquella terra. Esteve a povoação despovoada tres dias, no ultimo dos quaes chegou a ella o general hollandez Sigismundo von Schkoppe, com todo o peso do seu exercito e com patachos, pelo rio acima, e, vendo pendurados dos páos da trincheira os quartos do Calabar e a cabeça espetada em um páo, se encheu de tanta ira e colera, que mandou deitar bando que todos os portuguezes, que fossem achados n'aquelle districto, morressem a ferro e fogo (que sempre nos tristes moradores executavam a furia e colera que tinham contra quem lhes fazia a guerra, e elles haviam de pagar o damno que outrem fazia ao inimigo), e para isto mandou repartir seus soldados em muitas troças para darem execução a seu edital. Sabendo os moradores que andavam desgarrados pelos matos a nova do rigoroso edital do Sigismundo, acudiram os mais á casa do padre Fr. Manoel do Salvador, religioso da ordem de S. Paulo, primeiro ermitão; com muitas lagrimas lhe pediram os remediasse n'aquella oppressão, o qual, obrigado com ellas, sem saber o risco que corria, foi á povoação onde estava o Sigismundo e general do mar João Corneliszoon, o qual fallava a lingua portugueza, e o mestre de campo Christovão Artichofsky, que fallava bem latim; tanto que o padre chegou junto ao rio Manguaba o prenderam as sentinellas do inimigo, e o levaram onde estavam estas tres cabeças, que o receberam com irados semblantes, e o padre lhes fez uma pratica e por fim lhes disse: Que culpa têm os subditos do

que faz o rei e o senhor que os governa? Se Mathias de Albuquerque faz a VV. SS. aggravos, gente de guerra tem para tomarem d'elle vingança, e não nos moradores, que não têm nenhuma culpa, e, se quizeram, tempo tinham para se aprestarem para ir com elle, como muitos foram. Finalmente, com estas e outras replicas que houve perdoaram aos moradores, e mandaram que tornassem para suas casas.

Havendo-se os governadores hollandezes detido na povoação doze dias, deixando n'ella duzentos soldados de guarnição, se partiram com toda a infantaria por mar e por terra, dizendo que iám em seguimento de Mathias de Albuquerque, e chegaram á Parapocina (que é um sitio na praia, entre o rio de Santo Antonio Grande e a Alagôa), fabricaram uma grandiosa força de terra e faxina, que guarneceram com seiscentos homens e boa artilharia, e, deixando n'ella por governador o mestre de campo Artichofsky, vieram fazer um reducto no rio de Camaragibe, aonde chamam o Passo, onde ficou Jacob Stachouwer com cento e vinte soldados, com o que tomaram todos os caminhos, assim por a praia do mar, como por o sertão, por os quaes se podia ir e vir á Alagôa, inda que os nossos soldados abriram outro pelo mato.

Isto feito se partiu o governador das armas Sigismundo e o general do mar para o Arrecife, e se preparar de gente e mantimentos, e dos mais petrechos da guerra, para irem a buscar a Mathias de Albuquerque e desalojal-o do sitio aonde estava.

Tanto que os indios da terra, *Pitiguares*, que vulgarmente chamam caboclos, e os *Tapuias*, inimigos mortaes dos portuguezes, viram as forças do Arrayal e Nazareth rendidas, e retirados o general Mathias de Albuquerque e seu irmão para Alagôa, onde estavam com o conde de Bagnuolo,

esquecidos de que haviam sido criados entre nós e aos peitos da santa madre igreja, com os quaes se trabalhou tantos annos em os doutrinar na santa fé catholica, vivendo elles d'antes como animaes brutos e havendo-os os portuguezes conservado com tanto amor em suas aldêas, livrando-os de serem captivos, logo ao ponto se metteram com os hollandezes, com os quaes sahiam em tropas com suas armas, mostrando-lhes os caminhos que elles não sabiam e esquadrinhando os matos, por entre os quaes muitos moradores estavam escondidos com suas familias, e alli os matavam e roubavam, não perdoando a mulheres nem meninos, e fazendo com todo o genero de mulheres, assim elles, como os flamengos, outros desaforos. Começaram os moradores a cobrar tanto medo aos indios caboclos, que os temiam mais que aos proprios hollandezes, porque, como eram criados nos matos, não lhes ficava canto que não revolvessem, e bastava dizer qualquer d'elles:—Este acompanhou a Mathias de Albuquerque ou fallou com seus soldados—logo o mandavam matar, o que elles executavam como crueis algozes, e sempre d'alli por diante acompanharam os hollandezes e pelejaram contra nós.

Começaram os hollandezes a entrar pela terra dentro com este favor dos indios, e chegaram ás casas dos moradores, e em suspeitando que teriam dinheiros, ou joias de ouro ou prata, lhes levantavam falsos testemunhos e os accusavam de traidores e lhes davam crueis tormentos, mettendo-lhes os pés em azeite e breu fervendo, e a outros enforcando-os pelos braços ou pelos pés, e a outras mettendo-lhes os dedos nos fechos das carabinas, que obrigados dos tormentos davam o que tinham e promettiam o que não tinham, e a muitos dos moradores enforcaram, degolaram e arcabuzaram sem outra cousa mais de que os roubarem : assim que os malvados e ingratos indios foram a causa, e o principal

instrumento de os hollandezes se apoderarem de toda a capitania de Pernambuco e de a conservarem tanto tempo. Sómente os indios do Camarão e outros alguns foram sempre leaes aos portuguezes, pelejando com elles contra o inimigo, com grande satisfação de todos, como pelo decurso d'esta historia se irá vendo.

CAPITULO XVI

DA CHEGADA E SUCCESSOS DE D. LUIZ DE ROJAS EM PERNAMBUCO E DA BATALHA QUE TEVE COM OS HOLLANDEZES NA MATA REDONDA, E DE COMO DEPOIS DE SUA MORTE LHE SUCCEDEU NO CARGO DE MESTRE DE CAMPO GENERAL O CONDE DE BAGNUOLO, E COMO FEZ A GRANDIOSA FORÇA DO PORTO DO CALVO.

Havendo cinco mezes pouco mais ou menos que Mathias de Albuquerque se tinha alojado na Alagôa, em dia de Santa Catharina, a 25 de Novembro de 1635, appareceu sobre o porto do Arrecife o soccorro que Sua Magestade mandava, de que vinha por mestre de campo general D. Luiz de Rojas e Borja, e por tenente e do conselho de guerra Manoel Dias de Andrade e Alonso Ximenes Almiron. Com a vista d'esta armada ficaram os hollandezes com grande temor e sobresalto, e imaginando que os acommettesse, se prepararam para a defesa; mas, vendo que se faziam os galeões e mais náos na volta do cabo de Santo Agostinho, ficaram mais desassombrados. D. Luiz, tomando falla da terra, soube como o Arrayal e Nazareth eram rendidos, e Mathias e Duarte de Albuquerque com o conde de Bagnuolo estavam na Alagôa, pelo que indo costeando, chegou á Ponta de Geroagã, onde desembarcou e deitou a gente em terra,

que eram dois mil homens entre portuguezes e castelhanos, muitos dos quaes eram bisonhos, e outros praticos e experimentados na guerra, e algumas peças de artilharia e frota, foi navegando para a Bahia, para onde se partiu tambem Mathias de Albuquerque para se embarcar (como embarcou) para o reino de Portugal, conforme ordem que lhe veiu de el-rei.

Tanto que a nova da chegada de D. Luiz de Rojas foi divulgada logo o mestre de campo dos hollandezes Christovão Artichofsky, que estava por governador na força da Parapoeira, com mil e quinhentos homens, temendo, como soldado velho e pratico na guerra, que poderia D. Luiz de Rojas vir marchando para o sertão, senhoreando-se de toda a campanha para lhe impedir os mantimentos e soccorro, mandou, com pena de morte, que todos os moradores do Porto do Calvo dentro em dez dias se retirassem com suas familias e gado para as terras de Serinhaem, cabo de Santo Agostinho, Ipojuca, Muribeca e outras partes. Os moradores se viram em grande aperto e tribulação com este bando, e assim se retiraram alguns; mas os demais, considerando que não podia tardar muitos dias D. Luiz, fizeram casas pelos matos, e alguns mancebos que tinham armas de fogo comecaram a fazer emboscadas e dar nos hollandezes, e lhes mataram por vezes alguns vinte.

Acabado o tempo do edital sahiu Jacob Stachouwer do reducto de Camaragibe, com setenta soldados, correndo as casas pelo districto que chamam a Mata Redonda, e achando a D. Maria da Silva, mulher de Christovão Gomes de Mello, com sua gente de casa em alojamento junto a um mato, mandou queimar a casa (que era de palha, que chamam na lingua dos indios *tugipar*), aonde morreram dois meninos abrazados, e da outra gente escravos e escravas sahiram alguns feridos, e á D. Maria deram duas cutiladas de

que esteve em artigos de morte; mas em vingança os mancebos que andavam com suas armas na campanha mataram sete flamengos que colheram; ajudando e exhortando muito aos moradores a que se defendessem, o padre Fr. Manoel do Salvador, de que atraz fizemos menção, que com elles estava n'este tempo, assim n'esta, como em outras muitas occasiões que se offereceram.

Deteve-se alguns vinte dias D. Luiz de Rojas, aprestando-se para a jornada, esperando que se acabasse de abrir um caminho por entre o mato para vir marchando sem passar pelo pé da força do inimigo, que n'este tempo andava roubando as casas dos moradores do districto do Porto do Calvo do que haviam deixado n'ellas. Mandou diante uma jornada a descobrir campo, o capitão Francisco Rebello, por alcunha o Rebellinho, e Pedro Manoel Pavão.

Chegou o Rebellinho (que assim é nomeado por antonomasia), ao rio Mocaitá, duas leguas em distancia da povoação, e tomanddo por um atalho veiu surdir menos de meia legua e alli se emboscou para saber de noite o que o inimigo fazia. Estava n'este tempo o governador Sigismundo na povoação ordenando o que lhe importava para sahir ao encontro a D. Luiz de Rojas, com outra muita gente que esperava, em companhia do mestre de campo Artichofsky, a que tinha mandado recado á Parapoeira o seu secretario, com seis soldados e dois indios, buscar umas ovelhas que vinha com ellas, acaso se encontrou com D. Francisco de Sousa, que com dez soldados ligeiros se tinha apartado da mais tropa e mettido por entre o mato para que de um alto, sem ser visto, podesse vêr toda a povoação e o que n'ella havia, e de caminho viu vir ao secretario com as ovelhas, e dando sobre elles de subito matou cinco dos hollandezes e tomaram ás mãos vivo o secretario, a que deu quartel. Um hollandez e indio que escaparam foram correndo á po-

voação e contaram o succedido ao Sigismundo, que marchou logo para onde o Rebellinho estava escondido, e chegando a um outeiro o Rebellinho se preparou para a pendencia; mas o Sigismundo, tendo para si que o queriam metter em alguma emboscada e que estava cercado da gente de D. Luiz de Rojas, tornou a voltar para a povoação, d'onde foi apressadamente marchando para a Barra Grande por um atalho occulto e se embarcou nas náos que alli tinha.

Tanto que foi noite o Rebellinho entrou na povoação e se aproveitou do que achou de comer, e esteve aquella noite com as armas na mão e boas vigias; no seguinte dia matou alguns flamengos que vinham em seguimento do Sigismundo, cuidando que estava na povoação. Tambem se achou n'ella muita polvora, chumbo e morrão, que os hollandezes não poderam carregar.

Logo no seguinte dia veiu chegando a nossa gente com D. Luiz de Rojas, mestre de campo general, e os dois tenentes, e do conselho de guerra Manoel Dias de Andrade e Alonso Ximenes Almiron; em a povoação acharam o Rebellinho, que, se se não manifestára alli, sem duvida haviam de tomar o Sigismundo. Sabendo o Artichofsky que D. Luiz tinha passado com sua gente, temendo que o Sigismundo estaria em o porto com seus soldados na povoação por ter pouca gente, partiu da Parapoeira com mil e quinhentos homens, e veiu em seguimento de D. Luiz de Rojas, que, certificado que vinha por Camaragibe, onde tinha posto fogo a tres engenhos e a todas as casas dos moradores d'aquelle districto, e que vinha entrando pelo caminho da Mata Redonda em busca da povoação, logo lhe sahiu ao encontro com mil e trezentos soldados, deixando ao tenente-general Manoel Dias de Andrade com trezentos e cincoenta na povoação, em guarda da polvora, e das mais munições e bastimentos. Partindo D. Luiz com sua gente em busca ao

Artichofsky, foi encontrar com elle, junto da noite, na Mata Redonda, aonde os hollandezes descobridores do campo saltearam a nossa gente de uma emboscada, e mataram ao capitão D. Pedro Marinho e a quatro soldados; mas, revirando os nossos sobre o inimigo com tanto impeto e furor que lhe fizeram virar as costas e lhe mataram cincoenta homens, e muitos deixaram as armas e mochilas cheias de mantimento para escapar da morte com menos embaraço.

Tanto que amaheceu o seguinte dia o nosso exercito se pôz á vista do inimigo pouco mais de tiro de mosquete; mandou D. Luiz de Rojas ao Rebellinho com uma manga de soldados ligeiros por um lado picar o inimigo, o que fez por outro lado o governador Camarão com parte dos indios, e lhe fizeram; damno, e porque o inimigo não se moveu do sitio que tinha tomado, encheu-se D. Luiz de tanto fervor e colera, que gritou aos capitães, dizendo: Não se gaste mais morrão; vamos a elles; invistamos que a victoria é nossa! Tocou-se a investir e se começou de ambas as partes a pelejar valorosamente, com mortos e feridos; soava o clamor e grita; retumbavam aquelles lugares com o som das trombetas e caixas; choviam as balas; tudo andava confuso e baralhado, indo já os hollandezes perdendo alguma terra e os nossos carregando sobre elles; andava D. Luiz de Rojas no meio do nosso esquadrão, animando os soldados e acudindo ao necessario, e pelejando com a cara para o inimigo, parece que invejando a fortuna a famosa victoria que começava a alcançar, eis quando uma bala fementida e infernal veiu d'entre o nosso esquadrão, que dando-lhe pelas costas o passou de parte a parte, cahindo elle em terra, mas logo tornando-se a levantar, dizendo: « Não é nada; adiante, soldados, que o inimigo vai vencido; dêm-me o meu cavallo; » e querendo pôr o pé no estribo para cavalgar logo cahiu estendido em terra, morto, sem se saber o autor de

tão aleivoso tiro. Acudiram-lhe logo algumas pessoas, entre as quaes Henrique Telles de Mello e o padre Fr. Manoel do Salvador, e o retiraram para um mato e cobriram com folhas sêccas por não ser achado. N'este tempo andava a pendencia muito accesa; mas, passando-se palavra que o mestre de campo general era morto, tudo se pôz em desbarato e os soldados se começaram a metter pelos matos, e uns após outros se vieram retirando para a povoação, desamparando o campo, e só o capitão Rebellinho e o Camarão sahiram de dentro do mato (d'onde pelejavam) ao alto do monte, e d'alli com passo vagaroso e ordem se vieram retirando para a povoação, fazendo algumas vezes alto, virando a cara ao inimigo, que não veiu em seu seguimento, antes se deixou ficar no mesmo lugar da batalha, onde tinha duzentos mortos e levou mais de quatrocentos feridos, e se tornou por o mesmo caminho por onde havia vindo para a força da Parapoeira. Dos nossos morreram tambem alguns na pendencia, de que não pude saber o numero, e foram outros feridos.

Veiu o tropel da nossa gente derrotada entrando pela povoação, e alguns com tanto medo que não havia fazêl-os parar, aos quaes sahiu ao encontro Manoel Dias de Andrade, e os fez deter e prover do necessario, e se preparou para sahir ao encontro ao inimigo em um plano ao sahir do mato, onde mandou fazer duas emboscadas, e alli fez ficar toda a gente; entrou na povoação atirando, e o sargento mór Marco Antonio, filho do conde de Bagnuolo, o qual vendo..... se retirou para a Alagôa, levando comsigo a tropa italiana e outros muitos soldados hespanhoes com seus capitães.

No seguinte dia depois da batalha foram por ordem de Manoel Dias de Andrade, Henrique Telles de Mello e o padre Fr. Manoel do Salvador, com negros e uma rède, ao

sitio onde tinham deixado escondido o corpo de D. Luiz de Rojas, e o enterraram uma legua da povoação, junto a um mato e mettido em um caixão, e junto á cova se levantou uma cruz para signal, e aqui ficou sepultado em terra estranha este valoroso varão tão afamado por suas heroicas obras, que, se não fôra morto tão aleivosamente, de seu animo e valor se esperavam grandiosos feitos e sem duvida houvéra de ganhar a campanha ao inimigo. Feitas estas cousas, chamaram a conselho os capitães e se abriram as ordens de el-rei em que acharam vinha em segundo lugar para succeder no cargo um mestre de campo castelhano, que ficou na Alagôa enfermo e morreu no mesmo dia em que foi morto D. Luiz de Rojas, e como em terceiro lugar vinha o conde de Bagnuolo nomeado por mestre de campo general, logo Manoel Dias de Andrade lhe mandou as ordens de el-rei á Alagôa, requerendo-lhe com grandes protestos que logo se partisse para o Porto do Calvo com a infantaria que comsigo tinha. Deteve-se o conde na Alagôa quatro mezes, e n'este meio tempo despediu a seu filho o sargento-maior Marco Antonio para o reino, e Manoel Dias esteve esperando pelo conde no Porto do Calvo, governando a infantaria com muita prudencia e tratando os moradores da terra com muita benignidade. Logo começou a vir chegando alguma infantaria da Alagôa e muitas munições até que no fim de quatro mezes chegou o conde de Bagnuolo com Duarte de Albuquerque Coelho (porque Mathias de Albuquerque, como temos contado, e se tinha ido para o reino), com cuja chegada ficou encorporada toda a nossa infantaria.

N'este meio tempo principiou o conde no Porto do Calvo, no sitio da igreja matriz, em lugar alto e inexpugnavel, uma grandiosa fortaleza, para a qual concorreram todos os moradores com suas pessoas e escravos a trabalhar, a

qual se acabou em tres mezes, e se petrechou com muita e boa artilharia que havia vindo de Portugal com D. Luiz de Rojas, e da Alagôa foi toi trazida por mar ao Porto do Calvo, com que ficou a fortaleza a melhor e mais forte que havia em Pernambuco.

Partiu-se Manoel Dias de Andrade para a povoação de S. Gonçalo de Una, d'esta parte do rio, com trezentos soldados, para impedir que o inimigo não mandasse suas tropas a correr a campanha, e prendesse e matasse alguns moradores que viviam pelo sertão, e junto ao rio, da parte do sul, fez sua trincheira nas paragens por onde o rio se podia passar a vão, e tantó que se soube que elle alli estava se abalaram contra elle o governador das armas hollandezas Sigismundo von Schkoppe. E o mestre de campo Artichofsky, com dois mil homens de guerra e grande copia de indios, chegaram á povoação de S. Gonçalo de Una, e se começaram a sitiar meia legua do posto aonde estava Manoel Dias de Andrade, que logo avisou ao conde e a Duarte de Albuquerque, pedindo-lhes soccorro. O conde lhe mandou logo dezoito mosqueteiros com o ajudante Pedro Marinho de Sá, e após estes setenta arcabuzeiros. Os hollandezes, sabendo o pouco cabedal que Manoel Dias de Andrade tinha, arremetteram de seu sitio ao rio com grande furor para investir á nossa gente, a qual se lhe apresentou e a reprimiu com grande animo, e lhes matou muita quantidade de gente e os fez retirar descompostos, e se recolheram na igreja de S. Gonçalo e junto a ella, em parte segura, distante da nossa gente dois tiros de mosquete pouco mais; e vendo Manoel Dias de Andrade que lhe não chegava o soccorro mandou a todos os moradores d'aquelle districto que se juntassem com suas mulheres e filhos, e escravos e escravas, e gado, detraz de um mato, junto á sua estancia, e mandou-lhes quatro tambores, e que viessem sahindo do

mato dando mostras de si, com páos ás costas, em um descampado que podia ser bem visto pelo inimigo, e que logo viessem marchando para o valle, e isto fizessem tres ou quatro vezes ao som de caixas; e assim se fez como elle ordenou e se ajuntou grande copia de gente.

Vendo o inimigo tão grande tropa que vinha apparecendo no outeiro em tres grandes tur..... pareceu-lhe que todo o peso de nossa gente vinha em soccorro de Manoel Dias, e logo se veiu retirando com muita pressa para Serinhaem, ficando Manoel Dias de Andrade com os seus trezentos soldados, gozando da victoria alcançada pelos merecimentos do glorioso S. Gonçalo, pois foi junto de sua igreja, onde resplandece com muitos milagres, de que elle obrigado e reconhecido lhe foi dar as graças no seguinte dia, e recolheu a imagem do santo que o inimigo havia quebrado, e a tornou a pôr no altar até lhe mandar fazer outra de novo. D'aqui se veiu para o porto do Calvo, d'onde se despediram algumas tropas de soldados ligeiros a correr a campanha o inimigo, os quaes lhe fizeram grande damno, principalmente o capitão Sebastião do Souto, supposto que tambem o fizeram a muitos dos moradores de Pernambuco, adiantando-se a fazer mais do que lhe mandavam seus superiores. Esta foi uma das grandes calamidades que os pobres moradores de Pernambuco receberam, não estando seguros com sua fazenda e moveis, assim dos flamengos, como dos nossos soldados da campanha, que com liberdade de soldados os roubavam e vexavam, dizendo que os haviam de enforcar e estropiar por traidores, com que tiraram dos pobres muita somma de dinheiro e fazendas, dizendo que as tomavam por serem de contrabando; pela qual causa este Souto ficou muito odiado na campanha para com os moradores e outros muitos que não nomêo. Tambem mandaram á campanha o capitão Rebellinho e depois

ao Camarão com seus indios, como nos capitulos que se seguem contaremos, e veiu tambem Henrique Dias com seus crioulos e mulatos, e outros que seria largo progresso o referir a todos, e não faltavam levantados que infestavam a campanha de toda a sorte de gente com que os moradores tiveram grandes trabalhos e tribulações, porque, dando de noite nas casas, roubavam quanto achavam, e depois vindo os flamengos acabavam de esbulhar o que ficava com titulo de dizerem que o morador havia recolhido aos soldados da campanha; outras muitas vexações e molestias padeceram, como se irá por esta historia vendo.

CAPITULO XVII

DA VINDA DO CAPITÃO FRANCISCO REBELLO DO PORTO DO CALVO Á CAMPANHA DE PERNAMBUCO, E COMO FOI DERROTADO PELOS HOLLANDEZES E DAS GRANDES CRUELDADES QUE USARAM COM OS MORADORES.

Viveram os moradores algum, posto que pouco, tempo em quietação, reedificando suas fazendas e vendendo os hollandezes as dos que se retiraram; mas com a vinda da nossa gente á campanha começaram a ter muitos sobresaltos e trabalhos, porque os hollandezes lhes começavam a levantar muitos testemunhos falsos, dizendo que davam favor e bastimentos aos que andavam pela campanha, e quando não achavam os soldados, havendo dado em algumas partes, os moradores o pagaram, roubando-lhes quanto tinham, em o mez de Abril de 1636. Mandou o conde de Bagnuolo ao Porto do Calvo o capitão Rebellinho correr a campanha, como tinha feito d'antes o capitão Se-

bastião do Souto, como dito temos, e vindo pelo sertão com cousa de trezentos homens deu no cabo de Santo Agostinho e na povoação da Muribeca, onde matou alguns flamengos e aprisionou a outros, e d'alli foi por Santo Amaro até a povoação de S. Lourenço, onde se situou, e foi aggregando muitos portuguezes com suas armas, e a uns rogando e a outros obrigando, com rigor mandando lançar bandos pelas freguezias sob graves penas que o acompanhassem, e fez a muitos mancebos capitães, e que fizessem soldados, posto que a maior parte da gente da freguezia de S. Lourenço esteve neutral até vêr em que parava o successo. N'esta prendeu alguns trinta flamengos a que deu quartel, e na pendencia que teve, como logo diremos, fugiram de uma ermida em que estavam presos; estes foram principalmente um que chamavam Aquacio os que depois malsinaram os portuguezes que com elle se aggregaram e lhe deram favor, e foram causa de muitas mortes.

Sabendo os flamengos da vinda do Rebellinho e da gente que se lhe ajuntava, e como estava situado na povoação de S. Lourenço sahiu do Arrecife um dos do supremo conselho, que chamavam Jacob Stachouwer, com muita gente de guerra em demanda do Rebellinho. Os nossos estavam em uma trincheira, onde se defenderam com grande animo e valor, fazendo grande damno ao inimigo, matando-lhe muita gente, e havendo-se pelejado largo espaço de tempo de ambas as partes; como o poder do inimigo era grande, foram os nossos derrotados, desgarrando-se muitos e perdendo-se pelos matos, e o Rebellinho se retirou com sua gente, de que alguma ficou morta, levando retirados alguns poucos moradores e outros mancebos por temerem o rigor do flamengo, e se foram pelo sertão para o Porto do Calvo. O Stachouwer, depois que venceu a nossa gente, se tornou para o Arrecife, deixando guarnição de gente de guerra em S. Lou-

renço, e com muita dissimulação aquietou os moradores que não deixaram de receiar algum castigo dos hollandezes por lhes conhecerem sua natureza.

Não se passaram muitos dias, quando a 2 de Maio partiu de Serinhaem o general das armas Sigismundo e o coronel Artichofsky, e Guilherme Schotte com mil soldados e muitissimos indios *Petiguàres* e Tapuías, inimigos mortaes dos portuguezes, e como se elles tivessem culpa de o conde de Bagnuolo mandar á campanha o Rebellinho com sua gente, onde alguns soldados mancebos tomaram as armas e se ajuntaram com elle, obrigados dos vigorosos bandos, porque os moradores estiveram sem nenhum abalo quietos em suas casas, excepto muito poucos que a elle se aggregaram. Veiu matando todos aquelles por cujas fazendas e povoações passou a gente do Rebellinho; começaram em a villa de Serinhaem inventando novos generos de tormentos, que se não contentavam de matarem acceleradamente os homens, mas entremettendo dias, e além dos muitos que mataram direi de tres, que foram Jeronymo de Albuquerque, Francisco Rodrigues do Porto e um filho seu, homens nobres e principaes de Serinhaem, assacando-lhes o Sigismundo que o conde de Bagnuolo lhes mandou umas cartas por um indio, aos quaes frigiram os pés em azeite fervente, tendo-lhes mettido entre as unhas e carne agulhas ardendo em fogo, e pelas partes secretas, que para aquelle effeito fizeram, e lhes tiraram a pelle com crueis açoutes e pingaram com alcatrão; mas vendo que entre tantos tormentos não largavam as vidas lh'as acabaram de tirar enforcando-os, e se houvéra de nomear aquelles que experimentaram diversos tormentos seria nunca acabar.

Chegaram á Ipojuca e cabo de Santo Agostinho, onde usaram não menores tyrannias, e entre os que mataram foi um d'elles o padre Pantaleão Alves, o qual entregaram aos

selvagens *Tapuias*, que vivo o fizeram em pedaços, e havendo morto a um João Bastardo e outros lavradores de cannas do Cabo; vieram ao engenho do Cogubussú, onde estava o dito padre para dizer missa por ser dia santo, o não sómente o mataram, mas a outros homens que estavam para ouvir missa innocentes e ignorantes de mortes tão atrozes; e em uma casa, acudindo a mulher a seu marido que matavam, os indios, com umas machadinhas que traziam, tambem a mataram e um filho seu, sem perdoarem a nenhum genero de gente: Maratapagipe puzeram a fogo e sangue tudo sem perdoar a ninguem. Em a freguezia de Muribeca entre outros que mataram, foram oito homens, sendo um d'elles casado e tinha sete filhos, ao qual chamavam João Barsenho, e á sua vista lhes mandaram abrir as covas em que semi-vivos lhes deram sepultura. D'alli tomaram a volta de Grujaú, matando quantos homens encontravam pelos caminhos e a muitos que em suas casas achavam, entregando-os aos indios e *Tapuias*, que vivos os abriam pelas costas com machadinhas que para aquelle effeito lhes deram os hollandezes, não se isentando do maior rigor mulheres e meninos, que arrebatando-os dos braços das mãis os espetavam em páos e lhes davam os barbaros sepultura em suas barrigas, executando tal maldade e barbara deshumanidade á vista dos hollandezes, que senão compadeciam de tanta innocencia; antes faziam muita festa, fazendo estas e outras crueldades a sangue frio. Roubaram as igrejas, fazendo de seus ricos ornamentos caprazões de seus cavallos, bebendo pelos calices sagrados, fazendo pedaços as imagens de Nossa Senhora, e dos santos que tanto veneramos; derrocaram muitas das nossas igrejas e fizeram de outras estribarias de cavallos, e dos altares, d'onde se celebrava o sacrosanto sacrificio da missa, manjedouras, que aonde menos fizeram foi na

Arrecife grande copia de armas; mas muitos moradores as quebravam e deitavam nos rios, e muitos as tiveram escondidas até seu tempo, posto que houve grandes pesquizas; e muitos por ditos de seus escravos, dizendo que tinham armas, perderam as vidas, e quando menos as fazendas, como adiante se irá contando; e como os moradores ficaram sem armas se levantaram muitas quadrilhas de negros e outros ladrões, que dando de noite pelas casas dos moradores que estavam em defesa perdiam as vidas, e outros a bom livrar ficavam espancados e feridos; e todos estes males resultaram da vinda do Rebellinho e outros á campanha, que mandava do Porto do Calvo, e o conde de Bagnuolo, e os pobres moradores eram os que experimentavam tantos trabalhos e infortunios, como temos escripto e iremos escrevendo n'esta historia.

CAPITULO XVIII

DE COMO O CONDE DE BAGNUOLO MANDOU A' CAMPANHA DE PERNAMBUCO A D. FILIPPE CAMARÃO, E DOS SUCCESSOS QUE TEVE NA GOYANA, E DAS CRUELDADES QUE USARAM OS HOLLANDEZES COM OS MORADORES D'ELLA E OUTRAS PARTICULARIDADES.

Passados poucos dias da derrota que teve o capitão Rebellinho na povoação de S. Lourenço, e successos que no capitulo antecedente ficam relatados, determinou o conde de Bangnuolo, que governava a nossa infantaria no Porto do Calvo, succedendo no governo por ordem de el-rei a D. Luiz de Rojas, como atraz fica escripto, mandar queimar algumas aldêas de indios da Goyana, que andavam com os flamengos pelejando contra os nossos, e mostrando-lhes os

caminhos, e sendo ministros e executores das mortes que mandavam dar aos nossos, mandou do Porto do Calvo a D. Filippe Camarão por cabo de muita gente portugueza e indios, e tomando o caminho pelo sertão foram á Goyana e deram em algumas aldêas, que abrazaram e mataram quantos indios rebeldes colheram ás mãos; e os nossos, de que muitos eram bons mosqueteiros, os matavam como seus inimigos mortaes. Depois foram a um reducto que tinham os hollandezes na Goyana, o qual puzeram em cerco; mas vindo soccorro ao inimigo tomaram algumas lanchas em que lhe vinha mantimentos e munições, e lhes escapou um patacho. Queimaram muito assucar e páo brasil, e saquearam as casas dos flamengos, matando os que poderam. Sabendo-se a vinda do Camarão e o damno que fazia pelo districto de Goyana, se aprestou o coronel Christovão Artichofsky no Arrecife, que tinha vindo de Serinhaem com muita gente de guerra. Pelo mez de Julho de 1636 foi o tempo em que veiu o Camarão do Porto do Calvo á Goyana.

Partiu do Arrecife o Artichofsky em 3 de Agosto com cousa de oitocentos soldados, e sabendo que o Camarão estava intrincheirado na Goyana e que alguma gente d'aquelle districto se lhe tinha aggregado, veiu em sua busca com este poder, e teve com elle muitos recontros e pendencias, que por brevidade não escrevo; e o Camarão pelejou sempre com tanto esforço, animo, valor e ardís de guerra, que o Artichofsky, com ser muito experimentado na milicia, se admirava e dizia que um indio, qual era o Camarão, lhe dava muito em que entender, e que não se sabia haver com elle, dando-lhe ás vezes em uma parte, logo em outra, depois o tornavam a picar n'outra, fazendo-lhe muitas emboscadas, enfadando-o e desinquietando os flamengos, e em uma emboscada, que lhe fez, matou, quarenta ou cincoenta d'elles.

Trazia uns carros que lhe serviam de trincheira aos seus

mosqueteiros, e de cima faziam muito damno ao inimigo. Finalmente, depois de haver algumas pendencias, vendo-se o Camarão tão distante do Porto do Calvo, e que lhe não vinha soccorro, se retirou, abrindo um caminho pelo sertão, levando comsigo muitos moradores da Goyana com suas mulheres, e filhos e escravos, temendo que os flamengos os matassem por haver alli estado o Camarão, como haviam feito na povoação de S. Lourenço e outras partes onde havia residido o Rebellinho; porém a maior parte dos moradores ficaram impossibilitados de não se poderem comboiar, que os desejos eram bons, e parece que preadvinhavam o que depois de ido o Camarão lhes fizeram os hollandezes.

Retirado o Camarão, os moradores desampararam suas casas e se esconderam pelos matos, e muitos o fizeram d'antes pelo não verem, por lhes não succeder o que aos das outras partes, quando veiu o Rebellinho á campanha; porém nenhuma cousa lhes aproveitou, por que posto que o Artichofsky perdoou a muitos, e tendo os indios cercado cousa de oitenta ou cem portuguezes que não tinham nenhumas armas, no engenho de Feliciano Brandão, elle lhes mandou doze flamengos para os defenderem dos indios, que já com outros flamengos tinham morto algumas pessoas em outras partes; comtudo se partiu com a gente de guerra para Serinhaem, aonde estava com a mais infantaria e Sigismundo. Porém quando a pobre gente de Goyana estava mais descuidada veiu o governador da Parahyba Ipo Eysens trazendo muitos hollandezes, indios e *Tapuias*, pelos quaes mandou matar muitos moradores, como se elles tivessem a culpa de o Camarão haver alli vindo; não perdoaram a velhos, meninos nem mulheres, usando taes tyrannias, e dando taes tormentos, que, por não causar maior sentimento, os não ralato; só contarei um successo estranho e admiravel que n'esta occasião succedeu. Escapou de uma

casa, em que ficaram vinte e tres pessoas mortas, uma moça casada, passada com duas flechas, levando nos braços uma criança de peito, seguindo-a outro filho de tres para quatro annos de idade, e, estando escondida junto a uma estrada e encoberta com uma grossa arvore, viu que vinham os indios e os hollandezes, a tempo que os filhinhos choravam, e por os não poder calar os afagou por não ser sentida, tirando duas por escapar sua vida (sem duvida se fôra sentida morrêra tambem, e os filhos sepultados nas barrigas d'aquelles alarves), e qual leôa brava rompeu quatorze leguas, atravessando matas até chegar á Parahyba, d'onde se curou das flechadas que levava, e ficou com vida.

Haviam os da bolsa de Hollanda mandado um João Schilt por ser bom homem, o qual não quiz mallograr esta occasião, porque sabendo que um padre, chamado Alvaro Mendes de Elvas, capellão de Francisco de Lugo, senhor do engenho de Obû, estava rico, se foi á sua casa, e dando-lhe crueis tormentos lhe fez entregar muito dinheiro; tendo o padre passaporte tornou a secundar com os tormentos, dizendo tinha mais dinheiro, que o padre, segunda vez desenterrando, entregou; apertou mais cruelmente com os tratos o Schilt, dizendo que era o padre velhaco que não queria confessar, porque bem informado estava que tinha mais dinheiro; tornou o padre a dar mais dinheiro, o entregou pelo deixarem sua baixella de prata e peças de ouro. Tornou o Schilt a quarta vez a mandar apertar o padre com os tormentos, e vendo que não tinha mais que dar-lhe mandou cortar a cabeça sem ter culpa alguma mais que possuir o dinheiro, causa de experimentar tão crueis tormentos e morte; mas permittiu Deus que o Schilt pagasse esta tyrannia, porque á vista d'onde ia gozar o que roubou lhe sahiram outros ladrões e o fizeram pedaços, e um indio, que por seu mandado cortou a cabeça ao padre, ficou

logo mirrado e sêcco, e pouco a pouco foi morrendo, recebendo o castigo de haver posto as mãos violentas e sacrilegas no sacerdote de Christo. Julgue-se agora quando um homem, que elles mandaram por bom, fez estas cousas, que fariam os outros, principalmente o Ipo Eysens, que de sua natureza era cruel, que além de muitas tyrannias mandou prender os homens que lhe diziam eram ricos, e a poder de tormentos os fez confessar onde tinham o dinheiro enterrado, que todo usurpou e mandou matar a maior parte d'estes homens por se não queixarem aos do supremo conselho, e entre outros muitos foi um Bartholomeu de Oliveira, que, sabendo tinha algum dinheiro, o mandou prender e metter em uns grilhões, e á pancadas lhe fez confessar que tinha dado a guardar a Paulo Teixeira quinhentos mil réis, ao qual mandou chamar por não entregar o dinheiro por um escripto ao dito Bartholomeu de Oliveira, e depois de mandar pendurar por uma corda a Paulo Teixeira lhe mandou moer as entranhas até que o entregou, e fugindo o dono do dinheiro publicou o Ipo Eysens por editaes que era um traidor, dando ordem que o matassem d'onde o encontrassem só por fugir para o Porto do Calvo, como fez, por não fazer queixa aos do conselho do Arrecife.

E vendo muitos dos moradores que em Goyana e seu districto escaparam d'aquelle conflicto, que o Ipo Eysens tornava a mandar ajuntar mais indios para os mandar matar, como tornou a dar principio depois de castigar aos que fulminava culpas, se ajuntaram com suas familias e se puzeram em fugida, indo metter-se com o Camarão para se retirarem para o Porto do Calvo, e assim marcharam uns e outros faltos do necessario, retirando-se entre todos homens, mulheres, meninos e escravos, cousa de mil e seiscentas pessoas, e como não podiam marchar por as estradas por respeito do inimigo se foram por o sertão, d'onde por

não acharem o sustento deixavam os maridos as mulheres, e ellas os filhos e filhas, que as arguiam de crueis, sem uns poderem valer aos outros, chamando já venturosos os que mataram os inimigos por não experimentarem taes miserias; assim acabavam miseravelmente entre tão asperos matos á fome, que, de mil e seiscentas pessoas que se retiraram, pereceram em espaço de quarenta e sete leguas mil quinhentas e vinte e sete, chegando setenta e tres, e ainda hoje estão os caminhos de Goyana até o Porto do Calvo pelo sertão, e d'ahi até a Bahia, cheios de ossos e de caveiras, testemunhando este miseravel espectaculo. Mataram o Sigismundo, general hollandez, Guilherme Schotte e Ipo Eysens, de Serinhaem até a freguezia de S. Lourenço e na Goyana, entre homens, mulheres e meninos, debaixo de passaportes, mil oitocentos e tantos.

Chegado o mez de Dezembro mandou o conde de Bagnuolo do Porto do Calvo outra vez ao capitão Rebellinho com gente de guerra, que indo pelo sertão corresse a campanha da capitania da Parahyba, o qual, chegado lá, fez muitas presas, tomando muitos escravos e fazendo muito damno aos flamengos, o que sabido pelo governador da Parahyba sahiu da cidade com muita gente, e junto da povoação de Tibiri, que fica distante de tres leguas da cidade, onde estava situado o Rebellinho com sua infantaria, e outros moradores que se lhe juntaram, e acommetteu o governador; e havendo-se pendenciado com grande valentia e fervor de parte á parte, foi o Rebellinho desbaratado e derrotado, com perda de alguma gente, e outra que ficou desgarrada e ferida por os matos; porém vindo de refresco o capitão dos crioulos Henrique Dias, que andava por este tempo na campanha, com muito valor tornou a refazer a gente e sustentou o impeto dos flamengos, fazendo-lhe muito damno, o que foi causa de o Rebellinho tornar

ajuntar os seus soldados, com que se veiu retirando, fazendo algum damno na Goyana, e em Ipojuca e Serinhaem, tomando muita presa de fazendas, assim a flamengos, como a portuguezes, dizendo serem essas de contrabando, com que se retirou para o Porto do Calvo.

Tanto que o Rebellinho deixou a Parahyba, Henrique Dias, os hollandezes quizeram fazer um rigoroso castigo aos portuguezes, dizendo que estiveram muitos com o Rebellinho levantados contra elles, e lhe davam alvitres e eram traidores, e outras cousas semelhantes, pelo que foi forçado a muitos, estes dos mais nobres e ricos, por meio de um estrangeiro morador na terra, chamado Jacques de Valdernes, virem a concertar-se, e resgatar suas pessoas e vidas, dando e promettendo grande somma de dinheiro, e assim se livraram de tão rigoroso castigo, como lhes estavam ameaçando, e comtudo alguns foram presos e outros castigados, e não poucos trateados.

Sem embargo d'isto, como a Ipo Eysens lhe eram de tanto proveito estas revoltas, quiz executar seu furor nos moradores da Parahyba, para onde partiu, trazendo comsigo dois caixões cheios de muitos instrumentos fabricados para dar tormentos e martyrios aos homens, desejando de lhes beber o sangue; porém não permittiu Deus, vendo tantos innocentes a que aguardava a morte que este tyranno o executasse, porque andando na Parahyba uma tropa de gente portugueza, que tinha vindo do Porto do Calvo, encontrando-se com o Ipo Eysens e seus soldados, pendenciando o mataram e a muitos d'elles, pagando as mortes e roubos que tinha feito nos moradores da Goyana, e atalhando-se (justo castigo do céo) as que determinava fazer com tantos generos de tormentos com que tão provido vinha, e assim cessaram por então os castigos que se temiam na Parahyba.

Outras muitas tropas mandou á campanha o conde de Bagnuolo, do Porto do Calvo, e entre elles veiu pelos ultimos de Dezembro com uma o capitão Estevão de Tavora para destruir os assucares dos engenhos da capitania, quebrando-lhes as fôrmas nas casas onde se purgam, e deitar a perder para impossibilitar a renda do inimigo. Veiu este capitão, que fez tudo com muita modestia na campanha, sem aggravar os moradores (ao engenho de Pedro da Rocha Leitão, que os nossos haviam enforcado dentro do arraial, quando estava em cerco por ter commercio com os flamengos, e a um Agostinho de Hollanda por lhe dar alvitres), onde fez muito damno destruindo os assucares que nas fôrmas estavam e fóra d'ellas, e o mesmo fez em outros engenhos, mas com menos rigor.

Todas estas tropas vindas á campanha serviram de desinquietar aos flamengos e lhes fizeram muito damno, mas tambem não receberam menos os moradores portuguezes, porque o inimigo n'elles executava a ira de sua vingança, levantando-lhes muitos testemunhos falsos que elles eram causa, favorecendo aos campanhistas para fazerem estas entradas, e lhes davam sustento, com que prenderam e roubaram a muitos, e a não poucos tiraram as vidas. Verdade seja que muitos favoreciam aos soldados, uns por temor e outros por leaes vassallos de el-rei, dando-lhes o sustento necessario, e avisando-os do que o inimigo passava e de outros particulares tocantes á guerra.

CAPITULO XIX

EM QUE SE TRATA COMO O CONDE DE NASSAU JOÃO MAURICIO TOMOU A FORÇA DO PORTO DO CALVO E O CONDE DE BAGNUOLO SE RETIROU PARA A BAHIA.

Estando o conde de Bagnuolo governando a gente de guerra no Porto do Calvo e fortificando cada vez mais a inexpugnavel fortaleza que tinha mandado fazer, despedindo para a campanha as tropas de que nos capitulos precedentes tenho feito menção, em 4 de Janeiro de 1637 chegou de Hollanda ao Arrecife uma grossa armada,aonde veiu João Mauricio, conde de Nassau, por governador e capitão-general de mar e terra, e em sua companhia vinha Henrique Van Ceulen,um dos principaes da companhia das Indias Occidentaes, que já havia estado no Arrecife assistindo na guerra. Este chegou em outra esquadra, e d'alli a oito ou dez dias com a chegada de João Mauricio começaram-se a resolver as cousas,e o mestre de campo Artichofsky largou a força da Parapoeira e a arrasou, e se veiu para o Arrecife a saber o que seu general ordenava. Tanto que o conde de Nassau descansou da viagem do mar, informado das cousas da terra, desejoso de provar á mão com os portuguezes e exercitar o cargo em que vinha provido, ajuntou um exercito de cinco mil homens e uma grande multidão de indios *Pitiguares*, e por mar e por terra determinou de ir desalojar do Porto do Calvo ao conde de Bagnuolo, e ganhar-lhe aquella praça, o qual tanto que soube d'esta determinação mandou deitar um bando, que nenhum morador d'aquelle districto fosse ousado a se ausentar com mulheres ou filhos por a terra dentro, nem a retirar seu gado, com pena de

traidores e confiscação de seus bens; e quarenta dias antes que o hollandez chegasse, mandou toda sua fazenda para a Alagôa pouco e pouco, com soldados italianos de guarda; logo fez um reducto fóra da povoação para se metter n'elle e Duarte de Albuquerque, com um caminho secreto para o rio Manguaba, onde mandou fazer uma ponte de páo para se retirar no tempo da necessidade. Chamou a conselho de guerra, no qual se ajuntaram Duarte de Albuquerque e os dois tenentes-generaes Manoel Dias de Andrade e Alonso Ximenes Almiron, e os dois sargentos maiores Martim Ferreira e Paulo Barnola, italiano, e os dois governadores dos indios e crioulos D. Antonio Filippe Camarão e Henrique Dias, e os capitães Assenço da Silva, Francisco Rebello e João Lopes Barbalho, e os dois capitães dos cavalleiros João Paes Barreto e Rodrigo de Barros Pimentel, e outros capitães, e finalmente a Martim Soares Moreno, governador que havia sido do Ceará. Houve muitos pareceres que seria largo relatar; mas o conde de Bagnuolo se resolveu que havia de esperar o inimigo na povoação e alli pelejar com elle, com todo o corpo de sua infantaria junto; posto que outros foram de parecer que houvesse emboscadas nos caminhos estreitos e alagadiços, comtudo obedeceram.

Preparadas as cousas necessarias para defesa, chegou á vista da povoação o conde João Mauricio com seu exercito; houve n'ella muita confusão, sahindo muitas mulheres ,fugindo umas com as crianças nos braços, outras com os meninos pelas mãos, os escravos carregando as alfaias de seus senhores. Começou logo o conde de Bagnuolo a dar ordem aos officiaes e soldados, andando a cavallo acudindo ao necessario; mandou para a força tres capitães com trezentos soldados, de que era cabo João Rodrigues de Sousa e com mantimentos para quatro mezes, e umas quarenta vaccas em um curral debaixo da artilharia; e fechada a fortaleza

appareceu o conde de Nassau á vista da povoação, no alto de um outeiro, e por mar mandou muitas lanchas por o rio de Manguaba acima com munições e mantimentos.

Tanto que foi visto o inimigo, partiu logo a lhe ter o encontro ao caminho o tenente-general Alonso Ximenes, com os capitães Assenço da Silva e João Lopes Barbalho, Francisco Rebello, Manoel de Sousa de Abreu e outros. Partiu tambem D. Filippe Camarão, que já então tinha o habito de Christo e el-rei lhe tinha dado o dom, e feito fidalgo por seu valor e fidelidade, e lhe havia dado titulo de governador e capitão-general de todos os indios do Estado do Brasil; partiu, pois, o Camarão, e não sómente levou todos os indios de sua esquadra, senão que tambem levou em um cavallo, com uma lança na mão, a sua mulher D. Clara. Tambem partiu a este encontro o governador Henrique Dias (negro na côr, porém branco nas obras e no esforço) com toda a sua gente de negros crioulos; outros capitães ficaram na retaguarda, na passagem do rio Comendaituba, por o qual se entra na povoação.

Feito isto mandou o conde de Bagnuolo queimar a povoação, que ardeu toda em breve, á vista do inimigo, e com Duarte de Albuquerque e alguns soldados se foi pôr no alto do monte aonde tinha feito o reducto, e levou comsigo ao tenente Manoel Dias de Andrade, a quem negou licença de ir investir com o inimigo, o qual, vindo com todo o poder descendo ao monte e a nossa gente subindo, se começou a travar uma cruel batalha, aonde houve muitos mortos e feridos de parte a parte, e como o poder do inimigo era muito superior ao nosso veiu carregando, de sorte que os nossos se vieram retirando, sempre pendenciando, e com ordem e tal orgulho que admirava. O conde de Nassau, sendo acostumado em se achar em batalhas em Flandres, notando a braveza da nossa pouca gente contra seu grande

poder ficou admirado, e disse que aquelle era o primeiro encontro que havia visto de tanto e tão grande valor.

Emfim, a nossa gente se veiu retirando e pelejando até que o esquadrão do inimigo chegou a tiro de peça, e supposto que a fortaleza começou a jogar com a artilharia que era boa e de bronze, e lhe matou alguma gente, todavia como eram muitos, uns por um cabo e outros por outro, vieram pelejando com os nossos até o rio Comendaituba, aonde estava o corpo do nosso exercito, e alli travou uma cruel e sanguinolenta batalha, aonde o inimigo perdeu muita gente, com pouca perda da nossa parte. Vendo Manoel Dias de Andrade que o inimigo nos vinha ganhando terra ferveu-lhe o coração no peito, e levado de um bellicoso furor não se lhe deu do conde de Bagnuolo que o detinha, e subindo em seu cavallo partiu para o rio, e chegando se metteu entre os inimigos com a espada na mão, ferindo a uma e outra parte,e como tudo já andava revolto, não se distinguia quaes eram os inimigos e quaes os nossos. A fortaleza, que já n'este tempo tinha abaixado as peças de ponto, e carregadas com pregos e balas de mosquete começou a fazer tão grande estrago no inimigo, que lhe foi forçado tocar logo trombetas e caixas a retirar, e não passou o rio.

N'este conflicto nos mataram a D. Antonio Coutinho, o qual andava pelejando valorosamente no proprio esquadrão do inimigo, e deixou bem vingada sua morte com muitas vidas tiradas ao contrario. Tambem nos mataram vivos os capitães Manoel de Sousa d'Aureu e Balthazar da Rocha Pita, aos quaes ao depois mandaram para Hollanda, e tambem n'esta pendencia sahiram feridos muitos soldados nossos, e entre elles foi o capitão João Lopes Barbalho, que, estando atravessado com uma bala de parte á parte, por não ser morto pelos indios se escondeu por entre uns ma-

tos densos, d'onde esteve dois dias, e de noite se acolheu e veiu até Alagôa, aonde achou ao conde de Bagnuolo, escapando da morte por auxilio divino. Tambem sahiu ferido o governador Henrique Dias, o qual, andando fazendo proezas no meio da travada pendencia, lhe fizeram a mão esquerda em pedaços com uma bala, e elle teve tanto animo que não quiz que lhe curassem a mão por não se deter muito na cura, e, por se dizer que os hollandezes com balas hervadas com toucinho e que os feridos logo lhe davam herpes, mandou ao cirurgião que lhe cortasse a mão por a junta do pulso, o que executou e sarou em breve tempo, e dizia algumas vezes que se os hollandezes lhe haviam tirado a mão esquerda, que ainda lhe ficava a direita para se vingar, o que elle fez por muitas vezes, com muitas veras, depois d'aquella occasião; outros muitos foram mortos e ficaram feridos, porém dos inimigos muita quantidade de gente.

Ficou o inimigo da outra parte do rio Comendaituba e a nossa gente da parte da povoação, e em se cerrando a noite o conde de Bagnuolo se sahiu do reducto aonde estava e se partiu para Camaragibe, e d'alli para a Alagôa. Os capitães e gente de guerra, sabendo como o conde ia já caminhando, e levava comsigo a Duarte de Albuquerque e uma tropa de soldados, logo todos desampararam a povoação e se puzeram a caminho em seu seguimento. Chegou o conde a Camaragibe, e levou diante de si a Manoel Dias de Andrade e se foi para a Alagôa, onde esperou quinze dias até que se lhe ajuntasse toda a gente de guerra; e os moradores, com suas mulheres e filhos, foram em seu seguimento, uns pelo sertão, e os que levavam suas fazendas moveis em carros tomaram pela praia; e porque estes iam muito arriscados ao inimigo por mar lhes cortar o caminho, e os roubar e matar a todos, tendo d'elles piedade o tenente-general Alonso Ximenes, os foi sempre amparando e defendendo do ini-

migo, indo com as tropas dos soldados que trazia na retaguarda, e foi esta miseravel gente passando muitos trabalhos e miserias, sendo muita multidão de todas as idades que se ia retirando, assim por a praia, como por entre os matos, e iam deixando pelo caminho suas alfaias por as não poderem carregar. Era grande o desamparo dos meninos e donzellas, descalças e mettidas pelas lamas, e passavam os rios com descompostura de suas pessoas e honestidade; passando todos muitas fomes, dormindo pelos pés das arvores, sem abrigo ; cujos infortunios se não podem escrever sem lagrimas, porque foram insupportaveis.

Vendo o inimigo a povoação queimada e sem gente de guerra passou o rio Comendaituba e pôz cerco á fortaleza, a qual se defendeu bravamente, e vendo que lhe tinha posto o inimigo quatro baterias, e por os quatro lados a combatia, e que o poder da gente era muito, e cada vez vinha crescendo mais, e que da nossa parte todos se haviam retirado, e não havia nenhuma esperança de soccorro, ao fim de vinte dias de continuo combate de dia e de noite, se entregou a partido de outorgadas as vidas, e sahirem todos com suas armas e balas em boca, e os soldados com o que poderam carregar em suas mochilas. Entrou o conde de Nassau na fortaleza e tomou posse d'ella,e seus soldados rebuscaram a povoação para vêr se havia ficado alguma pilhagem.

Descançou o conde de Nassau na povoação despovoada poucos dias, e deixando reformada a fortaleza e provida de gente de guerra, e por comendor (que assim chamam ao governador ou capitão de alguma força) o capitão Pedro Vanduarve, se partiu logo com toda a sua gente por mar e por terra em seguimento do conde de Bagnuolo, o qual, informado da partida do inimigo, se pôz logo ao caminho com toda a gente de guerra para o Rio de S. Francisco, dei-

xando os moradores expostos ao rigor do inimigo. Vendo elles isto perguntaram a Manoel Dias de Andrade que haviam de fazer em tão grande aperto e desamparo? Elle lhes respondeu que os que quizessem ir para a Bahia os iria defendendo por o caminho até passar o Rio de S. Francisco, mas que lhes fazia saber que o conde não havia de parar ahi, se não marchar por diante, pelo que os que se quizessem ficar seria mais acertado metterem-se pelos matos, e mandarem buscar salvos conductos ou passaportes do inimigo para se tornarem para suas casas e viverem quietamente, ainda que em captiveiro, até que Deus acudisse com sua misericordia e de Portugal viesse soccorro para a restauração da terra, e que mais valia o estarem elles em suas casas grangeando suas fazendas, e plantando mantimentos para sustentarem a infantaria de el-rei quando chegasse, que irem a morrer por matas deshabitadas e caminhos desusados: ouvindo isto muitos tomaram seu conselho, e mandaram pedir passaporte ao conde de Nassau,antes que chegasse, que lhes concedeu, e tornaram para suas casas; outros foram caminhando até passar o Rio de S. Francisco, e outros logo varando para a Bahia, e alguns, que por cançados não poderam, ficaram por entre os matos sem tomar passaportes. Os indios *Petiguares* que vinham em companhia dos flamengos foram matando a quantos acharam com uma nunca vista crueldade, não perdoando as crianças dependuradas dos peitos das mãis.

Chegaram os hollandezes por mar e por terra com todo seu exercito ao Rio de S. Francisco, com cuja chegada o conde de Bagnuolo se passou da outra banda do sul, e foi marchando para Sergipe de El-Rei, aonde se aposentou, e o conde de Nassau João Mauricio,chegando a uma paragem que chamam o Penedo, não passou da outra banda do rio; antes alli fez alto, emquanto os soldados andaram saqueando

todas as casas dos moradores retirados, e deu principio a uma fortaleza, que alli edificou ; e os moradores do Porto do Calvo, e das mais povoações que lhe ficaram atraz que, quizeram vir tomar passaportes para se tornarem para suas casas, lh' os deu e concedeu caminho seguro para se tornarem, e o mesmo fez aos moradores do Rio de S. Francisco, e depois de lhe deter alli dois mezes se tornou por mar para o Arrecife,deixando no dito rio aos governadores Sigismundo von Schkoppe com a maior parte da gente de guerra acabando a fortaleza e tanto que no Arrecife reformou exercito de gente, e as armas e munições, mandou ao Sigismundo que fosse desalojar de Sergipe ao conde de Bagnuolo, o qual o fez com tanto rigor, que foi matando a quantos moradores achou, que se não poderam retirar com tanta pressa como convinha. O conde de Bangnuolo se foi antes de chegar o inimigo retirando-se para a Bahia, e o inimigo pelo mez de Outubro, que foi o tempo em que se retirou, o seguiu até o Rio Real, aonde fez uma força, que proveu de artilharia e soldados, e se tornou a vir para o Arrecife:

CAPITULO XX

DA JORNADA QUE FEZ O CONDE DE NASSAU, JOÃO MAURICIO, A TOMAR A CIDADE DA BAHIA, E DE COMO SE RETIROU COM GRANDE PERDA DE GENTE E ARTILHARIA, D'ONDE TOMOU OCCASIÃO PARA EMBARCAR PARA FÓRA DE PERNAMBUCO OS RELIGIOSOS QUE N'ELLE HAVIA.

O conde de Nassau, general dos hollandezes, tanto que teve toda a sua gente junta, parecendo-lhe que de uma vez havia de conquistar e ganhar todo o Brasil, fez uma grossa

armada de trinta e cinco náos e outras embarcações menores, e mettendo-lhe dentro todas as cousas necessarias para a empreza, e muitos artificios de fogo e artilharia, e tres mil homens de guerra, determinou de ir tomar a Bahia de Todos os Santos, cabeça de todo o Estado do Brasil; acabando de preparar sua armada com grande bizarria e ostentação, partiu do Arrecife a 21 de Março de 1638 para a Bahia, aonde chegou com vento prospero, e como foi de repente, sem ser esperado, entrou pela boca da barra livremente, porque tem de largura quasi tres leguas, e desembarcou sua gente da parte de Pirajá, na praia que chamam Agua dos Meninos, e deitou em terra algumas peças de artilharia, e d'alli veiu logo marchando para a cidade, que é distancia quasi de meia legua, e com tanta furia acommetteu a cidade que chegou sua infantaria até as portas d'ella, e a houvéra entrado se não fôra o bom governo e animo generoso com que acudiu o governador Pedro da Silva (o Molle, por alcunha), que com sua gente se mostrou n'este dia e noite tão valoroso contra o furor dos hollandezes, que os fez retirar, apezar de sua soberba e arrogancia, com muitos mortos e feridos. O inimigo, vendo atalhado e reprimido o seu primeiro orgulho e impeto, se situou e fez alto detraz do convento do Carmo, aonde ficava separado da nossa artilharia, e alli se fez forte, e no seguinte dia começou com seus gastadores a cavar e a carregar terra e faxina para fazer as plataformas para bater a cidade; porém o governador Pedro da Silva lhe impediu todos os seus intentos, porque, por conselho do tenente-general Pero Corrêa da Gama, deitou fóra da cidade a quatro capitães dos que haviam vindo com o conde de Bagnuolo de Pernambuco, já destros e qualificados em semelhantes occasiões, os quaes, como eram destros em andar por matos e sagazes em fazerem emboscadas, e animosos em acom-

metter e de nenhum medo em entrar nos perigos, tal perturbação lhe causaram, e tanta gente lhe mataram, que não era ousado de cortar o hollandez quatro feixes de faxina para suas fortificações sem pôr muita gente em ala com as armas nas mãos, e nem tudo isso bastava, porque tanto que a começavam a fazer logo os nossos os acommettiam e matavam.

Os quatro capitães valorosos que commetteram esta empreza, além de outros que tambem sahiram em seu seguimento, eram o capitão André Vidal de Negreiros, o qual por seu valor e esforço, grande nome e fama, que alcançou por seu braço, veiu ao depois a ser tenente-general e mestre de campo, e Sua Magestade lhe deu o habito de Christo e despachou com o cargo de governador do Maranhão, e foi uma das cabeças que governou os moradores de Pernambuco na facção da liberdade da patria, como a seu tempo contaremos, a qual facção principiou e originou João Fernandes Vieira. O segundo capitão Assenso da Silva, acostumado a ser o primeiro n'estas occasiões; o terceiro, o capitão Francisco Rebello (por alcunha o Rebellinho), o qual na guerra de Pernambuco, antes que o conde de Bagnuolo se retirasse, teve muitos encontros com o inimigo, e era por seu valor conhecido e temido dos hollandezes, o quarto foi o capitão Sebastião do Souto, que pelejando animosamente foi morto com uma bala pelo inimigo n'esta occasião da guerra da Bahia.

Posto que o conde de Nassau, João Mauricio, experimentou a resistencia grande dos portuguezes, comtudo não desistiu de seu intento, e como mais possivel lhe foi fez duas plataformas, nas quaes assentou oito peças de canhões reforçadas, e começou de bater a cidade, e o mesmo faziam do mar todas suas náos, ao que da cidade lhe respondiam com horrendo retorno, e logo despediu um tambor por terra e

uma lancha por mar com embaixada ao governador, com uma carta, em que lhe dizia que bem estava vendo da cidade a grossa armada que alli estava e em terra a grande multidão de soldados, e que em breves dias lhe havia de chegar de Pernambuco outro tanto poder ; portanto que se entregasse a partido, o qual lhe seria concedido com muita liberalidade e largueza, e quando não quizesse render-se tivesse por certo que, passados tres dias naturaes, que se lhe assignavam de prazo para se resolver, o haviam de metter a ferro e fogo, e a todos os que na cidade estivessem sem remissão alguma.

Ao conde de Nassau respondeu o governador Pedro da Silva que as cidades de el-rei não se rendiam senão com balas e com a espada na mão, e depois de muito sangue derramado, e os animos dos portuguezes não se acobardavam com palavras, senão com obras, e outras semelhantes palavras que por brevidade não escrevo.

Tanto que os embaixadores do conde de Nassau chegaram a d'onde elle estava se começou uma horrenda e espantosa bateria de parte á parte por mar e por terra, e o governador Pedro da Silva deitou fóra da cidade, por a porta que vai para S. Bento alguns capitães com suas companhias para inquietarem o inimigo,as quaes o fizeram valorosamente, e entre elles foram dois capitães maiores, D. Antonio Filippe Camarão e Henrique Dias, um com seus indios, e outros com a tropa de seus negros crioulos e mulatos, os quaes o fizeram com tanto valor e com tanta perda dos hollandezes, que se fizeram dignos d'immortaes louvores e n'este tempo o governador não perdia tempo em visitar as fronteiras e baluartes, prover os postos de munições e gente, animar os soldados, mostrando-lhes grande valor e esforço ; tambem o conde de Bagnuolo o fez bem n'esta occasião, parece que

emendado das passadas, e os soldados de Pernambuco fizeram maravilhas, e não menos os da Bahia.

Viu-se o conde de Nassau tão perseguido e opprimido por todas as partes, e com tanta perda de sua gente, que os portuguezes cada vez se embraveciam mais e o punham em maior aperto, e que o iam chegando a ponto de totalmente ficar desbaratado e perdido, que ao terceiro dia do combate, tanto que cerrou a noite, mandou disparar com grande fervor sua artilharia, mosquetaria, sem cessar até a madrugada, e n'este entretanto que a noite durava e embarcou em suas náos com toda sua gente deixando na Bahia os lugares circumvizinhos juncados de corpos mortos de seus soldados, aonde tambem deixou a artilharia que tinha tirado das náos, e outras munições e os bastimentos, e levando comsigo muitos feridos com pernas e braços cortados, passados por outras partes, e assim se sahiam da Bahia para fóra e se fez na volta de Pernambuco, aonde chegou e desembarcou no Arrecife, não com tanta festa como se promettia, nem com tanto contentamento como desejava.

Tendo já o conde de Nassau descansado do trabalho da viagem infausta que havia feito á Bahia de uma tão importuna guerra e tão terrivel, continuada por quarenta dias, aonde achou tão grande resistencia que o fizeram retirar com tanta perda, onde os capitães e soldados portuguezes mostraram tanto valor, e o conde de Bagnuolo acudiu com muito animo á defensão da cidade, a infantaria que havia levado de Pernambuco, que como soldados velhos e acostumados a pelejar com os hollandezes, foram a principal causa da Bahia se defender e ficar victoriosa; estomagado do máo successo, inda que quanto podia encobria o sentimento; e vinham entrando alguns capitães com pequenas tropas de soldados ligeiros, e em Pernambuco, correndo a campanha, e que sahiam de entre os

matos, e davam assaltos nas casas dos hollandezes e judeus que viviam no sertão, e matavam sem poder ter tomados ás mãos, e que entre estes capitães o que mais damno lhe fazia era André Vidal de Negreiros, o que vendo os do supremo conselho se ajuntaram todos e passaram um edital em que mandavam que todos os religiosos de qualquer ordem, habito e condição, que fossem assistentes nas terras sujeitas aos Estados de Hollanda, dentro de um mez se recolhessem á ilha de Itamaracá, o que se cumpriu á risca, inda que alguns ficaram escondidos pelos matos, esperando que o rigor se mitigasse e até vêr o fim que isto tinha.

Recolhidos, ou por melhor dizer presos os religiosos de S. Francisco, escreveu o conde de Nassau (temendo que algum frade de S. Bento se ausentasse) a Fr. Manoel da Resurreição, presidente ou abbade de S. Bento, em que lhe dizia se recolhesse com seus frades á Itamaracá, d'onde estariam em companhia dos franciscanos, livres do estrepito das armas, por não ficarem expostos á alguma desventura, e que se a armada vencesse (porque n'este tempo chegou á Bahia a do conde da Torre, como no capitulo que se segue contaremos) na sua terra ficavam, e quando não que para suas casas tornariam ; fiado o abbade na palavra do conde se foi com os mais religiosos para a dita ilha, mandando o mesmo conde prender os do Carmo.

Dois mezes haveria que estavam os religiosos divididos uns dos outros na ilha, quando o conde mandou que os embarcassem nas náos que estavam de fóra, havendo padecido de antes muitas injurias e aggravos dos soldados flamengos, que não lhes davam de comer senão por onças, e quanto lhe podiam pilhar o faziam, e o conde pelos vêr padecer lhes mandou uma pipa de vinho e algum mantimento de sua fazenda com que se sustentaram o tempo que alli estiveram ; tanto que os levaram a embarcar até os

metterem nas lanchas,os despiram, a todos e lhes deram muitas pancadas e empuxões, e os embarcaram nas náos de uma frota,que sahiu do Arrecife, e n'ellas os soldados e marinheiros os acabaram de despojar de seus habitos, e os deixaram em ceroulas e em camisa, e os foram deitar por umas praias desertas das Indias de Castella, e em outras partes differentes com tanta descommodidade que muitos d'elles morreram.

Sabendo os moradores que embarcavam os frades, acudiram todos clamando ao conde e requerendo-lhe não embarcasse seus religiosos, mostrando-lhe que era contra o que prometteram e capitularam, ao que o conde respondeu que não tinha culpa, mas que, por ordem expressa de Hollanda contra a qual elle não podia ir os embarcava, mas Deus sabe o que n'isto houve, e se os do conselho e o conde deram esta ordem e depois attribuiram a que viéra de Hollanda, o que fizeram, que tudo se póde presumir d'esta gente, que então estava estomagada pelo successo infausto da Bahia e armada do conde da Torre que a ella tinha aportado.

CAPITULO XXI

DA CHEGADA DA ARMADA DO CONDE DA TORRE A PERNAMBUCO, D'ONDE DERROTOU PARA INDIAS, E DA JORNADA QUE FEZ LUIZ BARBALHO PELA CAMPANHA ATÉ A BAHIA E DE OUTROS SUCCESSOS.

Estando as cousas de Pernambuco no estado que temos referido, chegou á vista do Arrecife a 10 de Janeiro de 1639, e não como escreve o autor da *Liberdade* que foi no anno

de 1635, porque n'esse anno foi em que veiu o soccorro que trouxe D. Luiz de Rojas, como temos escripto, onde o conde da Torre D. Fernando Mascarenhas, por governador e general de uma poderosa e grossa armada de galeões e outras náos fortes, com que vinha restaurar Pernambuco. Tanto que os flamengos houveram vista d'ella ficaram atemorisados, vendo tão grande poder, e ao conde de Nassau, que esteve vendo, lhe pareceu que se acabava o tempo de seu governo, e que em breve se veria desapossado d'elle e tomada a terra; e na verdade que se logo investira e puzéra cerco ao Arrecife o tomára o conde da Torre com pouco trabalho, porque os hollandezes estavam descuidados, sem provisão de mantimentos, com pouca gente de guerra, e essa espalhada por toda a capitania, as forças desmanteladas, com as paliçadas cahidas por terra, poucas munições e menos apparelho de guerra, e sómente com cinco náos no porto do Arrecife e essas em vesperas de se partirem para Hollanda. Assim, que se perdeu esta tão grande occasião por justo Juizo de Deus que governa as cousas.

Mandaram os hollandezes, vendo que a armada, deixando o Arrecife, tinha passado o cabo de Santo Agostinho, ia na volta da Bahia, um patacho e um barco em seguimento d'ella, e souberam que havia entrado na Bahia, com que ficaram com menos sobresalto, e trataram de se fortificar e preparar para a defesa. A armada entrou na Bahia, onde se deteve cousa de um anno, ancorada, e n'este meio tempo escreveram os hollandezes de Pernambuco á Hollanda aos Estados e aos dezenove da companhia das Indias Occidentaes o que se passava, aos quaes lhes mandaram muitas náos grossas e muita gente de guerra, munições, e artilharia e bastimentos necessarios, com que ficaram confiados em seu poder, e n'este entretanto reformaram suas fortificações, provendo-as de artilharia e rodeando-as de cavas

cheias de agua, e boas e fortes trincheiras, e recolheram muito mantimento dentro de suas forças, e para ficarem mais seguros mandaram tomar as armas de todos os moradores (porque depois do successo do capitão Francisco Rebello tinham concedido armas a alguns da terra), sem lhes deixarem nenhuma, e sobre isto publicaram um edital, com pena de morte, que nenhum morador fosse ousado em ter em sua casa arma alguma offensiva de qualquer qualidade e condição que fosse, e que a todo o negro captivo que declarasse, que seu senhor tinha alguma arma lhe dariam liberdade, e por esse caminho foram uns trateados, outros enforcados, e outros por escaparem dos tormentos e morte largavam quanto tinham, e o davam aos hollandezes, e andavam os negros captivos tão desaforados, e soberbos, que se seus senhores os ameaçavam com castigo, ou lh' o davam por suas desenvolturas, ou ensino, logo ameaçavam aos senhores com os hollandezes e que haviam de accusar que tinham armas escondidas, as quaes os mesmos flamengos haviam escondido nos mesmos lugares em odio dos portuguezes, e com intenção de, por esta via, lhe roubarem as fazendas, e alguns foram destruidos e condemnados com este estratagema, e muitos moradores se foram esconder nos matos com temor.

No maior rigor d'esta tribulação acudiu Deus ao desamparo dos innocentes por meio de um escravo crioulo, o qual, sendo solicitado por uns flamengos que fosse accusar a seu senhor, e havendo-lhe mostrado o lugar onde tinham escondido duas espadas e dois mosquetes, o crioulo foi contar tudo a seu senhor, o qual em ouvindo isto foi buscar ao padre Fr. Manoel do Salvador, de que atraz temos feito menção, e por particular favor do conde de Nassau não foi embarcado com os outros religiosos; antes com muito zelo favoreceu sempre os moradores, porque era muito

cabido e aceito para com este conde, com quem tinha muita amizade e fazia por seu respeito muitos favores aos moradores; foi, pois, o homem buscar o dito padre com muito temor, e lhe declarou ao que vinha, pedindo-lhe que o remediasse e valesse n'aquelle conflicto, e elle se partiu logo com o homem á casa do conde e lhe contou tudo o que se passava, e elle estranhou muito aquella crueldade e maldade nunca vista nos antigos tyrannos. Mandou o conde vir o crioulo, e tanto que o ouviu mandou ao lugar aonde lhe disse que estavam as armas escondidas, o achando-as fez prender a dois flamengos, os quaes, confessando sua maldade, foram enforcados, e com isto parou tão grande maldade.

Emquanto a armada se deteve na Bahia sempre os hollandezes trouxeram náos de vigia pelo mar, e tomaram algumas caravelas nossas,que da Bahia iam para Portugal, e n'ellas acharam muitas cartas, pelas quaes ficaram informados de todos os designios da nossa gente e da intenção que tinham, e de como os soldados haviam comido todos os mantimentos que haviam trazido, e se tinham mandado prover ao Rio de Janeiro e S. Vicente até vir do reino a ordem que haviam de fazer.

Antes de partir a nossa armada da Bahia mandou o conde da Torre algumas tropas de soldados á campanha de Pernambuco para estarem escondidos pelos matos para que, tanto que deitasse gente em terra, lhe guardassem as costas; porém como foi derrotado, elles se tornaram para a Bahia, d'onde partiu a armada no fim do anno de 1639 em demanda de Pernambuco com determinação de deitar em terra dois mil homens dos que se haviam retirado para a Bahia, para que fizessem guerra por a parte da terra, e a armada, a do mar, para que apertando o inimigo por todas as partes se rendesse, e se este intento tivéra effeito sem duvida se

restaurava Pernambuco, ainda que o inimigo prevenindo sua total ruina tinha posto na Candelaria, que é uma praia distante do Arrecife quatro leguas da parte do sul, mil soldados, que governava o sargento-mór Mansfeldt, para impedir que não desembarcassem os portuguezes, e da parte do norte, na paragem que chamam o Páo Amarello, tres leguas em distancia do Arrecife, tinham outros mil homens, cuja cabeça era Carlos Tourlon, capitão da guarda do conde de Nassau, e no mar defronte do Arrecife tinham vinte náos grossas com alguns patachos bem providos de munições, e gente e artificios de fogo. Estas náos postas sobre a terra, cujos capitães e mais officiaes animou o conde, e propôz muitos premios aos que se houvessem valorosamente.

Veiu a nossa armada com vento e aguas em pôpa, e passando por a Barra Grande, que é distancia de vinte e cinco leguas do Arrecife para o sul, requereram os capitães soldados da terra ao general, e ao conde de Bagnuolo que com elle vinha, que os mandasse deitar em terra, e o mesmo requerimento lhe fizeram junto a Tamandaré, que é outro porto onde podiam desembarcar livremente dezesete leguas do Arrecife; porém como o conde se via com uma armada tão grossa, e parecendo-lhe que melhor era deitar gente em terra junto ao Arrecife, não deferiu ao protesto: vieram navegando, e como era principio de inverno, que tinha entrado rigoroso, e as aguas e ventos corriam do sul para o norte, não poderam tomar porto, aonde elle determinava, nem ainda a ancorar defronte do Arrecife, mas antes, rólando, por mar, foram com grande tempestade e furia dos ventos derrotando para a parte do norte, e nem poderam tomar a enseada do Páo Amarello, nem outro porto vizinho.

Vendo os hollandezes como a armada ia derrotada levantaram ferro do porto, onde estavam ancorados, e foram em seu seguimento com vinte náos grossas e alguns pa-

tachos, levando-lhe ganhado o barlavento, e começaram a pelejar com muito animo, e querendo abalroar com a nossa capitánea se succedeu mal do partido, porque acharam grande resistencia, e d'ella lhe atiraram algumas peças tão bem empregadas que as tres náos, que se chegaram mais perto, lh'as desmantelaram, e lhes derrubaram os mastros e velas, e á uma d'ellas fizeram em pedaços e lhe mataram o capitão com muita gente, e á outras fizeram muitos portilhos com as balas. Abonançou o vento por tres ou quatro horas, e vendo os hollandezes que as nossas náos se iam ajuntando para se pôrem em som de guerra, temendo de se verem desbaratados, se foram afastando de modo que a seu salvo pelejassem; mas logo tornou o vento e tempestade a recrescer com tal furia,que não tiveram outro remedio senão pôr as prôas para o norte e navegar para as Indias de Castella, segundo a ordem que tinham de el-rei, que, averiguado o negocio de Pernambuco, se fossem para as Indias de Castella.

Receiando o conde da Torre que o inimigo, vendo a armada derrotada e que a Bahia ficava com pouca gente, a fosse acommetter, a pedido de muitos capitães, e requerendo-lhe Luiz Barbalho, que era mestre de campo, deitou mil e tantos homens em terra no Porto do Touro, abaixo da fortaleza do Rio Grande quatorze leguas; e o historiador da *Liberdade do Brasil* se enganou em dizer, que deitaram esta gente na bahia da Traição, sendo de uma parte á outra de distancia muitas mais leguas, e o mestre de campo Luiz Barbalho se offereceu de vir com este seu terço, marchando pela campanha até a Bahia, para que ficasse bem guarnecida de gente se acaso fosse lá o inimigo, e tambem Henrique Dias e o Camarão com seus terços o acompanharam na jornada.

Tanto que a nossa armada foi derrotada para Indias, tornaram os hollandezes com a sua para o Arrecife, trazendo

na sua capitánea o seu coronel, que foi morto na peleja, e havendo deitado ancora mandou o conde de Nassau enforcar cinco capitães, porque na batalha haviam mostrado cobardia, e tambem a dois pilotos, porque fizeram pouca diligencia para investir a nossa capitánea ; ficando os hollandezes do Arrecife com grande alegria por se verem livres de tão eminente perigo, fazendo muita festa com surriadas de artilharia e mosquetaria em todas suas forças, e os moradores de Pernambuco, portuguezes, bem tristes e afflictos por se verem ficar outra vez captivos, tendo para si que tão poderosa armada os poria em sua liberdade; e ácerca de ser derrotada esta armada se fizeram muitos juizos e se disseram muitas cousas, que não me pertence averiguar, mais que escrever a minha historia.

Tornando a tratar dos mil e tantos soldados que com Luiz Barbalho ficaram em terra, havendo partido a armada para Indias, vendo-se com aquelle tão luzido terço de infantaria n'aquella praia deserta, sem mantimento, mais que o que os soldados haviam trazido em suas mochilas, e grande risco em meio das terras conquistadas pelo inimigo e tão distante da Bahia, fez uma exhortação de capitão valoroso a todos seus soldados, e começou a marchar na volta da Bahia, e no caminho do Rio Grande encontrou o governador da mesma força do Rio Grande, que chamavam Gasman, com uns indios e flamengos, ao qual aprisionou e trouxe comsigo para a Bahia, d'onde embarcaram para Portugal, e d'alli se foi á Hollanda e tornou outra vez pelo tempo em diante ao Arrecife ao governo da mesma força do Rio Grande, onde estava por governador; quando se levantou a gente de Pernambuco, em lugar de Henrique Hous, ficou por governador das armas hollandezas, como adiante iremos escrevendo.

Luiz Barbalho foi rompendo por muitas difficuldades,

atravessando por todas as povoações e terras occupadas pelos hollandezes, matando aos que lhe impediam o caminho e tomando todos os mantimentos que achava, e levando diante de seu esquadrão alguns bois, e vaccas e cavallos, para os que cansassem ou fossem enfermos, e passando pela Goyana achou alli um quartel de hollandezes com quinhentos e trinta soldados, cuja cabeça era o sargento-mór Ricardo, e investindo com sua gente o quartel, havendo uma renhida pendencia, o entrou e matou quasi a todos, e entre elles foi morto o Ricardo, e em um alagadiço, onde se tinha escondido, o foi um seu alferes com muito poucos dos nossos morrerem, se bem ficaram alguns quarenta feridos, cousa que sentiu muito o conde de Nassau e os do supremo conselho.

Deixou Luiz Barbalho os feridos entre uns matos por não haver em que se comboiasse tanta gente, nem elles o poderem seguir a pé, posto que um ou dois homens de joelhos o seguiram alguns dias, com grandes clamores e choros dos que ficavam, porque bem sabiam que não haviam de escapar com vida despedindo-se dos outros soldados, que apenas d'alli tinham andado uma jornada quando os indios *Pitiguares* e flamengos a todos mataram sem deixar nenhum, pedindo-lhes elles quartel, pois estavam feridos; mas comtudo foram mortos assaz a sangue frio.

Antes que a nossa armada partisse da Bahia haviam chegado seis mezes antes ás partes de Pernambuco alguns capitães destros nos secretos caminhos dos campos e matos, com os quaes veiu o capitão Paulo da Cunha, e por cabo de todos os capitães André Vidal de Negreiros, para que trouxessem ao inimigo inquieto e sobresaltado, e na occasião d'esse passo segura a nossa gente da armada quando quizesse desembarcar em terra; e como a armada tardou tanto tempo repartiram-se estes capitães em tropas pequenas de

vinte até trinta soldados para lhes ser mais facil o buscarem os mantimentos, e assim andavam mettidos pelas matas, padecendo muitos trabalhos, e d'alli sahiam e davam nas casas e fazendas, que os hollandezes tinham por o campo e sertão, e os roubavam e matavam, e muitas vezes sahiam os soldados sem ordem de seus capitães e roubavam os moradores da terra, portuguezes, chamando-lhes traidores e outros ignominiosos nomes, fazendo-lhes outras molestias e roubos que em silencio passo, o que os capitães não podiam remediar pelo aperto do tempo em que se viam, e como estas tropas andavam pelos matos, mudando cada dia sitio e alojamento, o qual eram os pés das arvores, não podiam ser achados pelos hollandezes que andavam em seus alcances; n'este entretanto ajuntou o capitão e cabo André Vidal de Negreiros a si a tropa do capitão Paulo da Cunha, e com tres barcas que tomou em um porto entrou na ilha de Itamaracá, e saqueou muitas casas e matou alguns flamengos que n'ellas moravam, e entre estes a dois capitães, e lhes tomou as armas, e se tornou da ilha sem perda nem desgraça de sua gente; e sabendo que a nossa armada vinha apparecendo pela costa de Pernambuco se uniram estas tropas para a irem esperar no porto aonde surdisse; porém vendo que ia para Indias se tornaram para a Bahia, como atraz dissemos, por seus caminhos occultos; outros, que ficaram na campanha, se aggregaram a Luiz Barbalho na jornada. Tambem se tornou para a Bahia o conde de Bagnuolo e o conde da Torre D. Fernando Mascarenhas nas náos em que haviam vindo na armada, tanto que a viram ir com as velas estendidas para as Indias.

Como o inimigo estava muito fornecido de muita e boa gente de guerra, sabendo que o mestre de campo Luiz Barbalho se tornava com seu terço na volta da Bahia, despediu contra elle tres esquadrões, um de mil soldados, o primeiro

dos quaes governava Carlos de Tourlon, capitão da guarda do conde de Nassau; o segundo o sargento-mór Martim Dias, e o terceiro o sargento-mór Mansfeldt, para que o perseguissem e desbaratassem; e como a força era grande e faltava o mantimento aos nossos, e vinham alguns cansados e feridos, foi necessario a Luiz Barbalho metter-se muito ao sertão, aonde não havia outro mantimento mais que milho zaburro, e este pouco, e a carne dos cavallos que levavam lhes servia de sustento; porém sempre foi marchando com tanto animo e tão boa ordem que não desamparou os moradores da terra, que se quizeram retirar com suas familias para a Bahia em sua companhia, por não ficarem sujeitos ao rigor dos hollandezes, e algumas vezes mandava algumas tropas pequenas de soldados ligeiros buscar mantimentos, com o qual foi sustentando a gente até passar o rio de S. Francisco da parte do sul.

Chegou o inimigo com seus tres mil homens ao rio e não quiz passar d'alli, temendo que se juntasse muita gente nossa e ficassem destruidos. Foi Luiz Barbalho caminhando para a Bahia já com mais allivio e descanso, e os hollandezes se tornaram para o Arrecife roubando os portuguezes moradores e matando a muitos por mãos dos indios, e bastava dizer um negro: « Este morador fallou com os soldados da Bahia, » que já estava enforcado ou arcabuzado com rigor nunca visto. Tambem os flamengos mataram a todos os nossos soldados que haviam ficado feridos atraz ou enfermos de doença, e para acharem os que estavam escondidos fizeram grandes diligencias, e a todos os que acharam tiraram as vidas; verdade seja que o conde de Nassau perdoou a alguns. Tambem perseguiram com tormentos aos moradores que suspeitavam que lhe haviam dado de comer ou os curavam, e assim ficou esta terra em grande tribulação quando cuidou ficar livre d'ella.

CAPITULO XXII

DO QUE SUCCEDEU NAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO ATÉ A ACCLAMAÇÃO DE EL-REI D. JOÃO, O QUARTO, DE PORTUGAL

Vendo-se os hollandezes livres da nossa armada que tanto temiam e das tropas que andavam pela campanha, por não estar ociosa a muita gente que tinham, mandaram uma esquadra de náos á Bahia com o capitão Carlos Tourlon, que entrando por ella, que tem quasi tres leguas de largura, fez grande estrago nos engenhos de assucar, que estavam á beira-mar, nos rios navegaveis, principalmente no de Paraguassú, saqueando-os e queimando-os, no entretanto que da cidade chegou a nossa infantaria de soccorro aos moradores, que se haviam recolhido aos matos e por a terra dentro, por não terem gente para lhe resistirem; mas tanto que chegou a nossa gente reprimiu a soberba do inimigo, com que o Tourlon se tornou a sahir pela barra fóra na volta de Pernambuco, carregado, porém, de tudo o que pôde saquear, e até os eixos, ferragem, caldeiras, e os mais instrumentos e fabricas dos engenhos, levou comsigo, com os quaes fabricou um engenho para si no sitio que foi de Jeronymo Paes, na Varzea.

Não se passaram muitos dias quando chegou á Bahia o marquez de Montalvão D. Jorge Mascarenhas por governador do Estado do Brasil, com titulo de vice-rei, que sendo informado do estrago que o Tourlon havia feito, despediu algumas tropas de soldados volantes para a campanha de Pernambuco, e por cabo d'ellas ao capitão Paulo da Cunha, com ordem de queimarem todos os cannaviaes de assucar e todos os engenhos, e matarem quantos bois mansos achas-

sem n'aquella capitania, para que os hollandezes não tivessem assucar que carregar nas suas frotas, nem esperanças de tirarem do Brasil proveito algum, e por este caminho, obrigados dos muitos gastos que faziam, desamparassem a Pernambuco; e logo despediu tambem secretamente a Henrique Dias, governador dos crioulos e mulatos, para o mesmo effeito, e após estas tropas despediu um correio ao conde de Nassau com uma carta, na qual lhe dizia que da Bahia lhe haviam fugido muitos soldados e alguns d'elles facinorosos, e que tinha entendido que vinham na volta de Pernambuco a lhe pedir embarcações e passagem para Portugal por via de Hollanda ou para fazer alguns desaforos, como costumam fazer os soldados fóra da obediencia de seus maiores e livres do temor do castigo, pelo que lhe pedia encarecidamente que lhes não concedesse licença e passagem; antes os mandasse enforcar se os podesse apanhar de mãos; escreveu isto com tal confiança, porque sabia que os soldados que havia mandado eram muito frageiros, acostumados a andar pelos matos, e que era impossivel o hollandez apanhal-os, porquanto amanheciam em uma parte e anoiteciam d'alli seis ou sete leguas, e quando os hollandezes tivessem novas d'elles já estavam postos em salvo nos meios dos matos.

Chegaram as tropas dos nossos soldados ao districto de Pernambuco, e repartidos de dez em dez e de quinze em quinze por as freguezias de toda a capitania começaram a pôr fogo aos cannaviaes, e houve grande perturbação entre os moradores, porque viam arder suas fazendas, porque o fogo em cannaviaes é como se fôra em estopas, e porque não sabiam o intento d'esta obra entre os hollandezes, porque seriam perdidos de remate, sem ter que levar de Pernambuco, e que se lhes acabavam suas ganancias; e, se acudiam a uma parte para impedir este mal, viam que

não sómente não achavam os malfeitores, mas antes se ateava o fogo em dez e vinte partes, e que lhe não podiam dar remedio humano, e assim andavam attonitos; mas como entre estes nossos soldados vinham alguns amigos do interesse e cobiçosos de dinheiro, tanto que se viam ausentes de seus capitães (que não podia ser menos segundo andavam espalhados), deixaram de pôr fogo a muitos cannaviaes por respeito do dinheiro que os senhores de engenho e lavradores lhes davam, e por este caminho ficaram muitos sem tocar, e outros lhes punham fogo de contra vento e fugiam; acudindo os lavradores com seus escravos o apagavam em breve, com o que ajuntaram grandissima somma de dinheiro, o que, sabido pelo vice-rei, jurou de enforcar aos culpados tanto que se tornassem a recolher para a Bahia, o que não teve effeito pelo que ao diante se dirá.

Vendo o damno que faziam os soldados, assim nos cannaviaes, como em jarretar os bois, com tão grande perda de todos, mandou o conde de Nassau pôr editaes por todas as freguezias e deitar bando no Arrecife, com graves penas, que todos os moradores, de qualquer qualidade que fossem, perseguissem, prendessem e matassem em companhia de seus soldados flamengos que por fóra estavam aquartelados, aos que abrazavam os engenhos e cannaviaes, como a ladrões, e salteadores e incendiarios; replicaram os moradores que aquelles eram soldados de el-rei de Hespanha e que vinham fazer o que seu general lhes mandava; que não podiam tomar armas contra elles, conforme as capitulações, e, que além de serem catholicos romanos, que lhes não haviam fazer guerra, inda que quanto possuiam dessem, porque estavam em suas casas muito distantes umas das outras, e que os viriam de noite a degolar ou de dia pelos caminhos, e em suas lavouras. O conde não teve dever com cousa alguma: respondeu que, se não fizessem o que havia

mandado, os castigaria por traidores; assim, que era forçoso aos moradores ao menos acudirem a apagar o fogo e fazendo que seguiam os soldados da campanha com dissimulação, e isto fez o conde por este modo, segundo se suspeitou, para depois fazer tomar armas aos moradores contra os catholicos como elles; porém temendo que, vendo-se elles com armas, se passariam aos outros (como lhe advertiram), deixou ir a cousa ao descuido; prenderam dois soldados do terço de Henrique Dias, que, inda que negros, eram soldados de el-rei, e o conde de Nassau os mandou queimar vivos por incendiarios dos cannaviaes.

Estas e outras cousas de menos consideração se passaram na capitania de Pernambuco até o mez de Dezembro do feliz anno de 1640, em que foi acclamado o serenissimo principe duque de Bragança D. João por rei de Portugal na cidade de Lisboa, e nas mais cidades e villas de todo o reino, e tomou pacifica posse de sua monarchia, cuja alegre nova chegou ao Estado do Brasil no fim do mez de Janeiro de 1641, e o mensageiro que trouxe esta nova á Bahia foi o padre Francisco de Vilhena, religioso da companhia de Jesus, o qual entregou a carta de el-rei ao marquez D. Jorge Mascarenhas, que governava o Estado do Brasil com titulo de vice-rei, como temos dito, que celebrou esta feliz acclamação na Bahia com muitas festas, e mandou esta nova a Pernambuco por João Lopes, piloto da barra, ao principe João Mauricio, conde de Nassau, com o qual tratava amizade, e aos do supremo conselho, que governavam a terra em nome dos dezenove da companhia das Indias Occidentaes; festejou muito esta nova e respondeu á carta que o vice-rei lhe mandára, agradecendo-lhe muito o favor que lhe havia feito em lhe mandar esta nova.

Tanto que João Lopes se partiu para a Bahia tratou o conde de Nassau de festejar a acclamação de el-rei D. João

com muitas festas e ostentações de alegria, que se fizeram no mez de Abril de 1641, e não eram ellas bem acabadas, quando chegou ao porto do Arrecife uma náo de Hollanda, onde veiu a nova da acclamação de el-rei, e de como se haviam assentado as pazes por dez annos entre Portugal e Hollanda, e as capitulações d'ellas tratadas e aceitadas por Tristão de Mendonça em nome de Sua Magestade. Logo o conde de Nassau despediu uma náo para a Bahia a visitar marquez de Montalvão D. Jorge Mascarenhas e a dar os parabens aos tres governadores que estavam de novo eleitos, os quaes eram o bispo D. Pedro da Silva Sampaio, e o mestre de campo Luiz Barbalho e Lourenço de Brito Corrêa. N'esta náo mandou por embaixador Henrique Code, um dos tres que assistiam no supremo conselho, e com elle Abrahão Tapper, secretario do politico, e alguns capitães, a despedir-se do marquez e a dar os parabens aos novos governadores, e a pedir-lhes que, pois os hollandezes tinham estabelecido pazes com Portugal ou treguas por dez annos, que tambem suas senhorias fossem servidas que houvesse treguas entre a Bahia e Pernambuco, para que assim tratassem de amizade, e honrada correspondencia de se poder tratar e escrever de uma para outra parte, assim por mar, como por terra, e para maior certeza de alliança e amizade fossem servidos de mandar retirar para a Bahia as tropas de soldados da campanha, cujo cabo era Paulo da Cunha, os quaes andavam fazendo muitos damnos e grande estrago por toda a campanha das capitanias de Pernambuco, queimando os cannaviaes e engenhos de assucar, e matando os bois mansos do serviço dos lavradores e roubando os moradores da terra.

Chegados os embaixadores á Bahia foram benignamente recebidos e hospedados com largueza possivel, e em breves dias os governadores os despediram, mandando com elles

ao tenente-general Pedro Corrêa da Gama, cavalleiro do habito de Christo, soldado antigo no serviço de el-rei, e experimentado nas armas e cousas politicas, para que em Pernambuco respondesse ao conde de Nassau e aos do supremo conselho, e assentasse com elles as capitulações convenientes, e mandasse retirar para a Bahia a todos os soldados que andavam na campanhá, e mandaram com elle ao licenciado Simão Alves da Lapenha para assistir aos assentos que fizessem, e ficassem firmes e fixos, conforme as leis civis.

Chegados o tenente-general e Simão Alves ao Arrecife trataram com os do supremo conselho a cessão das armas e communicação, posto que não quizeram que viessem navios nossos com mercadorias a Pernambuco até não vir ordem de Hollanda, onde escreveriam sobre este particular, e que se antes quizessem vir havia de ser com pretexto, que as mercancias que trouxessem haviam de vender sómente a elles ministros do supremo conselho, e receber de sua mão o retorno nas drogas da terra sem poderem commerciar com outras pessoas. Isto faziam para que, vindo ao Arrecife os navios, depois de pagos os direitos, e estando surtos por força a elles, haviam de vender as mercadorias pelo que quizessem, e por se não irem sem carga lhe haviam de tomar os assucares em retorno por excessivo preço, que em tudo usaram sempre de estratagemas e lanços em seu proveito.

CAPITULO XXIII

EM QUE SE TRATA SUMMARIAMENTE DE COMO OS HOLLANDEZES TOMARAM ALGUMAS TERRAS DE PORTUGUEZES, DEPOIS DAS TREGUAS ASSENTADAS, E DA RETIRADA DOS SOLDADOS DA CAMPANHA DE PERNAMBUCO PARA A BAHIA, E DA PARTIDA DO CONDE DE NASSAU PARA HOLLANDA.

Passados alguns dias que esteve no Arrecife o tenente-general Pedro Corrêa da Gama, mandou fixar editaes seus, em nome dos governadores da Bahia, por todas as partes das igrejas das freguezias de Pernambuco, para que em breve viessem á noticia dos soldados da campanha, para que logo, sob pena de traidores e como taes serem castigados, se sahissem das terras de Pernambuco e se recolhessem para a Bahia, o que fizeram em tropas, e o capitão Paulo da Cunha foi levando comsigo todos os soldados que andavam desgarrados desde o Arrecife até o Rio de S. Francisco, afóra dos outros que comsigo levava.

Vendo-se livre d'esta oppressão o conde de Nassau e os do supremo conselho, e logo começaram de usar aleivosias e traições, e mandando a Sergipé de El-Rei, em quatro náos, gente de guerra e trabalhadores, que fizeram no porto da cidade uma fortaleza e a proveram de soldados, o que fizeram em vingança do grande damno que o marquez de Montalvão D. Jorge Mascarenhas lhes havia causado, matando-lhes muita gente no Rio Real, e desalojando os hollandezes á força de armas da fortaleza que alli tinham feito. Tambem vendo-se com muita gente e náos, mandaram ao Pé de Páo Tamoso Cosairo por general de uma forte armada a tomar Angola e S. Thomé (tendo feito pazes e treguas com

el-rei de Portugal). Os moradores d'Angola, como estavam desapercebidos, se retiraram por a terra dent ro com seu governador Pedro Cesar de Menezes, e ficou por governador da cidade de Loanda, cabeça de Angola, de que se apoderaram os flamengos, o coronel Hinderson, e o Pé de Páo se partiu para S. Thomé, e ganhou aquella praça, onde morreu de doença e muitos seus.

Os hollandezes de Angola fizeram treguas com os moradores, e o Hinderson, e outras cabeças começaram a ter muita amizade com o governador Pedro Cesar, havendo commercio de parte á parte, e um dia sendo convidados os principaes a um banque te, para que os rogou ao arraial, pois estavam em treguas e amizade, vendo com os cubiçosos olhos e corações a muita prata do governador e outras peças ricas suas, e dos moradores, com que os hospedou com grande fausto, urdiram uma traição e aleivosia infernal para os despojarem d'estas e outras ricas peças de ouro e prata, e muito dinheiro que os moradores tinham; e assim estando elles descuidados no arraial que tinham feito, emquanto o inimigo tinha occupado a cidade, os hollandezes bem armados e concertados se emboscaram de noite junto d'elle, e parecendo-lhes que eram horas em que estariam dormindo, como de feito estavam, deram no arraial subitamente com as armas, e mataram a muitos e aprisionaram a outros com o governador Pedro Cezar, e lhe roubaram sua prata e dinheiro, e outras peças ricas, como fizeram aos demais moradores que estavam no arraial, tornando para a cidade de Loanda com esta rica presa, porém com ignominia.

Tambem de Pernambuco despediram os hollandezes seis náos com muita gente de guerra para tomar o Maranhão, os quaes, chegando á bocca da barra d'elle com bandeiras de paz, mandaram batel á terra a pedir licença para ancorar

dentro no porto, e vendo o governador Bento Maciel Parentes que tinha ordem de Sua Magestade para receber de paz aos francezes e hollandezes que alli aportassem, e para lhes dar por seu dinheiro todo o provimento necessario para suas viagens, lhes deu licença para entrarem, os quaes, tanto que desembarcaram em terra, de noite tomaram as armas e deram de subito sobre os moradores da terra, e por mar combateram a fortaleza e a ganharam, e com ella toda a terra, matando a muitos moradores; e roubando a todos e saqueando a terra, se tornaram para Pernambuco, deixando quatrocentos soldados na fortaleza e guarnecendo-a de mais artilharia da que tinha.

Os moradores, vendo tão grande aleivosia, se retiraram pela terra dentro, e se prepararam, animando uns aos outros, porquanto o governador Bento Maciel foi mandando vir por terra, e no caminho morreu. Em resolução os moradores do Maranhão, vendo occasião em um dia de festa, fizeram um esplendido convite, e rogaram ao governador flamengo e aos seus officiaes maiores, e no convite os mataram e deram logo em todos os outros que andavam desgarrados, e tambem os mataram, e sómente escaparam os que estavam na fortaleza, e os que se recolheram debaixo da artilharia, e esquiparam um navio para o Arrecife a pedir soccorro, que mandaram d'alli a alguns dias em seis náos e dois patachos com 800 homens, com o coronel Hinderson, que tinha chegado de Angola com muito ouro, prata e joias, e todas as mais alfaias que achou pelas casas dos moradores. Emquanto tardou o soccorro do Arrecife fizeram os moradores do Maranhão um forte reducto, com boas palissadas e trincheiras, guarnecendo-o com algumas peças de artilharia que mandaram vir do Grão-Pará, e alli se fizeram fortes, mandando retirar por a terra dentro suas mulheres e filhos.

Tanto que chegou o Hinderson desembarcou em terra á

sombra da fortaleza, e não fazendo conta dos portuguezes os foi logo buscar, com intenção de os pôr todos a fio da espada; porém os nossos os vieram receber em campo aberto, e lhe sahiram de um lado com uma emboscada, e lhe mataram a mais da gente que havia levado, e logo com as peças do reducto, abocadas, lhe destroçaram e fizeram as náos em pedaços, e não teve Hinderson outro remedio, para salvar a vida com a pouca gente que lhe ficou, senão metter-se na sua fortaleza, e temendo que a entrassem os portuguezes á escala vista e o degolassem com seus companheiros, sahiu-se uma noite da fortaleza com os que n'ella estavam e se metteu em dois barcos, e se veiu acolhendo para o Arrecife, e temendo vir por mar por serem os barcos pequenos sahiu no Ceará em terra até o Rio Grande e d'alli para o Arrecife: d'esta sorte ficaram livres e victoriosos os moradores do Maranhão e vingados da traição que os hollandezes lhes haviam feito.

Por este tempo usaram tão mal os hollandezes das treguas que tinham assentado com Sua Magestade, que depois d'ellas apregoadas tinham tomadas dezeseis embarcações que vinham de Portugal para o Brasil. Antonio Telles da Silva escreveu ao conde de Nassau estranhando-lhe estas exorbitancias, e juntamente lhes fez requerimento aos do supremo conselho Pedro Corrêa da Gama e o licenciado Simão Alves de la Penha sobre o largarem a fortaleza que depois das treguas assentadas haviam feito em Sergipe de El-Rei; mas a nada d'isto deferiram, e por esta razão mandou o governador Antonio Telles da Silva a D. Antonio Filippe Camarão a assentar com todos seus indios alojamento em Sergipe para se aproveitar dos frutos da terra e do gado amontado, e com ordem que não consentissem que os hollandezes sahissem fóra de sua fortificação a buscar mantimentos por a terra dentro, e que encontrando-os a primeira e segunda vez lhes

tomassem as armas, e se sahissem a terceira vez o haviam de pagar com as vidas, o que elle fez com tanto cuidado que não sahiram mais de sua fortificação e sómente se sustentavam com o que lhes ia do Arrecife.

No mez de Maio de 1643, por ordem que de Hollanda veiu, o conde de Nassau João Mauricio se partiu de Pernambuco para Hollanda, e foi por terra até a Parahyba, onde se embarcou, mostrando sentimento de se apartar e ir de Pernambuco, onde tinha tirado um grande thesouro; os moradores tambem o mostraram por sua partida, porque sempre os favorecia por ser bem inclinado, e assim era bemquisto de todos. Levou comsigo muita e boa gente de guerra, parecendo-lhe que não poderia haver alteração alguma em Pernambuco; deixou por governador das armas hollandezas a Henrique Hous, capitão da sua guarda, de que se ha de fazer muitas vezes menção n'esta historia.

CAPITULO XXIV

EM QUE SE RELATA PARTE DAS TYRANNIAS E CRUELDADES QUE USARAM OS HOLLANDEZES COM OS MORADORES DE PERNAMBUCO, COM QUE OS OBRIGARAM A TOMAR AS ARMAS E SE PÔREM EM LIBERDADE.

Sentença é de Xenophonte no oitavo livro de sua *Cyropedia*. *Novita molestum est bene non habuisse, quamquam qui bene habuerit is privari est acerbum* : Que mais sente ser privado e desapossado do bem o que o possuiu e teve, que aquelle que nunca. Em grande bem felicidade e contentamento estavam tantas almas portuguezas, logrando e possuindo os frutos da dilatada provincia de Pernambuco,

pela justa occupação que n'elle fizeram os reis de Portugal, para reduzir ao lume da fé da igreja catholica romana tantos milhares de almas, que n'aquella gentilidade havia, quando por invectiva de piratas, não tementes da divina justiça, se fez nas provincias de Hollanda uma mercantil companhia ou bolsa para roubar estas capitanias de Pernambuco a seus reis e senhores, e assim prepararam as armadas de que atraz fica feita menção, para infestarem estas terras e as tomarem, padecendo o povo nas passadas guerras muitos trabalhos e infortunios, e por fim renderam a cidade da Parahyba com partido de deixarem viver os portuguezes na lei de Jesus Christo, na fórma que nos ensina a igreja romana, nossa mãi, e que assistiriam em suas fazendas, gozando-as como de antes, sem accrescentar cousa alguma, passando de tudo editaes ; porém depois quebraram e desfizeram tudo o que tinham assentado, mandando por governador da Parahyba, Goyana e Itamaracá, a Ipo Eysens, que usou tyrannias exorbitantes com os moradores, roubando-os e avexando-os, e levantando-lhes testemunhos falsos e accusações fantasticas, dando sempre em prova tres homens seus parciaes, a saber : João Vinanis e Hans Vuilens, comendor dos caboclos brasilianos, e João Guterres, seu secretario, procedendo a este respeito com muitos d'elles, dando-lhes crueis tormentos até tirar o muito dinheiro que pretendia.

Faltando este tyranno, entrou outro por nome Henrique Squilt, que, seguindo as mesmas pisadas, roubou, prendeu e deu tormentos, e mandou matar ao padre Alvaro Mendes, como fica atraz contado. Rendido o Arrayal, resgataram os moradores as vidas com dinheiro, trateando e descompondo sem culpa alguma a Antonio de Freitas da Silva, tomando-lhe quanto de seu tinha ; e estando de cerco o Arrayal, haveria oito dias, para começarem a ensaiar suas

tyrannias, e extorções e roubos, sabendo Jacob Stachouwer que Pantaleão Monteiro, a quem tinha dado passaporte, era homem rico, o mandou saquear e trazer preso, dizendo sem haver commettido culpa alguma, era um traidor; e malsinando-o um cabra seu onde tinha o dinheiro enterrado, foi o mesmo Stachouwer pessoalmente a fazêl-o desenterrar, e achando, segundo fama, dezoito mil cruzados em dinheiro, fóra ricas peças de ouro e prata, usurpou tudo, usando o mesmo com Catharina Jorge, a quem debaixo de passaporte tomou muito dinheiro, ouro e prata, e tão ricas alfaias de casa, que admirado d'isso não tinha o principe de Orange, peças tão boas como aquellas; e a Isabel Corrêa, mulher do capitão João Dias, tendo-lhe dado passaporte, a tratou de tal sorte que ficou bem aleijada, só por fama de rica, á qual tomou, além de muito dinheiro e peças de ouro e prata, seus escravos. E quando, sem estarem ainda senhores, pois tão pouco tempo havia que tinham sitiado o Arrayal, d'esta sorte guardavam os passaportes, os mesmos que os davam e passavam, que usariam depois pelo tempo adiante?

E vendo que a religião da sagrada companhia de Jesus estava, segundo fama, muito rica, começaram logo os do conselho a fulminar que eram os padres amotinadores do povo, sendo que viviam tão recolhidos como pessoas de tanto exemplo; arguindo-lhes mil falsidades os prenderam e levaram á ilha de Itamaracá com muita ignominia e affronta, e d'alli os embarcaram (dando-lhes tal tratamento que muitos morreram) para Hollanda, apoderando-se de todos seus bens e de todas suas fazendas, fazendo pedaços as santas imagens que os padres tinham em suas igrejas, que tambem derrocaram, e fizeram outras exorbitancias que por brevidade deixo.

Depois de rendido o Arrayal, como temos dito, mandaram

a Guilherme Scotholp, governador, á villa de Serinhaem, onde, roubando aos pobres moradores, tirou muita quantidade de fazenda. Seguindo o Artichofsky a D. Luiz Rojas, fez conselho no engenho de João Lins de não dar vida a nenhum homem, mulher, nem menino, assolando tudo a ferro e fogo, queimando muitas pessoas vivas nos cannaviaes, sem embargo de terem passaportes em que os segurava.

Entrando o Rebellinho na campanha, e o Camarão depois e outros, bem se tem visto, como atraz relatei, as mortes e tyrannias que fez Sigismundo von Schkoppe no anno de 1639, na Alagôa do sul o sargento-mór Mansfeldt, e por Escoltet Arnao Vandliberguen, alevantaram áquelles moradores que tinham farinhas e mantimentos para os soldados da Bahia, e mandaram chamar os ditos moradores, a saber: Sebastião Ferreira, morador no rio de S. Miguel; Manoel Pinto, lavrador de cannas; Gabriel Soares, senhor de engenho; e sem prova os mandou tratear a todos cruelmente, pondo-lhes fogo debaixo dos pés, de que ficaram aleijados, e a poder de dinheiro com as vidas. Aos que governavam no supremo conselho do Arrecife eram presentes publicamente as tyrannias do dito Mansfeldt, assim pela notoriedade d'ellas, como pelas continuas queixas, que os moradores lhes faziam, a que nunca deferiram, antes o remedio que lhes deram foi mandar outro peior em seu lugar, por nome Vualraven Vand Malhurch, o qual ha poucos dias fingiu que vinham os nossos campanhistas, e com este motivo profanou e queimou nossos templos sagrados, roubando a todos os moradores sem lhes guardar passaportes.

No tempo que veiu a armada do conde da Torre, tendo os do supremo conselho dado passaportes aos frades de S. Francisco, S. Bento e do Carmo, os embarcaram, dizendo que iam para Indias (e que o faziam porque andavam amo-

tinando o povo), ficando alguns poucos clerigos, que não ousavam de celebrar missa, nem metter-se em outro acto de christandade.

Entre muitos usaram sempre de um diabolico genero de tormento e martyrio, quando em alguns moradores faziam justiça em o Arrecife e outros facinorosos: é que, estendidos os homens sobre uma roda grande para aquelle effeito, lhes quebravam as canellas das pernas, joelhos, e braços e hombros, com alavancas de ferro, e ultimamente lhes davam nos peitos, fazendo-lhes as entranhas pedaços, com que acabavam, e os açoutes que davam, tão crueis, que logo sahia o sangue em grande copia.

Puzeram em todas as freguezias comendores para os governarem, os quaes por qualquer suspeita que tinham, ou pela causa que queriam, mandavam chamar os homens, e os penduravam para traz revirados, e amarrando-lhes os pés punham entre elles um grosso caibro, sentando-se um hollandez em uma parte e outro em outra, e d'esta sorte os desconjuntavam; e a outros, depois de pendurados, lhes untavam os pés com azeite, pondo-lhes debaixo fogareiros com vivas brazas que os abrazavam. E o comendor da freguezia de S. Lourenço, chamado Gilberto, deu muitos d'estes tormentos a muitos homens para lhes usurpar seu dinheiro, e havia outros tormentos de cavalletes de páo e taboas repassadas com pregos agudos, e outros generos e invenções diabolicas de tormento que inventavam, que seria largo processo relatal-os.

Mandaram aos moradores depois de haverem tomado as armas a todos que as podessem trazer, comprando-lh'as, para se defenderem de negros salteadores, de que havia grande copia pela campanha, e salteavam sem deixarem casa de moradores que não corressem, e alguns fingiam serem soldados de el-rei de Hespanha, vindos da Bahia

(e um negro levantou companhia de muitos facinorosos e fez capitão d'elles, a que chamavam o Previsto, e dava nas casas saqueando, ferindo e matando muita gente, e fazendo pelas freguezias, principalmente da Varzea, e outros muitos desaforos, roubos e maldades); assim lhes venderam aos moradores as armas que lhe tinham tomado, e d'alli a poucos dias, depois de colherem uma grande somma de dinheiro, deitaram bando, sob pena de morte, que entregassem outra vez as armas; isto usaram por tres vezes até que os moradores, desenganados, se resolveram a trazer bordões, e esses lhes não consentiam que fossem ferrados, nem facões, e outras vezes mandaram que não podessem passeiar dois homens juntos, e nas conversações onde se juntavam haviam de fallar alto, e não á puridade um com outro, nem irem muitos juntos por um caminho, que, como faziam e usavam tantas tyrannias, andavam receiosos de algum levantamento, e por isto se acautelavam e se faziam temer, como os antigos tyrannos que diziam: *Oderint dum metuant.*

Deram por ordem aos moradores, com pena de morte, que tanto que em suas casas desse gente das tropas portuguezas, que andavam pela campanha, fizessem logo aviso ao quartel mais vizinho, e fazendo elles assim por evitarem a morte iam os flamengos n'aquelle instante ás casas d'onde tinham dado os soldados e as saqueavam, trazendo os senhores d'ellas presos, dizendo serem traidores, pois fallavam com os portuguezes, e lhes davam de comer, como se não tomassem elles violentamente aos tristes moradores quanto queriam, sendo que foi tal a desventura e miseria d'este povo, que os mesmos portuguezes, irmãos seus, com titulo de soldados, os saqueavam e faziam mil affrontas, e tratavam de traidores, amarrando e prendendo a muitos homens, e fazendo outras vexações e desaforos para lhes darem dinheiro, o que os hollandezes bem conheciam; com

tudo saqueavam o resto que lhes ficava e os prendiam, e não eram soltos até pagarem muito dinheiro, e por muitas vezes não irem ao Arrecife, arriscados a maiores desventuras davam quanto tinham ; e muitas vezes os campanhistas, compadecidos dos damnos e males que vinham aos moradores por darem em suas casas, os aconselhavam e mandavam que tanto que, elles se fossem, logo no mesmo ponto dessem aviso aos quarteis dos hollandezes, que acudiam logo como aves de rapina á presa, de sorte que, ou dessem os da campanha ou hollandezes, os infelizes moradores eram os que pagavam com suas vidas, e a bom livrar com as fazendas.

Costumavam os soldados flamengos por consentimento de seus maiores deitar em o mato que estava junto ás casas dos moradores, principalmente dos que tinham fama de ricos, pelo silencio da noite, polvora, balas, e, fazendo ao seguinte dia que corriam a campanha, chamavam aos moradores, mostrando-lhes o que alli de noite haviam deitado os mesmos hollandezes, dizendo que eram uns traidores, que tiveram a gente da campanha alli escondida para os degolar; remettiam á casa, saqueando-a, dando tormento aos que dentro achavam para que confessassem onde tinham o dinheiro enterrado, e pobres dos que o não tinham, e fazendo medo aos negros e negras, e talvez promessas, lhes faziam dizer que os senhores tiveram alli os campanhistas occultos e que lhes davam de comer ; e com taes testemunhos falsos os levavam ao Arrecife, onde miseravelmente pereciam os que não tinham dinheiro, porque os que o possuiam á custa d'elle se livravam.

Vinham por outras vezes de noite alguns hollandezes, com traje fingido, trazendo comsigo alguns escravos, e como fallavam bem portuguez, batendo ás portas, mandavam abrir da parte de el-rei de Hespanha e tudo roubavam.

Costumavam tambem, quando iam de noite com grandes tropas correr a campanha, levar em sua companhia alguns portuguezes velhacos, e cercando as casas aos moradores mandavam abrir da parte do rei, e dizendo os de dentro (cuidando serem portuguezes os que batiam): Srs. soldados, deixem-n'os pelas chagas de Christo, e sendo christãos como nós não queiram que os hollandezes nos maltratem como vossas mercês sabem; replicavam os velhacos: Abram, quando não (dando grandes golpes nas portas) poremos fogo ás casas; e abrindo os miseraveis (porque muitos moravam em casas cobertas de palha) se achavam com os hollandezes que lhes diziam que eram traidores, e que cuidando serem elles portuguezes lhes abriam as portas para lhes darem mantimentos, e tratar outras cousas particulares, e assim saqueavam e prendiam a muitos, e talvez davam tormentos; e em tempo de João Mauricio, conde de Nassau, se fingiu um capitão de sua guarda chamado Carlos Tourlon, que era portuguez, levando seus negros e mulatos, que tinha em um engenho que possuia, e foi á casa de um letrado chamado Antonio Pereira, e o quiz pôr a tormento por não ter dinheiro que lhe dar, o que o letrado evitou, passando por mandados fingidos portuguezes da campanha um credito de cem mil réis, e foi demandado o letrado em juizo pelo credito, dizendo o capitão Tourlon que o achára em uma mochila que tomára pelejando com os portuguezes, e succedendo isto na Varzea de Capibaribe, onde o letrado morava, tão perto do Arrecife, se póde julgar o que se faria por outras partes mais remotas e postas ao sertão?

Depois que veiu o conde de Nassau cessaram em parte tantas mortes e insolencias, por ser amigo dos moradores, que muito á custa de sua fazenda souberam grangear sua amizade; mas o conde só attendia ao governo das armas;

comtudo não deixaram os do supremo conselho de continuar em sua maldade; e porventura temerosos de algum alevantamento mandaram a todas as freguezias quatro flamengos a cada uma, que, com quatro moradores os mais nobres e ricos, tomassem a rol, como fizeram, todos os homens solteiros de doze até cincoenta annos de idade, e haviam determinado de embarcar os solteiros, e deital-os em partes e terras deshabitadas; mas por lhe dizerem portuguezes, confidentes seus, que era impossivel, porque, presos uns, fugiriam os outros para a Bahia e teriam mais inimigos, deixaram de pôr em execução a prisão, e quando veiu a armada do conde da Torre á Bahia ordenaram em cada freguezia quatro inspectores portuguezes e abonados, que tinham cuidado de attentarem pelas acções dos solteiros e manifestal-as sob pena de morte. Em o supremo conselho fazendo obrigar aos pais dariam em todo tempo conta de seus filhos, e que não a dando (como se cada qual não fosse livre) pagariam com as vidas e fazendas; e era tão grande o rigor dos hollandezes que houve pais, por se temerem e com razão, que não quizeram ser fiadores de seus filhos, os quaes deixaram estar na cadêa em grilhões até que muitos homens, e ainda alguns flamengos, compadecidos da miseria dos moços, pediram aos pais os fizessem soltar, que quando não quizessem ser fiadores seus, elles o seriam, e deram os do conselho por ordem aos hollandezes, que pelas freguezias estavam aquartelados, que, achando qualquer dos ditos solteiros fóra de suas freguezias sem licença, por escripto de um dos inspectores, limitada, os matassem logo.

Tomaram o castello de S. Jorge na Mina e depois Angola, d'onde trouxeram muitos escravos e os venderam os da bolsa aos moradores por trezentas patacas, e ainda por mais, valendo o melhor escravo em nosso tempo trinta mil réis,

e tomavam os homens para grangearem suas fazendas e se remediarem por não ter outra parte onde os comprar, e por isso lh'os vendiam por tão excessivo preço; então os mercadores, assim judeus, como flamengos, e os mesmos da companhia e bolsa, vendendo suas fazendas de qualquer sorte com tão excessivos preços, que, não podendo pagar ao tempo constituido lhes era força tomar o dinheiro aos judeus com grandes exorbitancias, onzenas e a que chamam do galelim, de sorte que muitas vezes por um escravo, indo crescendo as ganancias e correndo o tempo, vinham a pagar duzentos e trezentos mil réis, com que se vieram a endividar, tanto que as fazendas e engenhos não eram bastantes para pagar os debitos que faziam! E muitas vezes os do conselho levantavam e abaixavam o dinheiro, tudo por seu proveito e perda dos moradores, carregando-os de tributos excessivos, que se d'esta materia houvéra de escrever os particulares seria não dar fim a esta historia. Andando buscando invenções de avanços nunca vistos, e antes de chegar o tempo em que os moradores haviam de vender seus assucares, se accumulavam os judeus e flamengos, e lh'os tomaram pelo que queriam em pagamento, e como os homens não tinham a quem os vender senão a elles, por se lhe não perderem, lh'os davam por baixo preço; e alguns tomavam dinheiro na praça para se remediarem, e outros para resgatarem as vidas á ganancia dos judeus, que por conhecerem a necessidade o davam a tres e quatro por cento cada mez, indo além do proprio, correndo as ganancias que eram outras que cresciam, onde se vieram a fazer taes processos de ganancias, que vieram a levar muitos partidos, e engenhos e fazendas, aos homens.

Apertavam tanto os governadores flamengos com os miseraveis moradores, que até nas embarcações em que haviam de tomar-lhes o seu mesmo assucar pelos debitos

punham estanque, de maneira que, para embarcarem o assucar com que pagavam, não só satisfaziam excessivos fretes e avarias, mas ainda peitavam a quem lhes davam licença, e porque em tantos enredos a companhia alcançou aos mais dos moradores em debitos muito grandes, os que governavam recebiam grandiosas peitas por não executarem as dividas, ficando por todas as vias assolando aos moradores, com tanto aperto, que confiados muitos nas grandes dadivas que offereciam, e no alegre semblante com que lh'as aceitavam, mandavam suas caixas de assucar ao Arrecife para fazerem algum dinheiro para remediarem sua necessidade; e apenas appareciam, quando sem lhes guardarem palavra, lei nem urbanidade, lhes tomavam todas as caixas, sem reservação de um só; porque inda com estas traças entendiam não estavam de todo esgotados os moradores, inventaram outra de tomarem com poder e em nome da companhia a solução dos debitos que os moradores deviam aos judeus e a outros mercadores, com condição de os devedores obrigarem á companhia seus bens, e a companhia ficar obrigada a pagar aos mais credores, fundamento com que muitos dos moradores, que tinham grandes debitos particulares, negociaram com os do governo se obrigassem ás ditas dividas, e ficarem elles moradores obrigados á companhia, e com tal traça fraudulenta e enganosamente firmavam muito mais excessivos os debitos do que os deviam, por logo receberem dos ministros da companhia quantidade de escravos e fazendas em varias especies, com tanto consentimento e notoriedade dos governadores, que por contrahirem o bulrão e licioso negocio aceitavam de peita grandes sommas de mil cruzados, em grande descredito dos Estados de Flandres e total ruina da companhia, que serviam de assolação geral d'esta republica; que houve homem que por um d'estes negocios deu

aos do governo mais de vinte mil cruzados, e todos os mais que o celebraram, que foram muitos, peitavam na fórma que o negocio era, levando ainda d'estes a quarenta e dois por cento por lhe alargar o debito a tempos, chegando por estas razões a tão miseravel aperto que nos mais dos engenhos estavam actualmente olheiros da dita companhia, levando todo quanto assucar faziam com as mais exorbitancias, embelecos que jámais juizo humano formou, bem remotos da sentença de um grave historico que diz: *Ut novit populi facilius nobis adsuescant, et nostrum jugum patiantur sunt onerib us atque tributis levandi.* O que elles pelo contrario fizeram.

CAPITULO XXV

EM QUE VAI SEGUINDO A MATÉRIA DO CAPITULO ANTECEDENTE, DO MANIFESTO POR CUJA CAUSA OS MORADORES DE PERNAMBUCO ACCLAMARAM A LIBERDADE, SENDO IMPULSOR E EXECUTOR D'ELLA JOÃO FERNANDES VIEIRA.

A justiça, que é o principal, ou para melhor dizer o primeiro esteio e columna, em que se estriba e está firme a republica, posto que no principio em parte conservavam e guardavam, pelo tempo em diante veiu a ser tão depravada e mal guardada, que de justiça se tornou injustiça, e apenas se cobria com a capa que tão desbaratada e rôta tinha, porque quem mais dava e subornava com peitas esse era a quem se fazia, como brevemente se irá vendo; para que se houvesse de escrever as injustiças que se faziam seria escrever um largo e compendioso discurso. Fizeram nove juizes, a que elles chamavam scabinos, e mais officiaes da ca-

mara, a saber: cinco flamengos, por terem mais um voto sempre, e quatro portuguezes; mas a justiça era a que os flamengos queriam e de quem mais dinheiro tinha para dar. Fizeram outro conselho sobre elle, que chamam politico, ao qual iam as appellações de aggravo. A pessoa que n'estes conselhos queria pôr alguma cousa, primeiramente havia de dar meia pataca para se lhe receber a petição, e as petições e acções que se faziam forçosamente para se lhe deferir as haviam de levar escriptas em lingua flamenga, e para isso (supposto que os mais dos ministros entendiam e fallavam a lingua portugueza) tinham ordenados certos officiaes, os quaes trasladavam as petições dos portuguezes em flamengo, e levavam por cada uma, uma pataca ou mais, conforme o theor d'ella, e logo se seguiam gastos tão excessivos que, se um portuguez queria cobrar de outro dez cruzados que lhe devia, primeiro elle havia de gastar vinte e o que devia gastava quarenta; porém ha de se advertir que o devedor, se dos dez cruzados que devia, dava peita de cinco aos flamengos, logo se lhe dava absolvição plenaria, e assim muitos deixavam perder suas dividas por não gastarem muito mais que o que se lhes devia, e no fim das demandas sahiam todas custas ao intentante; e se alguem perguntar porque razão os juizes portuguezes não acudiam a atalhar estas sem justiças, respondo que, inda que no inferior conselho eram quatro portuguezes e cinco hollandezes, todavia os portuguezes, como moravam em diversas partes, em suas fazendas, raramente se ajuntavam todos; e dado o caso que se ajuntassem (porque os hollandezes, sim, que moravam no Arrecife) todos, como a cousa ia por votos, sempre os hollandezes prevaleciam, porque tanto que elles se inclinavam a uma parte não havia remedio senão dar-se a sentença por quem elles queriam, porque quando os portuguezes replicavam, e a causa ia appellada ou aggravada

para o conselho politico, sempre o parecer dos juizes hollandezes era confirmado segundo queriam, os quaes fallavam uns com os outros em sua lingua e despachavam como lhes parecia, e davam o papel ou sentença aos portuguezes que assignassem ; e se replicavam e a não queriam firmar, não importava, porque só confirmada pelos flamengos, se dava logo á execução, e assim os portuguezes, que eram eleitos em juizes, vinham poucas vezes ajuntar-se, porque sabiam que os hollandezes fariam o que queriam.

Tinham mais no Arrecife e em outras partes dois officiaes ou ministros de justiça: a um chamavam fiscal, e a outro scolteto, que se faziam mais que bispos e vigarios geraes, porque condemnavam em cem dobrões e talvez em muito mais aos parochos das nossas freguezias se assistiam (ainda enganados) a algum casamento de algum que foi acolhido entre portas; e se algum homem queria affrontar ou ferir ao outro, primeiro se ia concertar com o fiscal ou com o scolteto, dando-lhe vinte dobrões ou aquillo em que convinham, conforme havia de ser o crime ; e queixando-se o que havia recebido a affronta, que a qualquer dos dois pertenciam estas cousas, o mandavam pôr a bom recato na cadêa, d'onde não sahia sem pagar a condemnação, dizendo-lhe que era um velhaco, e que por dizer ruins palavras ao outro lhe fizéra aquelle mal, e a appellaçao que alli havia era pagar; e se algum passava os limites das affrontas e feridas que dava ao outro, lhe faziam pagar mais dinheiro, dizendo, que tinha excedido d'aquillo em que se tinha concertado. Considere o leitor que boa justiça era esta.

O scolteto ia pelas freguezias a condemnar os amancebados, e depois de ajuntar muito dinheiro se tornava a concertar de novo com elles, e dando-lhe cada um seis dobrões ou o preço em que se concertavam lhes passava escripto e quitação de que já tinha pago para o anno seguinte, para

que livremente, sem nenhuma pessoa entender com elle, andasse com a concubina, e não era o zelo que n'isto mostravam para elles se emendarem (porque então perderia o scolteto muito dinheiro, porque arrendava este officio), nem por evitarem offensas commettidas contra Deus, mas para mais pagarem e crescer a renda, e para tirar e juntar mais copia de dinheiro, que não escapava solteiro nenhum que não pagasse, dizendo que forçosamente haviam de ter concubina e se concertasse com elle; e muitos innocentes da culpa, a quem mandavam notificar por não irem ao Arrecife, e fazer muitos gastos em apurarem sua innocencia, que ao fim não lhes haviam de valer, para deixarem de pagar se concertavam com elle em um tanto, que logo pagavam por não soffrerem mais molestias e avexações, e passando mais ávante punham os scoltetos em seus róes a muitas mulheres casadas e honradas, e quando os maridos não estavam nas casas se iam ter com ellas, mostrando ás mulheres o rol, dizendo que estavam amigadas com homens que talvez jámais viram, e que seus vizinhos as accusavam, que mais valia concertar-se com elle secretamente do que andarem em auditorias. Ellas por se livrarem das infamias que falsamente lhes arguia o scolteto, vendendo muitas vezes as joias, pagavam o que não deviam, usando a mesma maldade com muitos homens honrados e de bem, e com alguns sacerdotes de bom viver, os quaes por se não verem diffamados em semelhante juizo, d'onde a mentira dos flamengos era verdadeira, para com os portuguezes pagavam ao scolteto o que elle queria.

Fizeram os flamengos leis sob graves penas, que a cada morador plantasse cada anno um certo numero de covas de mandioca, que é a raiz de que se faz a farinha da terra, segundo os escravos que cada um possuisse, e que ditas covas de mantimento lhes dariam os moradores razão todas as

vezes que lh' as pedissem, e que fossem obrigados a ter cada um seu meio alqueire de páo, afilado por officiaes que para isso ordenavam, e que os do campo e matas concertassem os caminhos das terras onde viviam, e outras cousas para tomar achaques de condemnar e roubar os moradores como sob capa de governo. Isto feito sahiam seus scoltetos cada seis mezes pelos campos e matos com outros ministros de justiça, e chegavam ás casas dos moradores, e nenhum havia que não ficasse condemnado em dinheiro, ainda que fizesse milagres no cumprimento de suas prematicas, e os scoltetos todas as condemnações que faziam eram para si, e d'alli davam a metade aos do conselho, ou, como acima disse arrendavam os officios, e como estes condemnavam sem appellação nem aggravo para outro superior, alargavam a mão e a boa vontade, segundo lhes parecia. Quando chegavam a alguma povoação mandavam um mensageiro aos principaes moradores d'ella, dizendo que fossem avançar com elle por os moradores, em tanta somma de dinheiro, que não entraria na povoação, nem boliria com elles, e que a elles lhes ficava assim melhor e mais barato. Vendo os moradores que, ou por fas ou por nefas, lhes havia de levantar mil caramilhos, e haviam de pagar todos, muito mais lhe ajuntavam entre si todos, inda que lh' o não devessem, nem se achassem comprehendidos em cousa alguma das prematicas uma somma de dinheiro, com que elle não entrava na povoação, e se não era assim logo entrava com grande rigor, condemnando a cada um, sem lhes valer nenhuma queixa, em muito mais dinheiro quatropeado, sem appellação nem aggravo. E um anno, para não relatar outras muitas cousas, sahiu o scolteto Paulo Antonio Damas no districto do Arrecife, aonde assistia o conde de Nassau João Mauricio, que atalhava alguns desaforos, para que d'aqui se

collija o que iria por as outras partes mais distantes, e fez o que iremos relatando.

Sahiu este scolteto, Paulo Antonio, do Arrecife com outros ministros da camara por as casas dos moradores, dizendo que ia crestar suas colméas e deixando assolados os moradores da varzea de Capibaribe, Apepucos e Barreta, e districto da villa de Olinda, com uma amigavel composição que com elle se fez; por não entender com cada um dos moradores entrou nas freguezias de Santo Amaro e S. Lourenço e as abrazou com tyrannicas condemnações, porque aos que não achava comprehendidos na pragmatica da planta das roças de mandioca os condemnava por não terem os meios alqueires afilados, e se os tinham dizia que a afilação era falsa; e aos que achava por aqui livre os condemnava por não terem os caminhos bem planos e concertados, e quando por aqui não achava porta aberta buscava outros apeguilhos, por onde todos, altos e baixos, ficavam condemnados, e ajuntou n'estas duas freguezias mais de quinze mil cruzados. Condemnou n'esta occasião a um mancebo pobre em doze mil reis, porque tinha um cachorro de caça, dizendo que não era fidalgo para o poder ter. A uma mlher pobre condemnou em dez mil réis, porque lhe trouxe a beber por uma cuia, que assim chamam a uns meios cabaços na lingua da terra, a qual por ser tão pobre não tinha pucaro, dizendo ser descortez em não ter um pucaro novo para dar de beber ao scolteto da illustre companhia. A um ferreiro, que não tinha meio alqueire (porque não possuia nenhum escravo para plantar e fazer farinha), condemnou em seis mil réis, dizendo que tinha obrigação de ter medida para vêr se o enganavam ou não. Chegou á casa de outro homem pobre que tinha sómente um negro, com o qual, sabendo que vinha este bom ministro, foi logo a aplanar e varrer o caminho. Chegado elle o sahiu a receber e lhe disse: Vmcê não

tem aqui que fazer n'esta casa, porque o caminho está preparado e varrido, como Vmcê tem visto. Eu tenho meio alqueire afilado, e tendo obrigação de plantar mil covas de mantimento tenho plantado mil e quinhentas, pelo que Vmcê não tem aqui em que pegar; ao que o scolteto respondeu: E a vós quem vos deu licença para plantar mais covas de mandioca do que a pragmatica ordena; ora condemnado em dez mil réis e pagos logo, e se não haveis de ir preso. Pagou-os sem lhe faltar um vintem, de sorte que por todas as vias nenhum ficou n'estas freguezias que não fosse condemnado na bolsa, e assim ajuntou a somma dos quinze mil cruzados que dissemos.

Accusou diante do fiscal um soldado flamengo a um homem que tinha um cachorro, que o mordêra (indo o flamengo e outros seis para o roubarem) em uma perna, e depois de largos dares e tomares foi condemnado em vinte mil réis,e dez cruzados para aparte,e um bom presente para o fiscal se aquietar, e indo com muitos rogadores sómente por dizerem que tinham cachorro que mordia a gente.

Muitas vezes demandavam os flamengos uma, duas e tres vezes, a um morador que lhes devesse, e cobravam d'elle com embustes, dizendo que assim tinha em seu livro de razão, havendo-lhes pago a divida, e nada lhe aproveitava pagando-a, como dissemos, duas e tres vezes, e isto era muito ordinario entre elles.

Se acaso algum portuguez feria a flamengo, ou pelo querer roubar, ou andando borracho, fazia ao morador alguma ignominia e affronta, sendo que os flamengos traziam armas e os portuguezes bordões; logo tinha o fiscal ou scolteto muito que fazer, prendendo-o e avexando-o até que se vinha a concertar com algum d'elles, e com a parte, em somma de dinheiro, conforme o delicto do ferimento que o outro em sua defesa fazia, e pelo contrario nunca casti-

gavam ou de maravilha os flamengos que faziam mal aos portuguezes.

Deram alguns em uma diabolica traça para colher dinheiro: diziam alguns flamengos casados á suas mulheres que chamassem alguns portuguezes á suas casas para lhes perguntarem algumas cousas, para o que iam os innocentes, e não respeitando serem muitos d'elles homens velhos; estando fallando com a mulher do outro sem pensamento de nenhuma deshonestidade, acudia logo o marido com outras testemunhas, e dando signal á mulher começava ella a gritar e pegar no portuguez que a queria forçar; o marido e outros faziam o mesmo, gritando da parte do principe d'Orange, que lhe queria aquelle homem forçar sua mulher; havia grande bulha, mettiam-se de permeio muitos rogadores; tudo vinha a parar em que os portuguezes pagavam ao marido e á mulher cincoenta e sessenta dobrões para que não fosse por diante o rigor, porque se fosse preso, posto que manifestasse sua innocencia seria castigado asperrimamente por adultero, e isto succedeu por muitas vezes, e na villa de Olinda a um homem honrado e de idade, que chamavam Thomaz Luiz, e tambem usaram d'esta diabolica invenção, com alguns padres sacerdotes, como foi com o padre Belchior Manoel Guarido, vigario da freguezia de Santo Antonio do Cabo, sacerdote de mais de setenta annos de idade, e com estes successos andavam tão precatados os portuguezes, que apenas queriam comprar cousa alguma ás mulheres flamengas, que nas lojas vendiam, senão havendo muita gente e muito ás publicas, porque lhes não levantassem semelhantes testemunhos falsos; e quando andavam negociando, o que lhes era muito necessario, havia mister muita cautela, que por qualquer cousa lhes levavam dinheiro no Arrecife: e se algum se punha a olhar para as forças ou peças de artilharia, ou outra seme-

lhante fortificação de guerra, saltavam com elle os soldados, e dando-lhe muitas pancadas os prendiam, dizendo que eram espias, com que era forçado aos pobres dar-lhes muito dinheiro para os aquietar e não irem por diante, e se algum vinha a cavallo e passava junto de alguma força ou trincheira, e cahia alguma terra ou arêa dos bordos que ao pé estavam, ou o cavallo desenfreado derrubava algum pequeno páo ou cousa semelhante, logo tomavam o cavallo por perdido e prendiam ao morador, e tudo se vinha a remediar com o pobre lhes dar o dinheiro que trazia; a outras muitas cousas succediam d'este modo que serie largo progresso o contal-as.

Deram os soldados hollandezes em sahir em quadrilhas de dez e vinte por as casas dos moradores, e os roubavam e salteavam os portuguezes que iam pelos caminhos, e não havia quem se desse por seguro, e depois de estarem cheios de dinheiro e fazenda se mettiam pelos matos, e mandavam pedir perdão de suas culpas aos do conselho, que o concediam, e tanto que estes ladrões se recolhiam para o Arrecife sahiam outras quadrilhas do mesmo Arrecife, como das outras povoações, aonde os hollandezes tinham seus quarteis, e não havia casa de morador que não roubassem; onde tinham o dinheiro lhe davam tratos, mettendo-lhe os dedos nas clavinas e apertando-os com as rodas d'ellas, e davam por escusa o fazerem tantos males e roubos que os da companhia lhes não pagavam, nem lhes davam de comer, e lhes mandavam que furtassem por onde podessem; e muitas vezes pela mata do Brasil, onde estavam poucos moradores, era onde mais damno faziam, e davam tratos com as clavinas e outros generos de instrumentos que traziam.

Quando o conde de Nassau se partiu para Hollanda muita parte dos soldados, que com elle se embarcaram, alguns dias

antes por despedida sahiam de noite em quadrilhas e dando de subito nas casas dos moradores roubavam quanto achavam,e na Varzea,que ficava mais perto do Arrecife,roubaram muito dinheiro e joias de ouro, e muita prata, e se atreveram a estes e outros latrocinios, que como se embarcavam ninguem lhes pediria conta nem os buscariam.

Mandaram os flamengos fazer uma ponte que atravessava o rio Capibaribe de Santo Antonio para o Arrecife por escusar o grande incommodo que havia no passar em bateis de uma parte para a outra, que se fez com contribuição dos moradores com palavra que a passagem seria livre; mas tanto que os do conselho viram a ponte acabada lhe mandaram fazer portas de uma e outra parte com soldados de guarda, e puzeram prematica que todas as pessoas que passassem por ella pagassem um tanto á entrada e outro tanto na outra porta quando tornassem, e assim os carros e os cavallos mais, e com pena que ninguem passasse nos bateis, ficando livres de pagar os soldados e todos os officiaes de seu conselho, e ministros de guerra e justiça, e governo politico; e como o trato de comprar e vender, e os tribunaes do governo estavam repartidos no Arrecife e na povoação de Santo Antonio, que chamavam cidade Mauricea, sempre a ponte estava cheia de gente que ia e vinha, e tiravam d'aqui grande ganancia de dinheiro. E vendo que crescia,fizeram outra ponte menor n'outra parte que ficava da banda da cidade de Mauricea e passava um braço de rio, com que cada anno lhes rendia grande somma de dinheiro.

CAPITULO XXVI

EM QUE SE VAI PROSEGUINDO O MANIFESTO DA LIBERDADE DAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO

No tocante á religião já pelo decurso d'esta historia se tem mostrado em como fizeram concertos e pactos com os moradores que viviam em sua liberdade e fé catholica romana, o que tantas vezes se tem visto quebrarem, tomando para si os melhores templos, e os mosteiros dos frades de S. Francisco, assim da Parahyba e Ipojuca, e outras partes, onde faziam seus quarteis de gente de guerra, e moravam nos dormitorios e cellas dos padres os governadores flamengos, por serem grandes e bem fabricados. Tambem degradaram e embarcaram os religiosos de todas as ordens, e não consentiam que viessem sacerdotes; e se vinham alguns entravam ás escondidas em traje de leigos, com as barbas crescidas, como fazem quando vão á Hollanda. Vedaram e prohibiram as procissões publicas dos christãos, e se as consentiam, e outros actos pios, era com muito dinheiro, com que muitos homens, bons christãos e tementes a Deus, os peitavam; e muitos faziam algumas descortezias, assim nas procissões, como nas igrejas, e nunca quizeram que nenhuma se fizesse no Arrecife, permittindo aos judeus terem asnogas, e publicamente guardarem sua errada seita. Mettiam-se nas jurisdicções ecclesiasticas (como dito tenho que faziam os scoltetos). Mandaram os do supremo conselho chamar ao vigario geral Gaspar Ferreira, dizendo-lhe o haviam de enforcar por traidor, porque usava dos poderes do bispo da Bahia, dos quaes o fizeram ceder e assignar que não usaria mais

d'elles, e que elles lhe davam jurisdicção para executar seu cargo; mas o vigario geral-secretamente fez aviso ao bispo D. Pedro da Silva Sampaio, o qual, sabendo que não haviam de consentir os hollandezes que mandasse outro vigario-geral da Bahia, mandou a Gaspar Ferreira, escrevendo-lhe por pessoa confidente que exercitasse seu cargo como d'antes, dando-lhe os poderes necessarios, para que não perecesse a christandade.

Desejavam summamente os seus predicantes da perfidia heretica de extinguir entre os moradores a religião catholica romana, e muitas vezes nos conselhos pediram que embarcassem todos os sacerdotes, e a isto exhortavam o povo e lhes faziam cruel guerra; mas nunca poderam conseguir seu depravado intento (que se lembrou Deus d'esta miseravel e affligida gente, que a maior consolação que tinha n'estes trabalhos e miserias eram os sacerdote que lhes administravam os sacramentos),o que conseguiram com muitas peitas, e os predicantes espalharam muitos livros e cartilhas pela terra de sua depravada seita; mas não poderam empecer aos catholicos romanos, que, tanto que lhes chegava algum ás mãos, logo, como a serpentes venenosas, lançavam de si e queimavam; e um predicante herege, que foi grande perseguidor dos nossos sacerdotes, foi Vicente Soler, frade apostata; mas sempre Deus acudiu por seus catholicos portuguezes d'estas capitanias de Pernambuco.

Em resolução, que se podia esperar de homens inimigos mortaes da religião catholica romana? Que astucias e traças inventariam para a poder extinguir? Mas sempre permaneceu com toda a inteireza em Pernambuco, porque, excepto alguns apostatas, judeus, os moradores então se esmeravam mais no culto divino em servir as confrarias, em fazer procissões e celebrar as festas dos santos com grande contentamento e consolação dos christãos, com

muito dispendio de sua fazenda, e se algum flamengo ou judeu fazia alguma, posto que pequena descortezia no tocante á religião, arremettiam muitos ao que a fazia, ferindo-o e maltratando-o, posto que soubessem que por isso lhes tirariam as vidas; o que se viu por muitas vezes, posto que lhes custasse o acudir por sua religião, não só o risco da vida, mas a perda da fazenda, que quando com ella se remediavam estes damnos tinham por bem empregado o dispendio d'ella; mas como estes flamengos tratavam só de adquirir o alheio desde que tomaram a terra não se lhes dava de cousa alguma, nem tinham temor de Deus fazendo tão grandes maleficios, e lhes quadra o que diz um autor grave por estas palavras: *Qui aliena invadunt eos à quibus nulla injuria sunt provocati infestantes hi certè vesani et impii sunt neque quid jus ac fas sit norunt, neque his cura est in Deus maleficis offendatiur.* Aquelles que roubam o alheio fazendo males e infestando aquelles de quem não receberam injurias, estes na verdade são desassizados e impios: nem conhecem o que é justo e licito, nem se lhes dá cousa alguma de que Deus se offenda com os maleficios que fazem.

Não contentes de fazerem o que se tem escripto, tanto que o conde de Nassau se embarcou para Hollanda foi em sua companhia o predicante Vicente Soler, de que atraz se faz menção, com papeis concertados a seu modo, a pedir aos de Hollanda (o que sem duvida lhe houveram de conceder se Deus não abrira o caminho da liberdade),que mandassem prender e embarcar os poucos sacerdotes que havia, dizendo que esses lhe faziam grande mal, porque debaixo do sigillo da confissão induziam aos homens a quanto queriam, ao que elles não diziam cousa alguma, e que d'aquella maneira eram distribuidores das ordens que da Bahia lhes mandavam secretamente, e que por esta via

haviam de machinar algum grande mal, o que evitaram prendendo-os e embarcando-os a todos, pondo por todas as freguezias (como já disse tinham feito aos indios) seus predicantes, e que d'esta sorte ficariam sem temer e receio algum dos portuguezes que inviolavelmente guardavam e executavam com todo o segredo o que os confessores portuguezes lhes mandavam n'aquelle lugar do confissionario, e porventura seria esta a principal causa por que os do conselho e o conde embarcaram os religiosos, deixando tão poucos sacerdotes, e tão poucos que morriam muitos homens por todas as capitanias sem confissão.

E eram tantas as tyrannias que até muitos judeus e flamengos, que sem paixão julgavam, vendo os aggravos e injustiças que os moradores faziam, diziam que não era possivel estarem muito tempo sem se levantarem de desesperados; e como os do Maranhão fizeram, conhecendo que um bruto irracional se defende e offende a quem o maltrata, quanto mais homens que tanto sentiam o que contra elles se usava. Assim, que os moradores com tantas avexações tinham tão timidos e com os animos tão quebrados, que não ousavam dar uma minima mostra de sua malquerença, mas aos prudentes bem lhes parecia que não poderia durar muito tempo o seu imperio, seguindo aquella sentença de Dion: *Optimum et firmissimum imperium quod subditos beneficiis magis quam supliciis in officio contineat.* Os castigos sempre experimentaram os moradores tanto á sua custa; os beneficios jámais, porque se usaram d'elles, assim como usavam dos castigos, não se acabára tão cedo seu imperio. E veiu um predicante seu, que prégando-lhes os reprehendeu, dizendo que não era Deus servido que taes tyrannias durassem muito tempo, que estavam roubando a justiça a quem a tinha, como era notorio, para darem a quem a não tinha, e que condemnavam á morte tan-

tos innocentes, e que advertissem e soubessem de certo que, assim como Deus tomára por instrumento aos hollandezes para castigar os portuguezes de Pernambuco, que assim havia tambem de tomar por instrumento esses mesmos para castigar os hollandezes que de Hollanda vieram a fazer tantas maldades. Caro lhe custou ao predicante a predica, porque não appareceu mais. Tambem correu fama que um predicante dos judeus lhes fez em sua asnoga um largo sermão, em que concluiu, depois de relatar as muitas maldades que os judeus faziam, que Deus havia de abrazar e consumir o Arrecife, pelas maldades e latrocinios que usavam, usurpando com contratos mais que usurarios as fazendas aos homens, que não era possivel durar taes maldades muito tempo. E quando os hollandezes tomaram Angola, S. Thomé e Maranhão á falsa fé, havendo feito treguas e pazes com el-rei D. João o IV de Portugal, diziam publicamente os judeus que fôra uma cousa muito mal feita, e como tal abominavam, que até a estes lhes parecia mal uma traição tão malvada e fraudulenta.

Julgue-se agora quando estes predicantes detestavam, e abominavam e reprehendiam o que com os moradores se estava usando, que seria? Julgue o mundo ou aquelles que tiverem noticia d'estas tyrannias se tiveram os moradores causas e razões justissimas para se levantarem e negarem a obediencia aos flamengos, fazendo-lhes acerrima guerra, porque não sómente não guardavam nenhuma das cousas que prometteram e capitulações, como se ha mostrado, mas ainda usaram as insolencias e crueldades tão notorias, que as mais barbaras nações do mundo, carecedoras de lei divina, e humana e natural, podem causar admiração e espanto, que como lhes faltaram as duas columnas, que é a justiça e boa amizade (além das mais virtudes moraes), não foi firme nem bem afortunada esta republica que gover-

navam, porque faltando estas é o imperio pouco venturoso, firme e seguro. Assim o diz Agathio no segundo livro: *Justitia et amititia ubi urgent beatam firmam que efficiunt republicam.* E como os flamengos não o cumpriram aos portuguezes o que lhes prometteram, antes em tudo faltaram com tantas acções injustas, ficaram livres de sua sujeição e obediencia, e desobrigados do que lhes prometteram, porque axioma é do direito que diz: *frangenti fides, frangenda est.* Quer dizer: Não se guarda fé a quem a não guarda.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO.

(*Continúa*)

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES ETC.

NOTICIA

SOBRE

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUSA

E SUAS OBRAS

Entrando pelo Atlantico, que recúa embravecido, eleva-se sobre a costa do Brasil o promontorio que os portuguezes do seculo XVI chamaram Cabo Frio.

Dominavam a excellente paragem os bravos *Tamoyos*, que se haviam alliado aos francezes, commerciantes de páo-brasil e outras essencias, e impediam o estabelecimento de colonias portuguezas. Era necessario contêl-os e até expellil-os d'ahi, e Constantino de Meneláo, levantando a fortaleza de Santo Ignacio, no lugar denominado Casa da Pedra, escolhido de novo pelos francezes para ponto de suas operações, lançou os fundamentos da cidade de Santa Helena. Tomou posse da terra, que conquistára ao som da caixa de guerra, symbolisando assim a sua empreza, e entregou-a a Estevão Gomes, nomeado capitão-mór da nova povoação. Cresceu a nascente aldêa, e para logo gozou do titulo de cidade, como uma das mais antigas da provincia do Rio de Janeiro e ainda do Brasil.

Foi n'essa povoação, de tantas recordações historicas, que nasceu um dos mais fecundos poetas brasileiros, Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, o qual veiu á luz do dia em 28 de Março de 1812 (1).

(1) Tanto no poema *Tres dias de um noivado*, como nos seus *Canticos lyricos* pagou TEIXEIRA E SOUSA o tributo de amor e da saudade á terra natal. Descansam seus restos mortaes no cemiterio de S. Francisco Xavier d'esta côrte, sepultura n. 854, e pedia a gratidão nacional que a camara municipal de Cabo Frio lhes garantisse um asylo na terra que lhe déra o berço e que elle tanto engrandeceu em seus versos. Já a esse respeito disse o illustre Sr. FELIX FERREIRA o seguinte nos *Traços biographicos de Teixeira e Sousa*:

« Lá aguardam hoje esquecidos os seus ossos o dia em que a patria, por mão de um dos seus mais nobres filhos, os recolha piedoso a um mausoléo para deposital-os no pantheon dos nossos homens illustres, se é que algum dia chegarmos a poder mostrar ao estrangeiro o lugar em que repousam os restos venerandos de tantos brasileiros, que têm opulentado de gloria a patria que elles tanto adoraram.

« Praza aos céos que não venha longe o dia em que a gratidão nacional se faça, emfim, ouvir; e assaz é para temer que n'esse dia tenham os estranhos de nos applicar, parodiando aquelles eloquentes versos do immortal Garret:

« Nem o humilde lugar onde repousam
« As cinzas de Camões conhece o luso! »

« Ha, não tem duvida, uma lei entre nós que manda conservar-se nos cemiterios os ossos dos nossos homens illustres, embora terminados os annos do arrendamento da jazida; mas não ha muito que vimos prestes a ser expoliado de seu derradeiro leito o vulto que tantas palmas colheu em nosso palco: e era a opulenta ordem de S. Francisco de Paula quem exigia alguns centos de mil réis para conservar intacto o precioso corpo de um de seus mais illustres confrades! Recebeu da caridade publica o que a gratidão nacional não soube dar! Felizmente salvou-se este; mas quantos não estão despojados dos seus jazigos e seus ossos confundidos entre os dos mais obscuros, senão entre os dos mais reprobos?

Teve por pai o negociante portuguez Manoel Gonçalves, homem branco, que se alliára por meio do matrimonio a uma brasileira, de origem africana, que se chamára Anna Teixeira de Jesus.

Apezar da desigualdade das côres, viviam felizes os dois consortes. Não eram abastados, mas dispunham de sufficientes recursos para se manter. Abençoára o céo a sua união com cinco filhos, dos quas era Antonio o mais velho e predilecto. Correram pacificos os dias ; reinou sempre a concordia e alegria na pequena herdade até que os acontecimentos politicos vieram lhes perturbar a paz domestica, e lançar a miseria e a consternação no seio da virtuosa familia.

Separára-se o Brasil de Portugal, rompendo para sempre os grilhões coloniaes, e a mãi patria ameaçava o novo imperio com uma fantastica esquadra. Deixaram muitos portuguezes de adherir á causa da independencia, e accendeu-se entre elles e os brasileiros o mais implacavel odio. Receiando grande parte dos negociantes de além-mar os horrores da guerra civil liquidaram as suas casas e recolheram-se com os seus haveres ao reino.

Achou-se, pois, Manoel Gonçalves na mais embaraçosa situação para acudir de prompto ás exigencias de seus credores, e viu-se quasi que da noite para o dia reduzido á mais completa miseria.

Bateu as azas a felicidade, que fôra por tantos annos o anjo tutellar d'aquelle asylo, e abandonou para sempre o infeliz casal. Viu-se, pois, a pequena familia a braços com a adversidade e teve de fazer face a seus insultos. Contava Antonio apenas dez annos de idade e começára o seu curso de latim na aula régia estabelecida na sua cidade. Era seu mestre o cirurgião Ignacio Cardoso da Silva, autor de muitas poesias, entre as quaes figura a metamorphose *Cabo*

Frio ou o roubo de Gallia por Boreas (2). Com a alma dilacerada chamou o pai os seus filhos, abraçou-os, e lhes fez vêr o estado de sua casa e a impossibilidade em que se achava para lhes dar a esmerada educação que almejava, e a necessidade que havia de se dedicarem a diversos officios mecanicos.

Resignaram-se todos e adheriram ao paternal alvitre. Segundo a distribuição de Manoel Gonçalves, coube a Antonio o mister de carpinteiro. Encheram-se-lhe os olhos de lagrimas, mas filho obediente abafou os seus soluços, conteve o seu pranto, guardou os seus livros e empunhou os rudes instrumentos de seu officio, e n'aquelle suado mister se conservou por muito tempo.

Para mais aperfeiçoar-se na sua arte despediu-se, aos treze annos incompletos, de sua familia e veiu para a cidade do Rio de Janeiro. Foi no dia 21 de Março de 1825 que elle disse adeus aos campos aonde brincára nos dourados dias de sua infancia, que beijou sua mãi e que abraçou pela derradeira vez a sua irmã e a seus irmãos. Aqui o deixou o pai em uma casa sita no morro do Castello, entregue aos cuidados de um parente, e voltou á cidade de sua residencia (3).

(2) Nasceu na villa de Capivary, provincia do Rio de Janeiro, no lugar Alto Mato pelos annos de 1774 a 1780, e falleceu a 11 de Janeiro de 1844 com mais de setenta annos de idade. Reunindo Teixeira e Sousa as suas poesias as imprimiu na sua typographia com este titulo: *Obras poeticas de Ignacio Cardoso da Silva, publicadas por um seu grato amigo e alumno. Rio de Janeiro*, 1846, in-8.

(3) Eis-aqui as suas palavras: « O dia 24 de Março de 1825 foi em uma quinta-feira, e esse dia está escripto indelevelmente nos annaes de minha vida! Tres dias antes eu havia deixado o meu paiz natal pela primeira vez: era o dia segunda-feira 21 de Março; n'esse dia recebi de uma irmã, que não deveria tornar a vêr, o ultimo abraço de uma verdadeira amizade e o derradeiro osculo fraternal!

A sós com a sua nostalgia vinha nas horas de descanso sentar-se sobre a relva do morro o aprendiz de carpinteiro, com os olhos cravados no mar, e a alma lá se lhe ia cheia de saudade, boiando sobre as ondas, a encontrar as longas praias de seu ninho natal, que elle considerava tão distante, e rever os entes que lhe eram tão caros. Cinco annos depois regressava á sua cidade, e com a alma alvoroçada de contentamento beijou as mãos de seus pais, viu augmentada a fortuna do lar, mas era a casa paterna um ermo

Tinha eu treze annos incompletos quando deixei minha familia e aquelles campos onde brinquei os primeiros brincos de minha infancia. Cheguei, pois, á cidade do Rio de Janeiro no dia 24 e no dia 28 do mesmo mez de Março fiz os meus treze annos. Permitti que de passagem note o quanto o mez de Março me deve ser caro; cinco annos depois, desenganado de uma queixa do peito, mandaram os medicos que me trataram retirar-me ao meu paiz. Embarquei-me no Rio de Janeiro no dia 21 de Março e cheguei ao meu paiz no dia 24 do mesmo mez!

« Depois que cheguei ao Rio de Janeiro, meu pai, que me havia acompanhado, retirou-se e eu fiquei em casa de um meu parente, e a minha residencia era no morro do Castello. Alli todos os domingos de tarde e dias santos de guarda eu com outros moços da minha idade, entre elles um meu patricio, iamos nos sentar detraz da velha igreja de S. Sebastião, onde brincavamos e faziamos diversos jogos proprios de nossas idades. Algumas vezes eu me apartava de meus companheiros e, em algum lugar mais separado d'elles, deitava-me sobre a grama, que alcatifa aquelle pequeno campo, e d'alli devorava com minhas avidas vistas esse immenso pedaço de oceano que se balouçava diante de meus olhos, e cujas ondas arfavam tão crespas e com um respirar tão ameaçador!

. . . . . .

« Muitas vezes, pois, separado eu de meus amigos, estirado sobre a grama d'aquelle pequeno campo, contemplando esse plano azul que diante de meus olhos oscillava com um movimento igual e monotono, e que tão longe, lá n'esse pardacento horizonte, onde a immensa distancia parece semear em toda a extensão uma transparente

para elle. Procurou embalde por seus irmãos, e só o echo de suas recentes campas respondeu a seus pungentes gritos. Finaram-se ao sôpro da morte no espaço de menos de um lustro! Tambem elle já não era o mesmo menino cheio de vida e robustez. Crescêra, mas que mudança! Uma extrema magreza, uns olhos encovados, uma tosse sêcca, denunciavam que um soffrimento pulmonar começava a minar-lhe a existencia. Combateram-se os perniciosos symptomas, e mais que a sciencia restituiram-lhe a saude os ares beneficos da terra natal.

Entregou-se durante a sua convalescença a seus favoritos estudos. Admirou a todos o desenvolvimento de sua intelligencia, e ainda mais a assiduidade com que se entregou ás lições. Não lia, devorava com avidez todos quantos livros lhe cahiam nas mãos. Quizeram se cotisar alguns amigos e vizinhos para lhe garantir um subsidio com que podesse formar-se em medicina. Não aceitou, porém, tão generosa offerta, não por orgulho, mas com receio de tornar-se pesado á pessoas que estimava.

E que attribulada não foi então a sua vida! Dia por dia os contou elle por dôres e desgostos. Morrêra seu pai, deixando-lhe por derradeiro consolo a religião, em cujos principios o educára, e seus salutares conselhos, filhos da espe-

e esbranquiçada nuvem, onde esse mesmo plano azul parecia a meus olhos encontrar um limite n'outro espaço azul, que sobre elle se arqueava, até que a extremidade d'esse grande arco, entravado com o extremo do immenso plano inferior, offereciam uma barreira á vista; eu sentia minh'alma prenhe de saudades traspassar essa cesura em que o céo e o mar mutuamente se ligavam, e ir por sobre as ondas até encontrar as praias de meu paiz, que eu considerava tão distantes de mim, e entretanto essa distancia não excedia a vinte leguas talvez. » *Tardes de um pintor ou intrigas de um jesuita*, cap. I.

riencia adquirida no meio de tantos desenganos(4). A mãi, que o amamentára em seus seios com o seu proprio sangue, e que no seu coração concentrára todo o seu amor, fanou-se na primavera da sua existencia. Ficou Antonio só n'este mundo, como a palmeira do deserto abandonada ao sôpro da tempestade.

Ja o archanjo da poesia tinha com as suas azas candidas lhe roçado a fronte, e lhe beijava com os seus labios de fogo os seus labios mortaes, e lhe accendido na mente o estro sagrado. Vertêra-lhe n'alma, torturada pela saudade, o hymno da consolação, e o rude operario tornára-se poeta! Ao som do rude utensilio de seu trabalho deslisavam-se-lhe dos labios as endeixas da melancolia, os cantos do soffrimento, as elegias de suas dôres e o hymno da saudade filial. E' que o operario corria em suas horas de descanso aos campos, ás praias, a familiarisar-se com a natureza imponente d'aquelles lugares e a lhes pedir inspirações.

Quantas vezes, afastando-se da povoação, não tomava para a parte occidental e não ia pouco mais ou menos na distancia de uma legua perder-se n'esse pequeno bosque chamado pelos indigenas Narandyba, e Capão das larangeiras pelos povos que os succederam n'essas plagas? Ahi ouviu elle um dia a historia dos amores de Corimbaba e de Miryba, que mais tarde lhe inspirou a melhor de suas obras. Outras vezes sua alma, avida de espaço, o levava mais longe. Caminhava dias inteiros pelas praias batidas pelo oceano e que se estendem pelo occidente no espaço

(4) Na poesia dedicada a seu pai, e que vem na frente do poema *Tres dias de um noivado*, expressa-se assim:

« No meio dos desgostos que me opprimem
Só me resta um consolo, um só refugio:
E' minha religião, são teus conselhos. »

de dez a doze leguas e só parava ante o rochedo de Itaúna, a pedra negra. Encantava-o, prendia-lhe a attenção um estrondo melancolico e rouco. Era a voz do oceano, que medonho se despeja no fundo da caverna de Itaúna, que filtra pelas suas anfractuosidades, e que, escoando-se pelas suas fendas deixa um novo espaço que vem de novo encher com as suas aguas, e n'esse vai e vem se lamenta e chora, como um doudo que se arremessa de encontro aos muros de sua prisão. Era ahi que elle vinha se inspirar como se estivesse na *Caverna sagrada das meditações* (5).

Ahi, segundo as suas expressões, havia sobre elle um céo puro, um céo sem nodoa—o céo do Brasil. Voltado para o oceano, e tendo ante si Itaúna, cruzava os braços e via desenrolar-se ante seus olhos esse quadro immenso do oceano, que, ondulando sobre si proprio, vinha despedaçar-se a seus pés. Alongando então a vista por sobre esse immenso plaino d'aguas, perdia-se sua alma avida e desconsolada n'esse longinquo horizonte cheio de negra melancolia. Ficava-lhe atraz um terreno coberto de pequenas arvores, triste reliquia de embrenhadas florestas, plantadas pelos seculos, e derrubadas e incendiadas pela mão do homem, tão grande em suas profanações. Desdobrava-se á sua esquerda uma praia núa, sobre a qual, pelo espaço de onze ou doze leguas, reune o vento em suas turbulentas azas altos combros de finissimas arêas, que branqueja como a espuma com que o mar alveja a rocha de Itaúna, e lá no fim d'esse despido espaço se erguiam, envoltas em espessos nevoeiros, as serras em que termina o Cabo Frio. Eleva-se á sua direita, por sobre uma pequena praia, que se estende por mais de uma legua, uma collina guarne-

(5) Veja-se o prologo do poema *Tres dias de um noivado*.

cida de viva rocha, tendo por corôa mural o simples e lindo templo da Virgem de Saquarema (6).

Que de contemplações profundas não lhe inspiravam esses quadros imponentes de uma natureza tão magestosa e sublime! Contemplava esse bello céo que lhe servia de immensa abobada; esse oceano sem fim a seus olhos, que oscillava como embalado pela mão de Deus; esse vasto horizonte que se confundia com o oceano, limite ás suas desejosas vistas; esses campos que lhe recordavam a vida errante dos filhos das florestas e que com ellas desappareceram da superficie da terra; essas praias, tendo por limites, de um lado as serras envoltas nos nevoeiros, de outro lado a collina coroada por um templo, onde resoavam os canticos dos peccadores; via essa rocha negra, onde o mar se quebra com um gemido horroroso, e sua alma se engrandecia e se sublimava. Deixava então a gruta, a praia, o mar, as serras, os nevoeiros, o céo, e vinha de novo entregar-se ao rude mister de sua profissão. Já não era a voz rouca do oceano que o encantava. Era o compassado tenir da rude enchó, eram os crebos golpes do martello, era o ciciar da serra sobre o madeiro, tão duro como o seu destino, que lhe entoavam o hymno do trabalho.

Unico dos naufragos que conseguiu salvar-se no meio de tantas desgraças, procurou reunir os dispersos bens que lhe restavam e subsistir do seus escassos rendimentos. Contava mais de vinte e um annos, e como se tornára senhor de si e não fosse pesado senão a si mesmo, começou de novo seus estudos, buscou os antigos professores, e abraçou o seu antigo mestre e amigo o cirurgião Ignacio Cardoso da Silva. Guardára outr'ora os seus livros para empunhar os rudes utensis de seu officio; succedia agora o contrario.

(6) Prologo do poema já citado.

Alargava-se-lhe o horizonte da vida, e um novo mundo, inteiramente desconhecido para elle, se patenteava a seus olhos. Então lhe pareceu pequena aldêa a sua natal cidade; precisava de um theatro maior e regressou ao Rio de Janeiro.

Corria o anno de 1840, e Francisco de Paula Brito, typographo e poeta ao mesmo tempo, incansavel trabalhador, que sympathisava com o talento e estendia a sua mão aos desvalidos, que como elle sahiam do berço lutanto braço a braço com a adversidade, o acolheu com o riso da satisfação sobre os labios, e utilisou o seu trabalho, proporcionando-lhe meios de subsistencia. De conhecidos, que eram ha muito, tornaram-se para logo amigos intimos e commensaes, unidos pela sympathia do talento, ligados pela origem do nascimento que lhes déra o mesmo accidente da côr, e trabalhando em associação se protegeram mutuamente. Lutava, porém, Paula Brito com insuperaveis difficuldades. Pretendeu elevar a sua empreza typographica á grande altura, mas faltava-lhe a base, e oscillante ameaçava esmagal-o na sua eminente quéda. Poucas vantagens, pois, esperava Teixeira e Sousa do resultado de seus esforços, mas nem por isso esmoreceu e deixou de trabalhar.

Adquiriu novos e importantes amigos. Animaram-o litteratos de nomeada, que, apreciadores de seus talentos, lhe deram prudentes conselhos, lhe emprestaram livros e corrigiram os seus primeiros ensaios. Contaram-se n'esse numero o conego Januario da Cunha Barbosa e Domingos José Gonçalves de Magalhães, hoje visconde do Araguaya. Não se descuidou Teixeira e Sousa, nem perdeu-se no meio dos prazeres e vicios de uma cidade immensa. Debatendo-se com a sorte, trabalhou para a sua subsistencia, fez da penna o instrumento de seu officio, como antes o haviam sido a enchó, o martello e a serra. Procurou ensaiar-se

em todos os generos de composição. Sonhára em sua puericia com o theatro, e sobre os assumptos de novellas, que lêra, compôz tragedias que deu depois á luz, mais aconselhado pela necessidade de pequeno lucro que lhe podia provir do que da reputação de poeta tragico. Além de *Cornelia ou a victima da inquisição de Sevilha*, que foi o seu primeiro ensaio, escreveu ainda o *Cavalleiro teutonico ou a freira de Mariemburgo*, baseada n'uma legenda tradicional, e traduziu a *Lucrecia* de Ponsard, que foi impressa contra a sua vontade sem que a lima da correcção tivesse ainda passado pelas suas asperezas.

Não conseguiu com essas composições a abertura das portas do theatro, e voltou-se para o romance que lhe offerecia mais vasto campo a seu genio amigo de espandir-se pelas minuciosidades das descripções dos quadros da natureza, de perder-se em reflexões philosophicas e demorar-se nas trivialidades de um enredo cheio de incidentes para retardar o desenlace da acção principal. As composições que lhe grangearam, porém, mais renome foram os seus *Canticos lyricos*, e sobretudo o seu poema romantico *Tres dias de um noivado*. E admira como elle compunha no meio de interrupções de toda a casta, da conversa dos amigos e da exigencia dos que os procuravam, para objecto de negocio, por detraz do balcão, que era aonde collocára a sua secretária.

Apezar de escriptor fecundo, romancista imaginoso, poeta inspirado, mal podia Teixeira e Sousa subsistir dos frutos de seu talento. Batalhava como sempre, dia por dia, contra a adversidade. O triumpho de hoje era a derrota do dia seguinte. Olhou, porém, um dia e viu sentados á mesa do orçamento empregados dotados de menos habilitações do que elle; e adquiriu uma esperança que pensou converter em realidade. Ideou cantar a independencia do Brasil

em uma epopéa em doze cantos e em oitava rima. Inspirou-se no seu assumpto e trabalhou insanamente. Não compunha, improvisava. Terminados os seis primeiros cantos levou a sua obra a uma de nossas notabilidades, que exercia então o cargo de ministro da fazenda. Apresentava-lhe o seu diploma, segundo a exigencia de Voltaire, e pedia-lhe em troco um assento no festim nacional. Respondeu-lhe o ministro com benigno deferimento, pensando talvez haver excedido o rei D. Sebastião, que tão mal recompensára Camões. Abriu Teixeira e Sousa a portaria, e era uma nomeação de guarda da alfandega, com o ordenado de 400$000 réis annuaes!

Que de desgostos e decepções lhe acarretára a publicação de seu poema epico! Recompensavam-n'o com um emprego de malsim, e um poeta eminente desceu de seu throno de gloria e veiu por sua vez azedar-lhe a já tão amargurada existencia, imprimindo em uma das folhas d'esta côrte apreciações baseadas na mais flagrante injustiça (7). Vol-

(7) Como se fosse um crime ou um privilegio cantar a independencia de sua patria, soffreu Teixeira e Sousa toda a sorte de insultos. Publicou Gonçalves Dias uma serie de artigos de critica litteraria, em folhetins, no *Correio da Tarde* ns. 21, 28, 32, 64 e 72 do anno de 1848, com a assignatura de *Optimus criticus*. « O poema, diz o Sr. Innocencio da Silva, é ahi posto em parallelo com a estrambotica *Pedreida*, e se houvessemos de estar pelo juizo do critico, á vista das comparações que elle apresenta e da comparação que faz das duas obras, teriamos de reconhecer na *Independencia* e na *Pedreida* dois irmãos gemeos, partos da mesma inspiração. Todavia este conceito pecca, a meu vêr, por exagerado. O poema brasileiro com todos os seus innegaveis defeitos (a começar pela acção que se poderia tornar-se epica ao fim de tres ou quatro seculos) e fria regularidade de fórmas, ficou em realidade muito aquem do poema portuguez. » *Diccionario bibliographico*, tomo VIII, pag. 166.

A mim queixou-se elle amargamente de um escriptor portuguez por chamal-o de *Camões africano*.

tou-se Teixeira e Sousa para a vida commercial, e associado a Paula Brito montou uma officina typographica e abriu uma loja de objectos de escriptorio (8). Ajudaram-n'o os seus amigos, e a sua loja tornou-se o ponto de reunião de uma roda de jovens litteratos, entre os quaes se distinguiam Santiago Nunes Ribeiro (9), Paula Menezes e Castro

(8) A' rua dos Ourives n. 21.

(9) Foi devotado amigo d'este illustre litterato peruviano, que falleceu entre nós. Pagou Teixeira e Sousa no *Nictheroy*, que se publicava na capital da provincia do Rio de Janeiro, n. 8, de 19 de Fevereiro de 1848, o seu tributo de amizade no artigo a que deu o titulo: *Uma lembrança de saudade pelo litterato Santiago Nunes Ribeiro*, e que termina com os seguintes versos:

AD MORTEM

Santiago Nunes Ribeiro

ELEGIA

« Astrum, quod rapide vitam signabat amico
« Paulo micat cœlo, fluctibus inde perit.
« Vesperis ut solum resplendet sidus olympo,
« Sic pauco terris tempore solus eras!
« Uxor filiola, quales transitis in hortis,
« Transivit, flores, atque suavis odor.
« Virque sepulcra sui mœrens, ægerque videbat,
« Stellaque occasu pallida, tristis erat.
« Illa quidem casum invenit, vir jamque propinquum,
« Sidus mersum in aquis, ille sepultus humo.
« Vos elegos, musæ, dilecto plangite vestro,
« Qui tantum vita tristis passus erat!
« Et lacrymam, mœsti, solam vos fundite, amici,
« Ac saltem tumulo sit honor iste viro!
« Et donum extremum vos hanc insculpite lemmam
« In lapide illius (sit honor iste viro!):
« —His dignus flendi juvenis, justusque quiescit
« Spretus, quod musis se dedit omni modo!— »

Lopes. Viu Teixeira e Sousa sorrir-lhe a fortuna, contava já trinta e quatro annos de idade e procurou tomar estado. Ligou-se matrimonialmente a D. Carolina Maria Teixeira e Sousa, que não lhe trouxe mais do que um coração cheio de honestidade e de amor, e uma alma ornada de virtudes, mas tão pobre de bens de fortuna como elle. Escassearam em breve os recursos com o augmento da familia. Vieram os filhos, e com elles mil necessidades e cuidados. Abandonou a typographia, fechou a loja e aceitou o emprego de mestre de escola de instrucção primaria da freguezia do Engenho Velho, que lhe offerecêra o marquez de Monte Alegre, ministro do Imperio, e recolheu-se á casa que lhe designaram (10).

A exiguidade de seus vencimentos, que, alèm do domicilio, se elevavam a 800$000 réis, tornava-lhe ainda pesada a sua subsistencia. Matava-se a esposa com o serviço domestico para ajudal-o na manutenção da vida e educação dos filhos, e das horas vagas que lhe sobejavam do seu magisterio se aproveitava ainda o pobre mestre de escola para escrever os seus romances e artigos, que eram impressos em algumas folhas d'esta capital a troco de pequena e miseravel retribuição.

Tinha elle, como todos os infelizes, a sua hora de descrença. Maldizia o seu genio e pensava que a sua infelicidade era uma desgraça inherente ao seu talento, como sina de poeta. Quiz deixar de poetisar, enfadou-se com as musas, rasgou grande parte de seus versos manuscriptos, mas a fortuna não veiu substituir a sua musa no seu lar deserto. Não se deixa impunemente a tunica de Nesso, e bem viu a fortuna que seria festejada pelo poeta com hymnos de triumphos e de contentamento, e que o seu divorcio com a

(10) A' rua de S. Christovão n. 63.

musa das suas inspirações não passava de um proposito sem fundamento algum.

Aborreceu-se da profissão, para a qual lhe faltava a paciencia da monotonia, e, para me expressar na phrase de um de seus amigos, decidiu-se a romper com a alta dignidade de mestre de meninos por tão bom mercado (11). Recorreu ainda uma vez ao expediente de pretendente, a um emprego publico, e solicitou, não sem temor de um indeferimento, o humilde lugar de escrivão na cidade de Macahé, na provincia do Rio de Janeiro. Era então ministro da justiça o Exm. conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo, um dos mais bellos caracteres da nossa sociedade. « O Exm. ministro da justiça, diz o seu amigo já citado, não quiz acceder a esta petição que tinha semelhanças com um delicado epigramma feito a esta nossa época, chamada de desenvolvimento e de progresso litterario. Lembrou-se talvez de Camões, que lá andára pela Asia esquecido entre os autos de um cartorio de escrivão de defuntos, e não quiz que em seu ministerio semelhante escandalo se desse. Indeferindo-lhe o requerimento, despachou-o para um lugar da côrte, que lhe póde dar meios para um viver honesto e occasião para novos trabalhos poeticos (12). »

Foi Teixeira e Sousa empossado no seu novo emprego no dia 2 de Julho de 1855 (13). Passava por mais uma das

(11) Paula Menezes, *Revista Brasileira* n. 1 de 15 de Julho de 1855, pag. 11.

(12) *Idem.*

(13) « Segunda-feira, 2 do corrente (Julho de 1855) foi recebido com todas as formalidades da lithurgia um novo adepto no templo magestoso da veneranda Astréa. Mais um fazedor de tropeços e alicantinas a que se chama chicana! Mais um membro para a respeitável familia forense. O Sr. A. G. Teixeira e Sousa, o nosso excellente poeta, o autor de tantas producções mimosas, um dos nossos illustrados concidadãos, acaba de passar por uma d'essas metamorphoses

metamorphoses da sua existencia. Fôra carpinteiro, homem de letras, revisor de provas, typographo e editor, mestre de primeiras letras, e acabava por fim por ser escrivão de primeira vara do juizo do commercio d'esta côrte. Não ha palavras que exprimam o contentamento de sua alma, a alegria de sua familia, a satisfação de seus amigos. Approvou a imprensa inteira tão justa nomeação.

Veiu, finalmente, a fortuna sentar-se no seu lar e tudo lhe sorria mil venturas. Acudiam as partes, avultavam as propinas. Pagára dividas contrahidas nos dias adversos da penuria; começava a gozar os confortos da vida de que se privára por tanto tempo; desvelava-se na educação dos filhos e bemdizia a mão que o arrancára ás garras da miseria. Adquerira numerosa clientela; gozava da fama de homem liso, inimigo de tropeços e alicantinas, e pois se lhe antolhavam os dias da velhice como uma quadra de descanso e gozo; mas a adversidade, que lhe embalára o berço, veiu de novo sentar-se no lumiar de sua habitação.

Em um dos ultimos dias de Novembro de 1861 cahiu elle gravemente enfermo. Chamaram-se os medicos de maior confiança, rodearam-lhe os amigos o leito dos maiores cuidados e desvelos, velou a familia noite e dia, mas a fatal hepato-interite zombou de todos os esforços e Teixeira e Sousa expirou no 1° de Dezembro, quando apenas contava quarenta e nove annos de idade(14).

que transformam a vida do homem. Semelhante á crysalida, que após um somno de alguns dias em linda borboleta se transforma, o nosso sublime cantor dormira seu somno de crysalida para esta sociedade de positivistas durante quasi seis annos, e graças ao Exm. Sr. ministro da justiça, graças ao magnanimo protector das letras o nosso immortal Imperador, vai elle desprender agora á luz de nosso bello sol as lindas côres de suas azas. » A *Revista* já citada.

(14) O Sr. Dr. J. M. DE MACEDO, noticiando a morte do illustre

Choraram a sua esposa e seis filhos, que ficaram privados de tão prestante apoio. Desvelou-se o corpo do commercio em proporcionar-lhe todos os meios para minorar os seus soffrimentos e os de sua sobresaltada familia durante a sua enfermidade, e acompanhou-o á sua ultima morada no cemiterio de S. Francisco Xavier. Não pôde Francisco de Paula Brito resistir á perda do seu maior e melhor amigo, e succumbiu quatorze dias depois.

Era Teixeira e Sousa homem de uma physionomia severa, mas cheia de expansão para seus amigos. Alto, cheio de corpo, de côr parda, cabellos crespos, tinham seus olhos uma tal ou qual vivacidade que pintava a actividade de seu genio. Conversava com graça, fallava com duçura. Era attencioso e polido para com todos, e a todos procurava agradar. Aprendeu na escola da adversidade a ser estoico, e jámais furtou-se ao cumprimento de seus deveres, nem á pontualidade dos cargos que serviu. A tranquillidade de sua consciencia era tudo para elle, ainda com a

poeta, assim expressou-se na *Chronica da quinzena*, publicada no tomo XII da *Revista Popular*, pag. 380:

« Duas sepulturas abriram-se n'esta quinzena para receber dois poetas mortos prematuramente.

« Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, o poeta e o romancista, morreu, deixando mulher e filhos em completa e honradissima pobreza.

« Manoel Antonio de Almeida, prosador tão elegante que não hesitarei em chamal-o poeta, victima de um triste naufragio, teve por sepultura o fundo do oceano.

« Teixeira e Sousa era um grande talento que nascêra pobre, que se elevára por esforço proprio, que brilhára na maior adversidade, como as plantas odoriferas, que tanto mais se maceram quanto mais recendem; depois de muito trabalhar, muito soffrer e muito merecer, achou um arrimo em um emprego judicial. Foi escrivão, e deixou como tal uma reputação de intelligencia e honestidade que fulge tanto como seu nome. Morreu pobre. »

ou a conjuração de Tiradentes, são muito inferiores aos que se denominam *As fatalidades de dois jovens*, *Tardes de um pintor ou intrigas de um jesuita*, e *A Providencia*, sendo este ultimo o melhor d'entre elles.

Não são mal esboçados os caracteres, mas o enredo pecca pelo amontoado de pequenos incidentes que enervam a acção principal. O dialogo é a mais das vezes prolixo, e toca mesmo á trivialidade. O estylo resente-se da pressa da composição feita ao correr da penna, seguindo-se para logo a impressão, sem que o autor, ao rever as provas, se desse ao trabalho de corrigir as suas imperfeições.

J. Norberto de S. S.

TYP. DE PINHEIRO & C. — RUA SETE DE SETEMBRO N. 157

DIARIO

Da viagem que fez o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria

DA

Cidade de S. Paulo á praça de Nossa Senhora dos Prazeres do rio Igatemy

1774—1775

(Manuscripto offerecido ao Instituto Historico pelo Sr. conselheiro F. I. M. Homem de Mello.)

Illm. Exm. Sr. — Em 3 de Outubro do anno proximo passado sahi da cidade de S. Paulo em direitura á freguezia de Araritaguaba, e no dia 12 do mesmo mez embarquei no porto d'ella, navegando o rio Tieté, aguas abaixo, e chegando com felicidade á praça de Nossa Senhora dos Prazeres do rio Igatemy, no dia 30 de Novembro.

Do diario que formei n. 1 e planos do rio Tieté, Paraná, e Igatemy que vão em ponto grande em o caderno n. 2 (1), separados em partes (e em dezenove folhas) para maior clareza, e unidos em um só mappa n. 3 (2), serão presentes á

(1) Consta de 19 planos parciaes, contendo a—*Configuração dos rios Tieté, Paraná e Igatemy*, desde a cidade de S. Paulo até a praça dos Prazeres. Estes 19 planos estão reduzidos em a carta lithographada, que vae appensa no fim d'esta memoria.

H. de M.

(2) Os numeros 3, 4, 5, 6, 7 e 9 faltam no manuscripto.

H. de M.

Sua Magestade todas as circumstancias dos mesmos rios e as suas direcções, em cuja obra puz o mais escrupuloso desvelo e exacção que me foi possivel.

Entrei n'esta praça com total satisfação dos povoadores e tropa, na qual achei a gente de armas que consta do mappa junto n. 4; tem esta a figura que se mostra do plano n. 5; acha-se muito pouco adiantada, pois em todo o seu recinto não ha mais que um flanco, e uma porção de face de um baluarte com parapeito de terra e faxina; o mais consta de um fosso de 18 palmos de largo, e para o interior d'elle lançada a terra da sua escavação, que fórma uma limitada porção de terrapleno; esta obra me parece de grande circuito para tão pouca guarnição, de sorte que seriam precisos 3,000 homens ao menos para a sua defensa: acha-se esta fortaleza situada sobre uma barranca bastantemente alta na margem do rio Igatemy, mas comtudo não deixa de estar dominada e cercada de tres padrastos, como se vê do plano no n. 6, um da parte oeste, outro do sul, na margem opposta do rio, e o outro do norte, sendo o mais perigoso o do poente, pois em distancia de tiro de mosquete póde chegar o inimigo coberto e formar as suas baterias enterradas, o que é defeito consideravel em obras de fortificação: esta não se poderá acabar em muitos annos por ser pouca a gente que n'ella trabalha, pois das companhias de aventureiros se occupam 42 homens actualmente nas lavouras, para sustento da tropa, 95 nas guardas destacadas, que tambem fazem lavouras, e o resto de pouco mais de 300 praças, em que entram os officiaes, são os que trabalham na faxina e fortaleza, exceptuando os que n'ella estão de guarda e os doentes; e como não andam muito fartos nem bem pagos trabalham com bem pouca vontade, e é preciso geito e prudencia para os contentar; pois, tiradas as duas companhias de tropa de infantaria, as mais são compostas

de negros, mulatos e criminosos, que têm pouco que perder, e a quem a honra não interessa e só a conveniencia póde obrigar. As casas que n'esta fortaleza se têm fundado todas são de mui debil construcção. feitas de páo a pique, cobertas de palha e a maior parte arruinadas, e as que ha vão notadas no plano da praça n. 5. Não tem igreja, e se diz missa em um pequeno rancho em que não cabe o povo; não tem hospital para a tropa nem os edificios indispensaveis para varios ministerios.

Do plano n. 7 se vê a positura das guardas avançadas que se acham cobertas com uma estacada de pouca resistencia, e, sem embargo de que por outras paragens póde o inimigo fazer entrada para este porto abrindo caminhos pelos matos, comtudo a entrada da bocaina e a guarda do passo de Igatemy, são as mais desembaraçadas para o emprehenderem, assim indios como castelhanos: para defender a navegação do rio está a fortaleza, em boa paragem; tem agua dentro, cobre as lavouras (reforçando-se mais as duas guardas), porém é mui defeituosa em respeito dos padrastos que a cercam. Para se fundar mais para a parte de oeste, é deixar muito terreno em meio descoberto e com facil transito, assim para a navegação do rio, como para o inimigo o poder atravessar e passar para as campanhas do norte. Para se retirar para estas ha castelhanos que nol-a podem embaraçar, sendo-nos a mais importante para os nossos soccorros.

Nao duvido que vindo na positura em que nos achamos o poderiam intentar d'esta situação para a parte de léste; mas isto tem alguns inconvenientes em respeito dos matos e pantanos que têm que passar, porque d'esta paragem para oeste não ha mais embaraço que a largura do rio, que em parte dá vão e cada vez vai estreitando mais; para se occuparem os padrastos com reductos, seria augmentar

as despezas e diminuir as forças da fortaleza, sendo preciso maior numero de tropas para guarnição d'estas obras; seria muito melhor ir esperar com ellas o inimigo com antecipação, antes de chegarem ao rio nos passos e matos que facilitarem a defensa, e forem proprios para emboscadas.

Alguns sitios acho vizinhos a este, para onde se podia mudar a fortaleza, livres de padrastos, porém afastados do rio cousa de um quarto de legua, e n'este caso se precisaria de um reducto na margem do mesmo rio, que ficaria á vista da fortaleza e ser d'elle soccorrido.

Pelo documento n. 8 consta o exame que fiz na serra de Maracuyú com as pessoas n'elle assignadas, que se procuraram as mais fieis e intelligentes do sertão : sempre estivemos na idéa de que a serra seria impenetravel por outra parte que o lugar d'onde se acha o caminho aberto, pois é quasi regra geral abrir-se semelhantes transitos pela parte mais facil e commoda ; porém agora nos desenganamos que n'esta não succede assim, pois para a parte de léste, que nos é a mais prejudicial, tem infinitas paragens em que a podem atravessar mais facilmente que pelo caminho antigamente aberto, como tudo melhor consta do mesmo documento, e por esta razão a não occuparei com obra alguma sem expressa ordem de Sua Magestade, por ser assim conforme ás do mesmo Senhor.

O outro ponto que devo pôr na presença de V. Ex. a respeito da conservação d'este posto, são as epidemias que o tem consternado desde o anno de 1769; e n'estes seis annos têm fallecido quatrocentas e noventa e nove pessoas, como se mostra pelo documento n. 9. Esta infelicidade tem posto estes moradores no maior desgosto de habitarem este districto, e não ha nenhum que não esteja na esperança de que el-rei nosso senhor se compadeça d'elles, mandando-os retirar d'aqui; e me parece que se tiverem o total desengano da sua

existencia n'esta paragem, poderão romper em algum excesso que possa dar cuidado; porque além das molestias que os interessa a se conservarem gostosos, pois sem embargo de que as terras correspondem com milho, feijão e mandioca aos trabalhos d'ellas, não têm estes generos mais sahida que a que cada familia lhe dá no consumo da sua casa; e, como não ha quem compre, nem se alargam nas lavouras, nem têm d'onde lhe saia o vestuario; sendo todos estes povoadores pobrissimos e sem meios de sahirem da sua indigencia.

Com os castelhanos não podem commerciar, porque elles não têm generos que nos sejam uteis, nem em toda a provincia do Paraguay e Corrientes corre dinheiro: os seus generos são tabaco e máo assucar, e sulmino, congonha, e madeira e algodão: estes os commutam pelas fazendas que lhes vêm de Buenos-Ayres, e em que não havendo aqui gado, e precisando-se para o sustento diario, não têm com que o comprem aos castelhanos e só se conserva um pequeno numero de vaccas de leite; não se comendo aqui outra cousa que feijão com toucinho e milho socado em pilões, que se dá á tropa; para adiante poderão haver farinhas de mandioca, em que já se vai cuidando.

As crias de bestas muares que aqui se poderiam estabelecer para passarem para S. Paulo, e d'aquella cidade para Minas, parece-me ter alguns inconvenientes: o primeiro é tirar este utilissimo ramo de commercio aos moradores do Rio Grande de S. Pedro, que estão em uma fronteira tão importante; segundo perderia a real fazenda os direitos que percebe nas passagens das ditas bestas; pois com a abundancia d'este genero, não teriam extracção nem sahida as da dita fronteira, e muito mais havendo a certeza de que em Minas se estabelecem semelhantes crias, o que entendo mui prejudicial aos reaes interesses e aos dos povoa-

dores do Rio Grande, por ser mui importante que aquella fronteira se faça opulenta com elles, de sorte que possam resistir aos castelhanos quando nos pretendam invadir por ella, havendo mantimentos para sustentar os soccorros que se lhe introduzirem, o que se póde conseguir, sendo os moradores ricos, e manejando-se com felicidade o commercio, e ser das bestas muares o principal ramo d'aquella fronteira.

Na viagem que fiz pelo rio Paraná achei algumas situações da parte de léste, para onde se poderia mudar esta em que nos achamos; porém receio que os povoadores experimentarão maiores estragos, na vida e na saúde, por ser aquelle rio mui doentio na occasião das cheias e vasantes, como o affirmam os que o têm transitado; porém ainda que não tivesse estas más circumstancias, nunca esta povoação cobriria os sertões de Ivahy e Tibagy, por haver muita distancia do Salto Grande até a confluencia do rio Tieté, ser o rio Paraná mui largo, mui povoado de ilhas, e que por qualquer parte poderiam penetrar áquelles sertões sem a dita povoação ter noticia de tal.

Na barra do rio Pequery foi fundado pelos castelhanos a Cidade Real no anno de 1557, que se havia mudado do outro lado, logo acima do Salto Grande, onde havia sido erigida no anno de 1538 com a denominação de cidade Guayra (nome da provincia), e descobrindo-se no anno de 1773 os vestigios d'ella, se mandou d'esta fortaleza para lá um destacamento de vinte e sete pessoas, das quaes falleceram um sargento e nove soldados, e o resto abandonou o posto para lhe não succeder o mesmo.

Dentro do rio Ivahy tiveram os castelhanos Villa-Rica, fundada no anno de 1588, e para o interior do sertão 15 aldêas dos jesuitas, que todas foram arruinadas pelos paulistas, sem ficar nem jesuitas, nem castelhanos do Salto

Grande para o norte, desde o anno de 1631, em que os mesmos jesuitas transmigraram os restos dos indios que lhes ficaram para as missões abaixo do Salto Grande, entre os rios Paraná e Uruguay; e consta das historias que padeciam epidemias por estas paragens, que os castelhanos não intentaram pousar outra vez desde 143 annos a esta parte, que lh'as fizeram abandonar.

Da historia escripta em francez pelo jesuita Francisco Xavier de Charlevoix, no anno de 1757, se mostra, ser o clima das vizinhanças do Paraná sujeito á epidemias, e se explica nas palavras seguintes, tomo 2°, pag. 266, anno 1610:

« Les plus ordinaires de ces maladies, auxquelles on don-
« noit souvent le nom de Peste, parcequ'elles devenoient
« en peu de tems générales, sont la petite vérole, le pourpre,
« les fièvres malignes, & une quatrième, dont on s'est con-
« tenté de nous dire qu'elle est accompagnée de douleurs
« très aigües. »

No mesmo tomo 2°, pag. 307, anno 1618:

« Les Missionaires du Guayra trouvoient moins de resis-
« sistance & d'obstacles de la part des Indiens; mais trois
« sortes d'Ennemis les tenoient en de continuelles alarmes.
« Le moins terrible étoit une maladie épidémique, la-
« quelle faisoit de tems en tems de grands ravages dans
« les Réductions; mais ce qui les consoloit, c'est que ces
« grandes mortalités étoient toujours un tems de récolte
« pour le Ciel. »

Os outros dois inimigos de que falla, eram os castelhanos e os paulistas.

Para segurar a fronteira do rio Paraná da parte de léste, seria preciso fazer povoações nos rios Pequery, Paranapanema, Ivahy e Tieté, retirados para o interior do sertão, em paragem d'onde não chegassem as epidemias do rio Pa-

raná, dando-se estas reciprocamente as mãos para a defesa de qualquer irrupção que intentassem os castelhanos; e n'estas immediações poderia ser facil observarem-se os movimentos do inimigo, porque no caso de a intentarem, haviam de fazer por um d'estes quatro rios, que são caudalosos e navegaveis.

Não posso sujeitar o meu discurso a que os castelhanos hajam de navegar pelo rio Igatemy até o Paraná, e d'este a S. Paulo, ou por qualquer dos rios que desaguam das campanhas do Ivahy e Tibagy, porque conheço que elles não têm pratica d'estas navegações; que no Igatemy, d'onde hão de sahir, não ha páos para canôas; terem que passar muitas cachoeiras trabalhosas, em que são precisos bons praticos! Sei que se me dirá que, como foram elles fundar Cidade Real e Villa-Rica sobre o mesmo rio Paraná? Ao que respondo, que quando o fizeram nos annos de 1554 e 1588 lhes haviam offerecido sujeição os indios *Guaranis*, que habitavam sobre o Salto Grande e vizinhanças d'elle, como se vê da mesma historia, tomo 1°, pag. 118, anno 1550, nas palavras seguintes:

« Quelque tems après les *Guaranis*, qui demeuroient « auprès du grand Saut du Paraná, & qui s'étoient volon- « tairement sommis aux Espagnols, envoierent demander « au Gouverneur du secours contre les *Tapes*, Habitans de « la Frontière du Brésil, qui, soutenus des Portugais fai- « soient de fréquentes irruptions dans leurs Païs. »

E sendo assim, os mesmos indios lhes dariam passagem, pois interessavam nos seus soccorros, o que agora não têm.

E' sem duvida que os caminhos da cidade do Paraguay para o Igatemy são de trabalhosissimo transito, tendo que passar serras, pantanos, matos e rios, e taes que todo o provimento devem conduzir em bestas de carga, e alguns tão apertados e cortados na montanha, que mal póde passar

uma carga atraz de outra; porém têm os castelhanos a commodidade do rio chamado Jejuy-guaçú, que se atravessa no caminho de Curuguaty para Igatemy, distante da serra de Maracayú cousa de oito leguas, que é navegavel em barcas grandes até desembocar no rio Paraguay e da sua confluencia até a cidade de Assumpção, como se póde vêr nos mappas que o capitão general d'esta capitania tem remettido por vezes á real presença del-rei nosso senhor, que eu desenhei; e por este rio Jejuy e rio Paraguay podem conduzir os mantimentos, petrechos e ainda a tropa, com muita facilidade, até as vizinhanças da serra de Maracayú, fazendo no dito rio os seus armazens de reserva; e sem embargo dos obstaculos propostos lhes são a elles mais faceis os soccorros, do que a esta praça, que os deve esperar de 30! leguas, que tantas ha até a cidade de S. Paulo; e em chegarem lá os avisos e voltarem os reforços, será preciso perderem-se ao menos seis mezes de demora, o que seria atrazo consideravel.

Pelos rios Ipané-guaçú e Ipané-mirim não podemos ter communicação com a cidade da Assumpção do Paraguay, por não serem navegaveis (o que foi examinado no tempo em que se fazia a demarcação), por se precipitarem por dentro da cordilheira, que corre do passo de Maracayú para o norte com repetidos saltos e cachoeiras, que os fazem invadiaveis; nem por terra se poderão varar as canôas pela aspereza dos rochedos; e já depois d'este tempo se tornou a intentar, sahindo d'esta praça o capitão de aventureiros Joaquim de Meira, com 50 soldados e 150 homens do Cuyabá, em 8 de Julho de 1769, talvez por se suppôr que os commissarios da demarcação lhe não teriam feito a diligencia em termos; porém voltaram sem poder conseguir cousa alguma, como succedeu áquelles, o que se mostra do documento n. 10.

O rio de que ha noticia ser navegavel até o rio Paraguay

é o Mbotetey, por onde os paulistas navegaram no principio das suas conquistas, o qual fica pela latitude de 19° 30', em cuja margem esteve fundada a cidade de Xerez pelos castelhanos, e quatro aldêas dos jesuitas que os mesmos paulistas arruinaram: o sobredito Jejuy-guaçú fica ao sul da cordilheira de Maracayú, como tenho mostrado.

As conveniencias da subsistencia d'esta praça equilibradas com as despezas que se têm feito e se hão de fazer, só as considero, isto é, se o passo da serra fosse tal como antes se figura em cobrir as campanhas da Vaccaria até Camapuam, povoando-se todo este terreno, se o clima o permittisse, e embaraçar que da serra do norte não podessem passar castelhanos que nos inquietassem; porque para passarem á Cuyabá e Mato Grosso não viriam buscar este caminho, tendo o rio Paraguay sem embaraço algum na sua navegação até aquelles estabelecimentos, como mostrei no papel que fiz a 24 de Julho de 1772 e n'elle as paragens em que se deveriam impedir.

A subsistir esta povoação, deve ser sempre á expensas da real fazenda, em tropa, ainda que paizanos pagos, em munições e em mantimentos para sustento da mesma [illegible], ou comprando-se aos moradores, ou fazendo-se as lavouras, como se fazem com os mesmos soldados aventureiros que vencem soldo.

Esta pouca gente de tropa que aqui existe só em soldos vence por anno trinta e quatro mil cruzados, sem fallar nos mantimentos que se vendem em S. Paulo, principalmente toucinho e sal; a despeza de compra de canôas, e salarios de pilotos e remadores nas conductas que se expedem, para esta praça, munições de guerra, que se consomem, e outras mais cousas indispensaveis; e não descubro meios com que para adiante se possa alliviar a real fazenda de tão grande despeza, não havendo n'este estabelecimento nem minas, nem

commercio; antes julgo que para se conservar, será preciso fazerem-se maiores despezas, procurando os meios de vencer a repugnancia que os povoadores e a tropa têm de viver n'este districto, que lhes têm sido tão funesto.

Tudo o que tenho exposto a V. Ex. é a pura verdade sem que nenhum affecto humano me obrigue a sahir do caminho recto por d'onde devo dirigir esta conta, que confirmo com a fidelidade que ao real serviço, minha consciencia e minha honra me impoem. Tudo quanto el-rei nosso senhor fôr servido mandar-me, o executarei com a promptissima obediencia a que sou obrigado.

Deus guarde a V. Ex. muito annos. Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Rio Igatemy, 4 de Fevereiro de 1775. — Illm. Exm. Sr. Martinho de Mello e Castro. — *José Custodio de Sá e Faria.*

N.º 1

Diario

DA VIAGEM QUE FEZ O BRIGADEIRO JOSÉ CUSTODIO DE SÁ E FARIA DESDE A CIDADE DE S. PAULO ATÉ A PRAÇA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES DO RIO IGATEMY.

Em 3 de Outubro de 1774 sahiu o dito brigadeiro da cidade de S. Paulo, com as pessoas abaixo declaradas, em direitura ao porto da freguezia de Araritaguaba. O tenente de artilharia Jeronymo da Costa, o tenente de infantaria Joaquim José Botelho, o alferes de infantaria Manoel Rodrigues Lobão, o sargento de artilharia José Pinto da Silva, e 22 soldados de artilharia do Rio de Janeiro.

A's 11 horas e 25' chegámos á aldêa dos Pinheiros, con-

tinuámos a marcha até as 4 horas da tarde, por campos dobrados, e parámos do outro lado da ponta da Cotia em um rancho que alli se acha, e marchámos 5 leguas.

Dia 4 de Outubro

Pelas 8 horas e 11 minutos marchámos da ponta da Cotia, e chegamos á fazenda de Sua Magestade, que foi dos jesuitas, ás 3 horas da tarde; o caminho foi mui dobrado, com serras por um e outro lado, coberto de arvoredos e seguido pelos espigões das mesmas serras. Esta fazenda é composta de escravos e anda arrendada; a casa em que viviam os jesuitas é soffrivel e a capella; porém a casa dos escravos são ranchos dispersos, sem ordem e máos: fizemos n'esta marcha 7 leguas, vindo costeando o rio Tieté.

Dia 5 de Outubro

Sahimos da fazenda acima, que se denomina de Araçariguama ás 9 horas e 28 minutos, e marchámos até a villa de Ytú, onde chegámos ás 5 horas da tarde. Esta villa tem dois conventos, um de religiosos do Carmo, e outro de S. Francisco. A matriz se anda fazendo de novo; tem bastantes moradores e muitas fazendas de lavoura, sendo a principal a de assucar que fornece toda a capitania; os terrenos são dobrados, porém o caminho é excellente: andámos n'este dia 7 leguas.

Dia 6 de Outubro

Pelas 7 horas e 30 minutos marchámos da villa de Ytú, defronte da qual, á distancia de uma legua para o norte, se acha um grande salto no rio Tieté, denominado Salto de Ytú; no caminho, que é bom, encontram-se algumas casas, porém de gente mui pobre; chegámos á freguezia de Araritaguaba ás 12 horas e 30 minutos. Esta freguezia tem bastante gente e nos asseguraram que já teve mais, e fôra mais rica quando as tropas de Cuyabá e Mato-Grosso seguiam este caminho, o que se tem diminuido por passarem hoje a maior parte d'ellas por Goyaz para o Rio de Janeiro: fizemos n'esta marcha 5 leguas.

Dia 7 de Outubro até 11

N'estes dias se carregaram as canôas com mantimentos e trem, e se prepararam algumas miudezas que faltavam, e se dispôz tudo para embarcarmos no dia 14. N'este foi o brigadeiro pelo rio acima uma legua, e achou que logo acima do ponto se dividiu o rio em dois braços, mediando uma ilha entre elles, passada a qual, da parte direita, se acha um morrete de pedra bruta e dura, que dá o nome d'esta freguezia de Araritaguaba; esta pedra se acha esburacada de virem as araras e outros passaros pical-a e comêl-a, por ter particulas salinas a que chamam por esta parte barreiro.

Dia 12 de Outubro

Embarcada a gente em dez canôas com 56 pilotos e remadores, principiámos a navegação do rio Tieté ás 9 horas e 24 minutos, e nas mesmas tambem embarcaram 19 presos em ferros para se conduzirem ao Igatemy; a 35 de distancia deixámos á esquerda a barra de um ribeirão chamado do Lisboa, e ás 4 á cachoeira chamada do Páo Santo, e mais abaixo algumas pequenas ilhas de um e outro lado; esta cachoeira se passou bem e com as canôas carregadas; aos 16, chegámos ás cachoeiras Abaré-menduaba, que quer dizer cachoeira onde os indios quizeram afogar um padre: ha tradição de que este padre fôra o veneravel José de Anchieta, que, querendo os indios que o conduziam fazer prova da sua virtude, viraram a canôa em que iam, e o padre foi ao fundo; e vendo estes que não voltava, mergulharam, e o acharam rezando no breviario e o tiraram enxuto. Chegámos a esta cachoeira ás 10 horas e 24 minutos e foi preciso descarregar alguma carga das canôas para passarem, no que se gastou e em tornar a carregar até 1 hora e 45'; passámos uma pequena Itaipava, e logo uma ilha pequena que deixámos da parte esquerda; segue-se logo um morro da direita; a 18 passámos á esquerda uns morros chamados Subaunduçú, cobertos de mato grosso, e a mesma qualidade de mato guarnece o rio pela direita. A's 4 horas e 5' chegámos á cachoeira Itaguaçuba-mirim, que se passou sem incommodo; a 9' de caminho chegámos á cachoeira Itaguaçuba-guaçú que se passou bem, no fim da qual ha uma pequena ilha, defronte da qual tomámos pouso para dormir, da margem direita, ás 5 horas e 19 minutos da

tarde : todo o rio que hoje se navegou é cheio de sitios de moradores por um e outro lado. Leguas 4 3/4.

Dia 13 de Outubro

A's 7 horas e 37 minutos sahimos do pouso antecedente, continuando a navegação ; chegámos á cachoeira Pirapora ás 9 horas e 40 minutos, e nos demorámos até as 2 horas e 29 minutos a passar as cargas, por se haver descarregado parte d'ellas para alliviar as canôas, e passando estas a cachoeira, logo deixámos tres ilhas da parte direita d'estas ; a 20' de caminho chegámos á cachoeira dos Pilões, onde parámos por se atravessar uma canôa que logo sahiu ; a 17 passámos a praia grande, e logo uma pequena ilha que dividia o rio em dois braços, e seguimos o da esquerda, e mais abaixo outra semelhante ; parámos ás 3 horas e 45 minutos para fazer pouso : o fundo do rio na viagem de hoje foi de 18, 14 e 16 palmos ; o arvoredo das margens é ordinario e a largura do rio 120 braças. Leguas 3 1/2.

Dia 14 de Outubro

Largámos ás 7 horas e 58 minutos da manhã, e aos 13 minutos de viagem deixámos á esquerda uma barranca de pedra,chamada Curuçú-guaçú, e dois ribeirões da esquerda; ás 9 horas e 40 minutos passámos da esquerda á barra do ribeirão chamado da Forquilha ; ás 10 horas e 8 minutos acabámos de passar as barras de tres ribeirões da esquerda e um da direita, e logo uma itaipava chamada Garcia ; ás 11 horas e 24 minutos tomámos porto para jantar ; a 1 hora e 58 minutos seguimos viagem ; ás 2 horas e 41 minu-

tos chegámos á itaipava a que chamámos Mathias Pires, sobre a qual desagua um ribeirão pela esquerda; ás 2 horas e 56 minutos outro da parte direita; ás 3 horas e 12 minutos outro da mesma parte; ás 3 horas e 21 minutos barranca de pedra da direita, chamada Iaguacuara, que quer dizer buracos de cachorro na pedra; ás 3 horas e 44 minutos passámos uma itaipava chamada Itapema pequena; ás 3 horas e 56 minutos outra itaipava, Itapema grande; ás 4 horas e 14 minutos passámos uma itaipava pequena, digo a boca do rio Capivaria, ás 4 horas e 15 minutos, por causa da chuva que continuou depois de jantar. Nas cabeceiras d'este rio Capivaria se fazem canôas. Toda esta noite choveu; o rio n'esta paragem tem 16 palmos de fundo. 6 1/4 leguas.

Dia 15 de Outubro

A's 8 horas e 11 minutos sahimos do pouso antecedente e ás 8 horas e 31 minutos passámos a barra do ribeirão Capivaria-mirim, que tem de largo tres braças, e fica do lado direito. A's 8 horas e 47 minutos passámos do lado esquerdo a barra do rio Sorocaba, que tem de largo 12 braças; aqui encontrámos uma canôa do Cuyabá que havia sahido d'aquella villa em 7 de Setembro; não deu mais novidade que de haverem conduzido os castelhanos de Santa Cruz de la Sierra uma partida de bestas muares a vender a Mato-Grosso. A's 9 horas e 28 minutos passámos uma pequena itaipava, e aos 30' passámos a cachoeira das Pederneiras, que é pequena, sem incommodo. A's 9 horas e 35 minutos passámos á direita um ribeirão chamado Orelha de Anta, com 25 palmos de largo, e aos 40' outra cachoeira das Pederneiras que atravessámos sem embaraço. Parámos para jantar ás 11 horas e 53 minutos e torna-

mos a seguir ás 12 horas e 45 minutos, e aos 6' passámos uma ilha de seixo miudo, que dividia o rio em dois braços, e navegámos á direita. A 1 hora e 15 minutos passámos um ribeiro da dita com duas braças de largo. A's 3 horas e 24 minutos passámos uma itaipava, e ás 3 horas e 30 minutos um pequeno ribeirão da parte direita, e da mesma parte se segue barranca por d'onde se despenham varias fontes de agua, que desce de um morro alto sobre o rio. Tomámos porto para dormir ás 5 horas e 7 minutos em um cotovello do rio, chamado o Pouso Grande. Leguas 8 3/4.

Dia 16 de Outubro

Depois de se dizer missa, por ser domingo, sahimos pelas 7 horas e 55 minutos do Pouso-Grande e ás 8 horas se dividiu o rio em dois braços, formando ilha no meio, que passámos em 3 1/2; ás 8 horas e 20 minutos deixamos á parte esquerda uma pequena ilha; ás 8 horas e 47 minutos passamos a barra de um ribeirão da parte esquerda com 40 palmos de boca; ás 8 horas e 54' deixamos da parte esquerda uma barranca de terra vermelha; ás 9 horas e 15' passámos a barra de um ribeirão da parte direita; ás 9 horas e 24 minutos um bracinho da direita que torna a sahir mais abaixo formando ilha que passamos em um minuto; ás 9 horas e 50 minutos havia no meio do rio uma pequena ilha de seixo miudo. A's 10 horas e 13 minutos passámos uma boca de rio da parte esquerda chamada Iacuacatú, tem seis braças de largo na barra. Iacuacatú quer dizer cousa que parece bem: ás 11 horas e 44 minutos passamos um ribeirão da direita; ás 12 horas e 15 minutos se dividiu o rio em dois braços por uma ilha pequena

de arvoredo, que passámos em minuto e meio. Pelas 12 horas e 47 minutos parámos em uma pequena ilha de seixo miudo para jantar, e tornámos a seguir viagem a 1 hora e 43 minutos ; ás 2 horas e 15 minutos passámos uma ilha pequena que ficou ao lado direito, e se passou em um minuto. A's 3 horas e 13 minutos encontramos o rio dividido em dois braços por uma ilha que se passou em minuto e meio. A's 3 horas e 30 minutos passámos um ribeirão de tres braças de largo na barra, e ficava ao lado esquerdo. Pelas 3 horas e 44 minutos se dividiu o rio em dois braços por uma ilha, que se passou em 3 1/2 minutos pelo braço da parte esquerda, e logo outra ilha que tambem se passou em tres minutos. Segue-se outra pequena ilha, e ás 4 horas e 28 minutos outra maior que passámos em dois minutos. Tomámos porto pelas 4 horas e 40 minutos da parte esquerda. Leguas 8 1/4.

Dia 17 de Outubro

Sahimos do pouso antecedente ás 6 horas da manhã, e logo passámos uma corôa de seixo miudo e depois uma mui pequena ilha, e ás 6 horas e 14 minutos outra que dividia o rio em dois braços, e a passamos em tres minutos. Aqui encontramos outra canôa que vinha de Mato Grosso como a antecedente; ás 6 horas e 23 minutos encontramos outra ilha que passamos em seis minutos. A's 7 horas e 45 minutos outra que se passou em dois minutos; a 17 minutos de marcha da dita ilha deixamos da margem direita uma barranca mui alta de barro vermelho; depois a 13 minutos deixámos seis ilhas do lado esquerdo, d'estas a 14 minutos passamos outra ilha em 3 1/2 pelo lado direito, e se passou em quatro

minutos abaixo d'esta outra chamada Fazenda (que se passou em 14 minutos), porque houve uma fazenda defronte d'ella na margem esquerda, e da mesma parte para um baixio de cascalho, e tres ilhas que dividem o rio em tres braços, e mais abaixo, da mesma parte, uma pequena ilha de cascalho que se passou em um minuto; paramos ás 11 horas do lado direito para jantar, e tornamos a navegar ao meio-dia; a 50 minutos depois chegamos á barra do rio Piracicaba (quer dizer d'onde chega o peixe), a qual tem 36 braças de largo; a 10 passamos uma ilha em tres minutos. O rio Piracicaba tinha 10 palmos de fundo; antes de chegar a esta ilha fica uma barranca de pedra da direita de 80 palmos de alto, e desagua um ribeirão de tres braças de largo da esquerda, e depois da ilha outro; passamos dois pequenos ribeirões da direita, e logo uma barranca alta, junto da qual tomamos o rumo aos serros Araracuara, que demoravam ao NO., sendo a nossa navegação ao SO.; pareciam estar distantes tres ou quatro leguas; estes serros dizem que tem ouro, e tendo-se feito algumas entradas nunca poderam chegar a elles; a 30 minutos deixamos um ribeirão da esquerda e logo barranca alta na mesma parte; tomamos porto ás 4 horas e 50 minutos. Leguas 10.

Dia 18 *de Outubro*

Sahimos do pouso antecedente ás 6 horas e quatro minutos, ás 6 horas e 28 minutos passamos por uma itaipava, e uma ilha em tres minutos, que deixamos á direita Ás 7 horas e 57 minutos passamos a barra do rio dos Lençóes que tem oito braças; na mesma uma cachoeira. A's 8 horas e 54 minutos deixamos á direita uma pequena ilha; ás 9 horas e 41 minutos passamos a cachoeira do Estirão, em a qual nos

demoramos 45 minutos a passarem as canôas, que quasi todas encalharam por ser baixio, e o canal muito estreito, arrumado ao lado esquerdo, oito ou dez braças de terra, e mais abaixo em outro baixio de pedra nos demoramos 45 minutos por haver encalhado outra canôa. Paramos para jantar ás 11 horas e 50 minutos, e tornamos a seguir ás 12 horas e 29 minutos, e ás 12 horas e 44 minutos entramos no Estirão Grande. Os matos d'este são baixos e da mesma sorte as barrancas, sendo as d'este rio Tieté até aqui bastantemente altas e de 30 palmos pouco mais ou menos. Chegamos á barra de um ribeirão com seis braças de largo, e d'elle a cinco minutos á cachoeira Petenduba, na qual foi preciso dobrar os proeiros para se passar: ás 2 horas e 20 minutos paramos para seguirem as mais canôas, do que houve demora de 38 minutos. Tornamos a seguir até uma ponta do lado direito, de baixio, em que se passou á sirga: aqui alarga muito o rio, e se gastou muito tempo em passar as canôas.

Tomamos porto para dormir ás 4 horas e 45 minutos. Leguas 8 1/4.

Dia 19 de Outubro

Sahimos do pouso antecedente ás 5 horas e 59 minutos: tem o rio aqui de largo 160 braças, todo baixio; o canal vai pelo lado esquerdo encostado á barranca; paramos 39 minutos a desencalhar as canôas que pegaram no mesmo canal; ás 7 horas e 23 minutos passamos pela direita, ainda baixio, e tornamos a parar as canôas de carga, que tornaram a encalhar uma hora e 40 minutos; continuamos ás 9 horas e 17 minutos. Paramos ás 9 horas e 50 minutos para passarmos a cachoeira Baurú-guaçù, a qual

principia em uma ponta do lado direito, distante de uma ilha que divide o rio; as canôas passaram á sirga até o lado direito, deixando a ilha á esquerda, e se acaba de passar por entre um recife de pedras que atravessa o mesmo braço; as canôas de carga descarregaram metade, que se conduziu pela picada do mesmo lado para tornar a embarcar no fim da cachoeira; largamos d'esta ás 3 horas e 25 minutos, que a tantos se acabaram de conduzir as cargas e de se carregarem; em seis minutos passamos a ilha acima e d'ella a tres minutos passamos uma itaipava pelo lado direito, e logo outra em que encalharam as canôas; paramos ás 4 horas e 50 minutos para sahirem e desencalhar, e como haviamos de levar tempo aqui fizemos pouso. Leguas 4.

Dia 20 *de Outubro*

Largamos do pouso antecedente ás 5 horas e 40 minutos; paramos ás 6 horas e cinco minutos para se passar a cachoeira Barery-mirim na qual gastou cada canôa em passar cinco minutos; acabou-se de passar ás 8 horas e 22 minutos, e seguimos deixando á direita uma ilha. A cachoeira se passou bem, descarregando tres canôas metade da carga: gastou-se em passar a ilha 11 minutos, e aos nove de distancia se passou uma itaipava que é má; encalharam n'ella duas canôas; costeou-se pela direita que tem suas pedras, e pela esquerda é muito baixa, e da direita pegou outra canôa que sahiu ás 10 horas e 39 minutos em que tornamos a seguir viagem. Paramos para jantar ás 11 horas, e para descarregar metade das cargas ás canôas para passarmos a cachoeira Barery guaçú, que tem

a distancia de cinco minutos, e o canal é pelo lado esquerdo, dois braços em que se divide o rio por uma ilha, e se segue em varios rumos: acabaram de passar as cargas por terra já noite, e n'este lugar pousamos. Leguas 1 3/4.

Dia 21 de Outubro

Sahimos do pouso antecedente ás 5 horas e 50 minutos da manhã, e ás 6 horas passamos uma itaipava que atravessa o rio; continuam por esta paragem as barrancas do rio mui baixas e com arvoredo ordinario; ás 6 horas e 58 minutos passamos outra itaipava em tres minutos pela parte esquerda; paramos 33 minutos para desencalhar uma canôa, e á distancia de 22 minutos chegamos á cachoeira de Sepetuba em que pararam todas as canôas, e se gastou em sahir 20 minutos: passa-se pela esquerda e se atravessa, entrando n'ella, rumo do oeste, e depois de se estar proximo do lado direito se vira a SO.; não pegando as canôas se gastaram quatro minutos em passar; logo se segue um baixio de pedras d'onde, pegaram ou encalharam todas as canôas, e se gastaram em desèncalhar 30 minutos. A 20 minutos de distancia passamos uma itaipava sem incommodo pela parte esquerda, e chegamos á outra itaipava ás 9 horas e 55 minutos. A's 10 horas e tres minutos paramos a esperar as canôas que encalharam; passamos logo outra itaipava, e esperamos 31 minutos que sahisse uma canôa que encalhou. A's 10 horas e 55 minutos chegamos á cachoeira das Congonhas, que não é má, e se passou pelo lado direito. A's 11 horas e 22 minutos paramos para jantar da parte direita. Largamos ás 12 horas e 24 minutos, logo o rio em dois braços da parte de uma ilha, que passamos em 6 minutos pelo braço da parte direita;

ás 12 horas e 35 minutos passamos um ribeirão do ladò esquerdo, e ás 12 horas e 35 minutos passamos outro do mesmo lado com tres braças de largo. A's 2 horas dividiu-se o rio em tres braços, formando tres ilhas; seguimos o da direita, e gastamos em passar a ilha que o fórma 10 minutos. A's 3 horas e nove minutos passamos uma itaipava sem incommodo. A's 4 horas e 36 minutos dividiu-se o rio em dois braços por uma ilha; passamos pelo bração da parte esquerda em cinco minutos e deixamos um ribeirão da mesma parte. Tomamos porto ás 4 horas e 48 minutos do mesmo lado. Apanhou-se uma cobra chamada sucury (andam no rio), que tinha 18 palmos de comprido, e dois e meio de circumferencia na sua maior grossura; o lombo era pardo com manchas pretas, e a barriga branca com manchas pardas de côr agradavel, e se matou estando dormindo na praia. Leguas 9 1/4.

Dia 22 de Outubro

Sahimos do pouso antecedente ás 6 horas e ás 6 horas e cinco minutos passámos a barra do rio Iguaré, que fica do lado direito, o qual tem na barra 12 braças; ás 7 horas e 21 minutos passámos a barra do rio Jacaré-pipara (quer dizer sobrancella de jacaré); ás 7 horas e 51 minutos passámos a barra, um pequeno ribeiro da parte esquerda; ás 9 horas e 55 minutos entramos na cachoeira Guaimi canga, isto é, no baixio que apresenta; gastámos 10 minutos em passar a cachoeira; aos rumos de N.N.O. N.NO. e NNO. faz grandes ondas, porém se passou sem perigo; á esquerda nos ficaram duas ilhas, uma seguida á outra; acabaram de passar todas as canôas ás 10 horas e 50 minutos. Parámos ás 11 horas e 17 minutos para jantar de-

pois de passarmos um baixio em que tocaram as canôas na ponta de uma ilha que divide o rio em dois braços, e passámos pelo lado esquerdo. Ás 12 horas e 13 minutos seguimos viagem e logo passámos cinco itaipavas; ás 2 horas passámos outra má por ser baixio, em a qual nos demorámos 15 minutos; passámos um ribeirão pequeno ás 2 horas e 18 minutos, e ás 2 horas e 26 minutos outra itaipava, onde deram as canôas em sêcco, e gastou-se em passar á sirga 23 minutos. A's 2 horas e 53 minutos passámos uma pequena ilha, que deixámos á direita, e logo entrámos na cachoeira Tomba-pecerica (quer dizer cousa sêcca), e gastaram-se tres minutos em passar com ondas bem levantadas no canal, por irem as canôas com grande velocidade. Parámos no fim d'esta cachoeira ás 4 horas por não se poder passar com dia outras itaipavas que se seguiam. Matou-se hoje outra cobra sucury com 22 palmos de comprido. Leguas 6 1/2.

Dia 23 de Outubro

Pelas 6 horas e 55 minutos depois de se dizer missa sahimos do pouso antecedente, e logo passámos uma itaipava e parámos a esperar as canôas que sahiram do pouso; tornámos a parar 28 minutos a esperar uma canôa que ficou encalhada, e seguimos ás 7 horas e 47 minutos, e a sete minutos de distancia passámos uma ilha que deixámos á esquerda em sete minutos. A's 8 horas e 48 minutos chegámos á outra ilha que fica da direita e entrámos em uma cachoeira chamada da Escaramuça, e se chama assim pelos differentes rumos a que se passa; ás 9 horas e 30 minutos passámos outra ilha que deixámos á direita, e se passou em um minuto e ainda continúa a cachoeira; parámos a esperar

que passassem as canôas; seguimos ás 10 horas e um minuto, e ás 10 horas e 30 minutos deixámos uma ilha da direita mui pequena, e logo uma itaipava que passámos pela esquerda, perto da barranca, e a tres minutos deixámos um ribeirão da parte esquerda, chamada da Ilha, que tem quatro braças de largo na sua barra. A's 10 horas e 54 minutos se dividiu o rio em dois braços por uma ilha, que passámos em cinco minutos e navegamos pelo da esquerda; paramos para jantar ás 11 horas e 20 minutos do lado direito; ás 12 horas e 15 minutos tornámos a seguir viagem; ás 12 horas e 52 minutos se tornou a dividir o rio em dois braços por uma ilha; a 1 hora se chegou á outra ilha que principia d'onde acaba a primeira; esta se passou em oito minutos e a segunda em tres; por entre estas duas ilhas e a barranca da parte esquerda se fórma a cachoeira Cambagiboca, que principia na primeira ponta da ilha e finda um pedaço abaixo da ultima pónta da segunda; paramos a 1 hora á espera das canôas que pegaram n'esta cachoeira e acabaram de sahir ás 2 horas e 10 minutos; á esquerda nos ficou para dentro da barranca um terreno mais elevado, coberto de arvoredo; ás 3 horas e 26 minutos se dividiu o rio por uma pequena ilha, e na ponta d'ella uma porção de seixo miudo; a ilha se passou em dois minutos. Paramos ás 5 horas e sete minutos. Cambagiboca quer dizer negros com a boca aberta. Leguas 8.

Dia 24 de Outubro

Sahimos ás 5 horas e 46 minutos. Seguem-se brejaes por um e outro lado; ás 7 horas e 40 minutos matos mais grossos e altos de uma e outra parte; ás 9 horas e 24 minutos passamos o ribeirão da Praia, que fica á direita com

quatro braças de barra; ás 11 horas e dois minutos passamos outro pequeno ribeirão da direita, e logo uma ilha em seis minutos pelo braço direito; paramos 10 minutos a esperar as canôas. A's 11 horas e 20 minutos tomamos porto para jantar. Largamos ás 12 horas e oito minutos, e ás 2 horas e 17 minutos passamos o ribeirão do Rio Morto de Avanhandava; ás 2 horas e vinte minutos passámos a barra de um ribeirão da parte esquerda com seis braças de barra. A's 2 horas e 45 minutos chegamos ao campo que fica da direita: este campo se estende para dentro cousa de meia legua; logo passamos uma ilha em que ficou da esquerda; ás 3 horas e 50 minutos deixámos a barra do ribeirão do Campo, que tem duas braças de largo para diante da ilha acima, fomos costeando a barranca do Campo e n'elle passamos 32 minutos para vermos o dito Campo; tornamos a seguir ás 4 horas e 30 minutos, e aos 58 minutos passamos a barra de um ribeirão da parte direita de 10 braças de largo. Tomámos porto ás 5 horas e seis minutos. Matou-se uma anta e um veado n'este dia; o fundo do rio não excedeu hoje de 14 palmos e meio, em arêa e cascalho. Leguas 11 1/4.

Dia 25 de Outubro

Sahimos ás 5 horas e 34 minutos do pouso antecedente; ás 5 horas e 5[illegible] minutos passamos uma pequena itaipava; ás 6 horas e sete minutos outra semelhante, que continúa pela distancia de nove minutos, e a sahida d'ella deve ser com cuidado por causa do baixio e pedras; paramos 14 minutos a esperar que passassem as mais canôas em que não houve perigo, e ainda continúa a dita itaipava por 19 minutos de distancia. A's 7 horas e 20 minutos passamos

da esquerda á barra do ribeirão Alambary, que tem tres braças de largo. A's 8 horas e seis minutos paramos para passar a cachoeira Avanhandava-mirim; a gente saltou á terra para alliviar as canôas e estas passaram carregadas; gastou cada uma em passar 10 minutos; ás 10 horas e 10 minutos acabaram de passar todas, e a gente que veiu por terra se embarcou, e seguindo viagem ás 10 horas e 15 minutos passamos a barra de um ribeirão da direita com tres braças de largo. A's 10 horas e 40 minutos passamos da esquerda á barra do ribeirão Cambuy-guaçú, com tres braças de largo, e mais abaixo tem outra barra que está sêcca. A's 11 horas e 20 minutos paramos junto ao salto de Avanhandava, onde se levaram as canôos por terra. Logo que paramos jantou a gente e se principiaram a descarregar as canôas, e a carregar o trem e mantimentos por terra para baixo do salto, ficando uma guarda n'este pouso, porque por este districto costumam andar indios pescando; e por baixo do salto nos abarracamos. Leguas 4 1/4.

Dia 26 de Outubro

Se continuaram a carregar as cargas pelo varadouro para baixo do salto, e se levaram por terra oito canôas n'este dia. Pescaram-se n'este salto muitos dourados e uns grandes peixes de feitio de bagres, chamados jaus, alguns de sete palmos de comprido, e de máo sabor e sêcco; assemelha-se ao bacalháo, e uns peixes chamados pacús, de bom gosto.

Dia 27 de Outubro

N'este dia se acabaram de passar as cargas e o resto das canôas, e se carregaram outra vez n'ellas, recolhendo-se a guarda.

Este salto de Avanhandava não é de grande altura, pois não passa de cinco braças nos seus maiores precipicios, que desembocam todos em um canal, ...braças de largo; em toda a largura do rio, acima do salto, se despenha este por pedras e degráos irregulares com grande correnteza, e depois se reparte em varios braços, pelos quaes precipita as suas aguas no canal a que se reduz; no rumo de SO. tem dois bem caudalosos e no de O. varios, e a O.NO. dois canaes mui caudalosos; a agua se despenha por um declive de 45 gráos, formando muita escuma nos precipicios e levantando uma fumaça das chispas de agua que produz no embate das pedras, e a pedraria do canal e ilhas que formam é de côr de ferro e de grande dureza. Tem suas ilhas no plano superior, coberto de arvoredo, e de um e outro lado o mesmo; o canal tem uma grande correnteza. As canôas são puxadas e arrastadas por terra por muita gente até cahirem no canal que se segue ao salto.

Dia 28 de Outubro

Largámos do salto de Avanhandava ás 6 horas e 38 minutos depois de dizer-se missa, e seguimos o canal seis minutos: é estreito e logo vai alargando; as margens são de pedra de uma e outra parte; ás 7 horas e 35 minutos passámos o ribeirão da Bocaina, na margem direita. A's 8 horas e 44 minutos entrámos na cachoeira da Escaramuça de gosto, pelos repetidos rumos que é preciso fazer para se

passar; ás 8 horas e 55 minutos chegámos ao ribeirão da Escaramuça, que tem tres braças de largo na barra; parámos para saltar a gente em terra, e se continuou ás 9 horas e 19 minutos, sirgando as canôas pelo baixio de pedras, com a gente por dentro d'agua, no que gastou 30 minutos a primeira canôa; a sahida d'esta cachoeira é muito má pelo baixio e pedras, por entre as quaes passam as canôas com muita gente para as arrastar; parámos ás 9 horas e 50 minutos a esperar que passassem as mais canôas, o que durou até as 11 horas e 47 minutos, que acabou de passar a ultima. Jantou a gente, e sahimos aos 22 minutos depois do meio-dia. A' 1 hora e 45 minutos passámos a barra do ribeirão Itupanema, que quer dizer vento mal cheiroso. Tomámos porto ás 3 horas sobre a cachoeira Itupanema, onde se descarregou, e pela picada passámos para o pouso que fica abaixo d'ella, descarregou-se a maior parte da carga das canôas, e ainda assim custou muito a passarem estas, por estar o braço da esquerda, por onde só podem passar, muito sêcco, e se sirgaram á força de braço por cima das pedras. Esta cachoeira, com propriedades de salto, se divide em tres braços que formam duas ilhas: a da direita é maior que a da esquerda, e entre estas e a terra firme passa o canal, por onde se sirgam as canôas; pelos dois canaes da direita não podem passar, porque ambos têm saltos de oito até 10 palmos de altura e muita pedraria, e a mesma guarnece as margens do rio; o pouso se fez em uma pequena praia de arêa da parte esquerda, descendo a cachoeira. Gastou-se em passar as canôas e as cargas por terra todo o dia 29 e toda a manhã do dia 30 de Outubro. Na noite do dia 29 houve uma trovoada com chuva, que durou até as 11 horas do dia 3 e bastantemente grossa. Leguas 5 1/2.

Dia 30 de Outubro

Pelas 11 horas e 25 minutos sahimos do pouso antecedente; á 1 hora passamos uma ilha em tres minutos, que deixamos da esquerda, e logo a itaipava chamada Passo Pirataraca, no fim da dita ilha; porém tem bom canal; á 1 hora e 18 minutos entramos em outra itaipava boa de passar; ás 2 horas e 25 minutos dividiu o rio em dois braços por uma ilha, e passamos pelo braço da esquerda, onde principia a cachoeira de Mato Sêcco; paramos na dita ilha ás 2 horas e 30 minutos a esperar que calmasse o vento para podermos passar esta cachoeira, o qual estava mui rijo e embaraçavam as maretas o poder-se conhecer o canal, o qual não se acalmou senão de noite, e n'esta ilha a passamos.

Dia 31 de Outubro

Sahimos ás 5 horas e 53 minutos da ilha antecedente; ás 6 horas continuámos a passar a cachoeira de Mato Secco, que tem bastante pedraria, porém o canal n'este primeiro rumo; depois continúa por quatro minutos o rio com pedras e se vai a passar o resto da dita cachoeira; paramos 48 minutos a esperar que levantasse a neblina para poder vêr o canal; seguimos ás 6 horas e 52 minutos; ás 7 horas e dois minutos acabamos de passar. A's 8 horas e quatro minutos entramos na cachoeira das Ondas Grandes que se passou em um minuto. Levanta muito as ondas, porém se passou bem pelo canal; as canôas de cargas se cobrem com os toldos para se não molharem; ás 8 horas e 20 minutos chegamos a cachoeira das Ondas Pequenas

em que paramos para passarmos as canôas; sirgam no principio d'ella em pequeno espaço e logo cahem no canal; á esquerda deixamos duas ilhas, e a passagem é pelo braço á direita, e acabaram de passar ás 8 horas e 53 minutos. Pelas 10 horas e cinco minutos entramos a parte esquerda por junto da terra: baixio no canal. A's 11 horas e 11 minutos paramos para se juntarem as canôas; ás 11 horas e 25 minutos sahida a primeira canôa á sirga, e logo acima sobre a cachoeira do Funil Pequeno, e se gastaram quatro minutos em sahir d'esta. Paramos abaixo da cachoeira ás 10 horas e 45 minutos para jantar e esperar as mais canôas ; a gente d'ellas passou para as aliviar do peso, isto é, a gente que não é dos remos e governo das mesmas. Tornamos a largar ás 12 horas, e 24 minutos, e ás 12 horas e 38 minutos, paramos para passar a cachoeira do Funil Grande; ás 2 horas e seis minutos acabaram de passar; a gente foi por terra : o rio se dividia primeiro em dois braços por uma ilha, e logo em tres por duas ilhas, e aqui alarga muito, e tudo é baixio de pedraria, que se passa á sirga com trabalho, e a peior passagem é onde acaba a cachoeira no fim da ilha, que passam as canôas por entre pedras a remos com grande velocidade : gastaram as canôas em passar 25 minutos, e á distancia de 35 minutos chegamos a cachoeira Guacurituba. Os passageiros marcharam por terra, e se metteu nas canôas gente dobrada de remos que as passaram cada uma por sua vez ao pouso abaixo da cachoeira, onde chegaram todos ás 5 horas da tarde, e n'este lugar passamos a noite, tendo andado uma legua e um quarto. Antes de chegar a esta cachoeira deixamos á direita um ribeirão que tem o mesmo nome da cachoeira.

Dia 1º de Novembro

Sahimos do pouso antecedente por terra e por picada ás 6 horas e 42 minutos, e as canôas pela cachoeira sirgando, que é dilatada e toda de baixio de pedras, e tambem se chama Guacurituba por estar contigua com a antecedente. Seguiu-se o canal da parte esquerda, deixando á direita tres ilhas; acabaram as canôas de sahir da cachoeira ás 10 horas e ás 10 horas e 10 minutos seguimos viagem; ás 10 horas e 44 minutos encontramos duas canôas vindas de Mato Grosso, que não deram novidade alguma. Paramos ás 11 horas e 17 minutos para jantar. A's 12 horas e quatro minutos tomamos a cachoeira Araçatuba que se passou bem em 12 minutos. Ás 12 horas e 40 minutos chegamos á cachoeira Aracangua-mirim, na qual paramos 20 minutos para passarem as canôas; seguimos pelo braço direito que fórma uma ilha, e o braço da esquerda tem outra ilha no meio; até as 2 horas e seis minutos se estiveram passando as canôas á sirga por canaes de pedraria com grande trabalho; a ilha da esquerda se passou em 36 minutos, e continuando-se a viagem paramos ás 4 horas e 48 minutos, onde tomamos porto, tendo andado cinco leguas e um quarto: este dia a sonda do rio foi de 14 palmos, fundo de arêa, e o rio tem de largo n'esta paragem 200 braças.

Dia 2 de Novembro

Sahimos do pouso antecedente ás 6 horas e 47 minutos, e ás 6 horas e 46 minutos passamos a barra de um ribeirão que ficou á direita com quatro braças de largo; paramos ás 7 horas e cinco minutos para desembarcar a gente e poderem as canôas com menos peso passar a cachoeira Ara-

cangua-guaçú; as canôas passaram a 11 minutos de distancia onde descarregaram meia carga, que marchou por terra dois minutos distante do lugar em que se havia de tornar a carregar. A cachoeira se fórma de um recife de rochedo, que atravessa o rio pela ponta de uma ilha que o divide em dois braços até a margem opposta; as canôas se passaram com grande trabalho á sirga; é um estreito canal por onde se despenham n'elle por cima de pedras, encostado á margem esquerda; a pedraria toda está á vista; até as 4 horas se gastou em passar as ditas canôas; carregaram-se estas e largamos ás 4 horas e 52 minutos; em 12 minutos passamos a ilha pelo braço esquerdo. Tomamos porto ás 5 horas e 19 minutos: o fundo do rio junto ao pouso foi de 11 palmos e meio de arêa.

Dia 3 de Novembro

Sahimos do pouso acima ás 5 horas e 54 minutos, e atravessamos o rio para o outro lado, onde chegamos ás 6 horas e dois minutos; entramos pelo braço da parte direita, um dos que formam tres ilhas, que dividem o rio em quatro braços, e logo no principio tem a cachoeira chamada Itupeva, uma correnteza formidavel, que com grande trabalho de remos a podem vencer as canôas para se desviarem d'ella; os passageiros marcham por terra por picada para alliviar as canôas; a sahida d'esta cachoeira é por um canal chamado do Inferno, d'onde se tem emborcado algumas canôas, e na sahida d'este tem uma pedra que causa todo o perigo; até as 7 horas e 38 minutos passaram as canôas com bom successo; porém em distancia de quatro minutos encalharam quatro canôas de carga em uma itaipava que é o fim d'esta cachoeira. A's 8 horas e cinco minutos se continuou a

viagem; passamos aos 50 minutos um ribeirão da esquerda com seis braças de largo; ás 9 horas e 45 minutos embicamos á espera de duas canôas que ficaram atravessadas, e tornamos a largar ás 10 horas e nove minutos. A's 10 horas e 41 minutos passamos a cachoeira Vacuriti-mirim, e paramos a esperar que passassem as mais canôas. Largamos ás 11 horas e 37 minutos; na cachoeira se divide o rio em dois braços por uma ilha; seguimos o braço esquerdo, passando uma itaipava; paramos para jantar no fim da ilha da parte direita ás 11 horas e 48 minutos, e tornamos a seguir viagem ás 12 horas e 32 minutos, continuando por rio morto até as 5 horas e 10 minutos em que tomamos porto proximo a um terreno de brejo do lado direito. Leguas 7 1|4.

Dia 4 de Novembro

Sahimos ás 5 horas e 45 minutos do pouso antecedente, seguindo o rio morto e sem pedras; ás 8 horas chegamos ao poço de Pirataraca, que é um estreito que formam as duas barrancas do rio e com muito fundo. A's 9 horas e cinco minutos chegamos a uma itaipava, que se passou em oito minutos sem incommodo. Paramos ás 10 horas e 25 minutos para passar a cachoeira Itupirú; saltaram os passageiros á terra, e por picadas andamos 11 minutos emquanto as tres primeiras canôas passaram, e n'este lugar jantamos ; tornamos a navegar ás 12 horas e 50 minutos, e paramos em uma ilha a 1 hora para se descarregarem as cargas, o que só se fez á primeira canôa; e vendo os pilotos que as mais podiam passar carregadas, assim o executaram: a picada da ilha é muito má por ser preciso passar sobre rochedo ; ás 2 horas tomamos porto defronte da ilha, e ás 4 horas todas as canôas haviam passado a cachoeira. Esta

é impertinente de passar e tem em toda a sua extensão seis ilhas. Leguas 6.

Dia 5 de Novembro

Sahimos do pouso antecedente ás 5 horas e 37 minutos; a 10 minutos de marcha se passou um canal por entre ilhas mui perigoso, d'onde se tem embarcado algumas canôas; não o passamos a remos sem perigo; logo embicamos para se dobrar a gente aos do remo por termos de passar o fim d'esta cachoeira Itupirú, que é malissima e se precisa que as canôas passem com grande velocidade por entre muitas pedras com levantadas ondas. Os passageiros passaram por terra; paramos no fim d'esta cachoeira ás 6 horas e 30 minutos a esperar as mais canôas. Esta cachoeira é mui comprida, perigosa e com muitas ilhas que fazem alargar muito o rio n'esta paragem, e formar baixios e repetidos arrecifes de pedra. Chegaram as canôas ás 7 horas e oito minutos, e ás 8 horas e quatro minutos entramos na cachoeira dos Tres Irmãos, que passamos em oito minutos a remos, primeiro pela parte direita, e depois pela esquerda; ás 8 horas e 21 minutos passamos a itaipava chamada o Primeiro Irmão; ás 8 horas e 28 minutos passamos o Segundo Irmão; ás 8 horas e 33 minutos umas pedras dentro do rio, a esquerda; ás 8 horas e 40 minutos passamos o Terceiro Irmão, que é uma pequena itaipava. A's 10 horas e 25 minutos se dividiu o rio em dois braços por uma ilha que fórma a cachoeira Itapura-mini, e o braço da esquerda fórma na entrada uma pequena ilha; passamos entre esta e a terra firme por um canal junto a ella, que não é muito bom; paramos para passarem as canôas de carga, e tornamos a seguir ás 10 horas e 48 mi-

nutos, e ás 10 horas e 54 minutos acabamos de passar a cachoeira a remos. A's 11 horas e 45 minutos chegamos ao salto de Itapura, e sobre elle paramos para se descarregarem e vararem as canôas por terra; n'este lugar alarga mais o rio, fórmando a agua antes do precipicio um plano horizontal com a sua superficie em socego; pelo lado esquerdo se precipita a agua quasi parabolica; no meio tem uma elevação de penhasco com uma pequena arvore em cima: o precipicio é por dois degráos, que cada um tem de alto 20 palmos até o nivel d'agua da parte inferior; faz uma agradavel vista esta catadupa ou cascata pela parte em que o salto é em linha recta, formando a agua os mesmos dois degráos. O plano de agua inferior, que recebe o que se precipita, não tem demasiada correnteza por ser mui larga, e logo na sua sahida fórma o rio.....de braças de largo. N'este mesmo dia se principiou a descarregar e se varou a primeira canôa. Leguas 5 1|2.

Dia 6 de Novembro

Continuou-se a descarga e se vararam duas canôas, e não se poderam varar mais por sobrevir uma grande trovoada com chuva, que durou toda a noite.

Dia 7 de Novembro

Concluiu-se o resto da descarga e se acabaram de varar por terra as canôas, e se tornaram a carregar n'este dia; perto da noite chegaram sete canôas vindas de Igatemy, e com ellas o alferes Filippe Corrêa da Silva, que não deu novidade alguma d'aquelle estabelecimento.

Dia 8 de Novembro

Pelas 6 horas e 35 minutos sahimos do salto de Itapura, e ás 7 horas e 25 minutos achamos o rio dividido em dois braços por uma ilha; seguimos pela parte esquerda, e no principio d'este achou-se uma pequena itaipava; dentro do braço da direita desagua outro chamado Pernambuco, que vem do rio Paraná, o qual tem um salto chamado Ururupungá; o braço por d'onde sahimos ao dito Paraná tem de largo 120 braças e na barra alarga mais. A's 8 horas e seis minutos sahimos da barra do rio Tieté a navegar as aguas do Paraná, que tambem chamam Rio Grande.

O rio Tieté desde a freguezia de Araritaguaba até a sua barra tem 36 cachoeiras e dois saltos, e bem se póde dizer sem encarecimento, que todo elle é uma continua cachoeira, pois d'onde as tem suppoem as itaipavas, que são baixios de pedraria, e alguns perigosos; as suas barrancas não são mui elevadas, excepto os lugares que vão indicados n'este diario; o arvoredo que guarnece as suas margens é de altura e grossura ordinaria; em algumas partes tem brejões e alagadiços; são abundantes de peixes, principalmente nos saltos, e no ultimo se pescaram em pouco mais de uma hora cem dourados e pacús. O fundo do rio não excede de 20 palmos; a correnteza é grande nas cachoeiras, porém no rio morto é impossivel. Não vi n'elle cousa rara, mais que alguns pés de salsaparrilha, e a herva chamada cayapiá ou tigueirilha terrestre, singular antidoto para as febres, sem embargo que os naturaes dão a preferencia ao cayapiá do campo. A caça quadrupede d'este rio consiste em antas, porcos, veados, tigres e monos; e a volatil, em patos, jacús, jacutingas, muitos papagaios e periquitos. Leguas 1 3|4.

RIO PARANÁ

No rio Paraná achamos que a barranca da direita, navegando as aguas abaixo, é mais elevada que a da esquerda, e os matos que guarnecem não são mui altos, e da mesma qualidade que o rio Tieté, e no rumo de SO. quarta O S. quarta SO. chegamos ás 9 horas e 33 minutos á barra do rio Bacury, onde passamos para se cortarem varas para navegar as canôas por não havêl-as em outra paragem, e serem precisas para subir o rio Igatemy, e, como isto levou tempo e não havia sitio proximo onde fazer pouso com segurança, assentou-se o passarmos a noite na barra d'este rio Paraná por causa do vento, pois sendo mui largo agita as suas aguas de sorte que se não descarregam as canôas com promptidão as mette a pique, e sempre os que navegam este rio procuram os rios ou ribeirões que n'elle desaguam, para dentro d'elles fazerem os seus pousos para evitarem semelhante ruina: tem de largo o rio Bacury 18 braças e de fundo 19 palmos na barra, e fica na parte occidental; andamos n'este dia pouco mais de duas leguas desde a barra do rio Tieté.

Dia 9 de Novembro

Largamos do pouso antecedente ás 5 horas e 30 minutos; as barrancas do rio são baixas e o arvoredo ordinario; ás 6 horas encontramos no meio do rio uma ilha de rochedo que deixamos ao lado esquerdo, depois de ter deixado algumas pedras á direita, e parámos para dobrar a gente para passar o Jupiá que estava á vista. Este Jupia é um rodemoinho que a agua faz no meio do rio em fórma de sorvedouro; e como a agua corre com velocidade para

elle é preciso dobrar a gente dos remos das canôas, e remar com violencia para vencer a correnteza e escapar do Jupiá; as canôas com estas cautelas passaram bem. A's 7 horas e seis minutos continuamos a navegação, e ás 7 horas e 18 minutos deixamos á esquerda uma pequena ilha de arêa, sem arvoredo, que se passou em tres minutos. A's 8 horas e 21 minutos se dividiu o rio em dois braços; pelo braço occidental, ás 9 horas e 55 minutos, passamos a ponta da ilha da parte do sul, tendo gastado em passal-a uma hora e 44 minutos. Paramos ás 11 horas e 40 minutos na barra do rio Aguapehy, que desagua na margem oriental e tem de largo 18 braças. Continuamos ás 12 horas e 55 minutos, e a 1 hora e 45 minutos passamos por entre umas pedras que estão debaixo d'agua, e logo da direita uma ponta de pedra descoberta; ás 2 horas passamos por entre outras pedras; ás 2 horas e oito minutos se dividiu o rio em dois braços com uma ilha; seguimos o da parte oriental; ás 2 horas e 40 minutos se dividiu o rio em quatro braços por tres ilhas que todas se emparelham; seguimos o immediato ao mais oriental, que acaba com uma cachoeira. A's 3 horas e 35 minutos se tornou a dividir o rio em tres braços por duas ilhas, e seguimos o mais occidental, no qual desagua o rio Verde. Tomamos porto na barra d'este rio ás 4 horas da tarde, na barranca da parte esquerda, o qual rio tem 29 braças de largo; a sua agua é mui crystallina, de sorte que se vê por ella o fundo, que é de seixo roliço e arêa; porém visto pela superficie representa uma côr esverdinhada: é advertencia mui precisa aos que navegam este rio Paraná o levarem agua para beber, em barris, tomada nos ribeirões ou rios que n'elle desaguam, e nunca beberem do Paraná por affirmarem que faz molestias, e com effeito dois remadores adoeceram d'ellas n'este rio, que morreram dentro em poucos dias chegando ao Iga-

temy, e todos certificaram que são mui doentias as suas margens, e no tempo das cheias receio passal-o desde a barra do Tieté até a do rio Pardo, por d'onde entram as canôas que vão para Cuyabá e Mato-Grosso; o fundo do rio Paraná foi hoje entre 24 e 27 palmos. Leguas 10 1/4.

Dia 10 de Novembro

Sahimos do pouso antecedente ás 5 horas e 34 minutos, e ás 6 horas e 15 minutos sahimos do braço occidental, d'onde desagua o rio Verde, e navegámos pelo rio Paraná; ás 7 horas deixámos á esquerda duas ilhas: a da parte occidental pequena, e da oriental maior. A's 8 horas e 10 minutos chegámos á paragem d'onde antigamente esteve um sitio de um Manoel Lopes, o qual, estando em povoado os indios barbaros, lhe mataram os escravos e queimaram as casas; e para fóra do mato que guarnece o rio tem campos: este sitio esteve da parte oriental; da occidental deixámos uma ilha que offerece para o braço principal uma praia de arêa mui comprida; ás 9 horas e 12 minutos deixámos da parte esquerda uma ilha de arêa; ás 10 horas se dividiu o rio em dois braços por uma ilha; seguimos o occidental e ás 10 horas e 33 minutos passámos a ponta da dita ilha da parte do sul; ás 10 horas e 40 minutos achámos a ponta da outra ilha que segue a antecedente, e navegámos pelo braço occidental; paramos para jantar na margem oriental, ás 11 horas e 23 minutos, no sitio chamado a Enseada do Poço Grande; tornámos a largar á 1 hora e 29 minutos, e aos 38 minutos deixamos duas pequenas ilhas de pedra no meio do rio, que se passaram em dois minutos; ás 2 horas passamos a barra da ribeirão Urupiranga do lado direito, e mais abaixo 10 minutos outro do mesmo nome, e com pouco

intervallo uma barranca alta, vermelha, que tem o mesmo nome dos ribeirões. Paramos ás 3 horas e 25 minutos na barra do ribeirão Orelha da Onça por não caber no tempo chegar com dia ao rio Pardo, e não haver pouso seguro entre estes dois pontos: este ribeirão tem de largo 10 braças na barra; as sondas d'este dia foram de 38, 20, 32 e 24 palmos. Leguas 9 1/4.

Dia 11 de Dezembro

Pelas 5 horas e 30 minutos sahimos do pouso antecedente; ás 8 horas deixámos da parte oriental um banco bastantemente largo; fórma ilha e tem a sua sahida mais abaixo, a 28 minutos de distancia, e logo a quatro minutos se acha a ponta de outra ilha que dividiu o rio em dois braços, e seguimos o do lado direito; a barranca do lado esquerdo é alta e de terra vermelha; a ilha passou-se em 15 minutos. Parámos em uma praia para se medir a largura do rio ás 9 horas e 32 minutos, que da dita praia até a outra margem tem 400 braças, e cobriu o rio; a praia tem 430 que se mediram com uma operação da prancheta. Largamos ás 10 horas e seis minutos, e ás 10horas e 13 minutos principia uma ponta de arêa, que remata uma ilha que fica fronteira á barra do rio Pardo; entramos n'este rio ás 10 horas e 22 minutos para se jantar, e medir a largura, que é de 73 braças, e o fundo no canal de 25 palmos: a agua d'este rio é muito boa e clara, e o pouso é a dois minutos da barra da parte do sul. Este rio é por d'onde navegam os commerciantes que passam para Cuyabá e Mato Grosso, descendo o Tieté até a sua barra; d'esta até a do mesmo rio Pardo, que sobem com grande trabalho pelo grande numero de cachoeiras que o formam, o qual, asse-

guram os pilotos das canôas, tem tanta correnteza que o sobem em nove dias e descem em um; perto das suas cabeceiras ha um morador no sitio de Camapuã, que dá passagem em carros ás canôas em distancia de tres leguas até as lançar no rio Cochim, que desagua no Taquary; por este abaixo navegam até entrar no rio Paraguay, e por este abaixo navegam até entrar no rio Cuyabá, que os conduz áquella villa, ou até a do rio Jaúrú, que os dirige a Mato Grosso.

Pelas 11 horas e 34 minutos ficando-nos a ilha que está defronte da barra do rio Pardo á esquerda, que se passou em 23 minutos, seguimos viagem. A's 12 horas e 35 minutos se dividiu o rio em dois braços por uma ilha; passámos pelo braço oriental, no qual ha uma corôa de arêa encostada á parte da ilha; ás 12 horas e 42 minutos passámos a barra do ribeirão de Santo Anastacio, que tem seis braças de largo na barra; ás 2 horas e 50 minutos passamos uma ilha pequena de arêa, que ficou na parte occidental, e se passou; em as 3 horas e 10 minutos passamos um ribeirão da direita, com tres braças de largo, e da esquerda uma grande praia de arêa. Parámos ás 4 horas e 20 minutos na margem oriental e o braço que fórma uma ilha. Esta noite não se pôde dormir com a multidão de mosquitos de varias qualidades de que todos estes rios são abundantes, e nada agradaveis as suas picadas e ardor, que duram por horas, o que faz que todos andem feridos pelas partes que andam descobertas. Leguas 10 1/4.

Dia 12 de Novembro

Sahimos ás 5 horas e 21 minutos, e ás 5 horas e 30 minutos acabamos de passar a ilha que fórma o braço em que

pernoitamos; ás 6 horas deixamos da parte esquerda uma pequena ilha de arêa, que se passou em tres minutos; os terrenos da parte oriental, ainda que cobertos de mato, são mais altos do que a occidental, e as barrancas da mesma sorte; os matos são os mesmos de uma e outra parte, de altura ordinaria. A's 7 horas e 18 minutos dividiu uma ilha o rio em dois braços, e seguimos o occidental, e logo a tres minutos a barra de um ribeirão com oito braças, no mesmo braço, e por não ter nome lhe puzemos o ribeirão dos Patinhos por estar na barra uma pata com muitos filhos; ás 9 horas e 44 minutos deixamos da parte oriental uma ponta de ilha, e uma ilha de arêa para a parte occidental da dita ponta. Tomamos porto detraz do banco de arêa (para vêr como se punha o tempo que estava de chuva, e se receiava vento, sendo o rio mui desabrigado): ás 10 horas e 10 minutos aportamos em uma ilha onde jantamos; ás 11 horas e 39 minutos largamos a ilha acima que se dividiu em duas; adiante d'estas ilhas tem o rio grande largura, que chega a 1,300 braças. A 1 hora e cinco minutos deixamos ao lado occidental do rio uma pequena ilha a que seguia um banco de arêa, ambos na medição do rio; ás 2 horas e 39 minutos se dividiu o rio em dois braços por uma ilha, e seguimos o oriental; ás 3 horas passamos da ponta do sul da dita ilha e logo se segue outra; passamos entre esta e a margem oriental; paramos entre uma ilha e banco de arêa; ás 5 horas e oito minutos a este pouso veiu o cadete Joaquim Rodrigues, que estava defronte de nós esperando encontrar-se com o capitão de aventureiros Francisco Xavier Bezerra, que andava abrindo o caminho da praça de Igatemy para o rio Pardo, para quem conduzia uma canôa de mantimentos, do qual não havia noticia. Leguas 12 3/4.

Dia 13 de Novembro

Sahimos ás 6 horas e 20 minutos do pouso antecedente, seguindo a costa oriental, ficando da direita bancos de arêa e uma pequena ilha que divide o rio em dois braços, e logo seguimos a ponta de outra, e da esquerda um baixio de arêa; ás 6 horas e 55 minutos passamos a ponta do sul da segunda ilha, A's 8 horas e 30 minutos deixamos do lado oriental uma ilha; passamos por entre ella e a terra firme; ás 9 horas e 50 minutos passamos a ponta do sul da ilha que em 40 minutos se passou toda; ás 10 horas e sete minutos se topou a ponta de outra ilha que deixamos encostada á parte oriental; ás 10 horas e 24 minutos deixamos outra ilha da parte occidental e passamos por entre ambas, ficando o canal principal do rio e o mais largo para a parte occidental; a primeira se passou em 13 minutos e a segunda em 29. A's 10 horas e 53 minutos passamos a ponta de outra ilha que corre por SSO; paramos as 11 horas e cinco minutos para jantar e esperar algumas canôas que estavam atrazadas.

Largamos ás 12 horas e 14 minutos, e ás 12 horas e 28 minutos encontramos outra ponta de ilha da parte oriental, e passamos entre ella e a terra firme; ás 12 horas e 50 minutos o canal que navegamos se dividiu em dois por uma ilha, e seguimos o da terra firme, e logo o mesmo dividido por outra ilha que deixamos á parte oriental e passamos em 6 minutos. A's 11 e 35 minutos deixamos á direita a ponta de outra ilha que dividiu o rio em dois braços, e seguimos o oriental; ás 2 horas e 35 minutos chegamos á barra do rio Paranapané, que tem de largo 138 braças: é rio caudaloso

e nasce no caminho que vem de Coritiba por S. Paulo, e no qual se atravessa alguns braços que vem a elle ; á cinco leguas da sua barra na do rio Pirapó houve antigamente a missão do Loreto dos padres jesuitas hespanhoes, e para dentro do sertão outras dos mesmos que os paulistas arruinaram. Largamos da barra d'este rio Paranapané (que tem 35 palmos de fundo no canal) ; ás 3 horas e 20 minutos deixamos á esquerda um braço que fórma uma ilha e sahe mais abaixo a 18 minutos de distancia. Tomámos pouso ás 8 horas e 50 minutos na ilha que levamos pela direita. Leguas 9 1/4.

Dia 14 de Novembro

Sahimos do pouso antecedente ás 5 horas e 7 minutos, e ás 5 horas e 11 minutas passamos a ponta da ilha em que haviamos tomado pouso, e logo adiante principia outra da parte esquerda e se fórma uma ponta na terra firme com barranca alta de pedra vermelha. A's 6 horas e 25 minutos se dividiu o rio em dois braços por uma ilha e navegamos a mais oriental; ás 7 horas e 7 minutos se dividiu o rio que seguiamos em outros dois por outras ilhas, e tambem seguimos o oriental que se passou em 7 minutos. A's 8 horas e 15 minutos se tornou a dividir o mesmo braço em dois tambem por duas ilhas; seguimos o oriental, a barranca de terra firme, debaixo de pouco arvoredo e muitas taquaras ; ás 8 horas e 58 minutos se acabou a ilha da direita, e por detraz d'ella sahe outra que fórma este braço mui largo; ás 9 horas e seis minutos encontrámos no meio d'este braço uma pequena ilha, e entre a ponta d'esta e a terra firme outra mui pequena ; ás 9 horas e 43 minutos se dividiu o braço em dois por outra

ilha; na margem oriental tem quatro morretes, a que se pôz o nome dos Quatro Irmãos; seguem-se todôs uns aos outros, e terminam no rio com uma barranca alta de pedra vermelha e uma ponta; ás 9 horas e 50 minutos passou-se a ponta da ilha da parte do sul. Tomámos porto ás 11 horas e 55 minutos, seguindo o rio acima para tomar o outro lado por ter crescido muito o vento sudoeste, que seria com evidente perigo de irem a pique as canôas se se navegasse com elle; gastámos 20 minutos em chegar ao outro lado, onde tomámos porto detraz de um grande banco de arêa, unico abrigo d'aquelle districto. Leguas 1 1/2.

Dia 15 de Novembro

Largámos ás 5 horas e 49 minutos do pouso antecedente, e ás 6 horas e 35 minutos tornou a refrescar o vento do dia antecedente, e nos tornamos a abrigar detraz de outro banco de arêa que nos ficava á parte esquerda, onde paramos ás 6 horas e 45 minutos. A's 8 horas e 14 minutos tornamos a largar encostados á barranca de terra firme do lado oriental, que é de pedra vermelha e alta: esta pedra é branca e areenta, pouco mais dura que saibro; ás 8 horas e 38 minutos se dividiu este braço oriental em tres por duas ilhas, e seguimos o mais oriental dos tres; a ilha da parte occidental se passou em quatro minutos, e a que seguimos que era maior acabamos de passar ás 9 horas e 15 minutos, e com pouco intervallo seguiu-se outra ilha, e antes de acabar de passar encontrámos outra ás 9 horas e 45 minutos; passamos entre ella e a terra firme do lado oriental por um braço muito estreito e baixo, no fim do qual paramos ás 10 horas e 40 minutos na sahida do mesmo braço para jantar, e esperar que se moderasse o vento que

cresceu á tarde e por essa causa pernoitamos n'este lugar. Leguas 4 1)4.

Dia 16 de Novembro

Largamos ás 5 horas e 56 minutos do pouso antecedente, e ás 6 horas deixamos da parte oriental duas ilhas com um banco de arêa na entrada d'ellas; ás 6 horas e 30 minutos achamos uma ilha no meio do braço do rio, precedida de um braço de arêa. Paramos ás 6 horas e 40 minutos a esperar que socegassem as ondas do rio que estavam mui levantadas; tornamos a largar ás 7 horas e cinco minutos, e ás 7 horas e 43 minutos se dividiu o rio em tres braços pela interposição de duas ilhas, e seguimos o mais oriental dos tres, porém ainda para a parte oriental havia outros braços; ás 8 horas e 10 minutos passamos a ponta da ilha que deixamos á esquerda; logo que sahimos hoje do pouso e dentro do seu braço, á entrada, uma pequena ilha; ás 8 horas e 18 minutos passamos a ponta da ilha da parte direita, que viemos costeando, a que se segue um banco de arêa, e da esquerda, e outra que se segue para o sul, mui estreita, que fórma uma pequena ilha que passamos em quatro minutos; da direita se segue para um banco de arêa e logo uma ilha, seguindo o braço entre elle e a terra firme da margem oriental. A's 9 horas e 8 minutos se dividiu este braço em tres por duas ilhas, e se viu acabar a ilha da parte occidental á distancia de meia legua; seguimos o mais oriental por abrigado do vento (que continuou esperto); este mesmo se tornou a dividir em dois braços por uma ilha. A's 9 horas e 33 minutos a deixamos á esquerda, a seis minutos se acabou á direita e principia outra, e tambem findou a da esquerda, e da direita acabou ás 9 horas e 50 mi-

nutos, e logo um ribeirão da esquerda e de 18 palmos de largo. A's 10 horas e 12 minutos se tornou a dividir o rio em dois braços, e seguimos o oriental: a barranca da terra firme é bastantemente alta; ás 10 horas e 25 minutos acabou a ilha da direita e segue-se outra, e ás 10 horas e 35 minutos se passou em duas e contínuas; ás 11 horas e 10 minutos paramos para jantar, continuando sempre o vento, as canôas procurando os braços mais estreitos para se repararem d'elle. Tornamos a largar ás 12 horas e 22 minutos; á 1 hora e 45 minutos encontramos uma ilha no meio do braço; seguimos e passamos pelo braço direito em cinco minutos; á 1 hora e 24 minutos outra ilha, encostada ao lado esquerdo, e do direito um braço que tambem dividiu a ilha que vamos seguindo. Tomamos porto á 1 hora e 36 minutos, e não sahimos para o largo por causa do vento estar rijo e ficamos entre as ilhas. Logo que sahimos esta manhã nos disseram os praticos que na costa occidental ficára o rio Ivinheima, que desagua em braço que fórma uma ilha opposta á mesma barra. Os antigos tambem chamavam a este rio Moruci, e os modernos o denominaram hoje rio das Tres Barras por desaguar por ellas: é caudaloso e não vimos por não o poder atravessar por causa do vento. O rio Paraná na paragem onde desagua o dito rio tem mais de meia legua de largo de costa á costa. Leguas 7 1/4.

Dia 17 de Novembro

Sahimos ás 5 horas e 25 minutos, deixamos por detraz da ilha em que pousamos as pontas das ilhas antecedentes e logo á sahida nos ficou uma que dividiu o rio em dois braços; seguimos o oriental do Paraná, e n'elle principiou

uma ilha de arêa ás 5 horas e 44 minutos. A's 6 horas e 36 minutos entramos em um braço da parte oriental, rodeando primeiro um banco de arêa e deixando á direita a ponta de uma ilha que d'aquella parte vinhamos seguindo, e duas ilhas mais que dividiu este braço em tres: o que entramos foi no rumo de SE. quarta S. e SSE. Este se dividiu em dois por uma pequena ilha que deixámos ao lado direito. A's 7 horas e 50 minutos chegamos á barra do rio Ivahy, que vem dos campos de Tibagy e Guarapuava, e no caminho de Coritiba para S. Paulo se passam muitos braços que o formam: é mui caudaloso e tem de largura na sua barra 144 braças, o qual entra ao NE., e tem de fundo 25 palmos no canal. Sahimos d'esta barra ás 7 horas e 25 minutos, e ás 8 horas e 44 minutos deixamos a ponta da ilha do braço que seguimos á esquerda, que é terra firme e pedra vermelha, de altura de 100 palmos. Logo segue-se outra ilha da direita que vai continuando o mesmo braço; paramos ás 9 horas e 40 minutos a esperar uma canôa que ficou atrazada e n'esta paragem jantámos. Ao meio-dia largamos a buscar abrigo e tornamos a parar á meia hora, ainda á espera da canôa, em uma praia que chamam da Pescaria; á 1 hora e cinco minutos tornamos a largar para o lado occidental; n'esta travessia deixámos a ponta de uma ilha á esquerda, que chega d'este lugar até pouco mais acima do salto grande d'este rio Paraná, e se chama a Ilha Grande do Salto; ás 3 horas e 26 minutos deixamos á esquerda a ponta da outra ilha que dividiu o rio em dois braços; seguimos o da direita; ás 3 horas e 30 minutos passamos a ponta do sul da ilha que havemos trazido á direita, e dentro d'ella duas que todas formam ilhas; ás 3 horas e 59 minutos passamos a ponta do sul da ilha que nos acompanhava da esquerda: por detraz das ilhas da direita, na costa da terra firme, desagua o rio Amambay, que tem

as suas origens proximas das do rio Igatemy, e não o vimos por navegarmos longe d'elle. A's 4 horas e 15 minutos passamos um ribeirão da direita chamado do Encontro. Paramos ás 4 horas e 20 minutos encostados á uma ponta de rochedos em um pequeno braço entre este e um banco de arêa. Leguas 9.

Dia 18 de Novembro

Sahimos ás 11 horas e 46 minutos, passámos ás 12 horas e 35 minutos uma ilha da parte esquerda e depois duas da direita; á 1 hora e 35 minutos deixamos da direita uma ponta de rochedo alto, que se recolhe para terra firme em montanha, e da esquerda a ponta de uma ilha que se passou em 11 minutos, e a 13 minutos, distancia da ponta do sul da primeira, emparelhamos com outra ponta de ilha da mesma parte, e da direita outra ás 2 horas e 12 minutos, por entre a qual e a terra firme occidental navegamos, e no fim d'esta seguia outra; ás 2 horas e 30 minutos outra ponta de ilha á direita, e esta se dividiu em duas; ás 3 horas e 15 minutos nós encontramos a costa occidental; ás 3 horas e 30 minutos entramos por entre uma ilha e a costa occidental, que se passou em 17 minutos, e imme diata á esta se seguia outra, e entre ambas tomamos porto na primeira d'estas duas ás 4 horas da tarde, cujo braço tinha um banco de arêa na ponta, segunda ilha que nos abrigava do vento. Leguas 5 1/4.

Dia 19 de Novembro

Largamos do pouso antecedente ás 5 horas e 10 minutos,

deixando uma ponta da ilha á esquerda e logo outra da direita, d'onde pousamos; ás 6 horas e 54 minutos se dividiu este braço em dois por uma ilha que deixamos á esquerda, e logo da direita a ponta de outra; passamos por entre ambas: a da direita se passou em tres minutos e da esquerda em seis; ás 6 horas e 37 minutos deixamos uma pequena ilha á parte direita, e desde o dia 16 nos tem vindo acompanhando pela esquerda a Ilha Grande do Salto; ás 6 horas e 30 minutos deixamos outra ilha á direita, que se passou em dois minutos; ás 7 horas e 30 minutos deixamos da direita a ponta da Ilha de Arêa com pequeno arvoredo, e passamos entre ellas e a terra firme da parte occidental, e mais ao longe se achava a ponta de outra maior em uma grande enseada que fórma a costa da Ilha Grande do Salto; esta mesma se dividiu ao depois em duas, e logo mais abaixo outro braço da mesma ilha, por entre a qual e a costa de terra firme occidental seguimos, e ás 10 horas da manhã entramos na barra do rio Igatemy, d'onde paramos a esperar duas canôas que ficaram atrazadas. Leguas 6 1/4.

RIO IGATEMY

A barra d'este rio se acha na latitude de 25° 54' 44", tem 63 braças de largo; o seu fundo é de 8 até 10 palmos; o braço do rio Paraná, com quem fórma confluencia a dita barra, tem 180 braças, e seu fundo de 15 até 18 palmos.

A's 10 horas e 30 minutos principiamos a subir o rio Igatemy, que tem infinitas voltas; paramos ás 11 horas e 23 minutos para jantar, e tornamos a seguir viagem ás 12 horas e 26 minutos, e a 8 minutos de distancia deixamos da parte esquerda um campo que passamos em 15 minu-

tos, e com repetidas voltas paramos na noite d'este dia; pelas 4 horas da madrugada sobreveiu uma trovoada com chuva que durou até as 10 horas e 30 minutos. Leguas 3 1/2.

Dia 20 *de Novembro*

Continuamos a viagem pelas 11 horas e 46 minutos sem mais novidade que deixarmos um morro á direita do rio á 1 hora e 34 minutos, e tomamos porto para dormir ás 5 horas e 20 minutos, da parte esquerda. Leguas 4.

Dia 21 *de Novembro*

Sahimos ás 5 horas e 45 minutos da manhã, e ás 6 horas passamos uma itaipava, e logo terreno alto da direita e uma barranca de pedra; paramos 34 minutos a esperar as canôas que vinham atrazadas. A's 11 horas passamos um ribeirão com tres braças de largo, e sem mais novidade tomamos porto ás 6 horas, do lado direito. Este rio não se sobe a remos, mas sim á varas, o que facilita a navegação, levando seis varas cada canôa, a que chamam varejões. Leguas seis.

Dia 22 *de Novembro*

Sahimos ás 5 horas e 34 minutos da manhã, e ás 5 horas e 56 minutos passamos á uma barranca de pedra da margem direita; ás 6 horas e 54 minutos passamos outra barranca de pedra da mesma parte, e mais acima outra semelhante da esquerda: a da direita tem morros altos para

dentro d'ella; ás 8 horas e 11 minutos passamos a barra de um ribeirão da direita, com 35 palmos de largo; ás 9 horas e 53 minutos avistamos da direita campos levantados em montes; ás 10 horas e 30 minutos deixamos da direita a barra de um ribeirão de tres braças de largo; ás 10 horas e 37 minutos paramos a esperar as mais canôas e jantamos logo que chegaram. A's 12 horas e 39 minutos seguimos, e passamos outro ribeirão da direita, ás 4 horas e 39 minutos, de quatro braças de largo, e a 40 minutos de distancia se seguiu campo pela mesma margem, e junto a um ribeirão da mesma parte paramos a esperar as canôas atrazadas (que já traziam alguns remadores doentes) pelas 4 horas e 20 minutos, e n'este lugar fizemos pouso. Leguas 6.

Dia 23 de Novembro

Largamos ás 6 horas e 8 minutos da manhã depois de sahirem as canôas de carga e depois de passarem dois morros de pedra, paramos ás 9 horas e 14 minutos na guarda chamada da Forquilha, que tem um sargento e 12 homens, e fica ao lado direito antes de chegar á Forquilha, que fórma o rio de Escopil com o mesmo Igatemy; e n'esta guarda tomamos oito homens para ajudarem o trabalho das canôas até a guarda da cachoeira. Pelas 10 horas e 35 minutos tornamos a seguir viagem; ás 11 horas e 17 minutos chegamos á Forquilha mencionada. O rio Escopil tem oito braças de largo e nasce proximo das origens do Igatemy; ás 11 horas e 47 minutos paramos para jantar, e tornamos a largar ás 12 horas e 26 minutos, sem mais novidade que deixarmos alguns ranchos e roças abandonados por terem fallecido os seus moradores. A's 4 horas e 34 minutos tomamos pouso. Leguas 6 1/2.

Dia 24 de Novembro

Sahimos ás 5 horas e 45 minutos, e logo chegou o sargento da guarda da Forquilha com quatro desertores, dois soldados de infantaria e dois de aventureiros, que haviam 20 dias tinham desertado da praça e estavam fazendo uma pequena canôa para n'ella passarem para S. Paulo. O sargento deu parte de que elles vieram offerecer-se tanto que avistaram as canôas, pedindo perdão do delicto, e se conduziram á praça. A's 10 horas e 45 minutos chegamos á uma barranca de 60 palmos de alto, com arvoredos em cima, toda de arêa, e ás 11 horas e 12 minutos outra da mesma qualidade e altura, ambas da parte direita ; ás 11 horas e 28 minutos paramos para jantar, e tornamos a seguir viagem ás 2 horas, e logo passamos um ribeirão de seis braças de barra, chamado da Cachoeirinha, que atravessamos sem embaraço; ás 3 horas e 20 minutos passamos por baixo de uma cachoeira por não haver pouso ácima d'ella, nem se poder acabar de passar antes da noite, e aqui pousamos. Leguas 5 1/4.

Dia 25 de Novembro

Sahimos ás 5 horas e 56 minutos, e a dois minutos de distancia entramos a passar as canôas á sirga, que é saltando a gente n'agua e puxando as canôas por cima de pedras, e ás 8 horas e 55 minutos acabaram-se de passar todas; 6 minutos adiante entrámos na segunda cachoeira, chamada o Segundo Irmão. Esta cachoeira se passou com gente dobrada nas varas. Distante outros 6 minutos en-

trámos na terceira cachoeira chamada o Terceiro Irmão; esta se passou á sirga; a segunda gastou em passarem as canôas até 10 horas e 10 minutos; passada esta terceira chegámos á quarta cachoeira, chamada das Larangeiras, por ser o seu mato todo de larangeiras azedas; a esta cachoeira chegaram 15 homens que se haviam pedido da Forquilha ao capitão Joaquim Moreira de Siqueira para ajudarem ao grande trabalho de passar as cachoeiras; parámos ás 10 horas e 40 minutos junto a ella, e foi preciso descarregar parte da carga das canôas por haverem de subir um degráo que ella fórma, e se concluiu este trabalho perto da noite e sobre a mesma tomámos pouso. Leguas 1/4.

Dia 26 de Novembro

Largámos ás 5 horas e 48 minutos, e depois de passar tres itaipavas, para um morro da direita e algumas pedras no rio, chegámos á quinta cachoeira ás 8 horas e 23 minutos, chamada do Emborco por haver emborcado a canôa do commissario hespanhol quando se executava a demarcação no anno de 1754. Esta cachoeira dá grande trabalho a subir-se por ser o canal estreito e em voltas, e é preciso descarregar a maior parte das cargas, o qual trabalho durou desde que paramos até as 3 horas e 46 minutos da tarde em que tornamos a navegar: todo o mato na margem de hoje é cheio de larangeiras azedas; aos 13 minutos de viagem se passou uma itaipava; ás 4 horas e 38 minutos passou-se outra; tomamos porto para dormir ás 5 horas. Leguas 4 1/2.

Dia 27 de Novembro

Sahimos ás 7 horas e 45 minutos depois de se dizer missa; aos 6 minutos passou-se uma itaipava, e logo um morro da direita sobre o rio, com barranca de pedra de 12 braças de alto; ás 8 horas e 17 minutos passou-se outra itaipava comprida, e logo um morro alto da direita e depois outro da esquerda; ás 8 horas e 55 minutos uma itaipava de muita correnteza, e parámos a esperar que passassem as mais canôas, e tornámos a seguir viagem ás 10 horas e 35 minutos; ás 11 horas e 16 minutos passou-se outra itaipava. Parámos ás 11 horas e 18 minutos a esperar as mais canôas que passassem a itaipava e aqui jantámos. Tornámos a seguir ás 12 horas e 13 minutos, e a 17 minutos de distancia passámos outra itaipava. A's 12 horas e 54 minutos chegámos á outra cachoeira de grande correnteza, que se passou á varas em 26 minutos. Navegámos nove minutos até a setima cachoeira, chamada do Ribeirão. Esta cachoeira custou bastante a passar á sirga por ser mui baixa e com muitas pedras; á esquerda, depois de a seguir, fica a barra do ribeirão que lhe dá o nome, com cinco braças de largo; parámos uma hora e 54 minutos a esperar que passassem as mais canôas para entrarmos na oitava cachoeira, que está distante da setima 50 braças, a qual acabámos de passar ás 3 horas e 35 minutos. A's 3 horas e 50 minutos chegámos á nona cachoeira de Quebra Pôpas por algumas canôas que têm n'ella quebrado nas pedras, passou-se á sirga, e ás 4 horas e 8 minutos haviam passado todas as canôas; tomámos porto ás 4 horas e 22 minutos. Leguas 3.

Dia 28 de Novembro

Sahimos do pouso antecedente ás 6 horas e 4 minutos, e a 4 minutos de distancia chegou-se á decima cachoeira, que se passou á sirga e de pequeno transito, e se acabaram de passar por ella as canôas ás 7 horas e 3 minutos; mais adiante segue uma itaipava, e d'esta a 8 minutos a decima primeira cachoeira, que é de grande correnteza, e tem uma ilha que se encosta ao lado direito e occupa toda a cachoeira; acabou-se de passar á sirga ás 8 horas e 32 minutos, e ás 8 horas e 54 minutos continuámos a viagem; ás 9 horas e 9 minutos chegámos á decima segunda cachoeira, chamada da Ilha, que tambem é de grande correnteza e passou-se á varas; á primeira ilha segue-se outra mais pequena; a 14 minutos de distancia chegámos á decima terceira cachoeira, chamada do Urubú; saltámos á terra no principio d'esta cachoeira ás 9 horas e 24 minutos, onde se acha o capitão de aventureiros Joaquim de Meira, com 26 homens, fazendo lavoura de milho, mandioca e feijão, por conta de Sua Magestade, para sustento da tropa que se acha na praça de Nossa Senhora dos Prazeres, e tem roçado o mato de um e outro lado do rio em distancia de uma legua. Os soldados aventureiros são os que trabalham nas ditas lavouras; o sitio em que estão as roças é aprazivel. Acabaram as canôas de passar a cachoeira ás 4 horas e 15 minutos, com grande trabalho por ser preciso descarregar metade da carga, e passaram á sirga por cima de pedras. A's 4 horas e 28 minutos continuámos, e ás 5 horas e 13 minutos chegámos á cachoeira do Paiol, e antes de a passar fizemos pouso no sitio em que principia da parte direita. Leguas 1.

Dia 29 de Novembro

Sahimos do pouso antecedente ás 5 horas e 14 minutos, e a 3 minutos de distancia passámos a cachoeira do Paiol, á sirga, e se passou bem; continúa o rio d'esta cachoeira para cima sem algum embaraço, porém com tão miudas voltas que algumas se passam em um quarto de minuto; passámos um pequeno ribeirão á direita, ás 10 horas e 51 minutos paramos para jantar, e esperar as mais canôas que vinham atrazadas. Tornámos a sahir ás 12 horas e 55 minutos, e á 1 hora e 11 minutos passámos um ribeirão da direita; n'este dia fomos vendo algumas roças abandonadas de gente que havia morrido nas pestes; parámos da parte direita ás 5 horas para passar a noite. Leguas 6 1/2.

Dia 30 de Novembro

Sahimos ás 6 horas e 38 minutos depois de se dizer missa, e ás 7 horas e 33 minutos passamos da direita o ribeirão das Bogas; ás 10 horas e 33 minutos paramos para jantar e vestirem-se os soldados, o que se concluiu com grande chuva e trovoada, e tornamos a seguir viagem ás 12 horas, chegando á praça de Nossa Senhora dos Prazeres d'este rio Igatemy á 1 hora da tarde. Leguas 3 1/4.

Este rio ainda continúa para oeste tres leguas até o passo dos indios *Cavalleiros*, que se acha na latitude de 23° 48' 11" e d'este a 11 leguas de distancia tem a sua origem que vem quasi no rumo do norte para o sul até o dito passo. Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Rio Igatemy, 31 de Janeiro de 1775.—*José Custodio de Sá e Faria.*

RESUMO DAS LEGUAS D'ESTE DIARIO

	LEGUAS
Da cidade de S. Paulo até Araritaguaba . . .	24
Do porto de Araritaguaba, na margem de rio Tieté, até a sua barra	136 1/4
Da barra do rio Tieté, no rio Paraná, até a barra do rio Igatemy	93 1/4
Da barra do Igatemy, pelo mesmo rio, até a fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres . .	47 1/2
Somma pelas voltas dos rios	301

N. 8

DECLARAÇÃO SOBRE O EXAME QUE SE FEZ NA CORDILHEIRA DE MARACAYU' AO PARAGUAY

Nós abaixo-assignados o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, o capitão-mór regente José Gomes de Gouvêa, o capitão do regimento de artilharia João Alves Ferreira, que serve de sargento-mór de praça, o tenente de infantaria Joaquim José Botelho, o alferes da mesma Manoel Rodrigues Lobão, os tenentes de aventureiros Francisco Pereira e Joaquim da Silva Pereira, o alferes dos mesmos Lucas de Sousa, e Thomé Nunes, praticos d'estes campos, attestamos e fazemos certo que passámos a *cordilheira de Maracayú*, distante d'esta fortaleza 5 1/2 leguas, e atravessando-a no passo que n'ella se acha, que dirige o caminho para a *villa de Curuguaty* e *cidade de Paraguay*, achá-

mos que o dito passo *não é difficultoso*, e que só tem uma descida de oito a dez braças mais empinada, que não embaraça subir ou descer cargas, e ainda cousas de maior peso com qualquer pequeno concerto, e que sahindo outra vez para a entrada da dita serra do lado do norte se principiaram a fazer n'ella os exames para um e outro lado do mesmo passo, que produziram a certeza de que a dita cordilheira para a parte do oeste tem morros mais altos e precipicios que com trabalho se poderão transitar; e que para a parte do léste não encontrámos n'elle embaraço algum maior do que bosques e algumas pequenas elevações de terreno, com paragens ainda mais accessiveis do que por onde se acha o passo sobredito, sendo este exame afastado de tres quartos de legua para o mesmo rumo de léste. Repetiu-se a mesma averiguação em distancia de tres leguas para o mesmo rumo, em que se achou cada vez melhor transito; porque, sem embargo de se terem encontrado algumas pequenas elevações de terreno, os valles entre ellas dariam accesso aos maiores exercitos sem difficuldade, não tendo outro embaraço além do arvoredo. Fez-se terceira averiguação, do ponto a que chegaram, ainda mais para léste, e achou-se em distancia de mais de outras tres leguas o terreno sem embaraço algum para por elle se transitar com cargas, e ainda carretas, sendo a maior parte do mato carrasquenho e com insensiveis elevações no terreno; e já por estas paragens não ha signal de tal cordilheira ou serrania, nem á larga distancia d'ella, o que se averiguou, subindo-se repetidas vezes em arvores altas, e descobrindo-se d'ellas uma vasta e dilatada planicie com seus campestres, que mediavam de distancia á distancia; pelo que assentam uniformemente que a dita cordilheira do passo aberto para a parte de léste toda se póde atravessar ainda com mais suavidade do que pelo mesmo passo,

e que não tem obstaculo algum que embarace o passarem tropas, cargas e artilharia pelos ditos matos sem mais incommodo que abrir picada ou caminho por entre o arvoredo, nas partes em que este é mais denso e nas em que é carrasquenho, com maior facilidade. O que todos affirmam passar na verdade; e para constar assignaram esta declaração em a praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Rio Igatemy, em 15 de Dezembro de 1774. — *José Custodio de Sá e Faria.* — *João Alves Ferreira.*— *Joaquim José Botelho.* — *Manoel Rodrigues da Cruz Lobão.*— *Thomé Nunes.*— *José Gomes de Gouvêa.* — *Francisco Pereira.*— *Joaquim da Silva Pereira.*— *Lucas de Sousa Nunes.*

N. 10

Joaquim de Meira de Siqueira, capitão da 2ª companhia de aventureiros e da 1ª expedição n'esta praça de Nossa Senhora dos Prazeres e S. Francisco de Paula do Igatemy.

Em fé de meu cargo attesto e faço certo, que, sendo mandado pelo capitão-mór regente João Martins, com dois sargentos, um alferes, e cincoenta e dois soldados, em soccorro e auxilio dos commerciantes do Cuyabá, Luiz de Araujo Coura e seus companheiros, afim de poderem os mesmos seguirem a tenção da sua viagem pelo sertão, que decorre das cabeceiras de Igatemy para o rio Paraguay, cuja diligencia dei principio na fórma das ordens do dito capitão-mór regente em 28 do mez de Julho de 1769, e seguindo toda a corrente do rio Igatemy até a sua origem sem impedimento algum, e chegando ao braço mandei fazer arranchamento para toda a tropa, onde ficaram; entrei por elle acima, e procurei os varadouros que podiam haver para o

rio Aguarahy, para por este navegar até o rio Paraguay, e achando varação de tres leguas, mandei varar uma canôa das mais pequenas que ia na conducta, e n'ella embarquei com 18 soldados os mais praticos d'este rio e de mais confiança;2 1|2 dias desci pelo rio abaixo e passei 24 cachoeiras, que a maior parte d'ellas são de descarregar toda a carga; chegámos ao primeiro salto, que terá 30 braças de altura, e logo mais abaixo outro que tem 500 palmos de alto; e d'este avista-se outro mais pequeno;distante meia legua achámos os tres, passando por entre morros elevados e continuados uns aos outros, que até faz impossivel o poder-se vêr de terra a correnteza da mesma agua, e sendo-nos isto impossivel, costeamos os lados pelo centro de tres ou quatro leguas; e como a eminencia dos montes asperos,formação das penhas,não dão lugar a que forças humanas se ponham á tão grande difficuldade; depois de passados cinco dias n'esta diligencia, sem esperança de adiantamento algum, antes desenganados de que pelo dito rio é impossivel descer canôas, nem haver navegação, arribámos para cima a fazer as mais diligencias possiveis para continuarmos a direcção d'esta conducta pelo rio. E suppondo a varação ainda muito longe; vendo que todo o trabalho de mais de um mez, com perto de duzentas pessoas, era perdido, em risco de ficarem os mesmos commerciantes por falta de mantimentos em sertão esteril, se resolveu por commum accordo de todos arribarmos outra vez a esta praça, para poderem seguir o seu destino pelo Rio Pardo. Todo o referido passou na verdade, que juro aos Santos Evangelhos; e por me ser pedido passo esta sob minha letra e signal. Praça de Igatemy, em 18 do mez de Janeiro de 1775.— O capitão *Joaquim de Meyra de Siqueira.*

ORDENS QUE EL-REI NOSSO SENHOR FOI SERVIDO MANDAR Á CAPITANIA DE S. PAULO EM 22 DE ABRIL D'ESTE PRESENTE ANNO DE 1774 PARA QUE O DISPOSTO N'ELLAS SE EXECUTE LITTERALMENTE, SEM MODIFICAÇÃO, INTERPRETAÇÃO OU ALTERAÇÃO QUALQUER QUE ELLA SEJA.

Em carta para o governador e capitão-general D. Luiz Antonio de Sousa

1.° Em primeiro lugar reprova Sua Magestade o projecto de se intentar a defensa de Viamão por meio de uma poderosa diversão feita aos castelhanos pelo sertão de Igatemy. E n'esta intelligencia prohibe o mesmo Senhor a V. S. mandar áquelle sertão tropas regulares nem outras forças que não sejam as que vão determinadas na carta que acabo de escrever ao brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, de que abaixo se fará menção.

2.° Em segundo lugar defende Sua Magestade á V. S. mandar executar cousa alguma das que se acham comprehendidas e dispostas no papel intitulado—Plano—e nos que vêm juntos a elle: um intitulado—Introducção prévia—assignado por V. S. ; outro marcado com a letra C, assignado pelo dito brigadeiro José Custodio de Sá e Faria. Tendo V. S. entendido que a nenhum dos estabelecimentos ou serviços projectados nos ditos papeis se deve dar principio, nem fazer para elles alguma disposição, ainda que pareça util, sem precederem ordens expressas e positivas do mesmo Senhor.

3.° Em terceiro lugar ordena Sua Magestade que V. S. não prosiga nas expedições e descobrimentos dos sertões

do Ivahy e Tibagy sem mandar preliminarmente a esta secretaria de Estado relações exactas da despeza que faz cada uma das ditas expedições, e o numero de gente que se occupa em cada uma d'ellas. E sem que V. S. mande tirar as mais exactas e rigorosas informações do comportamento dos descobridores com os indios, e se n'estas entradas se tem observado religiosamente as leis e ordens de Sua Magestade relativas ao systema de humanidade, brandura e mansidão, com que os mesmos indios devem ser tratados. Remettendo V. S. igualmente as ditas informações a esta secretaria de Estado para o mesmo Senhor resolver sobre ellas o que fôr servido, sem que V. S. disponha ou adiante mais cousa alguma a respeito dos ditos descobrimentos emquanto não receber as reaes ordens para os proseguir.

4.° Em quarto lugar, que V. S. não promova, nem disponha, nem intente por agora outro algum serviço n'essa capitania, que não sejam: primeiro, o da conservação do dominio e posse em que nos achamos no districto e sertão de Igatemy; segundo, os dos soccorros para Viamão e Rio Grande de S. Pedro, regulando-se em um e outro serviço na fórma seguinte.

5.° Quanto á conservação do districto e sertão do Igatemy, que V. S. mande vir á sua presença o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, e lhe estranhe no real nome de Sua Magestade o seu reprovado comportamento em se dilatar até o presente n'essa capital, contra as expressas e positivas ordens do mesmo Senhor, fazendo-o V. S. partir immediatamente para o lugar de seu destino; e que n'elle execute o que se lhe determina na carta que acabo de lhe escrever, de que junto aqui a copia, e igualmente o que referi a V. S. nos paragraphos accusados na mesma carta, fazendo o dito José Custodio relações exactas de todas as suas observações e disposições no referido sitio, as quaes V. S. man-

dará a esta secretaria de Estado nos proprios originaes para serem presentes a Sua Magestade, e para o mesmo Senhor resolver sobre ellas o que fôr mais conforme ao seu real serviço.

6.° Quanto aos soccorros para Viamão e Rio Grande de S. Pedro, pareceram a el-rei nosso Senhor muito justas as reflexões de V. S. sobre os inconvenientes de se mandarem marchar dois ou tres regimentos de auxiliares para fóra d'essa capitania, visto serem os ditos regimentos na maior parte formados das principaes cabeças das familias, e de homens casados e estabelecidos, sendo certo que esta qualidade de tropa só é boa e util para se empregar no proprio paiz, guarnecendo os portos e lugares d'elle, onde não só defendem os mesmos portos e lugares, mas tambem as suas casas e familias, que é o maior estimulo para se comportarem como devem. E n'esta consideração ordena Sua Magestade que os referidos corpos sejam unicamente destinados a este serviço.

7.° Para os soccorros, que hão de passar a Viamão e Rio Grande de S. Pedro, é o mesmo Senhor servido que V. S. mande recrutar, completar, e juntar as sete companhias de infantaria da praça de Santos, supprindo com auxiliares os portos que se acharem guarnecidos com destacamentos da dita infantaria.

8.° Que estas companhias assim juntas e completas vão tomar o seu quartel no mesmo sitio em que se achar o corpo, de tropa da guarnição do Rio de Janeiro, e que depois de se revestirem e armarem com os uniformes e armamento que até agora não tinham, e que se remetteram a essa capitania, com este mesmo fim, sejam as referidas companhias exercitadas e disciplinadas pelos officiaes do mencionado corpo da guarnição do Rio de Janeiro. E que este e áquellas se mandem prover de tudo o necessario, e

14. Os dois corpos de infantaria do Rio de Janeiro e da praça de Santos, e a primeira divisão dos quinhentos paulistas, que hão de estar promptos a marchar ao primeiro aviso, se devem juntar nos lugares que parecerem melhor situados, e que dêm mais facilidade á tropa para chegar com a possivel brevidade ao campo ou aos postos que lhes forem destinados.

15. O porto de Santos parece o lugar mais proprio para se juntarem os dois corpos de infantaria acima indicados, não só porque n'elle se podem embarcar com toda a facilidade e segurança, mas porque com a mesma podem levar a artilharia, munições de guerra e bagagem, e transportal-a á Santa Catharina ou á villa da Laguna, que dista de Viamão dez dias de marcha unicamente, sendo além d'isto todo o caminho entre Laguna e Viamão excellente, e de praias limpas, como refere o brigadeiro José Custodio.

16. A villa das Lages, que dista vinte leguas de Santa Catharina e quarenta de Viamão, como refere o engenheiro Montanha, tambem parece indisputavelmente a mais propria para alli se juntar a primeira divisão dos paulistas, sendo certo que estas expedições feitas ao mesmo tempo por mar e terra são mais breves e mais commodas, principalmente havendo artilharia a transportar, e podendo o commandante em chefe de Viamão e Rio Grande fazêl-a conduzir, ou á referida villa da Laguna, por bois e cavallos, de que abundam aquelles districtos, e dar ao mesmo tempo as necessarias providencias para a marcha da tropa aquartelada nas Lages.

17. Descobrindo-se, porém, outros lugares mais bem situados que os referidos, e que correspondam melhor ao fim que se procura, estes se devem preferir, comtanto, porém, que em semelhante materia não haja mais duvidas

nem questões, e se assente de uma vez no que fôr mais util e vantajoso ao real serviço.

18. Para a escolha do melhor sitio, em que as tropas se juntem, não deve servir de embaraço o reprovado e mal entendido receio do ciume que a proximidade d'ellas poderá causar aos castelhanos, porque nem Sua Magestade tem que dar satisfações do que manda praticar nos seus dominios, nem ha outro remedio senão o da força que se possa oppôr ás violencias, depredações e hostilidades, que os ditos castelhanos estão praticando no Rio Grande, depois de exhauridos da nossa parte todos os meios suaves e pacificos, que até agora se lhes têm applicado, de repetidos, incessantes e multiplicados protestos, que não têm servido de outra cousa senão de nos provocarem e ultrajarem cada vez mais com as suas insultantes respostas, acompanhadas de repetidas e manifestas hostilidades que visivelmente se dirigem a nos lançar fóra d'aquelles importantissimos dominios da corôa de Portugal

19. Estas são, emfim, as ordens que el-rei nosso Senhor é servido que V. S. execute sem duvida, replica ou contestação qualquer que ella seja, e sem a menor perda de tempo, avisando V. S. ao marquez do Lavradio, vice-rei do Brasil, de tudo o que obrar, para elle combinar as disposições feitas n'essa capitania com o serviço e operações militares, que deve mandar praticar em Viamão e Rio Grande de S. Pedro.

20. Ultimamente devo prevenir a V. S. para seu governo que no plano de defensa d'aquelles dominios portuguezes approvado e mandado executar por Sua Magestade, entram como parte a mais essencial os soccorros de tropas de caçadores e de homens de armas, que de presente se empregam, e de futuro se hão de empregar d'essa capitania, a qual ha de fornecer a gente, e a real fazenda assistir-lhe

com os meios, na fórma que em outra occasião lhe participarei mais circumstanciadamente; e n'esta intelligencia, para que se acabem de uma vez as duvidas e contestações que até agora se têm agitado em gravissimo prejuizo do real serviço, e com manifesta transgressão das reaes ordens, deve V. S. ter entendido.

21. Em primeiro lugar, que Sua Magestade estima muito mais a perda de uma só legua de terreno na parte meridional da America portugueza, que cincoenta leguas de sertão descobertas no interior d'essa capitania.

22. Em segundo lugar, que, ainda que os ditos descobrimentos do sertão fossem de um inestimavel valor, a todo o tempo se podiam e podem proseguir, e que a parte meridional da America portugueza uma vez perdida nunca mais se poderá recuperar.

23. Em terceiro e ultimo lugar, que n'esta certeza não deve V. S. sem expressas ordens de Sua Magestade divertir por agora os rendimentos e faculdades d'essa capitania, nem empregar os seus habitantes em outro algum serviço que não seja, por uma parte, o da conservação do Igatemy, na fórma em que se acha disposto no § 5° acima referido; e por outra parte no da defensa, preservação e segurança de Viamão e Rio Grande de S. Pedro, pelos meios e modos que ficam acima indicados, e pelos que depois d'elles se irão communicando a V. S., segundo a exigencia dos casos e á proporção que as circumstancias o pedirem.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 22 de Abril de 1774.

Para José Custodio de Sá e Faria, em 21 de Abril de 1774

Em carta do 1º de Outubro de 1771 participei a Vmcê. que el-rei nosso Senhor era servido que Vmcê. passasse á capitania de S. Paulo, onde o governador e capitão-general D. Luiz Antonio de Sousa Mourão lhe communicaria as ordens de Sua Magestade para que Vmcê. as executasse sem alguma perda de tempo, immediatamente depois de sua chegada áquella capitania.

Não ignora Vmcê. que as ordens que o referido governador lhe participou, como devia participar, nas differentes conferencias que com elle teve, consistiram e consistem em que logo que Vmcê. chegasse á cidade de S. Paulo, sem se dilatar n'ella mais que o brevissimo tempo que lhe fosse indispensavelmente necessario, para ajustar com o mesmo governador os meios mais commodos e promptos de se concluir a fortificação do pequeno forte chamado dos Prazeres; no caso de parecer util a continuação d'esta obra, partisse Vmcê. immediatamente depois para o sitio do Igatemy, e tomando o commandamento de todo aquelle districto o defendesse até a ultima extremidade, se n'elle fosse atacado. Pondo-se Vmcê. para este effeito á testa de um corpo de paulistas sertanejos e homens de armas escolhidos, dirigindo-os com a sua experiencia e animando-os com o seu exemplo a se opporem com firmeza e resolução á todas as incursões que os castelhanos intentassem fazer por aquella parte, rebatendo-as por meio de emboscadas, de ataques e defensas, nos passos estreitos e passagens de rios, de incursões no paiz inimigo, e por todos os outros modos e artificios com que se costuma fazer vantajosamente uma guerra de postos e de chicanas; para a qual (em um paiz de sertão, como o

de que se trata) são os paulistas os mais fortes, os mais destros, os mais infatigaveis, e os unicos e melhores combatentes, principalmente sendo bem conduzidos e bem commandados. E para que além do referido serviço executasse Vmcê. tudo mais que lhe foi determinado nos §§ 16, 26-27, 28, 29, 31, 32, 33 e 34 da carta dirigida ao governador e capitão-general de S. Paulo, com data do 1° de Outubro de 1771, debaixo do n. 3.

Não só pelas sobreditas cartas e paragraphos lhe foram a Vmcê. intimadas as positivas ordens de Sua Magestade para logo passar ao sitio do Igatemy, immediatamente depois da sua chegada a S. Paulo, mas estas mesmas ordens lhe foram muito circumstanciadamente repetidas na outra carta instructiva, com data de 20 de Novembro de 1772, dirigida ao sobredito governador, e que elle tambem participou, como devia participar, a Vmcê.

Carta, na qual depois de se tratar desde o § 1° até o § 7° da serra do Maracajú e do que Vmcê. alli devia praticar, continúa na oitava regra do § 8°, e depois d'ella nos §§ 9, 11, 12 e 13, na maneira seguinte :

« E n'esta intelligencia ordena Sua Magestade que V. S. depois de ter conferido com *José Custodio de Sá e Faria, na fórma que já lhe foi determinado, o faça partir para o Igatemy* acompanhado de um sufficiente corpo auxiliar de paulistas que elle mesmo escolher, e que em alli chegando faça na serra do Maracajú os exames que ficam acima indicados.

« Que examine igualmente o estado em que se acha a praça dos Prazeres, assim pelo que respeita á sua fortificação, como ao sitio em que está construida ; que utilidades podemos tirar da dita praça no mencionado sitio, e se será equivalente á despeza que já temos feito e que ainda faremos, assim com a sua construcção, como com a tropa,

artilharia, munições e petrechos de guerra, com que a havemos guarnecer; e se esta fortaleza nos póde facilitar a communicação com o Paraguay pelos rios *Ipaneminy*, *Ipaneguassú* ou outro qualquer que desague no dito Paraguay.

« Se seria mais util, em lugar da mencionada praça sobre o rio Igatemy, de nos reconcentrarmos mais para a parte do Paraná, e fortificarmos a margem esquerda d'este rio, em parte livre de doenças, cobrindo assim melhor os sertões do *Ivahy* e *Tibagy*.

« Estas e outras semelhantes observações são indispensavelmente necessarias antes que entremos no empenho de fortificar um sitio, distante mais de duzentas leguas da capital de S. Paulo, de difficil accesso e de grande despeza, sem sabermos a utilidade que d'elle nos póde resultar.

« Os exploradorès que V. S. mandou áquellas paragens não tinham nem podiam ter o conhecimento necessario para fazerem os sobreditos exames, *e por este motivo é que José Custodio foi mandado a ellas.*

« Logo que o mesmo José Custodio tiver concluido as suas relações sobre cada um dos objectos acima indicados as deve V. S., sem alguma perda de tempo, remetter a esta secretaria de Estado; e, sem adiantar nem fazer cousa alguma sobre a serra ou passo do Maracajú (excepto no caso de um ataque, na fórma acima referida), esperar as determinações de Sua Magestade a respeito d'este importante e delicado artigo. »

Estas são as ordens que em 1771 e em 1772 se remetteram a Vmcê. e ao governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, relativas á prompta e instantanea partida de Vmcê. para o sitio do Igatemy. E quando Sua Magestade esperava a exactissima observancia das ditas ordens, e as relações do que Vmcê. tivesse executado no referido sitio

em virtude d'ellas, appareceram n'esta côrte successivos avisos d'essa capitania, dos quaes consta que Vmcê. não só não tem executado até o presente cousa alguma do que lhe foi incumbido, mas que, tendo chegado á cidade de S. Paulo em 12 de Julho de 1772, ainda se achava na mesma cidade em os fins de Dezembro de 1773.

Este inesperado e reprehensivel comportamento, e os suggeridos, affectados e temerarios pretextos com que até o presente se tem illudido as positivas ordens de el-rei nosso senhor, lhe manda Sua Magestade estranhar muito severamente, devendo Vmcê. ter entendido que, ainda que em lugar dos ditos pretextos assistissem a Vmcê. as mais solidas razões, nenhuma o poderia escusar da indispensavel obrigação de partir immediatamente para o sitio que Sua Magestade lhe destinou e de requerer de lá o que tivesse que representar.

N'esta intelligencia é o mesmo Senhor servido, que immediatamente depois da chegada d'esta carta a essa capitania, parta Vmcê. sem a menor perda de tempo para o referido sitio do Igatemy, levando na sua companhia os dois alferes com que sahiu do Rio de Janeiro para o ajudarem, e alguns officiaes ou pessoas que ahi se acham, e que têm principios de geographia, como se vê das cartas topographicas que o governador e capitão-general tem remettido a esta côrte.

Que igualmente leve um pequeno corpo de paulistas sertanejos, escolhidos por Vmcê., e de nenhuma sorte tropa regular, que Sua Magestade tem destinado a outro serviço, excepto alguns artilheiros, que sirvam para ensinar aos ditos paulistas o uso e pratica da artilharia.

Que com este pequeno corpo, emfim, junto aos destacamentos que por differentes vezes se tem mandado áquella fronteira, e com cento e tantos homens de armas que

ultimamente passaram a ella, commandados pelo capitão José Gomes de Gouvêa, paulista desembaraçado e intelligente, como refere o governador e capitão-general, execute Vmcê. as ordens de Sua Magestade na fórma que acima lhe vão transcriptas, sem accrescentar, diminuir ou alterar cousa alguma d'ellas emquanto o mesmo Senhor, á vista das relações e mappas que Vmcê. deve remetter, na conformidade das mesmas ordens, não determinar o que lhe parecer mais conveniente ao seu real serviço.

Escuso de dizer a Vmcê. que um dos objectos mais importantes, e que mais póde contribuir para a defensa e segurança dos dominios de Sua Magestade, que Vmcê. vai commandar, é o de procurar espias seguras no paiz inimigo, e que os parochos, curas e frades castelhanos, sempre foram os mais aptos e os mais promptos para o exercicio d'este ministerio, logo que sentem alguma conveniencia. E n'esta intelligencia deve Vmcê. fazer as possiveis diligencias por conseguir esta grande vantagem ; na certeza de que se lhe abonará qualquer despeza que lhe fôr preciso fazer com ella.

Deus guarde a Vmcê. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 21 de Abril de 1774. — *Martinho de Mello e Castro.*

MEMORIA

Dos feitos que se deram durante os primeiros annos de guerra com os negros quilombolas dos Palmares, seu destroço e paz aceita em Junho de 1678.

POR

PEDRO PAULINO DA FONSECA

Socio honorario do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano

(*Manuscripto offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo autor.*)

Memoria dos acontecimentos havidos nos primeiros annos de guerra contra os negros das Palmeiras, e dos successos obtidos, até a paz feita com o rei Gangasuma, em Junho de 1678.

Estendia-se pela parte superior do rio de S. Francisco, uma facha de mata brava a terminar no sertão de Santo Agostinho, correndo de sul a norte parallelamente á costa do mar.

Foi ahi o theatro das grandes scenas de que vamos tratar, que se deram durante os primeiros annos de guerra contra os negros do quilombo dos Palmares, logo em seguida á paz com o inimigo externo.

Eram as arvores d'essa grande mata na maior parte catolés, como ainda hoje ahi se observa, que deram ao local o nome de Palmares, que tão propicias são para a vida do homem, que d'elles obtinham os numerosos habitantes vinho, azeite, sal e roupas; com as

palmas tapavam e cobriam as casas de seus mocambos, das hastes faziam esteios e lenha, dos fructos e do palmito sustento, e das fibras exterioras do tronco amarras para todo o genero de ligaduras.

Este palmeiral, abrangendo um espaço de 60 a 70 leguas, era dividido em tantos outros por bosques de diversas arvores, que os separavam, e em cada um d'elles haviam os negros assentado mocambos, mais ou menos independentes.

N'um palmeiral, a 16 leguas NO. de Porto Calvo, existia o mocambo do *Zambi* (general ou deus das armas, na lingua d'elles), e ao N. d'este cinco leguas o de *Acainene* (este era o nome da mãi do rei, que assistia n'este mocambo fortificado, a 25 leguas mais ou menos ao NO. de Porto Calvo, e a que chamavam Cêrca Acainene por ser a fortificação com páo a pique).

Para léste d'estes havia o mocambo das *Tabocas*, e d'este 14 leguas para o NE., o de *Bambiabonga*. A oito leguas ao N. do Bambiabonga existia a cerca chamada da *Sucupira*; ao N. d'esta seis leguas a Cêrca Real do Macaco, e ao OE. d'esta ultima cinco leguas o mocambo do *Osenga*.

A nove leguas da povoação de Serinhaem para NOE. a cerca do *Amaro*, e a 25 leguas das Alagôas para o NOE. o palmar do *Andolaquituxe*, irmão do Zambi.

Entre todos estes, que eram os maiores e mais fortificados, existiam outros de menor conta e de menos gente.

E' opinião assentada que, desde que se introduziram negros captivos nas capitanias do Brasil, principiaram os habitadores dos Palmares, sendo certo que durante o tempo do dominio hollandez o numero d'elles augmentou consideravelmente.

Ao rei chamavam elles Gangasuma (1) (senhor grande) ; este habitava a cidade real a que chamavam *Macaco*, e era a metropole entre as outras cidades ou mocambos ; estava toda cercada tambem a páo a pique.

A segunda cidade era a denominada *Sucupira* (depois arraial do Bom Jesus e da Cruz, formado por Fernão Carrilho) ; n'esta habitava o *Gangasona*, irmão do rei.

Como esta todas as mais cidades estavam a cargo de potentados e cabos poderosos, que assistiam n'ellas e as governavam.

A *Sucupira*, que era a praça de guerra onde se preparavam as forças para a defesa e guarda da confederação, tambem era fortificada, mas com pedra e madeira, e estendendo-se perto de uma legua continha em seu interior tres altissimos montes, e um rio que chamavam *Cachingi*, abundante d'agua.

Depois da restauração da capitania de Pernambuco do dominio hollandez, vinte e cinco tentativas se fizeram, com prejuizos grandes, sem sequer descortinar-se os segredos d'aquelles povoados bravios. Referirei as principaes, que tiveram lugar desde o começo do intento.

A primeira foi a do capitão Braz da Rocha Cardoso com seiscentos homens. Pouco fructo se conseguiu n'esta empreza pelas difficuldades do sitio, asperezas dos caminhos, e impossibilidade de conducções por terrenos não conhecidos ; apenas serviu para orientar o que teria a vencer em outras tentativas.

Depois a do mestre de campo Antonio Jacomo Bezerra, que lhes produziu algum mal ; e varias outras, inclusive

(1) Termo hybrido, composto das vozes *Ganga*, angolense ou bunda, e *assú*, tupica.

de alguns que a fizeram por conta propria, e que mereceram louvor, e cujos nomes damos para memoria.

Foram elles :

O capitão-mór Christovão Lins.
O capitão Clemente da Rocha.
O alcaide-mór Tibaldo Lins.
O capitão José de Barros.
O capitão-mór Gonçalo Moreira.
O capitão Antonio Cabral.
O capitão João Gomes de Mello.
Jeronymo de Albuquerque.
O capitão Alberto de Mello.
O capitão Cypriano Lopes Galvão.
O capitão André Velho Tinôco.
O capitão Domingos Antunes.
O sargento-mór Francisco Gonçalo.
O sargento-mór Vicente Martins Bezerra.
O capitão Antonio da Silva Barbosa.
O mestre de campo Antonio Dias Cardozo.
O mestre de campo Antonio Jacomo Bezerra.
O coronel Belchior Alves.
O coronel Zenobio Accioli.
Manoel de Abreu.
O capitão Sebastião de Sá.
O sargento-mór Manoel Lopes Galvão.

Entre todos estes se destacam, não só pelo valor com que se houveram nos encontros e pelejas, como por terem feito as despezas por conta propria, Tibaldo Lins, Christovão Lins, Clemente da Rocha e José de Barros, moradores em Porto Calvo.

Isto se passou durante o governo de Francisco Barreto,

que restaurando a capitania do dominio hollandez com a capitulação da praça do Recife em Janeiro de 1654, iniciou logo a campanha dos Palmares, por julgar estes inimigos internos tão perniciosos, e mais barbaros e temidos que aquelle; mas teve logo, em Março de 1657, de passar o governo a seu successor.

O governador Francisco Barreto viu que a occasião era a mais favoravel, aproveitando-se do valor das nossas armas victoriosas, que haviam sacudido o jugo de um inimigo, que de fóra nos veiu conquistar e por tantos annos nos opprimiu, para destruir e vencer os contrarios, que no interior nos ficaram, sem o que não era completa a paz, por não serem os damnos por estes causados menores que as hostilidades por aquelles praticadas. Porém de Março de 1657 a Janeiro de 1674, data esta em que assumiu o governo da capitania D. Pedro de Almeida, não foi o descuido a causa de não se conseguir o intento, porque todos os governadores até então, mais ou menos, trataram da empreza e n'ella se empregaram com cuidado; porém os obstaculos que os novos governadores encontravam em começo tornavam invenciveis quem o valor não fizéra poderosos; os melhores guerrilheiros d'este exercito, os mais experimentados cabos da guerra hollandeza, empregaram-se em seguida n'esta, com immenso trabalho, porque padeceram muito e pouco o fructo que conseguiam.

Continuamente eram os moradores de Alagôas, Porto Calvo e Penedo, acommettidos, e suas casas e fazendas roubadas pelos negros palmarenses, matando-lhes os gados e levando-lhes os escravos para engrossar seus quilombos, e augmentar o numero dos defensores, obrigando os moradores e naturaes d'essas villas a irem muitas vezes guerrear na distancia de quarenta e tantas leguas, com dispendio de suas fazendas e risco das proprias vidas, sem

o que estariam os ditos negros senhores da capitania, pelo seu grande numero que diariamente se augmentava.

Estavam as cousas n'este pé, quando D. Pedro de Almeida, em Janeiro de 1674, tomou posse da capitania, e logo tratou de continuar a conquista, sabiamente iniciada ha já vinte annos por Francisco Barreto, e por seus successores frouxamente secundada. Preveniu com tino tudo quanto era necessario á primeira empreza, e entregou a expedição ao sargento-mór Manoel Lopes Galvão, cujo valor, zelo e experiencia, muito abonavam e promettiam.

Aos 23 de Setembro de 1675 achava-se o sargento-mór Manoel Lopes em Porto Calvo, com 280 homens, entre brancos, mestiços e indios, para tentar o commettimento, e aos 21 dias do mez de Novembro, depois de dois mezes de preparativos ahi, internou-se nas brenhas e labyrinthos da mata, onde grandes foram os trabalhos, excessivas as necessidades e continuo os perigos que soffreram.

Aos 22 de Janeiro de 1676 deram n'uma populosa cidade de mais de duas mil casas, bem guarnecida, e depois de mais de duas horas de renhida peleja, com valor de parte á parte, puzeram os nossos fogo a algumas casas, que sendo de madeira e palha arderam velozmente, tornando medonho o sitio; o pavor de que se apossaram os negros n'essa occasião obrigou-os á fuga, o que desastradamente fizeram abandonando a cidade.

No seguinte dia, em que reinava ainda o terror entre elles, então reunidos em outro sitio, foram ahi novamente atacados, soffrendo consideravel damno.

Estas duas victorias seguidas serviram de muito aos nossos, porque não obstante os obstaculos dos caminhos a vencer, e soffrimentos lastimosos por que passaram, patentearam ao inimigo a resolução em que se achavam proseguindo na peleja.

Sentiu o inimigo consideravelmente o revez ; grande foi o numero dos mortos e feridos que tiveram n'estes dois encontros, procurando os outros guarida nas brenhas.

As povoações e villas vizinhas experimentaram logo os effeitos d'este grande successo ; a terrivel lição obrigou a muitos dos quilombolas a buscar seus antigos senhores por não se julgarem seguros entre os seus n'aquelles desertos.

Tudo suppriu o zelo e boa vontade do sargento-mór Manoel Lopes ; diz a historia : « Assistiu o sargento-mór Manoel Lopes, com arraial formado, quasi cinco mezes, entre os segredos asperos d'aquelle sertão, padecendo indizivcis miserias, excessivos trabalhos e perigos grandes, até que seus espias alcançaram noticia de que os negros se tinham passado a 25 leguas além dos Palmares, nas fragosidades de uns carrascos e espinheiros, tão medonhos e impenetraveis que pareciam inexpugnaveis ao maior valor ; porém não lhes valeu ainda assim aquella fereza, porque assaltados pelos nossos ficaram muitos mortos e os mais fugiram.

« Ahi foi ferido de bala o general das armas, Zambi, negro de singular valor, grande animo, constancia admiravel e inimigo capital dos brancos ; ficou vivo, porém aleijado de uma perna. »

Vendo-se então com pouca gente, e essa estropiada e cansada com tão duras e grandes difficuldades, que cada dia cresciam com a falta de tudo, ainda do mais necessario para poder-se conservar alli, então recolheu-se o sargento-mór com a gloria d'estes successos, e com quarenta e cinco prisioneiros.

D. Pedro de Almeida, satisfeito com os resultados obtidos, e empregando n'isto o maior cuidado, querendo aproveitar a desmoralisação em que os deixára o sargento-mór Manoel Lopes e a experiencia adquirida, envidou esforços para continuar a empreza.

Para isto enviou convite ao capitão-mór Fernão Carrilho, que se achava em Sergipe, e a quem a fama tinha feito conhecido pelos serviços alcançados na destruição dos mocambos de negros, e de aldêas dos *Tapuias*, que infestavam os sertões da Bahia. Este, aceitando com prazer o honroso convite, partiu para Pernambuco com alguns parentes e dependentes seus.

Com a noticia de haver Carrilho aceito o convite, dispôz D. Pedro de Almeida as cousas, com o cuidado que a escassez dos recursos exigia; procurou ter abastecimentos em lugares apropriados para isso, que era o que mais cuidado lhe dava; providenciou logo mandando avisar a todas as cámaras da capitania para que dessem o concurso necessario a este intento; escreveu a todos os nobres e principaes das povoações circumjacentes aos Palmares, estimulando-os com as honras d'aquella empreza para prestarem recursos e tambem algum pessoal.

De muito serviu o desinteresse com que D. Pedro se mostrou na partilha das glorias dos ultimos successos para alcançar das camaras e da nobreza d'aquellas partes seu desejo. Tambem maior ajuda e emulação trouxe á empreza o desinteresse quanto á joia que se costumava dar aos governadores, por elle offerecida como premio aos que melhor trabalhassem, dizendo, que só queria o prazer de vêr aquella capitania livre dos sobresaltos continuos e perigos perpetuos que levavam-a para sua ruina, e ajuntando que seu maior intento era o serviço que d'ahi resultára a Sua Alteza, pois do contrario se seguiam duas monstruosidades indignas de se fazerem publicas no mundo: a primeira terem dominio nas melhores capitanias de Pernambuco negros captivos, e segunda, os escravos dominarem seus proprios senhores.

Nos recursos prestados tornaram-se salientes o da ca-

mara de Olinda com dois mil cruzados, e o da de Porto Calvo com 500$, entre as mais que contribuiram com o que poderam.

D. Pedro, dotado de intelligencia, tino e perspicacia, activo e emprehendedor, estudára mui particularmente o modo como se havia de fazer esta guerra, servindo-lhe alguns desacertos das tentativas passadas de correctivo para o acerto das futuras.

Consultou a tudo e a todos para escolher o melhor, e entendeu que o mais acertado seria fazer arraial no meio d'elles, e assim dispôz as cousas para d'ahi assaltal-os sempre.

Empregando n'isto o maior cuidado, ordenou a Fernão Carrilho que seu maior empenho deveria ser assentar e persistir com arraial fortificado dentro dos Palmares; e como parecia impossivel assistir n'aquelle denso bosque, quasi impenetravel, pelo rigor das intemperies e grande falta de mantimentos, que não se poderiam supprir lá mesmo, proveu a força de tudo que lhe era mister, e dispôz pelas povoações adjacentes os recursos indispensaveis á manutenção, de sorte que nada faltasse a seu tempo aos que no projectado arraial assistissem.

Sem demora partiu Fernão Carrilho para Porto Calvo, onde o esperava o pessoal que das mais freguezias se tinha reunido, que segundo as ordens deveria ser quatrocentos homens; mas apenas acharam-se cento e oitenta e cinco entre brancos, mestiços e indios da gente de Camarão.

Vendo-se com tão pouco pessoal, pois era tão pequeno o numero dos seus em relação á multidão de negros quasi bravios que tinham de combater, que o capitão-mór de Porto Calvo e a camara duvidaram da conveniencia e acerto da marcha, lembrou-se, vendo o empenho de D. Pedro, e que não era possivel retroceder em toda e

qualquer impossibilidade, de pedir que se fizesse algum acto religioso em louvor a Deus para abençoar e fructificar a empreza, na capella curada de Camaragibe; e ahi cantou-se em tenção da favoravel jornada missa ao Senhor Bom Jesus, escolhido advogado e protector da conquista.

Com isto animam-se os homens, tornando-se capazes de affrontar os perigos e soffrer melhor os trabalhos.

Fernão Carrilho conduziu então, pendente ao pescoço, uma pequena imagem do protector, que na capella havia, como prognostico infallivel da fortuna que esperava.

Sem embargo dos perigos, inconvenientes conhecidos e esperados, começou a expedição em 21 de Setembro de 1677, a marcha da villa de Porto Calvo para o interior das selvas dos Palmares, acompanhando-a até ao entrar na mata o capitão-mór Christovão Lins e seu irmão Tibaldo Lins, como os mais experimentados n'aquellas marchas, e interessados no bom successo.

O capitão-mór Fernão Carrilho fallou então á tropa, dizendo-lhe: « que o numero não dava nem tirava o coração aos esforçados; — que só o valor proprio fazia resoluto os militares; — que, posto que a multidão dos inimigos era grande, era a multidão de escravos a quem a natureza criára mais para obedecer que para resistir; — que os negros pelejavam como fugidos, e elles os iam buscar como senhores; — que as suas honras estavam em perigo, pelos desmandos dos negros escravos; — suas fazendas pouco seguras, pelos seus roubos; — suas vidas muito arriscadas, pelos seus atrevimentos; — que nenhum dos de seu sequito pelejavam pelo alheio, e todos defendiam o proprio; sendo grande descredito para todo pernambucano servirem-lhe de açoute os mesmos que tinham sido por elles muitas vezes açoutados; — que só mudavam da guerra o modo, e não o uso, pois tantos annos estiveram sempre

com as armas nas mãos contra os hollandezes e ainda de presente o estavam contra aquelles inimigos levantados; e se o modo de guerrear era diverso por não ser em campanha, era tambem mais facil por ser de assaltos; — que elle não queria do seu trabalho outro premio mais, a não ser o bom successo da empreza, pois quem mais vencesse mais dominaria, porque as presas todas haviam de ser suas; — que o governador D. Pedro nem joia queria para si, reputando a melhor joia que pretendia, o fazer aquelle serviço a Sua Alteza e solicitar a liberdade dos seus vassallos; — que se destruissem os Palmares teriam terras para as suas culturas, negros para o seu serviço e honra para a sua estimação; — e se elle tomava sobre seus hombros aquelles trabalhos, não sendo morador n'aquellas capitanias, era só pelo zelo do serviço de Sua Alteza, e para obedecer ao governador D. Pedro de Almeida; que, emfim, elles o deviam imitar e seguir como interessados em tudo, porquanto o seu intento era ir buscar o maior poder, porque queria ou acabar ou vencer, pois do contrario se seguia terem os negros noticia do pouco poder que levava e zombarem da guerra que se lhes fazia. »

Assim fallando, receberam todos com bom animo estas razões, e internando-se Carrilho pelo inculto d'aquellas brenhas em demanda da Cêrca Acainene, mocambo fortificado 25 leguas ao NOE. de Porto Calvo, onde assistia a mãi do rei, cujo nome tomou o mocambo, levaram-os tanto as magicas palavras de Carrilho, que cada um se julgou invencivel.

Logo que os negros os presentiram, amedrontados ainda pelo terror infundido pelo sargento-mór Manoel Lopes, desampararam precipitadamente a cidade, e os nossos, no dia 4 de Outubro, deram sobre os fugitivos com tal impeto, matando-lhes muitos e prendendo nove. A mãi do rei nem morta nem viva foi vista.

Não foi sómente proveitoso este effeito em relação á consideravel perda do inimigo, de uma cidade forte e grande numero de homens: é que de muito serviu, fornecendo-nos guias e noticias. Pelos prisioneiros soube-se então, que o rei Gangasuma com seu irmão Gangasona, e todos os mais potentados e cabos maiores, estavam na cêrca chamada — Sucupira— que servia então de praça forte, onde o rei nos esperava para pelejar em batalha; distava este mocambo 45 leguas de Porto Calvo.

Para melhor assentar o arraial pareceu a Carrilho que convinha tomar outro ponto mais central, e o Sucupira foi o objectivo.

Eram os melhores capitães de Carrilho, de quem no correr d'esta teremos de tratar:

Gonçalo Pereira da Costa.
Mathias Fernandes.
Estevão Gonçalves.
Manoel da Silveira Cardoso.
José de Brito.
Gonçalo de Cerqueira.
Domingos de Brito.
Gonçalo Rodrigues de Araujo.
Antonio Velho Tinoco.
Filippe de Mello e Albuquerque.

Com o successo ultimo quiz Carrilho aproveitar a vantagem alcançada, e aos 9 de Outubro, prevenido do necessario, partiu em demanda da cêrca Sucupira por picadas abertas na mata. D'esta maneira, e com grande trabalho, encontraram os nossos o mocambo, e logo que o avistaram fizeram com todas as precauções de silencio e socego alto antes que os presentissem. Oitenta homens sahiram logo

a explorar e descobrir o sitio, e a verificar a fortaleza da estacada, e voltaram com a noticia de terem os negros, aterrorisados, lançado fogo á cidade, que ainda em cinzas mostrava sua grandeza. E' que Gangasuma, com a noticia que Fernão Carrilho os buscava ahi, noticia levada pelos fugitivos de Acainene, preferiu perder a cidade, presa de chamma, a pôr em risco a vida dos seus.

Logo que isto constou, com o prazer que além da vantagem consideravel trazia a facilidade da realização do maior desejo de D. Pedro, a de fundar arraial no meio d'elles; empregando n'isso o maior cuidado, apoderaram-se d'esse sitio os nossos, e n'elle Carrilho fundou arraial com o titulo do « Bom Jesus e a Cruz, » fortificando-o do melhor modo com baterias, depois de se ter reconhecido bem o lugar.

O abandono dos inimigos foi-nos de grande vantagem, e convencido d'isto expediu então a feliz noticia a D. Pedro, communicando-lhe todo o occorrido, e pedindo-lhe soccorro de gente e de mantimentos.

Reconhecendo-se bem a paragem, mandou incontinenti bater o mato afim de descobril-os. Esta expedição foi infeliz, e no fim de oito dias de amargas esperanças, sem alcançar o que buscava, regressou, com sua gente desunida e amotinada, e de menos vinte e cinco homens, que as duras privações e rigor do trabalho fizeram fugir. D'ahi a poucos dias, com o pernicioso exemplo, outros tantos desappareceram do arraial, podendo mais o desabrido do sitio, para os fazer retirar, que o brio da empreza para os deter, pelo que achou-se então Fernão Carrilho ahi apenas com cento e trinta homens. N'estas tristes circumstancias, em que, além da desvantagem da retirada de um terço quasi da força, o desanimo e impaciencia appareciam, de tudo deu logo sciencia a D. Pedro. O que ha

n'isto de notavel, é que, com esta perda consideravel de pessoal, dissimulava prudentemente o caso, mostrando o valente Fernão Carrilho que não reconhecia perigos, no que não se illudiu.

Emquanto se passava o que temos referido não estava ocioso o governador D. Pedro em Pernambuco. Logo que de tudo isso teve sciencia, convocou em conselho todos os cabos maiores que se achavam no Recife, e pediu que resolvessem sobre o modo como se havia de soccorrer a Fernão Carrilho. Ventilada a urgencia do caso e discutida a materia, accordaram todos que um cabo maior d'entre elles partisse, com trinta soldados pagos, a reunir gente pelas freguezias circumvizinhas e expedir os mantimentos necessarios ao arraial. A votação recahiu na pessoa do sargento-mór Manoel Lopes Galvão, como o mais experimentado e entendido n'esses negocios.

Provida a expedição de todo o necessario, partiu o sargento-mór com os trinta soldados em direcção á villa das Alagôas, onde tomou quartel, para d'ahi expedir os soccorros de gente e de mantimentos. Despachou alguns proprios para os arredores, convidando os moradores para trazerem os viveres que podessem, e para que tivessem muito em consideração a prompta execução d'esta ordem. Não se póde negar que o grande intento de D. Pedro, n'esta parte, foi por todos secundado.

Com a noticia de estar tudo prevenido, e da ida de soccorros, animaram-se os que se achavam no arraial do Senhor Bom Jesus, pelo cuidado com que o governador D. Pedro lhes provia do necessario para o sustento e lhes multiplicava os companheiros para o trabalho. E aproveitando occasião tão favoravel para sahir da apathia, e dar signal de vida e vigor ao audaz inimigo, o capitão-mór Carrilho designou os capitães Gonçalo Pereira da Costa,

Mathias Fernandes e Estevão Gonçalves, com cincoenta homens, para de novo explorar aquellas matas em busca dos negros ou de noticia da sua paragem.

Mais feliz que a anterior commissão, seguindo um trilho que descobriram, tiveram um famoso encontro, e animados encetaram a peleja com grande vantagem, conseguindo-se em pouco uma assignalada victoria, que, levando os palmarenses de vencida com tal galhardia, fez-lhe uma grande mortandade; aprisionaram cincoenta e seis, no maior numero mulheres, porque era ordem não dar quartel aos homens.

Além da vantagem obtida, não foi menos consideravel o trazerem tambem prisioneiro o general (mestre de campo) Gangamuiza, de toda a gente de Angola, e genro do rei (casado com duas das filhas d'este), negro muito temido nas nossas povoações, como muito ladrão, insolente, soberbo e atrevido nos seus commettimentos.

Os nossos soldados, pela noticia que de seus atrevimentos e insultos tinham, quizeram livrar-se logo d'elle, mesmo para impedir sua fuga; e pediram ao capitão-mór licença para o arcabuzarem, e parecendo que não alcançavam tal licença a tomaram por si, e n'uma ausencia d'aquelle executaram o Gangamuiza, bem como alguns outros não menos importantes, como fossem Gaspar, capitão da guarda do rei, João Tapuya e Ambrosio, capitães de fama entre aquelles barbaros. O rei, que tambem estivéra presente no começo da peleja, tinha fugido com a pouca gente que pôde livrar da carnificina.

Tiveram os nossos o prodigioso successo como milagre do Senhor Bom Jesus, porque n'elle mais andou o favor do céo que a destreza das armas em um numero tão desigual de combatentes; e a victoria sobre a multidão dos contrarios entrincheirados foi por todos attribuida ao

Senhor Bom Jesus e á cruz por ser aquelle o Senhor das batalhas, e esta o estandarte das victorias.

A noticia de tão feliz e grandioso commettimento foi do maior prazer e alegria no arraial, e d'isto sabiamente aproveitando-se o capitão-mór Carrilho, que prudentemente soube esquecer o acto praticado com os prisioneiros para tirar partido do animo então de todos, secundou a expedição, fazendo seguir os capitães Estevão Gonçalves, e Manoel da Silveira Cardoso, com uma nova leva de cincoenta homens descansados, no encalço do rei e dos fugitivos.

Estes, depois de 22 dias de afanosos trabalhos n'aquelles desertos, aos 11 de Novembro, alcançaram a noticia de que o rei Gangasuma se achava com Amaro no seu mocambo, a nove leguas ao NOE. de Serinhaem. Este Amaro, por suas proezas, insolencias e atrevimentos celebres, era tambem muito temido dos nossos, e se fizéra conhecido por suas correrias nas povoações circumjacentes. Habitava separado dos mais, como potentado independente. Seu mocambo, conhecido pelo seu nome, era fortificado com grandes e grossas estacadas, estendendo-se em comprimento pela distancia de uma legua, contendo no interior mais de mil casas de habitação.

Foi ahi que se deu por seguro o rei fugitivo, que ainda d'esta vez não escapou á vigilancia e tenacidade dos nossos, que, animosos e ambiciosos de gloria, pelo exemplo anterior de seus camaradas, divididos em duas partidas, marchavam com intenção de cercar o sitio, fechando-lhes a sahida do mocambo, que era uma apenas; mas, por felicidade ou por infelicidade, antes de occuparem o vão da entrada, presentida a intenção dos nossos, sahiram os negros, mas ainda em tempo de serem batidos, ficando mortos e feridos por terra grande numero d'elles, e aprisionan-

do-se quarenta e sete, entre os quaes duas negras fôrras, e uma mulatinha filha de um morador nobre de Serinhaem, que tinha sido d'alli roubada. Prenderam mais, o Anajuba, dois filhos do rei, chamados Zambi e Jacainêne, aquelle homem, esta mulher, e outros em numero de vinte mais ou menos, entre filhos e netos do rei.

No numero dos mortos ficaram Tucúlo, filho do rei, Pacasâ e Baûbi, poderosos chefes entre elles.

O rei, tal foi o terror de que se possuiu, que ao impeto dos nossos fugiu, e tão desastrada e desorientadamente que deixou uma pistola dourada e a espada de que usava, constando ter sido ferido.

D'estes encontros resultaram não só animo e reputação aos nossos, como tambem o terror ao inimigo, que cada dia mais descalabros e transtornos experimentava nos nossos encontros.

Este grande feito, por certo, desorientou totalmente os negros, que perderam de todo a esperança de se poderem conservar por mais tempo n'aquellas paragens, por isso que se achavam privados dos principaes, e mais afeitos e atrevidos chefes, e viam-se por todos os lados enfraquecidos e cercados.

Maior ainda foi d'esta vez a alegria no arraial com o resultado d'esta segunda expedição; tudo, emfim, concorria para a exterminação do quilombo, sem outros recursos além dos da Divina Providencia, attendendo-se ao numero desproporcionado dos combatentes, e dos escassos meios com que os soccorria o infatigavel D. Pedro; mas, como então não faltava o valor aos nossos, ia-se supprindo com elle o mais que não tinham.

Quem reflectir que com tanta desigualdade se combatia, não deixará de se convencer que se excedia ao possivel de um modo sobrenatural, que bem caro custava ao inimigo.

Por isso quiz então o capitão-mór Carrilho aproveitar o proposito do geral animo e boa disposição dos nossos, e do desassocego e fraqueza do rei Gangasuma, e em seu seguimento fez partir cincoenta homens com os capitães José de Brito, Gonçalo de Cerqueira, Domingos de Brito e Gonçalo Rodrigues de Araujo, para correr em todos os sentidos aquellas matas em demanda dos fugitivos restos do mocambo Amaro.

Quer fosse a sua muita cautela, quer os cuidados e prevenções na empreza, supprindo a tudo com animo e constancia inquebrantavel, viu seus esforços coroados do melhor exito, como se fossem secundados ou ainda, inspirados, por uma acção divina.

Partiram estes, com infatigavel cuidado de não ficarem aquem dos esforços de seus companheiros.

Não alcançaram noticia de Gangasuma, porém viram tambem coroados seus trabalhos da melhor sorte, por isso que tiveram diversos encontros com aquelles que vagavam sem domicilio certo nem descanso seguro, pelo temor dos nossos, e lhes fizeram trinta e seis prisioneiros, e muitos mortos, reconhecendo-se entre estes o Gône, filho também do rei, potentado entre elles, e temido pelos seus atrevimentos entre nós.

Sahiu tambem em seguida o capitão Mathias Fernandes, com vinte homens, e tão feliz foi que descobriu logo uns poucos, que vagavam sem se atreverem a tomar assento; bateu-os, aprisionando quatorze e matando um maior numero d'elles.

Assim, apezar de serem tão poucos os nossos, procediam com tanto valor em tão incapaz situação no que deviam e se esperava, que não desmereciam um apice um do outro. Então era aproveitar fortuna tão propicia e parcial: cada soldado por si procurava sahir em busca de glorias,

e espalhavam-se por aquelles desertos como dominadores e quaes verdadeiros senhores dos Palmares. Outra vez sahiu ainda, animoso com sua tropa, o capitão Mathias Fernandes, e quiz a sua boa sorte que se recolhesse com vinte e um prisioneiros, tendo feito muitas mortes; o mesmo aconteceu aos capitães Antonio Velho Tinoco, e Filippe de Mello e Albuquerque, que, tomando ainda para a parte do mocambo Amaro, os que encontraram prenderam ou mataram.

Já n'este mesmo tempo, em que os nossos do arraial do Senhor Bom Jesus dominavam aquellas brenhas, cujas incultas vias nunca tinham sido por outros transpostas, por tal maneira se familiarisaram na divagação d'aquelles desertos, que demandaram-os cheios de confiança em si, como quem não receiava ser offendido. Tudo vence o valor, tudo consegue a diligencia, d'onde se colhe por dictame infallivel que nenhum trabalho é inseparavel á resolução intrepida, e nenhum soldado repugna os perigos formidaveis se a elles preside um coração animoso.

Como D. Pedro de Almeida era a alma que dava vida a estas emprezas, com o seu exemplo aprendiam os soldados: do brio a serem constantes, da resolução a serem intrepidos, do zêlo a serem deligentes, da sua vigilancia a serem cuidadosos, e da sua disposição a serem prudentes.

Com taes predicados do governador D. Pedro, e não somenos do capitão-mór Carrilho, e da sua tenacidade, conseguiu-se em quatro mezes o maravilhoso successo ha muitos annos intentado, filho do acerto d'este, e do tino e prudencia de D. Pedro, que, gastando tres annos em dominar os impossiveis, em quatro mezes, de 21 de Setembro de 1677 a 29 de Janeiro de 1678, colheu sazonados fructos d'esse trabalho ingrato. E teve, com este ultimo desfecho prodigioso, como restaurada de todo a capitania, que, se

na primeira venceu-se o inimigo estrangeiro, que nos occupava a costa e dominava o mar, n'esta aniquilou-se outro não menos temido, que dominava-nos o campo e occupava o sertão.

Recolheu-se então em 29 de Janeiro de 1678 para a villa de Porto Calvo, com felicidade, o capitão-mór Fernão Carrilho, faltando-lhe sómente um soldado que morreu e dois que ficaram feridos dando por destruido os quilombos dos Palmares e por vencido totalmente o terrivel inimigo; e como no numero dos prisioneiros descobrisse um negro por nome Matheus Zambi e a mulher d'este, Magdalena Angola, ambos de avançada idade, e que se diziam sogros de um dos filhos do rei, deu-lhes os mantimentos precisos para a jornada e mandou-os que se fossem embora para os seus, que ficaram dispersos pelos Palmares, e que lhes dissesse: — que se elle capitão-mór se recolhia era com intenção firme de voltar outra vez; — que esperassem por elle e seus soldados para exterminar os restos do quilombo; — que o seu arraial ficava fortificado, e n'elle os instrumentos com que se vive n'aquelle sertão; — que não lhes tocassem nem mudassem cousa alguma, porque lhes pagariam caro a temeridade.

Com este recado partiram os velhos, e com sua tropa chegou Fernão Carrilho ao povoado, onde, recebido pelos moradores, encaminhou-se para a capella do Senhor Bom Jesus, e com a camara da villa fez cantar missa solemne em acção de graças ao mesmo Senhor Bom Jesus por ter vencido e dominado aquelles inimigos, tendo o successo antes como beneficio do céo, só, do que conseguido pelo valor.

A resolução que tomou quanto aquelles dois velhos foi bem inspirada, e deveria ter sido de grande resultado.

Em seguida, e segundo as ordens de D. Pedro, foram

logo os prisioneiros repartidos pelos soldados, depois de tirado o quinto para a fazenda de el-rei; distribuição presidida por seis dos mais desinteressados d'entre elles, pelo que ficaram todos satisfeitissimos, e pagos do insano trabalho e incommodos que padeceram, e por demais admirados do desinteresse do governador D. Pedro de Almeida em não aceitar a joia que era de costume dar-se aos governadores, ficando o capitão-mór Carrilho apenas com dois moleques para o seu serviço.

Acção foi esta de singular credito para o governador da capitania, pois por ella se confirmou ser seu maior intento e cuidado prestar a el-rei um tão grande serviço, libertando os habitantes d'aquellas povoações do jugo tyrannico que os opprimia, sem outra recompensa mais que a gloria de o conseguir.

Julgou-se então, e com justiça, que se semelhante modo de proceder tivesse presidido ás tentativas dos anteriores governadores, era de crêr que ha muito estaria terminada, ou prestes a isto, a conquista dos Palmares.

Só mandou o governador ir á sua presença a mulher do rei Gangasuma com alguns filhos e netos, que entraram nos quintos de el-rei, para os levar comsigo aos pés de Sua Alteza, como confirmação irrefragavel do muito que se tinha feito e alcançado n'este negocio.

Premiando assim seus soldados, partiu de Porto Calvo o capitão-mór Fernão Carrilho a dar graças ao governador D. Pedro pelo acerto com que dispuzéra e sustentára aquella guerra de conquista, e os devidos parabens pela grande felicidade que só para elle reservára o céo: foi recebido na praça do Recife, onde a população se havia reunido, com grandes signaes de alegria, e por D. Pedro honrado com singulares e extremas demonstrações de benevolencia.

Em optima occasião se dava isto, porque n'este mesmo tempo chegavam satisfatorias noticias da villa das Alagôas, transmittidas pelo sargento-mór Manoel Lopes, a quem, como dissemos, incumbira o governador da tarefa de auxiliar de mantimentos e de gente o arraial de Fernão Carrilho, de que mandando uma expedição de vinte e cinco homens, commandados por João Coelho e Manoel de Sampaio, a correr os campos de S. Miguel, o fizeram com tanto acerto e felicidade, que, encontrando com um grupo de negros, que fugia acossado pelos nossos do arraial do Senhor Bom Jesus, destroçaram-o, ficando alguns mortos e outros prisioneiros, por quem se soube que commandava-os o Gangasona (irmão do rei), negro poderoso e tido nos Palmares como rei tambem, o qual, desesperado da resistencia e do aperto, que por todos os lados soffria dos nossos, se afastava precipitadamente, desconfiado da sua má sorte e infelicidade, para evitar perigo certo.

Tambem outra nova chegára a proposito, de maximo interesse, e foi que o capitão Francisco Alves Camello, com cento e quarenta homens, internando-se pelos mesmos campos de S. Miguel, pelo interesse proprio e do real serviço, fazendo as despezas da jornada por conta de sua fazenda e bens, fizéra assento n'aquellas matas para d'ahi com assaltos perseguir os negros que se retiravam, e que expedindo uma força de oitenta homens a descobrir campo e bater as matas, nas margens do rio Mundahú, que lava as fraldas de dois montes muito altos e incultos, encontraram com grande numero de negros escondidos entre os penedos e matas, que o rio e os montes formam; porém a confiança em si dos nossos foi causa d'elles primeiros nos avistarem e darem uma descarga, ferindo mortalmente alguns dos nossos; pelejou-se então n'este sitio cêrca de quatro horas, ferindo-nos mais tres homens; d'elles ficaram

oito mortos e muitos feridos, e ficando nossa gente senhora do campo, onde acharam-se duas armas de fogo e algumas flechas.

Depois d'este encontro queimaram os nossos mais alguns mocambos, e n'estes prenderam-se vinte e seis negros, matando-se alguns, entre os quaes dois chefes, sendo um d'elles sobrinho do Gangasuma, e o outro irmão do Bangola; tambem prenderam a mulher do Gangasona, com dois filhos mestiços.

Eram estes por certo o resto dos que fugiram dos assaltos dos nossos do arraial do Senhor Bom Jesus, e se espalhavam para o lado da villa das Alagôas, esperando encontrar algum descanso n'essa paragem; porém o previdente governador da capitania havia tudo disposto para o total aniquilamento dos Palmares, querendo sua boa estrella que fossem as providencias tomadas tão a tempo, que nenhum caminho deixou desamparado para combatêl-os e conquistal-os.

Todas estas noticias recebeu-as D. Pedro justamente com a chegada ao Recife do capitão-mór Carrilho e do sargento-mór Manoel Lopes; e tomando em consideração todas ellas, as opiniões dos dois distinctos chefes, que muito conceito mereciam em seu juizo, concluiu e com razão, que os quilombos dos Palmares achavam-se destruidos, e o resto dos negros erravam sem destino, espalhados em desordem, e por isto projectou chamal-os a si, propondo-lhes paz para a pacificação total.

Do conceber a realizar esta idéa foi pouca demora, e para isso escolheu um alferes, acostumado áquellas marchas e conhecedor d'aquelles sertões, para procural-os, e dizer-lhes que o capitão-mór Carrilho preparava-se para voltar a destruir seus restos e não deixar um só inimigo com vida; — que, se elles queriam viver em paz com os brancos,

elle lhes assegurava, em nome de el-rei, toda a união e bom tratamento, e lhes concederia posição certa para suas habitações e terra para suas roças ; — e se lhes entregariam as mulheres, filhos e netos, que estivessem prisioneiros e captivos, e os conservaria em seus postos e cargos, sendo que o denominado rei ficaria como mestre de campo de todos os nascidos nos Palmares, os quaes lograriam os fóros de vassallos de el-rei para ficarem debaixo do auxilio de nossas armas, e para servirem ás nossas bandeiras, quando a occasião o exigisse, ficando livres do captiveiro todos os que nasceram na sua liberdade.

Diz a historia : — Passados estes successos, alegres os povos com os triumphos alcançados, livres os soldados das marchas, socegados os moradores dos insultos dos negros, e recebendo D. Pedro as felicitações, e parabens por tanta fortuna e felicidade, correram os mezes seguintes até 13 de Abril em que D. Pedro teve de entregar o governo da capitania a seu successor Ayres de Sousa, época em que se confirmava a verdade do occorrido, dando a este por conseguinte parte das glorias alcançadas por aquelle ; e de facto fazer guerra de tal genero, com tal gente, com meios tão desproporcionados, é cousa admiravel.

O rei Gangasuma, sabendo d'isto, ou por se julgar, com a propria experiencia, incapaz de resistir a outros assaltos, ou se receiando da adversa fortuna, ou por outras intenções que não podemos descortinar, aceitou a proposta de D. Pedro ; e aos 18 de Junho, em um sabbado á tarde, vespera do dia em que na parochia do Recife se fazia a festa de Santo Antonio de Lisboa, entrou na praça o alferes que havia ido n'aquella commissão, trazendo em sua companhia dois filhos do rei e mais dez negros dos mais importantes d'aquelles quilombos, que vinham, na fórma da proposta, se prostrar aos pés de D. Pedro, enviados pelo

rei Gangasuma para que em seu nome lhe rendessem vassallagem, lhe pedissem paz e amizade, e lhe dissessem que só elle podéra conseguir com felicidade aquillo que tantos governadores, e tantos cabos maiores intentaram e nunca poderam alcançar, o conquistal-os; — que elles alli iam render-se e sujeitar-se ao seu dominio; — que não queriam mais guerra, e só procuravam salvar as vidas dos que restavam; — que estavam sem cidades, sem recursos de alimentos, e, o que é mais, sem mulheres nem filhos; — que D. Pedro dispuzesse d'elles conforme sua vontade o determinasse.

Este notavel acto, a confissão assim do rei, era a confirmação dos serviços reaes prestados por Carrilho e por Manoel Lopes, e da verdade dos feitos alcançados.

Notavel foi o alvoroço que causou a vista d'aquelles barbaros, porque vinham despidos, e apenas com as partes naturaes cobertas: traziam uns a barba em tranças, outros com postiças barbas e bigodes, e outros raspadas e sem mais nada; todos corpolentos e robustos, armados de arcos e flechas, trazendo sómente um arma de fogo. Vinha a cavallo um dos filhos do rei por trazer ainda aberta a ferida de uma bala que na peleja recebêra.

Todos foram se prostrar aos pés de D. Pedro, batendo as palmas como signal de sua rendição, e em protestação de sua victoria pediram-lhe, como ordenára o seu rei, a paz com os brancos, como era da vontade d'elle e dos mais potentados que escaparam ao furor da nossa resolução.

D. Pedro de Almeida os recebeu com muito contentamento, e não querendo para si só as glorias de tão assignalado serviço os remetteu ao novo governador Ayres de Sousa para que tivesse elle tambem parte na realisação da grande obra; prostraram-se tambem todos á seus pés, dizendo-lhe que não queriam mais guerra; — que seu rei

os mandava alli solicitar a paz e concordia com os brancos ;— que se vinham humildemente submetter-se ás suas disposições e vontade; — queriam ter com os moradores commercio e trato, e aspiravam a ser vassallos de el-rei para o servirem em tudo que lhes fosse mandado, só pedindo liberdade para os nascidos nos Palmares, e que entregariam os que para elles tinham fugido das nossas povoações e fazendas, e abandonando os Palmares, e designando-se-lhes um sitio para suas habitações e roças.

Grande foi o prazer com que o governador Ayres de Sousa os recebeu, e singular a complacencia com que se viu adorado por aquelles inimigos; tratou-os com summa affabilidade, fallou-lhes com grande brandura e prometteu-lhes tudo fazer por elles; mandou vestil-os e enfeital-os com fitas vermelhas, com o que ficaram contentissimos. O povo todo applaudiu a felicidade de D. Pedro e a benêvolencia de Ayres de Sousa.

Marcou-se o seguinte dia, 20 de Junho, para darem-se graças a Deus Nosso Senhor e ao glorioso portuguez Santo Antonio, na igreja parochial do Corpo Santo, do Recife, pela mercê alcançada com a obediencia d'aquelles barbaros inimigos a tanto tempo rebellados.

O governador Ayres de Sousa e D. Pedro, com grande sequito e acompanhamento de povo, levando diante de si aquelles mensageiros, na manhã do dia aprazado foram cumprir esse dever.

Estava a capella-mór da igreja ricamente adornada de sedas; o Senhor achava-se exposto em um throno vistosamente armado e muito illuminado; ajoelhou-se Ayres de Sousa e todos se prostraram em adoração ao Senhor. O povo em massa, que concorreu a vêr tão grande novidade, applaudia e admirava tanta pompa: grandes, pequenos, brancos, negros, todos manifestavam o prazer da festa

e da novidade, multiplicando-se as glorias pelos bens alcançados.

Quiz então o governador que elles se baptizassem para que com a nova vida da graça começassem a lograr os beneficios da paz concedida; e como os proprios negros desejassem receber o baptismo, foi prudente aproveitar a opportuna occasião para que com maior anciedade se empenhassem no intento a que vinham. Cantou-se solemne missa, e, subindo ao pulpito o vigario da mesma parochia, não faltou em dar a Deus as graças que se lhe deviam, nem a Santo Antonio as glorias que lhe redundavam, nem tambem aos dois governadores os parabens que eram merecedores.

Terminada esta acção de graças, recolheram-se todos na mesma ordem, cheios de prazer, e D. Pedro por vêr realizado aos olhos de todos tão grande serviço: acima ficaram bastantes exemplos do quanto lhe custou alcançal-o.

Os negros ficaram admiradissimos do quanto viram, summamente contentes do apparato da igreja, e admirados da grandeza dos governadores, da multidão do povo e do seu agrado.

No seguinte dia convocou o governador Ayres de Sousa todos os grandes a conselho, para que concertassem na resolução mais conveniente a tomar para assegurar a paz que se pretendia fazer, e achando-se presentes D. Pedro, o senado da camara, o ouvidor-geral Lino Camello, o procurador da fazenda real João do Rego Barros, e os sargentos-móres Manoel Lopes e Jorge Lopes Alonso, consultou o governador sobre o requerimento do rei dos Palmares, em que pedia paz, liberdade, sitio para habitar, e entrega das mulheres e filhos. D. Pedro de Almeida, que tinha dirigido e encaminhado todo aquelle negocio, que tinha experimentado e bem pesado todas as difficul-

dades e conveniencias d'aquella conquista, discorrendo sobre o assumpto, votou com singular acerto; parecer aceito por todos presentes, que, applaudindo as idéas de D. Pedro, concordaram com sua opinião, e foi: que se assentasse a paz com o rei dos Palmares, aceitando-se a sua obediencia; que se lhes desse o sitio que elles designassem ou escolhessem, capaz para as suas habitações e plantas; que a elle se recolhessem no espaço de tres mezes; que seriam livres os nascidos nos Palmares; que restituiriam todos os fugidos das nossas povoações; que teriam commercio e trato amigavel com os brancos; que lograriam os fóros de vassallos de el-rei; que ficariam obedientes ás ordens d'este governo; que o rei d'elles ficaria sendo mestre de campo de toda a sua gente, e que se lhes entregariam as mulheres do rei e dos mais potentados. E duvidando-se em conselho se seria o rei Gangasuma capaz pelo seu poder de submetter ao nosso dominio, algum outro quilombola remisso, que vivesse distante dos seus mocambos, respondeu o filho que o rei conduziria a todos, e quando algum por insubordinado e insolente repugnasse a nossa e sua sujeição elle o conquistaria, e daria guias ás nossas armas para que o desbaratassem; e em seguida assignalou a parte que desejavam como mais conveniente para sua habitação, que era uma dilatada mata, que jazia pelas cabeceiras de Serinhaem e Rio Formoso, que chamavam— Cucaú — onde não faltavam palmeiras para o seu sustento. Com este parecer e explicações se assentou a paz, se concedeu o sitio desejado e se concluiu o conselho; e de tudo mandou o governador Ayres de Sousa fazer auto, para que os negros levassem por escripto o que se havia resolvido em conselho, e assim os despediu em companhia de um sargento-mór do terço.

Eis os felizes successos que se deram ao principio no

extenso theatro dos Palmares, e que de grande effeito deveriam ter sido para o paiz se o tino e boa vontade do novo governador da capitania fosse os do seu antecessor.

Até aqui acompanhámos um manuscripto de 1678 (Bibliotheca Publica Eborense, cod.: CXVI — 2 — 13 — a n. 9), que nos deixou embalados em uma paz firmada com os chefes dos Palmares, que parecia duradoura e a contento de todos, concluindo-se assim com o cancro arruinador, que devastava a riqueza do paiz, internado em quilombos na melhor das florestas do Brasil; mas, longe de amadurecer não uma tentativa de idéa feliz, mas sim um facto consummado, como fôra o accordo de 21 de Junho, a paz aceita por todos, vemos estragado tudo quanto se havia feito, e a guerra continuar no governo de Ayres de Sousa mais sangrenta e desesperada do que nunca, mandando o proprio Ayres de Sousa e Castro, mezes depois, no seguinte anno de 1679, uma expedição contra elles (primeira e unica), dirigida pelo capitão de infantaria João de Freitas Cunha; tentativa infeliz que soffreu grandes damnos nas marchas e tremendo revez no encontro, e que, dando ao inimigo toda gloria e soberbia de animo, os tornou mais enfurecidos que d'antes.

Seria traição de Gangasuma em aceitar a paz para assim obter a restituição de sua mulher, filhos e netos prisioneiros, burlando a intenção de D. Pedro de Almeida?

E assim estiveram assomados até 1695, em que o então governador Caetano de Mello e Castro, de accordo com o governador-geral D. João de Lencastre, fez marchar sete mil homens sob o commando do mestre de campo Domingos Jorge Velho, que foram tambem repellidos na primeira tentativa, com perdas consideraveis, fazendo então retirada sobre Porto Calvo.

E' que elles, melhor considerando, achavam-se todos

reunidos em um só ponto, e com a paz de 16 annos e as lições bebidas na experiencia se tinham tornado fortes.

Tornando-se então vergonhoso retroceder na tentativa, e reconhecendo-se que da falta de artilharia dependeu o bom exito da empreza, foi mandado o capitão-mór Bernardo Vieira de Mello, com reforços e artilharia, que pôz termo á luta, abrindo com os projectis as portas da fortificação para dar entrada aos nossos.

O desfecho ou conclusão d'esta campanha é já bastantemente conhecido dos homens que estudam a historia patria, e por isto fazemos aqui

FIM.

HISTORIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO

E

FEITOS MEMORAVEIS DO MESTRE DE CAMPO

JOÃO FERNANDES VIEIRA

Heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra.

POR

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

(*Continuada da pag.* 195 *d'este tomo*)

Livro Segundo

CAPITULO I

Da origem e causas da acclamação da liberdade de Pernambuco, e outras cousas tocantes d'esta historia.

Pelo decurso da historia até este ponto escripta terá visto o curioso leitor as variedades das cousas humanas, principalmente das que aconteceram nas capitanias de Pernambuco, cujos moradores antes de vir esta gente de Hollanda eram tão bem afortunados e venturosos, chegando depois ao mais infimo lugar de infelicidade e desgraça, que, como diz o famoso historiador Herodoto: *Humanarum rerum circulus est, qui rotatus semper*

eosdem fortunatus non sinit. Que a roda da fortuna (a seu modo de dizer), como é instavel e pouco firme, não consente que sempre os homens sejam bem afortunados e felizes. D'esta sorte os miserandos moradores de Pernambuco, em tantos annos continuos de guerra, padeceram immensos trabalhos e innumeraveis infortunios de grandes calamidades,como se tem visto e é a todo o mundo notorio,supportaram grandes trabalhos, vendo-se expulsos e lançados fóra da sua villa de Olinda e Recife, e outros das terras que habitavam, pobres, cercados de miserias; depois com as armas (defendendo a campanha dos hollandezes Mathias de Albuquerque) sempre de continuo para se defenderem do inimigo que tanto poder tinha no Recife, d'onde sahia a dar tão continuados assaltos, fazendo nos moradores tantos damnos e roubos, como resumidamente tenho no passado livro escripto.

Depois de passados cinco annos, e retirados Mathias de Albuquerque e o conde de Bagnuolo, ganhadas as forças do Arraial e de Nazareth, ficaram sujeitos ao rigoroso e cruel jugo dos hollandezes, passando um miseravel e insupportavel captiveiro por espaço de dez annos, soffrendo innocentes tantas mortes, tantos tormentos, tão asperrimos martyrios, tão ignominiosas affrontas e vituperios, como se tem visto, que se não fôra particular auxilio de Deus, parece cousa incrivel e impossivel poderem homens humanos supportar tão grandes infortunios, e tão acerrimos e crueis tyrannos, que como lobos carniceiros, vorazes tigres e famintos leões, lhes tiravam a vida, lhes bebiam o sangue, lhes davam tantos martyrios, lhes faziam tantos opprobrios, lhes levantavam tantos testemunhos falsos, lhes armavam tão rigorosos laços, lhes machinavam tantas traições, lhes faziam tantas ciladas, que na verdade só corpos de ferro, de bronze, que digo? de diamante,

poderam supportar tão exorbitantes maleficios e tão iniquas tyrannias, e não sómente perdiam as vidas e as fazendas, mas tocavam-lhes nas pupillas dos seus olhos, quando na religião e honra lhes tocavam, e no intimo da alma; vivendo uma miserrima e tristissima vida, em uma republica tão avexada de tributos, e tão falta de justiça e clemencia; e assim quando ella está fundada sobre estes pólos se póde chamar venturosa, firme e digna de ser desejada de todos, vivendo n'ella os moradores honesta e santamente, como bem disse o celebre historico Polibio por estas palavras: — *Ille republicæ status optabilis et firmus est in quo privatim sanctè innoxiè que vivitur, et publicè justitia et clementia urgent.*

Entre tantos trabalhos e infortunios sempre viveram com esperança de que seu rei, por ser tão poderoso, como n'aquelle tempo o era el-rei de Hespanha, que então o era de Portugal, os libertasse de tão ignominiosa servidão, e que não havia de consentir que estivesse muito tempo sujeita uma terra tão excellente, e de tanto proveito e utilidade para Portugal, e sobretudo de christãos, a uns homens, não sómente apartados da igreja catholica romana, mas inimigos capitaes seus, e vassallos rebellados contra seu proprio rei e senhor natural, que não sómente lhe negavam a obediencia, mas ainda lhe tomavam, conquistavam e usurpavam as terras de sua monarchia, e punham debaixo de seu dominio e imperio os moradores d'ellas, vassallos seus, que em uma cousa insupportavel, não tendo nenhum direito para as usurparem e occuparem, salvo serem cubiçosos do alheio, e o peior é que eram mercadores, e tinham feito companhia ou bolsa para lhe fazerem tanto damno, e o que mais sentiam os moradores de Pernambuco, que foram sempre homens de grande timbre e opinião, verem-se sujeitos a quatro mercadores, que

se fôra a outro rei e principe não sentiriam tanto sua servidão.

Porém como o entendimento humano não póde comprehender o que o divino determina e ordena, por ser incomprehensivel, e não se lhe poder dar alcance, como quem governa as cousas com summa sabedoria e providencia (posto que bem conheciam os moradores, mas com pouca emenda, que estes males lhes causavam os peccados passados e presentes, e que Deus é justo, e recto juiz em premiar e castigar), sempre os enganou esta esperança, porque tantos soccorros, tantas armadas, tantos soldados, tantas munições e outras muitas cousas, não foram bastantes a restaurar estas capitanias, e parece que lhes mostrava Deus ante os olhos, para terem maior magoa em seus corações, não surtirem o effeito que desejavam, e o que mais derribou o animo aos miseraveis moradores,foi verem com seus olhos a armada tão grossa e poderosa, com que veiu o conde da Torre avistar o Recife por duas vezes, sem fazer nenhum effeito como os mais soccorros; assim que algumas vezes tinham paciencia e outras se viam tão opprimidos com as tyrannias dos hollandezes, que quasi chegavam á ultima desesperação em um perpetuo captiveiro, e o que mais os affligia era vêr que pelo tempo em diante, morrendo, deixavam seus pequenos filhos que como tenras plantas podiam prevaricar na fé de seus pais, e se dobrarem e inclinarem á alguma má doutrina, porque ficavam como cordeiros entre arraposados lobos, que, como temos escripto, procuravam extinguir a fé catholica romana, e expellir e lançar com muitas véras os sacerdotes da terra. Assim, que atribulados pediam a Deus continuamente que ouvisse suas humildes orações e que os não desamparasse em tanto aperto nem a seus filhos. Outros, depois de considerarem e preverem o que no tocante á religião pelo

tempo em diante poderia succeder, os acompanhava um grande temor e receio que estes homens poderiam por força, como muitas vezes viram fazer, obrigar sua filhas a que casassem com flamengos; e que, como as mulheres são pela maior parte frageis e variaveis, as poderiam attrahir a seus depravados erros, ou por violencia ou por brandura, e os filhos que houvessem com facilidade fariam os pais que abraçassem e seguissem sua falsa doutrina.

Isto era o que mais os atormentava e trazia em continuas imaginações desvelados; porém como Deus nos maiores trabalhos, e quando já quasi está a esperança do bem mais perdida e desconfiada, costuma acudir com seu divino auxilio, como diz extremadamente um historico: — *Non parvis rebus Deus suum auxilium adferre solet sed tum potissimum quando spessuper est minimum* — Abriu uma porta, fez patente um caminho bem pouco esperado, por onde os moradores alcançassem a desejada liberdade, lançando do collo o jugo tão pesado do captiveiro, com que tão opprimidos estavam, e inda maior e mais duro que o que suportavam os filhos de Israel no Egypto, porque a estes não lhes tocavam os egypcios, como consta em sua religião, nem lhes faltava o sustento necessario, porque com se verem na abundancia no deserto suspiravam pelo sustento das carnes do Egypto, nem padeciam outras muitas vexações, mortes, tormentos, como estes homens soffriam.

E não se passaram muitos annos depois da feliz acclamação de el-rei D. João o IV de Portugal, senhor natural d'estes opprimidos moradores, que com esta venturosa nova começaram a cobrar novos animos e a resuscitar o valor portuguez, a deitar fóra a cobardia do pusilanime jugo e dominio de el-rei de Castella, posto que catholico elles soffressem o de uns mercadores contrarios á nossa religião

catholica romana, e parece que foi particular providencia de Deus e grande mysterio que, assim como os portuguezes acclamando a el-rei D. João, se libertaram do dominio castelhano, ficando Portugal em sua antiga liberdade. Este Pernambuco, que chamam a Nova Lusitania ou novo Portugal, teve um homem (e tem hoje) com o nome venturoso de João, que na lingua hebraica significa boa graça, o qual com sua bondade, boa graça, affabilidade, liberalidade e outras virtudes moraes de que foi dotado, veiu a ser o impulsor e origem d'esta venturosa liberdade, quando os moradores estavam em tão infimo gráo de miseria, tão derrocados, tão opprimidos, com tão pouco animo e tão vexados da tyrannia hollandeza, tão attribulados com imaginações, tão carregados de tributos e tão faltos do necessario, como pelo decurso d'esta historia se tem visto, e ponderado, que como era tyrannico este imperio e dominio dos hollandezes, assim o permittiu Deus que durasse vinte annos por ser violento e forçado, que como se verifica n'aquelle celebre axioma do direito que diz: *Dè malè acquisitis non gaudebit tertius haeres et Tito Livio malè parta, malè retenta, malè gesta abruuntur.* Os reinos e senhorios que se conquistam sem direito nem razão á força de armas em breve acabam. Digo que durar vinte annos aos moradores, que tantos infortunios e miserias padeceram, lhes pareceu vinte mil, estiveram sujeitos á campanha dez, afóra os annos antes que tiveram tanto poder com que assaltavam os moradores e iam ganhando suas terras os hollandezas.

Em resolução darei fim a este capitulo com uma prophecia de Isaias, que parece que está mostrando a tyrannia e crueldades, que usaram estes tyrannos soberbos e poderosos gigantes, e como ficou Pernambuco quieto e livre d'este captiveiro, e as prosperidades e bens que com esta

nova liberdade ha de vir a gozar. *Quomodo cessavit ex actor quievi tributum? Contrivit Dominus baculum imperiorum, virgam Dominantium: caedentem populos in indignatione plaga insanabili subjicientem infaro regentes persequentem crudeliter. Conquierit et siluit omnis terra, gavisa est et exultavit, etc.* Quer dizer: como cessou o arrecadador, cessaram os tributos; quebrou Deus o baculo dos impios e mãos, e a vara dos que dominavam, e com que feriam e castigavam os povos com grande indignação, e que sujeitavam com grande furor as gentes, e com uma ferida e chaga incuravel, perseguidos cruelmente; finalmente, descansou e ficou quieta a terra; contente e alegre saltou de prazer. Esta prophecia escreve o doutissimo mestre de theologia Fr. Luiz de Sá, attribuindo-a'a Portugal na acclamação de el-rei D. João o IV. Veja o curioso leitor como quadra bem a estas capitanias de Pernambuco, tão opprimidas com o imperio dos hollandezes, tão carregados de tributos, e como Deus Nosso Senhor lhes quebrou a vara de seu rigor, com que castigavam, davam tantos tormentos e tiravam as vidas á tanta gente, que parecia esta uma chaga e ferida incuravel, vendo que com tantas armadas e soccorros nunca se poderam vêr livres do captiveiro, e como lhes veiu a medicina tão pouco ou quasi nada esperada, e como ficaram os moradores quietos e livres de quem lhes fazia tantos males, e depois pelo tempo em diante quebrou Deus a vara do rigor hollandez, tantas vezes como n'esta historia com o divino favor iremos relatando, dando tão insignes victorias aos portuguezes nas Tabocas, Casa Forte e n'outras muitas occasiões, e nos montes Guararapes ficando o baculo ou sceptro de seu dominio tão quebrado, e tantos, dos que imperavam e mandavam, sem vida.

CAPITULO II

Breve discurso da vida, principio e costumes de João Fernandes Vieira, e do grande estado que teve em Pernambuco, e como principiou a famosa facção da liberdade dos moradores d'estas capitanias.

A famosa e notavel ilha da Madeira, que tomou o appellido por seus copados e altos arvoredos, é fertilissima de todas as cousas necessarias para a vida humana, cousa a todos patente e notoria, cujos assucares são extremados e seus vinhos de todos louvados; está toda cercada de altos e ingremes rochedos, e por essa causa inexpugnavel, abundante de trigo e copiosa de peixe, e muito numero de gado e outros animaes, grande quantidade de gallinhas, perdizes, coelhos, pombas e outros generos de aves. Seu descobrimento refere largamente João de Barros na primeira decada da sua *Asia*, onde o leitor póde vêr assim sua descripção e qualidades, como seu descobrimento, e o muito que rendiam seus engenhos de assucar, que parece cousa incrivel os muitos que n'ella havia; e quando se descobriu, estando toda coberta de arvores, lhe puzeram o fogo, e d'ahi a cinco annos, tornando a aportar a ella os descobridores, acharam que andava ainda ateado o fogo; e outras muitas particularidades escreve copiosamente o autor acima apontado e outros modernos.

E' habitada de gente nobre, valorosa e benigna, principalmente aos estrangeiros, que de diversas partes a ella concorrem por gozarem seus bons ares, e excellentes frutos e saudaveis aguas. A cabeça d'esta ilha é a illustre cidade do Funchal, que é cathedral do bispo, assim d'ella, como das ilhas circumvizinhas, a qual está edificada na enseada d'esta ilha, e cercada de fortes muros e castellos, bem

guarnecidas suas forças de gente de guerra e boa artilharia. Foi sempre leal a seu rei e senhor natural, gozando de nobilissimos privilegios, nobre por seus moradores, famosa por seus edificios e templos, nomeada por sua opulencia e commercio, e, em resolução, patria de João Fernandes Vieira, impulsor e executor da liberdade das capitanias de Pernambuco, que com muita razão devem render as graças e estimar em muito; cidade d'onde se lhes originou tanto bem, que, posto que elle era já quasi natural e patricio de Pernambuco, havia tantos annos, desde sua puericia, morador n'elle, comtudo a cidade do Funchal n'esta ilha da Madeira foi onde nasceu e passou os primeiros annos de sua mocidade, e n'ella foi criado, nascendo de nobres pais, e doutrinado conforme a qualidade de sua pessoa, instruido assim nas primeiras letras, como nos bons costumes com que os nobres costumam doutrinar seus filhos. e já n'aquella tenra idade mostrava o generoso coração, e excellentes acções e virtudes com que a natureza o esmerou tanto, occupando-se em exercicios nobres em que gastava o tempo, mostrando sempre um brio e espirito muito differente dos outros moços com quem passava a idade da puericia, muito affeiçoado ás cousas da guerra e virtudes moraes a que era inclinado, sendo de boa inclinação, signal certo de seu generoso animo, que, como diz Seneca—*Magnanimi est proprium placidum esse.* Era muito apartado de todo o genero de vicios, virtuoso, verdadeiro, cousas que, diz Demosthenes, excellente orador grego, que fazem perduravel o estado de um varão nobre. *Impossibile est injustum perjurum et mendacem potentiam firmam possidere.* Era mui apartado de todo o genero de vicios, e sentia em seu coração um movimento e abalo que o incitava a cousas grandiosas, com um pensamento altivo, e assim conversava com os moços mais nobres e briosos, seus contemporaneos.

E posto que diga Aristoteles que não se póde chamar feliz o moço que não tem inteira e perfeita idade, com absoluta virtude e esforço: *Puer non potest dici beatus oportet enin cum absoluta virtute tum vita integra et perfecta.* Comtudo parece que já n'aquella puericia mostrava uma discrição e generosidade de animo como se fôra perfeito varão, e desejando de executar o generoso espirito de que era dotado, e aspirar á cousas grandiosas e superiores, sem pospôr diante dos olhos os trabalhos que acompanham a quem deseja chegar a sublimes estados de honra e fama, como forte e de generoso animo, que, como bem diz um historico douto: *Viris fortibus et generosis nullus laborem finis est, eorum prosertem, qui ad gloriam et decus ducunt.* Determinou a pôr em effeito deixar sua patria, sendo de tão pouca idade como era, a de 11 annos, mas a prudencia de varão perfeito, e sendo que todos amam summamente suas pátrias, e desejam de as vêr e gozar, posto que sejam prudentes como Ullysses, que, como bem o dá a entender Ovidio por estes versos:

> « *Non dubia est Ithaci prudencia sed tamen optat*
> *Fumum de patriis posse videre focis*
> *Nescio qua natale solum dulcedine cunctos*
> *Duci et immemores non senit esse sui.* »

Comtudo, como diz a verdade—*Nemo propheta in patria sua*—quiz imitar a muitos illustres varões que peregrinaram, deixando a patria, por muitas terras para virem a alcançar cousas grandiosas e magnificas, como das divinas e humanas letras consta. De sua patria sahiram o patriarcha Abrahão e Jacob, quando disse: *In baculo meo transibo Jordanem.* E lhes fez Deus tantos bens e deu tão grandioso estado com que tornaram para a amada patria, e outros muitos, como é notorio. Homero introduz na sua *Odysséa*

ao prudente e sabio Ullysses peregrinar por diversas terras do mundo para aperfeiçoar a sua prudencia e costumes, e alcançar grande fama. O mesmo faz Virgilio, pintando ao famoso Enéas, que, deixando sua patria, veiu a ser rei e senhor dos povos latinos, e outros de que as historias largamente contam.

Assim que João Fernandes Vieira, da idade de 11 annos, partiu para o Brasil, de sua patria a ilha da Madeira, e chegou á capitania de Pernambuco e villa de Olinda, onde procurou o commodo da vida por todos os caminhos licitos até idade de 17 annos, mostrando sempre o generoso animo que tinha e grandes brios, e n'estes seis annos, que vão de 11 a 17, tomou conhecimento com dois homens para sustentar a vida, trocando o que em sua patria passava, desprezando suas delicias por esta outra, para que com os trabalhos se acostumasse a experimentar os casos de sua fortuna, o que na patria não podéra conseguir; que, como affirma o divino Platão: *Arbor pluribus quam conveniat frutilo gravida nimium lunuriat ubertate*: que a arvore opulenta e carregada com o demasiado fruto vem a viciar. E para alcançar a virtude do animo hão de se experimentar os trabalhos da humana vida.

Vendo estes homens o bom proceder e virtude de João Fernandes Vieira o trataram sempre com grande cortezia, pondo-o á sua mesa; e de idade de 17 annos teve sempre sua casa, indo sempre em augmento, mostrando os quilates da sua origem, que como se diz n'aquelle celebre e vulgar proverbio: *Leo ex em guibus dè inoscitur*. Pelas unhas se conhece o generoso leão; e o mais d'este tempo viveu sempre á lei de nobreza, com seu estado, mas não era muito que vivesse d'este modo quem era nobre. Teve n'este tempo e pelo decurso de sua vida algum negocio de mercancia, de grande cabedal, que veiu a importar mais de milhão e

meio, indo-lhe Deus augmentando seu estado, que chegou a ser senhor de dezeseis engenhos de assucar, em que tem cento e trinta leguas de terra povoadas em differentes partes, tendo n'ellas mais de dois mil escravos captivos, que cada um d'elles lhe custou duzentos cruzados, e mais de mil bois mansos de carros, que cada um valia 20$; quatro mil vaccas parideiras, doze cavallos na estrebaria, dos melhores que havia na terra. Valia o ornato de sua casa mais de quinze mil cruzados, que no Brasil foi singular n'esta grandeza. Tinha ricas joias e prata de serviço, e moedas de ouro de grande valor, e valia o que tinha n'estas tres especies melhor de oitenta mil cruzados. Tinha grande quantidade de todos os mais gados de animaes nas suas fazendas; todos os passatempos graves teve sempre em sua casa, como eram musicos, os melhores que havia, mestre de letras e de armas, e pintor de fama. Pagava todos os annos de soldada de pagens e criados, que tinha por suas fazendas, dez mil e tantos cruzados. Gastava ordinariamente e gasta grande quantidade de dinheiro no culto divino, augmentando muitas confrarias, edificando igrejas e reformando outras cahidas; e foi singular em ser defensor da religião catholica romana em tempo dos hereges flamengos, que á custa de sua muita fazenda os convencia. Casava ordinariamente todos os annos muitas orphãs; geralmente dá muitas esmolas, sendo por sua livre e benigna condição muito bemquisto de todo o povo, e principalmente dos mais honrados e christãos, e o era tanto que cada vez que adoecia se faziam geralmente em todas as igrejas grandes rogativas a Deus por sua saude, porque com sua morte se dava o povo por desamparado e no tempo da guerra por perdido.

No tempo que governaram os flamengos deu vida a muitos homens portuguezes que estavam sentenciados á morte, e com sua fazenda os livrou, como foi a Pero da Cunha de

Andrade, homem principal e fidalgo; a Arnáo de Hollanda Barreto, tambem principal da terra, com toda a sua casa e familia, o qual em agradecimento lhe dava mil patacas em dinheiro, que elle não quiz aceitar, e o mesmo fez a um Belchior da Rosa, morador em Paratibe, que estava na prisão em ferros para ser morto, e o fez soltar e ir para sua casa livre, e lhe dava em agradecimento trezentas patacas, que elle não quiz aceitar. Tambem o fez assim a Jeronymo da Silva, morador na freguezia da Muribeca, e à Gonçalo Pires, Gonçalo de Almeida, João Affonso e João Jorge, Antonio Martins, e á outras muitas pessoas principaes que estiveram presas, e isto por ter grande amizade com Jacob Stachouwer, um dos do supremo conselho, e outros muitos que fez embarcar, dando-lhes as matalotagens para o mar, e fez muitas esmolas e caridades aos homens que vinham ao Recife, que os hollandezes haviam roubado no mar ou traziam de outras partes, principalmente de Angola quando a tomaram. Sustentava a todos os soldados que vinham á campanha de Pernambuco e se amparavam d'elle, e lhes dava os avisos de tudo o que era necessario e avisava por cartas á Bahia.

Por sua industria e meio se converteram cinco judeus á fé de Christo, Senhor nosso, e se baptizaram, de que de todos foi padrinho, aos quaes favoreceu e deu de sua fazenda; e tambem por sua industria se converteram dois hereges, e fez outras obras meritorias e de caridade que a todas estas capitanias são notorias. Casou com uma mulher de 13 para 14 annos de idade, das mais nobres da terra, chamada D. Maria Cesar Beranger, filha de Francisco Beranger, homem nobilissimo que sempre foi abalisado em feitos illustres nas armas pela parte masculina, e pela feminina da nobre casa dos Andrades, de que procedem os condes de Lemos.

Era aparentado com todos os principaes da terra por via de todos o tomarem por compadre e padrinho. Floresceu n'estes haveres, estado e opulencia até o anno de 1643, em que tratou por impulso divino da retauração d'estas capitanias de Pernambuco ; grandiosas cousas em tão pouca idade, prova bastante de seu grandioso animo, e bem se justifica a grande fé que todos tinham n'elle, pois só por sua ordem se levantaram contra o inimigo, e tomaram todos as armas e o acclamaram por seu governador.

Ha n'este sujeito grandes cousas para o governo de uma republica: na guerra é muito previsto, grande disposição e valor liberal de sua fazenda, e bem se tem experimentado isto nas guerras de Pernambuco ; tendo as partes requisitas que deve ter o summo capitão, como quer Cicero : *In summo imperatore quatuor hae virtutes in esse debent scientia rei militaris, virtus, authoritas et facilitas.* A saber : sciencia na milicia, esforço e valentia, autoridade para mandar e governar, felicidade e ventura para alcançar victorias, e emprehender grandiosos feitos nas armas. E' muito visto em duas razões de Estado ; na politica é geral e judicial, e sobre-tudo é dotado de todas as particularidades que são necessarias a um homem para viver no mundo. De outras muitas cousas d'este varão insigne podéra fazer um largo, diffuso e encomiastico penegyrico, que por brevidade deixo, e sómente escrevo o mais essencial, para que se veja, que estando em meio de todas estas bonanças e prosperidades, sendo senhor absoluto, não querendo servir os cargos todos da republica, passando a vida com todos os regalos para a vida humana necessarios, não lhe faltando cousa alguma, tudo pospôz, não se lhe dando nada de tantos bens, arriscando sua vida e estado grandioso sómente por zelo da honra de Deus, sendo saqueados e abrasados seus templos, e feitas as imagens sagradas

pedaços, e os sacerdotes, uns mortos contra toda justiça, e outros embarcados, e os poucos que ficavam opprimidos, e arriscados a lhes fazerem o mesmo; e em segundo lugar, por livrar o miseravel povo de tantas tyrannias, injustiças, roubos, homicidios, ignominias e insolencias, quantas têm usado os hollandezes, e considerando a venturosa acclamação de el-rei D. João, o 4° de Portugal, e que tinham os moradores rei portuguez que os havia de favorecer e livrar do poder e sujeição de hereges, como tão catholico e christinissimo.

Estas cousas, considerando muitas vezes, quiz, como dissemos, arriscar a vida, tanta opulencia e tão grande estado, por vêr se podia livrar os miseraveis moradores de tão acerrimo captiveiro, e se punha a considerar comsigo que sendo no tempo passado os moradares de Pernambuco de tanto timbre opinião e honra supportassem e soffressem estar sujeitos á gente tão infima e refalsada, como a hollandeza, e dizia, que na verdade não se podiam chamar homens de timbre e nobres os que tal consentiam, porque melhor lhes era perder as vidas a troco da liberdade do que padecer uma continua morte civil de tão aspera sujeição, por ser cousa illustre e formosa dar a vida em troco da amada liberdade. *Pulchrum pro libertate mori*, como diz Joseph.

Um dia entre outros muitos, desvelado com este cuidado e impulso da liberdade, havendo discursado com seu bom juizo e entendimento muitas cousas tocantes a este ponto, se recolheu só a uma bem ornada camara de sua casa, em que estava um painel e n'elle pintadas as tres divinas pessoas e um só Deus verdadeiro, e sobre um bufete, que abaixo do painel estava, posto um devoto crucifixo, e pondo-se de joelhos, derramando muita copia de lagrimas, disse com fervoroso peito e inflammado coração: Altis-

simo e Poderossissimo Senhor, Padre Filho, e Espirito Santo, tres pessoas e um só Deus verdadeiro, não ha para comvosco, meu Deus e Senhor, fingimento, pois conheceis o mais occulto e intimo dos corações; e vós, como aquelle que tudo sabeis, sois testemunha de minha verdadeira intenção e vontade, e que o que me move, e incita a levantar-me e procurar a liberdade d'este affligido povo é sómonte o zelo de vossa honra; e vendo os vossos templos sagrados profanados e vossas sagradas imagens, com tanto vilipendio d'estes hereges tratados vossos sacerdotes, opprimidos e desterrados, e tantas donzellas a que tiraram a honra e desfloraram, e em segundo lugar por livrar este infeliz povo de tantas oppressões e tyrannico captiveiro, esta é a causa, assim o protesto diante de vós, a quem tomo por testemunha, e não attento, nem tenho respeito a interesses, nem glorias mundanas, pois os conheço por frageis e finitas; e o receio que tenho de nos deixarem sem sacerdotes, não me molesta o deixar meu estado e fazendas, pois como vós, meu bom Senhor, sabeis (e já o tinha assim determinado) me posso pôr muito a meu salvo na Bahia com minha familia e fazenda bastante para passar honradamente, e para com ella, mediante vosso favor, adquirir muito mais, mas sómente ,como torno a dizer, o zelo de vossa honra e por remediar tantos damnos dos proximos, de quem tanto me compadeço, me move a esta facção que intento.

Tendo feito a breve oração, parece que por impulso divino, ficava com tanto animo e alentado espirito, que lhe parecia que o coração lhe estava dizendo que commettesse a desejada empreza da liberdade; e assim d'aquelle dia por diante começou a dispôr, e ordenar as cousas necessarias para tão grandiosa acção e feito digno de eterna memoria, que sendo famosos apezar do tempo conseguem

para a futura posteridade uma perpetuidade que se conserva na memoria dos homens, largos e dilatados tempos.

CAPITULO III

Das preparações que foi fazendo Fernandes Vieira para conseguir o effeito da liberdade que intentava

Estando João Fernandes Vieira ordenando as cousas necessarias para surtir o effeito, que tão cuidadoso o tinha, succedeu que no mez de Setembro de 1644 veiu o tenente-general André Vidal de Negreiros, da Bahia ao Recife, com intento de ir visitar a seu pai e mãi á Parahyba, e se avistou com João Fernandes Vieira em sua casa, do qual foi alegremente recebido, e hospedado com muita largueza e liberalidade, e junto com elle veiu Fr. Ignacio, religioso de S. Bento, de conformidade, os quaes vinham a tratar com elle cousas importantes para o bem da restauração de Pernambuco, e elles tiram o estado em que a terra estava, assim de forças, como de gente, porque havia melhor de quatro mil homens soldados, fóra a gente do povo, assim da terra, como do mar, que, posto que não estavam na guerra, comtudo haviam sido soldados, e melhor de dois mil caboclos, que uns e outros estavam repartidos como moradores, que quando foi a occasião se tornaram a ajuntar ás armas, e em cada villa, freguezias e povoações tinham os flamengos seus quarteis aquartelados, que os moradores sustentavam á sua custa, e tudo notaram com toda a dissimulação e prudencia; e por o dito tenente-general escreveu João Fernandes Vieira ao governador Antonio Telles da Silva uma carta, visto a noticia que lhe

deram as duas pessoas acima nomeadas, pedindo-lhe soccorro para dar execução á facção, e n'ella lhe manifestava extensamente os trabalhos e as calamidades dos miseraveis moradores, e as tyrannias que os hollandezes usavam com elles, que já quasi desesperados estavam, resolutos de vender-lhes as vidas a troco de seu sangue e vingar suas crueldades, e em tempo que já tinham rei portuguez para os amparar, e pois elle Antonio Telles da Silva era governador e capitão-geral de todo o Estado do Brasil, e elles moradores de Pernambuco eram vassallos do dito Senhor, e o conheciam por seu legitimo e natural rei, e estavam apparelhados para dar as vidas, honras e fazendas, por serviço de Deus e de seu rei, que era obrigação sua acudir, amparar, e defender estes affligidos vassallos do dito seu rei e senhor, e juntamente de patrocinar á santa fé catholica, e não permittir que as falsas seitas de Luthero e de Calvino, e, o que peior era, o judaismo, se apoderassem dos corações e almas de tantos christãos, como em Pernambuco havia, e que quando lhes não mandassem o soccorro, que pediam e os mensageiros prometteram em nome d'elle governador, protestavam diante de Deus que todo o mal que lhes succedesse, a saber: estupros de donzellas, deshonras de casadas e viuvas, mortes de meninos innocentes e perdição de toda aquella provincia, correria por conta d'elle, e Deus lhe tomaria d'isso conta, e elles moradores ficariam desculpados para com Deus e o mundo, se opprimidos de tribulações, e desamparados dos ministros de seu rei e senhor, buscassem remedio e pedissem soccorro a outro principe christão, e que lhe pedia logo resposta com brevidade.

Tambem João Fernandes Vieira escreveu com um proprio por terra a D. Antonio Filippe Camarão, que estava alojado em Sergipe de El-Rei com todos os seus indios, pe-

dindo-lhe muito encarecidamente que, pois havia nascido na provincia de Pernambuco, e havia feito tantas proezas na defensão d'ella no tempo de Mathias de Albuquerque e do conde Bagnuolo, acudisse e soccorresse com sua gente á miseria e tribulação em que estavam os moradores, que era muito apertada, e que se elle, como bom e leal vassallo de seu rei e senhor os não soccorria, estava em risco de se perder toda a capitania, e acabar-se n'ella a fé catholica romana com a morte dos pais, ficando os meninos innocentes entre hereges. Escreveu tambem outra carta a Henrique Dias, governador dos mulatos e crioulos, e de todos os pretos que tomaram armas na guerra passada de Pernambuco, quando governava Mathias de Albuquerque, e supposto que muitos d'elles eram captivos, todavia Mathias de Albuquerque os deu por forros, vendo o valor com que pelejaram, e lhe pedia que já que era tão esforçado e animoso, e temido dos hollandezes, viesse com sua gente soccorrer os moradores em tão grande aperto e miseria. A este Henrique Dias, pelo animo e brio que sempre mostrou nas guerras passadas, fez Sua Magestade governador de toda a gente que acima digo, de todos os homens pardos e pretos que na guerra tomassem armas, e lhe mandou o habito de Christo, e despachou por capitão-maior da conquista de Angola e fez outras mercês, como tambem ao Camarão mandou o habito, como no primeiro livro temos relatado.

Tanto que Henrique Dias viu a carta de João Fernandes Vieira logo lhe respondeu que, supposto que se achava com pouca gente, logo sem mais demora iria na volta de Pernambuco, pois elle o mandava, que não tinha duvida obedecer-lhe pela jurisdicção que tinha n'elle. O mesmo respondeu o Camarão.

O governador Antonio Telles da Silva, tanto que leu a

carta de João Fernandes Vieira, que lhe entregou o tenente-general André Vidal de Negreiros e o padre Fr. Ignacio, sendo informado por elles do que se passava em Pernambuco, e de tudo o que tinham visto com os olhos e ouvido aos moradores, e deliberação em que estavam, mandou que partisse para Pernambuco o capitão Antonio Dias Cardoso e os capitães Antonio Gomes Taborda e Paulo Velloso com 70 soldados em duas tropas e Antonio Dias Cardoso por cabo de todos, e caminhando pelo sertão sem serem sentidos, nem vistos de pessoa alguma, se procurassem avistar com João Fernandes Vieira e obedecessem a tudo o que elle lhes ordenasse, e lhe dissessem que logo iria tudo o mais que elle tinha pedido, e que, posto que sabia que os hollandezes, depois das treguas asssentadas, tinham por muitas vezes quebrado a palavra a Sua Magestade, comtudo lhes não fazia guerra por não ter ordem para isso, porém que lhe mandava duas tropas de trinta soldados cada uma, que eram todos destros na milicia, e capazes de serem officiaes na guerra e governar companhias; e que estes soldados sómente mandava para não fazerem guerra aos hollandezes, e só para se defenderem d'elles se se vissem em algum grande aperto, e que logo lhe avisasse do estado em que as cousas se punham para ordenar e prover o que lhe parecesse ser justo, e conveniente ao serviço de el-rei e bem de seus vassallos, e que este aviso lhe levava o capitão Antonio Dias Cardoso por ser pessoa de grande confiança.

Chegou Antonio Dias Cardoso com esta gente e os dois capitães a Pernambuco, e sem serem sentidos, vindo por o sertão com muito trabalho, por caminhos occultos, tiveram falla de João Fernandes Vieira, o qual os mandou aposentar no interior da mata do Brasil, e por um homem confidente, chamado Miguel Fernandes, os mandou prover abundantemente de todo o necessario, e deu por bem prin-

cipiado seu intento ; e depois que o capitão Antonio Dias Cardoso esteve bem informado de tudo o que em Pernambuco havia, por João Fernandes Vieira, despediu quatro soldados dos que estavam em sua companhia para a Bahia, com carta do mesmo João Fernandes Vieira para o governador Antonio Telles da Silva, pedindo-lhe soccorro de armas de fogo, polvora e balas, com toda a pressa, porque assim o pedia a grande tribulação em que os moradores se viam. Chegou o capitão Antonio Dias Cardoso a Pernambuco no mez de Dezembro de 1644 annos, e mandou os soldados com a carta no mez de Janeiro de 1645.

Andando João Fernandes Vieira com este fervoroso desejo, traçando varias cousas para a facção que intentava, convidava a jantar algumas vezes em sua casa os homens nobres e principaes, a quem esplendidamente banqueteava, e andava buscando occasião opportuna em que lhes manifestasse seu intento; e tanto que mandou aposentar na Mata do Brasil a Antonio Dias Cardoso, d'alli a muito poucos dias lhe enviou a dizer que viesse fallar com elle em um mato que estava detraz do seu engenho de assucar, que tem por invocação S. João Baptista. O capitão se avistou com elle, e logo João Fernandes Vieira lhe communicou o segredo e o que tinha determinado fazer, e elle lhe trazia por ordem do governador Antonio Telles da Silva para seguir e fazer tudo o que elle lhe ordenasse ; disse que se tinha por venturoso em tal occasião haver vindo á campanha, que por servir a Deus e ajudar-lhe a livrar o povo estava prompto para largar a propria vida. João Fernandes Vieira lhe disse, depois de render-lhe as graças de seu bom animo e zelo, que no seguinte dia chamaria á sua casa os nobres e lhes faria demonstração do seu animo, e do que succedesse lhe faria aviso ás matas do rio Tigipiô, onde estivesse occulto.

Ao outro dia se ajuntaram de João Fernandes Vieira,

que a recado seu vieram os homens principaes de que lhe parecia se poderia fiar, e estando todas á mesa começou a fallar-lhes d'esta maneira: « Os que presentes estão são uns parentes de minha mulher e compadres, e outros muitos meus amigos, que, como o sou de todos verdadeiro, como cada qual terá bem experimentado, assim tambem para mim tenho o são todos meus, e a consolação que n'esta penosa vida ha, é termos verdadeiros amigos, a quem descubramos nosso peito e communiquemos nossos segredos, e quando já não por outras cousas ao menos por divertimento das horas mais ociosas, e não devem os amigos, principalmente quando são tanto homens de bem, descobrir o que secretamente entre elles se pratica, e então quanto mais grave é a materia, não se surtindo effeito, tanto mais ha de ficar entregue á sepultura do descuido, e não ha mais que encommendar n'esta materia,senão dizer que me corro de vêr a vossas mercês, que antigamente mandavam com tanta soberba tudo,hoje serem mandados por quatro patifes hollandezes, a quem com notavel humildade obedecem, soffrendo tantos opprobrios e affrontas quantas a cada hora experimentam, e que mais queiram estar entre tanto sobresalto, sujeitos a um jugo tão tyrannico, que por evitar um pouco de trabalho não gozar da liberdade,vingando offensas feitas contra o proprio Deus,e tantas tyrannias contra vossas mercês e o mais povo, com demasiado rigor executadas. Vossas mercês são os principaes de Pernambuco? Vossas mercês são portuguezes? Vossas mercês perdôem, que a amizade facilita muitas cousas; os mais infimos e a mesma deshonra de Pernambuco são vossas mercês, affronta do nome portuguez, que se foram nobres, se foram quem dizem e quem se imaginavam, sentiram, quando não o que se faz contra a honra de Deus, que está em primeiro lugar, e por quem somos obrigados a deixar fazendas e largar as

vidas, aos menos aggravos, que não quero dizer mais, que os não admittem peitos nobres? Se foram portuguezes tiveram já tomado satisfação d'estes barbaros, ainda que lhes custára as vidas! Que onde cada qual não é o que foi, não ha para que queira viver? Não vêm os do Maranhão, que, por os hollandezes os enganarem, se levantaram contra elles e lhes fizeram guerra, até que desesperados se acolheram? Pois quanto mais razão temos para nos levantarmos, pois não tão sómente nos enganaram, mas saquearam, usando violencias, estupros, homicidios e o mais que vossas mercês não ignoram. Em primeiro lugar nossos sacerdotes, que a uns maltrataram e mataram innocentes, e a outros embarcaram sem culpa, e o peior é que nos querem deixar sem nenhum! Que opinião terão de nós os principes e outros que bem julgarem, sabendo o que nos hão feito e fazem estes traidores, vendo que não prestamos para nos levantar, fazendo guerra áquelles piratas, que depois de nos sujeitarmos a seus passaportes nôl-a estão, contra toda a justiça, fazendo tão cruel, não guardando nenhuma das muitas cousas que nos prometteram? Ora, senhores, tornem sobre si, que não me demove meu particular, porque eu, como vossas mercês muito bem sabem, quando me veja com sombra de qualquer oppressão, me poderei commodamente, com minha familia e com muita fazenda, pôr na Bahia; só me compadeço de vossas mercês e dos mais, sentindo mais que proprios seus males; e o principal que me excita é o zelo da honra de Deus, que quando experimente grandes miserias, e perca por amor d'elle vida e fazenda, então me terei por feliz. e já que me não querem entender digo claramente que nos levantemos contra estes tyrannos, vingando offensas feitas contra Deus, e tomando satisfação das insolencias que comnosco hão usado; e não têm que me pôrem difficuldades, porque já tenho escripto

ao Camarão e a Henrique Dias, que estão no Rio Real com toda sua gente, os quaes de boa vontade virão ajudar-me, e, para que vossas mercês acabem de saber que ando eu tão solicito quanto vossas mercês descuidados, aqui tenho já o capitão Antonio Dias Cardoso, soldado tão experimentado e valente, como é notorio, e tão pratico em toda esta campanha, como aquelle que tanto tempo ha n'ella andado com sua tropa. » Já n'este tempo, quando João Fernandes Vieira pôz esta pratica, tinha todos os povos por si, e foi só buscar n'estes principaes,que eram seus vizinhos,a vontade.

CAPITULO IV

Em que se vai proseguindo a materia do capitulo precedente.

Não deixou de causar novidade tanta, em alguns admiração grande, mas disseram que queriam vêr o capitão Antonio Dias Cardoso. Despediram-se, dizendo-lhes João Fernandes Vieira que lhes mostraria o capitão, ao qual logo mandou chamar e lhe deu conta do que havia passado, dizendo-lhe que fallasse aos outros da maneira que convinha, segurando-os de que vinha o Camarão e Henrique Dias a ajudal-os. O capitão lhe respondeu faria sua obrigação, como elle bem veria, e que ao dia seguinte esperava assim por elle, como por os mais junto do rio Tigipiô.

Mandou n'aquella noite João Fernandes Vieira recado aos outros que das 8 até as 9 horas do dia estivessem juntos no rio de Tigipiô, na parte d'onde elle tinha um curral seu, mas que não fossem todos juntos por não haver suspeita alguma. Chegados ao outro dia, divididos por diversos caminhos áquella paragem, foram entrando pelo mato e o mesmo João Fernandes Vieira, aos quaes sahiu a receber

o capitão Antonio Dias Cardoso, e, depois de lhe darem as boas vindas, lhe pediram (tudo traça de João Fernandes Vieira para segurar o negocio) quizesse dizer-lhes ao que vinha. Elle lhes respondeu que vinha ajudar e seguir as ordens de João Fernandes Vieira, pelo que trazia do governador Antonio Telles da Silva, e em defesa dos moradores, sacrificar a vida para que se levantassem contra o inimigo.

Responderam alguns ao capitão que o levantarem-se era impossivel, porque quando tão podéroso monarcha, como el-rei de Hespanha, não podéra com tantos soccorros e com uma tão poderosa armada, como foi a do conde da Torre, fazer cousa alguma : como queria João Fernandes Vieira sem gente,sem armas e sem munições,levantar-se? O capitão lhes pediu (dizendo serem os tempos differentes) estivessem attentos, e disse o que se segue (conforme o havia instruido João Fernandes Vieira) : « Havendo entre vossas mercês segredo se poderá com muita facilidade conseguir o que João Fernandes Vieira tem determinado, que é, vindo o Camarão e Henrique Dias com sua gente, no que não ha falta, poderão n'estas ou n'outras matas estar emboscados, o que muito bem se póde fazer, e ter em todas as freguezias d'estas capitanias eleitos homens de confiança, para que com os mais moradores, no mesmo tempo, dia e hora determinada, se levantassem, aprisionando, ou se senão quizessem dar matando todos os hollandezes ; que uns estão nos quarteis incautos e desapercebidos, e outros estão moradores com muita confiança, por verem que tanto os temem, além de terem logo por si aos francezes e outros catholicos, que andam já muito enfadados, e isto deixando o mais que vossas mercês verão e o tempo lhes mostrará, pois hão de ser os proprios executores, se ha de ir logo tratando para que, quando cheguem Henrique Dias e o Camarão

com sua gente, se ponha sem detença em execução e tomarem todos os caminhos para que não vá aviso ao Recife, do qual nos poderemos apoderar sem muito trabalho, pois estão os hollandezes tão descuidados, e como aquelles que de nada se temem por terem os moradores tão amedrontados, e algumas forças desmantelladas e arruinadas, e com poucos soldados, que o conde de Nassau levou muitos e não os peiores, e os mais que tem estão entre nós cá fóra, e os judeus e mais mercadores, nos pedirão misericordia. Isto se póde conseguir com muito pouco trabalho, havendo entre vossas mercês, o que muito encommendo, segredo. E d'esta sorte ficam vossas mercês vingando as offensas a Deus, tomando satisfação de tantos aggravos e tyrannias, sendo libertadores de si mesmos, eternisando sua fama, livrando-se de intestinos inimigos, e gozando finalmente da liberdade, que com todo o ouro se não compra. Lembrem-se do que antigamente foram, do que ao presente são e do que ao diante hão de ser, porque antigamente foram muito ricos, e mandaram com notavel arrogancia tudo, e foram obedecidos e respeitados; de presente estão pobres por lhes haverem os hollandezes saqueado tantas vezes suas fazendas, e abrasadas suas casas, e são tão desestimados obedecendo, que me envergonho de o dizer, a quatro *picaros* flamengos e a quatro judeus infames, que os tratam peor do que vossas mercês a seus escravos, e os fazem andar como mulheres, sem armas; lembrem-se do que ao diante hão de ser, que do que com vossas mercês têm usado o poderão bem inferir, pois já lhes vão os da bolsa inventando modos e contratos, com que em menos de tres annos lhes hão de usurpar o que possuem, e hão de chegar a tempo, conforme se vai dispondo a cousa, que hão de ser peiores que escravos dos hollandezes, trabalhando eternamente para elles, e não hão de vossas mercês ser senhores

de seus alvedrios, porque os hão de deixar sem sacerdotes, e advirto-lhes que têm filhos e filhas. Acabem, livrem-se a si e a elles e ao mais povo, pois tão boa occasião têm de tomar á sua conta João Fernandes Vieira a empreza, que facil lhe será attrahir os animos dos mais; não queiram mallogral-a, pois têm causas tão justas, e Deus não os ha de desamparar, pois têm de sua a justiça.

Havendo feito o capitão a pratica referida, responderam todos que eram muito contentes, e que a João Fernandes Vieira elegiam por governador e executor d'aquella empreza, e alegres se despediram, tornando cada qual para sua casa por differentes caminhos para que não podesse haver suspeita alguma. Passados tres dias se tornaram a ajuntar todos em casa de João Fernandes Vieira, a quem disseram que os do supremo conselho eram já sabedores de quanto no mato haviam tratado com o capitão; ficou João Fernandes Vieira confuso, mas não temeroso, e, posto que mais ou menos sabia quem o traidor poderia ser, usando comtudo de muita prudencia, o não deu a entender, nem se queixou; antes disse tivessem bom animo, que elle albanaria tudo, como fez logo; instaram, todavia, os mais, dizendo não ser conveniente o prenderem os flamengos ao capitão, que resultariam d'ahi grandes damnos, e que pelos evitarem estavam de accordo em haverem dos do supremo conselho passaporte para o dito capitão, e que lh'o haviam mandar offerecer. João Fernandes Vieira, conhecendo a pouca vontade, ou para melhor dizer nenhuma, que tinham de se levantarem, lhes respondeu que se o capitão Antonio Dias Cardoso era soldado, como para si o tinha, cria não havia, inda que lhe custasse muitas vidas, de aceitar passaporte, mas que fizessem o que lhes parecesse. Com isto os despediu, ficando tão enfadado quanto o caso pedia.

Ao outro dia enviaram ao capitão um homem, pelo qual lhe mandaram dizer que os do supremo conselho eram com muita certeza feitos sabedores de quanto com elle haviam tratado, e que logo despediam do Recife tropas, assim com flamengos, como com indios, a buscal-o, e, porquanto o escapar-lhes era impossivel, que quizesse aceitar passaporte, que elles se obrigavam a mandar-lh'o, e que livremente passaria, e que se quizesse se poderia embarcar para Hollanda, dando-lhes elle todo o adjutorio necessario; e ha de notar-se que de todas estas cousas avisou logo João Fernandes Vieira ao capitão, antes que elles o buscassem, e o que lhes havia de responder quando lhe tratassem de semelhante materia. O capitão respondeu ao homem d'esta sorte: « Dizei a esses traidores a Deus e á sua patria que, se os flamengos no supremo conselho sabem o que comigo trataram, que elles mesmos lh'os disseram, e que meu amigo não é como o seu, para que haja de admittir passaporte; que lhes não dê cuidado algum o buscarem-me os hollandezes, que bem me saberei livrar d'elles até me pôr na Bahia, mas que saberá o mundo todo quem elles são. » Instou o homem que aquelles senhores lhe mandavam dizer, que se o prendessem, no que não havia fallencia, o haviam de metter a tormento para que confessasse a verdade, e que haviam de fazer muito mal a João Fernandes Vieira, que era o amparo do povo, e que por evitar tantos damnos se servisse de tomar passaporte. Tornou o capitão: « Dizei a esses homens, que quando me prendam (o que elles não verão) e dêm tormentos, que n'elles logo hei de confessar a verdade, que é dizer, que elles se querem levantar, e que para isso me mandaram vir da Bahia para os governar as armas, e que por João Fernandes Vieira, que ainda de mim não sabe, não querer convir com elles (traça do dito João Fernandes Vieira), temerosos

de que elle os manifestasse, se descobriram, querendo imputar-lhe a culpa, estando innocente de tal traição, qual elles contra os flamengos commettiam, e que n'isto estejam muito certos que não hei de morrer pelos encobrir nem culpar innocentes. » Tornou a dizer o homem, como aquelle que ia bem industriado: Já que não quer, logo verá. O capitão, tendo-se enfadado, tirou da espada e foi correndo após o homem para dar-lhe a morte, da qual escapou, valendo-se da agilidade dos pés.

Não ficaram os outros muito satisfeitos com a resposta do capitão, nem o homem quiz levar-lhe mais recado, por mais que lh'o pediram, fazendo-lhe largas promessas. O capitão, não o perturbando semelhantes novidades, fez logo aviso a João Fernandes Vieira do que os outros lhe mandaram dizer, e que lhes déra a resposta que elle lhe tinha ordenado, pedindo-lhe mandasse logo o homem de quem se fiava para lhe dizer por elle o modo com que se havia de haver. Este, chegado, que era de quem mais se confiava, lhe disse o capitão que dissesse a João Fernandes Vieira que elle se ia para a Mata do Brasil, aonde o tinha posto, que d'aquella paragem distava sete leguas, nomeando-lhe o morador para cuja casa ia, onde estaria occulto até chegar a mais gente que se esperaya, e até chegarem o Camarão e Henrique Dias, e que aos outros diria que elle se ia para a Bahia, e que juntamente lhe mandava uma carta para lhes mostrar (a qual lhe tinha mandado pedir João Fernandes Vieira que escrevesse de sua letra, para o que lhe mandou a nota e modo como havia de vir escripta), e n'ella lhe diria que elle se ia para a Bahia por sentir n'aquelles homens tão pouca fidelidade para lograr o effeito a que havia vindo, e por cuja causa havia passado tanto trabalho, com tanto risco de sua pessoa, sem surtir o effeito que com elle havia tratado, por alguns traidores

haverem revelado tudo aos do supremo conselho, e que com muita brevidade partia por não ser achado das tropas dos hollandezes e indios, que já andavam em sua busca, mas que estivesse muito seguro que, se por desgraça sua o prendessem, que não havia de culpar a elle, nem em cousa alguma, senão dizer que os outros se queriam levantar, e que por elle não querer convir com elles o manifestaram impondo-lhe a culpa, temerosos d'elle os descobrir, e que estivesse de accordo que havia de dizer, como ao mensageiro disséra, que o não vira, nem com elle fallára.

João Fernandes Vieira mandou chamar os outros á sua casa, e lhes disse que estava admirado e não sabia que haviam mandado dizer ao capitão, que sem fallar com elle se partira para a Bahia deixando-lhe aquella carta, de que lhes mostrou parte, mostrando-se sentidissimo e dizendo-lhes que bem escusado fôra, fazerem o que tinham feito, mas que se não admirava depois de lhes haver feito tantos serviços, á custa de sua fazenda, e depois de os amparar da sorte que elles bem sabiam, de lhe não serem fieis, quando a Deus,e a si mesmos e á sua patria estavam sendo tão traidores ; e que se desenganassem,que todo o damno houvéra de redundar sobre elles, porque suas machinações para elle eram sem vigor, suas traças nada haviam de aproveitar, e que suas traições e cousa nenhuma haviam de valer; que como tinha a Deus por si nada temia, e que lhes advertia que mais sabia elle gastar muito liberal em uma hora,do que elles adquirir em toda a vida. Muito corridos se foram indo, mostrando bem nos semblantes do rosto o veneno e maldade que nos corações tinham, mas é advertir que não foram todos aquelles os que o negocio tratado manifestaram, que eu não quero aniquilar os bons, a quem se deu muito louvor, mas só digo dos máos que não foram leves e ainda com serem taes os não nomêio.

Não aproveitaram aos hollandezes as dadivas que deram, nem o muito que prometteram para colherem o capitão, nem quantas diligencias com segredo fizeram, pois se ignorava ao que iam tantas tropas de flamengos e indios, tomando todos os caminhos, e correndo quantos matos e casas havia na Mata do Brasil, que sendo tão grande a diligencia que puzeram em buscar o capitão maior foi a sua, como experimentado em occultar-se, e por não acharem por tantas partes indicio algum se aquietaram os hollandezes, ou já por lhe dizerem os outros que era já ido, temerosos da resposta que lhes déra, ou do que com tanto sentimento e colera, que tanto póde um homem poderoso, lhes disse João Fernandes Vieira, que com maior liberalidade,que nunca presenteava a todos os do conselho, os quaes lhe mandaram dizer que agora estava mais acreditado, mas que advertisse que tinha muitos inimigos, bem que os não criam, porquanto estavam certificados de sua lealdade ; mas a meu vêr era tudo isto traça e cautela que João Fernandes Vieira nunca ignorou ; porque depois que começou a tratar n'este levantamento andou muito desconfiado de quasi todos, e ia a dormir ao mato, experimentando por espaço de cinco mezes o rigor do tempo, que era no inverno, e a inclemencia dos mosquitos, e sómente de dia fazia assistencia em sua casa, tendo sentinellas bem ao largo emboscadas em os caminhos que do Recife vinham, aos quaes lhe faziam aviso se vinham muitos ou poucos flamengos, e elle não estava ocioso que tambem estava em sentinella continua na varanda de sua casa, da qual, com um oculo ao largo, descobria todos os caminhos que para aquelle engenho, invocação de S. João, vinham, tendo d'ahi bem perto sempre o cavallo sellado, e algumas vezes vindo com sua guarda os do supremo conselho á varzea, a um dos engenhos de João Fernandes Vieira, e mandando o

chamar se fazia ido fóra, tardando tanto até que por seus modos, sabendo o que lhe queriam, vinha tratar de seus particulares, mas sempre apparelhado para qualquer successo, tendo dado por ordem que nenhum de seus escravos, que tinha muitos e bons, estivesse fóra da fazenda; e os moradores d'ellas estavam tambem alerta, porquanto estava resoluto em não se deixar prender, estando com tão cuidadosas ancias, em tão continuos sobresaltos, que eram bastantes a fazer desmaiar o mais constante animo, custando-lhe muito esta famosa empreza para ampliar sua fama, porque o que com facilidade se alcança não se deve contar entre as cousas memoraveis e singulares, como bem aponta Platão no segundo livro da sua « Republica. » *Id quod facile est in magnis et singularibus rebus minime numerandum.*

Como João Fernandes Vieira não perdia ponto em pôr por obra sua determinação e honrado proposito, digno de um animo generoso, foi adquirindo todas as armas que podia haver com muita sagacidade e dissimulação, buscando espingardas e outras armas de fogo, polvora e balas, mandando fazer occultamente muitas munições de chumbo e estanho, chuços, dardos, fouces e facões, encarregando o segredo aos ferreiros.

Mandou fazer pelos matos armazens occultos de muitos mantimentos e fardos. Mandou para a Mata do Brasil muitos barris de aguardente, peixe salgado, e ajuntou n'ella muita quantidade de farinha da terra e legumes, e mandou para a mesma mata muitos bois mansos e algumas vaccas, dizendo que queria lá fazer curraes, por ser o sitio accommodado; mas primeiro mandou dizer aos do conselho que faria n'aquella parte curraes, e que os bois mansos eram para carregarem páo-brasil, que tinha mandado fazer por muitos escravos seus que na mata estavam

com alguns feitores brancos, seus criados, homens de confiança e segredo, e nos carros em que mandava buscar o páo-brasil ia mandando todo o provimento, para que em vindo o Camarão e Henrique Dias tivessem o abastecimento necessario, e para o mais que se lhe offerecesse na mata com sua gente, por não serem sentidos, buscando o sustento emquanto elle se preparasse, manifestando-o a todos; o que não succedeu por o Camarão e Henrique Dias não chegarem ao tempo limitado, que era até 10 de Maio por o inverno ser rigoroso aquelle anno, e irem os rios cheios e fazerem o caminho muito ao sertão, por não serem sentidos com immenso trabalho ; porém nenhuma empreza grandiosa se alcançou sem trabalho, e a que com elle se alcança dá mais gosto, e assim dos trabalhos grandes e asperos se recebe fructo alegre e gratissimo, assim como dos espinhos nasce a rosa, mais formosa e bella das flôres.

CAPITULO V

Da embaixada que os hollandezes mandaram á Bahia ao governador Antonio Telles da Silva, e como lhes foi revelado o intento e preparações de João Fernandes Vieira, e de como elegeu capitães por todas as freguezias das capitanias para a empreza da liberdade d'ellas.

No principio do capitulo antecedente temos escripto que o tenente-general André Vidal de Negreiros partira para a bahia do Recife, e chegado a ella déra ao governador Antonio Telles da Silva a carta que lhe escreveu João Fernandes Vieira, e o mais que não é necessario tornar a repetir. Tanto que se partiu do Recife, logo os judeus que n'elle moravam alevantaram que a sua vinda a Pernambuco era com intento de espiar e vêr o estado da terra, e não de vi-

sitar a seus pais; e que havia deitado na barra grande muitas armas, polvora e balas, e persuadiram aos hollandezes do supremo conselho, que mandassem um navio á Bahia para dizer ao governador Antonio Telles da Silva que em Pernambuco corria fama em como elle queria fazer guerra, lembrando-lhe que era aquillo contra as treguas assentadas entre Hollanda e Portugal. Os do conselho mandaram em um navio que aprestaram por embaixadores a Guilherme van de Voorde um dos do conselho politico, e a Theodoro van Hoogstraeten, governador e capitão da força de Nazareth no cabo de Santo Agostinho, porto principal de Pernambuco. Quando chegaram á Bahia tinham já chegado por terra os quatro soldados do capitão Antonio Dias Cardoso, com carta de João Fernandes Vieira em que pedia soccorro de munições ao governador Antonio Telles da Silva, o qual, havendo lido, informado das tyrannias que usavam os hollandezes com os moradores, do que tambem lhe deu o capitão larga informação por carta que lhe escreveu, ouviu os embaixadores hollandezes, aos quaes respondeu que tinha ordem de Sua Magestade para conservar amizade e paz com os hollandezes de Pernambuco, que de nenhum modo havia de quebrar, porque Sua Magestade lhe mandaria cortar a cabeça, porém que como elles haviam quebrado, e quebravam cada dia a palavra que tinham dado a seu rei e senhor, suas mesmas culpas lhe faziam temor e suspeitar que os portuguezes, não podendo soffrer os muitos aggravos e ignominias que os hollandezes lhes faziam, lhe negariam sua obediencia e tratariam de sua liberdade, pelo que se elles queriam ter os moradores de Pernambuco quietos e pacificos deixassem de lhes fazer tantos damnos, porque assim os teriam socegados, porém que estivessem certos que da Bahia lhes não haviam de fazer guerra, porque lh'o tinha prohibido Sua Magestade, ainda que

muitas causas havia para lh'a fazerem; e o governador mostrou aos embaixadores a ordem de Sua Magestade, porém tambem lhes disse que havia de avisar a el-rei das aleivosias que os hollandezes lhe haviam feito na costa do Brasil, depois das treguas assentadas, e as tyrannias, aggravos, roubos e affrontas, com que tratavam os moradores de Pernambuco, e a pouca fé que lhe guardavam nas capitulações que com elles haviam feito, para que Sua Magestade o mandasse estranhar aos Estados de Hollanda e ao principe de Orange. E com isto despediu os embaixadores e respondeu aos do supremo conselho.

Antes que estes embaixadores se partissem, Theodoro Hoogstraeten, vendo um dia tempo opportuno, fallou com o governador Antonio Telles da Silva em segredo, e lhe disse que estava resoluto em não servir os hollandezes da bolsa, senão em se ir a Portugal a servir na guerra a el-rei D. João, o 4° d'este nome, de quem tinha grandissimo desejo de ser subdito e vassallo, porém que antes de se partir de Pernambuco determinava fazer a Sua Magestade um grande serviço, pelo que se elle governador tinha intento de conquistar a Pernambuco lh'o declarasse, e que tambem elle lhe declararia o serviço que determinára fazer a Sua Magestade.

O governador, como sagaz e prudente, parecendo-lhe que aquillo era traça para saber e conhecer seu intento, respondeu, que lhe agradecia o bom animo que mostrava de servir a Sua Magestade; que elle lh'o faria saber para que el-rei o puzesse em lembrança e lhe fazer mercê em alguma occasião, mas que de presente não tinha intento de fazer guerra aos hollandezes de Pernambuco, conforme a ordem que el-rei lhe tinha mandado para que os conservasse em amizade e paz; mas que se houvesse alguma occasião de novidade elle lh'o faria saber em tempo accom-

modado, e com isto o despediu dando-lhe um mimo de consideração e porte.

Partidos os embaixadores da Bahia chegaram ao Recife e disseram que na Bahia tudo estava quieto, e que não poderam descobrir novidade alguma, e como haviam visto por seus olhos as ordens de el-rei de Portugal sobre a conservação da amizade e paz, e que não tinha o governador nenhum intento de lhes fazer guerra, sómente lhes estranhára os aggravos que faziam aos moradores da terra, e que lhes disséra que havia de dar d'isso conta a el-rei, e que tudo o mais era falsidade e enredo dos judeus.

Tanto que se partiram os embaixadores despediu logo o governador Antonio Telles da Silva os quatro soldados do capitão Antonio Dias Cardoso para Pernambuco, e mandou dizer a João Fernandes Vieira que estivesse certo que assim elle, como os moradores, que, sendo caso que os hollandezes perseverassem em seus desaforos e tyrannias, elle mandaria o soccorro necessario para que se defendessem de seu rigor; e em companhia d'estes vieram algumas tropas que traziam cartas do governador a João Fernandes Vieira, os capitães e cabos d'ellas, em que lhe promettia todo o soccorro que lhe tinha mandado pedir pelo tenente André Vidal de Negreiros e Fr. Ignacio, quando foram de Pernambuco para a Bahia.

Vendo João Fernandes Vieira que o governador Antonio Telles da Silva lhe mandava o soccorro e promessa de munições que lhe fossem necessarias para a facção da liberdade, tratou logo com muita brevidade a fazer officiaes por todas as freguezias, de capitães, alferes, sargentos, e preparar armas e munições, e o mais que no fim do capitulo passado se tem dito. E no tempo que o governador mandou a carta despediu ao alferes João Velho Bezerra, porque já Henrique Dias e o Camarão eram partidos com

sua gente na volta de Pernambuco, e por causa da grande invernada se detiveram muito tempo, e não chegaram ao que se tinha determinado e limitado, que era a 10 de Maio, como já temos referido e limitado.

N'este intervallo de tempo, quasi quatro mezes havia, que estava o capitão Antonio Dias Cardoso e um soldado seu na Mata do Brasil, e João Fernandes Vieira o provia de todo o necessario, fazendo-lhe avisos para que se guardasse quando as tropas dos hollandezes iam correr a campanha, mandando por escripto dizer ao morador que do capitão tinha cuidado: « Vai uma tropa (este era o signal) a correr a campanha; como sempre os soldados são inclinados a fazer mal, veja que me não queimem o meu páo-brasil; » e vindo o capitão fallar com João Fernandes Vieira á Varzea lhe fizeram aviso em 10 de Maio, que da Bahia haviam chegado quarenta homens. Partiu o capitão para dar ordem a que se puzessem e alojassem em parte onde estivessem occultos, tendo para si vinham com elles o Camarão e Henrique Dias, dos quaes sabiam estes soldados que vinham por outra parte cortando muito ao sertão, como praticos n'elle. O capitão mandou logo pôr parte d'estes soldados em o monte que se chama de S. João, d'onde o Camarão e Henrique Dias haviam de vir ter, os quaes, como tenho dito, por virem, por não serem sentidos, muito ao sertão se detiveram muitos dias na jornada por causa dos rios irem cheios, e por lhe morrer á fome muita de sua gente.

Leu João Fernandes Vieira a carta do governador Antonio Telles da Silva que os capitães e cabos das tropas trouxeram, e vendo que era tempo de fazer capitães e officiaes de guerra aos homens honrados que lhe parecesse serem fieis e idoneos, segundo as freguezias onde cada um morava, para que se vissem as crueldades dos hollandezes

iam por diante, e pretendiam matar aos moradores, estivessem apparelhados para se ajuntarem com elle João Fernandes Vieira, e á sua obediencia tratassem de se defender, e como tinha por certo de quererem matar aos moradores, e pelo menos os mancebos solteiros de quartoze até trinta e cinco annos, que já o tinham assim assentado em conselho, porquanto tinham junto muita quantidade de indios para a parte do Rio Grande e Cunhaú, com um flamengo chamado Jacob, que era casado com uma india *Tapuia* e sabia fallar a lingua d'elles, e em sua companhia havia andado pelo sertão muito tempo e todos os indios o respeitavam.

Já de todo deliberado João Fernantes Vieira, deu conta a tres ou quatro amigos dos do seu seio e os mandou pelas freguezias com cartas suas, nas quaes constituiu por capitães os homens honrados e animosos que lhe pareceu, que com todo o segredo e valor poderiam mostrar o brio portuguez na occasião. Estes eram dos que estavam mais communados e ajuramentados para a facção que se determinava executar, e assim fez em Ipojuca capitães a Amador de Araujo e a Thomé Teixeira, os quaes elegeram por capitão a Domingos Fagundes, e no cabo de Santo Agostinho a Antonio de Castro, João Paes Cabral, João Gomes de Mello, e na Muribeca a João Soares de Albuquerque e a seu irmão João Leitão de Albuquerque; em Igaraçú a João Lourenço Francez e Manoel Pereira Côrtê Real; em Serinhaem a Alvaro Fragoso de Albuquerque; na Goyana a Gonçalo Cabral e a Estevão Fernandes; na Parahyba a Francisco Gomes Moniz e a Lopo Curado Garro; em S. Lourenço a Manoel Soares Robles, ao padre Simão de Figueiredo, Cosme do Reguo, João Nunes da Matta. Na Varzea a Francisco Beranger de Andrade, Antonio Bezerra, Antonio Borges Uchoa, Antonio da Silva, capitão dos cavalleiros João Nunes Victoria. Na freguezia de Santo Amaro a Thomé

da Costa, no Porto do Calvo a Christovão Lins, no Rio de S. Francisco a Valentim da Rocha, e no Recife, entre os inimigos, tinha tres homens que lhe avisavam de tudo o que passavam os flamengos; e, posto que na Varzea elegeu outros capitães, lhe foram pouco confidentes.

Os que acima nomeio se começaram a preparar com todo o segredo e diligencia, esperando até a Pascoa da Resurreição, e ao mais tardar até 10 de Maio, chegassem o Camarão e Henrique Dias, para que de sobresalto acommettessem o inimigo, e lhe tomassem o Recife e suas forças o que houvéra de ser sem duvida por o descuido em que estava e as poucas prevenções que fazia, e menos vigilancias que tinham nas entradas e sahidas, o que tudo estava bem traçado, e considerado com maduro juizo, porque se ha de saber, que depois que João Fernandes Vieira assentou com os principaes moradores de Pernambuco a empreza da liberdade da patria, e se ajuramentaram todos em um missal, e firmaram um papel de guardarem segredo na facção e fidelidade na obra, por conselho de seus maiores amigos, determinou dar conta a Sua Magestade da empreza que commettia, obrigado da pura necessidade e oppressão que todos padeciam, e mandar o aviso por via da Bahia, ainda que bem sabia que quando este aviso chegasse a Portugal, já em Pernambuco a empreza teria alcançado ditoso fim, e para isto fez uma carta a sua Magestade el-rei D. João IV, por vias, e a fez assignar por alguns principaes moradores, que lhe pareceram fieis, e ecclesiasticos, na qual lhe relatavam a causa da sua resolução, que eram as muitas tyrannias, roubos, crueldades, deshonras, enganos, tormentos, aleivosias, falsos testemunhos e mortes, que os hollandezes executaram nos miseraveis moradores, e sobretudo tomando a muitos suas filhas e casando-se com ellas por força, e deshonrando-lhes suas mulheres, pretendendo ex-

tinguir em Pernambuco a fé catholica romana, e introduzir as falsas seitas de Calvino e Luthero, e a perfidia do judaismo, o que era patente, pois o Recife estava cheio de judeus, e muitos viviam já pelas freguezias do campo, e eram senhores dos engenhos que haviam usurpado aos moradores com suas diabolicas traças, maranhas e anzonas, e procuravam extinguir a nação portugueza; e outras muitas cousas se escreveram na carta, que por brevidade não relato. E indo João Fernandes Vieira assignando esta carta para mandal-a a el-rei por algumas pessoas que lhe pareceram fieis e zelosas do bem commum, pediu a uns dois homens que eram dos ajuramentados (não os nomeio por escandalisar) do levantamento que assignassem, os quaes não quizeram, antes reprovaram o intento, pondo-lhe muitas difficuldades, mostrando n'isto serem portuguezes no nome e não nas obras, nem no coração, porque não bastou haver-lhe mostrado João Fernandes Vieira as cartas de Sua Magestade, que antes d'isto lhe havia feito mercê, mandar para lhe servir de alvará e lembrança, quando o servisse, ainda que não era para esta occasião, pois Sua Magestade não era sabedor, e bem um d'estes no Porto do Calvo, quando João Corneliszoon Lichthardt o conquistou, que elle e outros de sua facção o foram visitar á Barra Grande, onde tinha aportado com suas náos, e n'ella esteve com grandes banquetes, e lhe mandou cavallos e guias para vir investir a povoação, e havendo ganhado sempre com elle, e com os mais hollandezes teve estreita amizade e contratos, e lhe dava muitos alvitres, o que consta de uma devassa que contra elle e contra outros tirou o provedor André de Almeida com grande numero de testemunhas que mandou a el-rei; e o mesmo sabendo d'isto e temendo que o prendessem se veiu do Porto do Calvo para junto do Recife meia legua onde assentou sua casa; e quando veiu a armada do conde da Torre,

receiando ser castigado se se restaurasse Pernambuco deu um grande presente ao conde de Nassau, para que o mandasse prender por traidor contra os hollandezes, e como tal o embarcasse para Hollanda, porque assim lhe importava para sua honra, e o conde o fez assim, e tanto que a armada do conde da Torre voltou para Portugal, sem ter effeito a restauração este se tornou de Hollanda para Pernambuco, onde sempre viveu com estreita amizade com os flamengos.

Este, pois, não sómente não quiz assignar a carta, mas antes logo foi dar ponto aos do supremo conselho do Recife de tudo o que se passava, e o mesmo fez o outro, e lhes declarou todas as pessoas que estavam conjuradas para a facção. Calaram-se os hollandezes e não quizeram logo fazer estrondos, mas começaram com muita pressa de ir reparando suas fortificações cahidas, e a cavalgar muita artilharia e cobrar, assim elles, como os judeus, com grande rigor, todos os assucares e outras dividas dos moradores, e tudo recolhiam para dentro de suas fortificações; e debaixo de sobcapa de cobrarem as dividas começaram a prender algumas pessoas dos que haviam assignado na carta e mais papeis, e as detinham no Recife com tenção de assim irem prendendo todos os ajuramentados, e tanto que os tivessem juntos os mandassem matar.

Tinha traçado João Fernandes Vieira uma cousa digna de seu generoso animo, e é que fingiu, por se temer, que queria casar um filho e filha de um homem grave da terra, e outro filho e filha de Francisco Beranger de Andrade, sogro do dito João Fernandes Vieira, e tratou com este homem e Francisco Beranger que se fizessem estes casamentos por troca, e que pois elles estavam pobres, e não em tempo de darem estado a seus filhos; elle lhes queria fazer graça de lhes dar o dote para estes casamentos, e este

seria além das alfaias de casa e vestidos dos noivos (tudo traça de João Fernandes Vieira), o que bastasse para viverem. Foi este alvitre de tanto proveito para Francisco Beranger e para o homem pai dos fingidos noivos (para o qual foi sómente o fingimento das bodas) que aceitaram o partido, rendendo-lhe as graças, e começaram a preparar os casamentos (supposto que não tiveram effeito), para que, rogando elle aos do supremo conselho e mais governadores, officiaes e capitães de guerra, na noite antecedente tendo gente emboscada, aprisionasse a estes, e sendo d'esta sorte os cabeças, ou captivos, ou mortos se tomaria facilmente o Recife, e assim João Fernandes Vieira se foi preparando com mais pressa, dizendo a muitos mancebos solteiros, que todos lhe obedeciam, desenterrassem e concertassem suas escopêtas e que se não fiassem nos hollandezes; e aos confessores pediu que nas confissões excitassem aquelles que lhes parecessem idoneos para pelejarem, dizendo-lhes as causas licitas que tinham para o fazerem, e de novo tornou a chamar um por um a muitos dos prisioneiros com quem havia tratado levantar-se, que logo lhe disseram o puzesse em execução que estavam prestes para o seguirem, e por via de sacordotes e pessoas de confiança, fez amizade com aquelles que com elle se não corriam,e depois de os visitar os ajuntou um dia a todos em sua casa, e com brandas palavras lhes disse:

« Attentem, senhores, pela honra de seu Deus e pela liberdade de sua patria; lembrem se de tantas vidas que os hollandezes injustamente tiraram a tantos innocentes; tenham sempre viva na memoria as donzellas que violaram, as casadas que com a mesma força deshonraram; attentem por tantas tyrannias e roubos, e vejam sua miseria e a dos mais! Como podem esperar bens de quem sempre receberam males? Que riquezas esperam d'aquelles que por

roubarem as alheias, tantos mares sulcam ? ! Que descanso e quietação esperam de quem por cobiça a si e a nós inquieta e perturba ? Que vida, de quem por tantos modos nos procura a morte? Isto é feito, já tenho muita gente accumulada com armas, polvora e balas para me pôr em campanha. O capitão Antonio Dias Cardoso, se não foi para a Bahia ; antes lhe chegaram quarenta homens, além de valentes, muito experimentados, e por instantes estou esperando o Camarão e Henrique Dias. O gasto d'esta guerra eu o tomo á minha conta, que tenho muito dinheiro e fazenda, e á vossas mercês prometto para seu tempo o premio em nome do monarcha, a quem offerecemos a terra, que será o primeiro el-rei D. João o 4° de Portugal, senhor que é nosso, e elle premiará e honrará á vossas mercês como aquelles que a tal empreza me ajudaram a dar principio, e agora acabo de declarar á vossas mercês meu intento, que é que a um tempo nos havemos de levantar todos, dando em as freguezias nas quaes já tenho eleitos e nomeados os que hão de pôr a causa em execução em o mesmo dia ; por respeito dos casamentos que estão ordenados se ha de fazer muita festa, e eu e alguns de vossas mercês havemos de pedir aos do supremo conselho, e aos mais governadores, os venham (no que não ha de haver duvida, pois sei esperam que eu os rogue) com suas presenças autorisar, e a noite de antes eu hei de ter a gente emboscada com armas no sitio que já tenho visto, para que no mesmo tempo aprisionemos aos do supremo conselho e mais governadores, officiaes e capitães, e aos soldados que comsigo trouxerem ; não querendo dar-se morrerão, quanto mais que estarão todos bem fóra de si com vinho. E d'esta sorte com pouca difficuldade entraremos no Recife, d'onde até a nossa chegada de nada se ha de saber, porque hei de ter mandado tomar todos os caminhos, e sem duvida com

muito pouco trabalho ficaremos senhores do Recife, pagando-nos com as vidas os hollandezes os males que nos têm feito. Se não fôra a tardança de Henrique Dias e do Camarão, mais ainda tinhamos tantas miserias e trabalhos que experimentar. »

Todos muito alegres, e com demonstração de uma boa amizade, responderam que eram contentes e fariam o que lhes ordenava, e assignaram um papel em que diziam que elegiam a João Fernandes Vieira por governador, e lhe promettiam o segredo e fidelidade, e que chegando o Camarão e Henrique Dias se faria a cousa, como elle a tinha disposta e traçada, para o que se começaram a preparar do que lhes era necessario.

Como difficilmente se guarda entre muitos o segredo, uns a quem se disse que com muito grande segredo se preparassem com suas armas, sem se lhes dizer para que, suspeitaram logo o que podia ser, e pedindo o mesmo segredo se veiu a revellar a cousa até se praticar publicamente n'ella. Entre os portuguezes assim que estava tudo occulto e tudo manifesto, manifesto aos portuguezes e occulto aos hollandezes, até que um dos conjurados, como acima se relatou, descobriu aos do supremo conselho tudo o que se passava, os quaes no principio a nada davam credito, dizendo ser maldade fulminada pelos inimigos de João Fernandes Vieira, se bem podia ser cautela para melhor o segurarem, e por já não quererem admittir aos que com taes ditos iam, se deitaram no conselho muitas cartas sem firma, nas quaes recontavam tudo, dizendo que se não fiassem de João Fernandes Vieira, que era traidor, que estava para se levantar em breve, e que já tinha muitas armas e gente junta.

Rompeu-se logo uma pratica entre os judeus do Recife, (vindo em conhecimento da cousa e conhecendo que

pediam vingança as insolencias e maleficios, que elles e os hollandezes com o povo usavam), dizendo que os portuguezes se queriam levantar com a terra e matar os hollandezes, e que todos eram traidores, tirando os dois que os avisaram, os quaes haviam declarado aos do supremo conselho a traição que ordenaram; e que não eram estes dois sómente os que tinham declarado a descoberta, senão mais de dez ou doze homens dos principaes de Pernambuco; e vendo juntamente o exemplo dos do Maranhão, chamavam e faziam seus protestos aos dos conselho que João Fernandes Vieira se levantava e o mais povo, que não estivessem descuidados, quando os portuguezes eram todos traidores, que haviam de fazer peior que os do Maranhão.

Os hollandezes, deitando a cousa á zombaria por assim lhe estar já bem, a nada davam credito; mas comtudo mandaram chamar a João Fernandes Vieira, dizendo que importava muito fosse ao Recife para assignar papeis de muita importancia; elle se escusou pelos modos que lhe pareceram; e instando todavia mais, lhes respondeu que não havia de ir ao Recife, porque tinha muitos inimigos, e que se não cansassem em lhe mandar seguro real, que alli lhes mandava seu bastante procurador, que tudo o que elle fizesse haveria por bem feito, ou que lhe mandassem por quem quizessem os papeis, que elle os assignaria e tornaria a remetter.

Assim foi entretendo os do conselho, que não deixavam de sentirem a cousa, mas de nenhuma faziam demonstração, até que chegou da Alagôa um barco com aviso de como o Camarão e Henrique Dias eram passados para Pernambuco, e soube-se por que, como vinham tão faltos de mantimentos, mandaram á dita Alagôa alguns indios e negros a buscar o sustento; e sabendo o comendor que n'ella estava, fez este um segundo aviso que lhes déra com a trilha.

Acabaram então os do supremo conselho de ter por certo, se é que o duvidavam, quanto lhes haviam dito e escripto ácerca do levantamento.

CAPITULO VI

De como João Fernandes Vieira se levantou ás publicas com sua gente e das diligengias que fizeram os hollandezes pelo prender, sahindo frustrados seus intentos, e como lhes começou a fazer guerra pela campanha.

Tendo João Fernandes Vieira aviso do Recife do que n'esta empreza se praticava, logo tratou de pôr cobro em sua pessoa, e não fez nem de dia assistencia em suas casas, mas andava já pelas matas bem triste e cuidadoso por vêr frustrado seu intento por a tardança do Camarão e Henrique Dias, que haviam ficado, como dito algumas vezes, e promettido de estarem com elle até 10 de Maio, com armas, polvora e balas; elle via-se já em o 1° de Junho, e os flamengos certificados e muita parte do povo mui timida; mas como em os trabalhos e perigos é necessario usar de fortaleza, constancia e paciencia, jámais se acobardou, nem deixou de ter esperança e confiança; antes com admiravel valor animava seus companheiros, dizendo-lhes que nunca se fazia sem perigo uma façanha, e acção gloriosa e memoravel; que os que sem perigo venciam era sem honra; que os não espantassem nem levassem a mal successos adversos e tristes, e se consolassem que a fortuna favoreceria aos máos para mais a seu salvo offendêl-os, e que se seu intento estava frustrado pela tardança do Camarão e Henrique Dias (que tardar podiam, mas não faltar), e por maldade dos traidores, que de todo

coração puzessem suas esperanças em Deus, que jámais faltou nem ha de faltar áquelles que com bom animo n'elle confiam e esperam;e que elle estava tão certo que Deus o havia de ajudar quanto era justa a causa por que se levantava.

Desde este tempo dormia pelas matas em differentes partes, por que não se soubesse a paragem aonde se agazalhava, e sempre o acompanhavam seu sogro Francisco Beranger de Andrade, com alguns moços e escravos de sua casa,confidentes; e posto que o autor do *Triumpho da liberdade* faz menção de Luiz da Costa Sepulveda, que sempre o acompanhára em todas as suas tribulações, foi engano, porque a confiança que d'elle fazia era por se temer da sua inconstancia. E se João Fernandes Vieira de dia apparecia em sua casa, no seu engenho de S. João, para governar sua fazenda e dar expediente aos negocios que tratava do levantamento, era com muita prudencia e sagacidade, trazendo sempre sentinellas ao largo, pelos caminhos, que o avisavam se sahiam tropas de flamengos fóra das forças, e o mesmo tinha no Recife para pôr com tempo sua pessoa salva, e para alguma urgente necessidade tinha uma porta falsa em suas casas para se ir por ella sem ser sentido, e tinha, como já dissemos, tambem comsigo quasi cem escravos valentes e atrevidos, providos de dardos, arcos e flechas, para que se viesse alguma tropa de hollandezes a prendêl-o sem serem vistos das sentinellas, e se visse em aperto, o defendessem e livrassem de suas mãos.

Tambem mandou sua mulher D. Maria Cesar Beranger para casa do seu parente Antonio Bezerra, com achaques de ir parir a ella, porquanto estava pejada,e n'aquelle engenho de S. João havia movido duas vezes. Mandou tambem aviso a Amador de Araujo á Ipojuca, e aos mais capitães que tinha ordenado pelas freguezias, que se vingassem para que não fossem presos pelos hollandezes, porquanto estava

o negocio descoberto por traidores, e que tivessem animo que não podiam tardar com suas tropas o Camarão e Henrique Dias, que vinham por caminho. Com esta advertencia trataram todos os ajuramentados de se vigiarem e resguardarem suas pessoas.

Em 5 de Junho chegou nova a João Fernandes Vieira em como os governadores dos indios e pretos, o Camarão e Henrique Dias, haviam passado do rio de S. Francisco, porém muito mettidos ao sertão, e que se o tempo chuvoso abonançasse não poderiam tardar muitos dias. Deu cópia d'estas novas a seus amigos e alliados, de que muito se alegraram, e juntamente mandou dizer áquelles homens que o malsinavam com os flamengos, pelo vigario da Varzea o padre Francisco da Costa Falcão, pessoa dos confidentes d'esta empreza ; que lhe mandassem dizer se eram portuguezes ou hollandezes, ao que responderam que eram portuguezes legitimos, e estavam apparelhados com vida e fazenda para o serviço de el-rei de Portugal, seu senhor, e logo no seguinte dia, a 10 de Junho, foram ao Recife e disseram aos do supremo conselho estas palavras :

« Dias ha que á VV. SS. dissemos a traição que João Fernandes Vieira e os outros seus alliados (dos quaes declararam os nomes) têm ordenado contra os hollandezes ; agora lhes vimos manifestar que já está á porta, que se ha de dar á execução dia de Santo Antonio ou dia de S. João Baptista, pelo que estejam alerta. » E um d'estes pediu encarecidamente mandassem prender a todos os que alli lhes nomearam, porque eram traidores aos Estados de Hollanda e á companhia ; e que os primeiros que prendessem fossem a elles ambos, porque assim importava á sua honra e reputação, e não soubessem os portuguezes que elles haviam sido os descobridores do levantamento, e lhes roubassem e saqueassem suas fazendas.

Agradeceram-lhe muito os do conselho este aviso e mandaram que logo se tornassem para suas casas, e na noite da vespera para o dia de Santo Antonio, sendo muito tempestuosa e chuvosa,e os caminhos com muita lama e atoleiros, despediram do Recife tropas com muito segredo para prenderem a João Fernandes Vieira, de vinte, trinta e quarenta soldados, por todos os caminhos e estradas ; vindo uma pelo mato dar nas costas do engenho de S. João, d'onde habitava, e cercando a casa o não acharam n'ella, nem quem d'elle lhes desse noticia. Tomaram-lhe seus bens, fazendo da casa, d'onde se deixaram estar, corpo de armas, e todas as alfaias e outras cousas que não poderam levar fizeram pedaços, como em vingança de o não poderem achar.

Andando as outras tropas fazendo diligencia por prenderem aos mais conjurados, que uns eram já com o temor dos flamengos acolhidos, outros tiveram lugar de escaparem depois das casas cercadas ; e assim n'aquella noite rigorosa e tempestuosa, porque como andavam todos de sobreaviso dormiam pelos matos, e por entre os cannaviaes: fallo dos que se haviam ajuramentado na empreza. Uma d'estas tropas cercou a casa d'aquelle homem que tinha descoberto aos do supremo conselho e malsinou os mais que se ajuramentaram, que tendo fugido (dizem de industria) se tornou para sua casa, d'onde tornando os flamengos o levaram preso ao Recife.

Em dia de Santo Antonio, 13 de Junho, houve grande revolta pela Varzea com as tropas dos flamengos, que vieram prender os conjurados, e assim já ás publicas se tratava do levantamento ; e ha de se notar que havia alguns trinta dias que tinha succedido uma cousa milagrosa na capella de Santo Antonio, que está na Varzea em um engenho dos de João Fernandes Vieira : e foi o caso que, fechando um homem as portas da capella por algumas vezes, quando se

cerrava a noite, com sua chave, achava as portas da capella abertas de par em par pela manhã, de que se admirou muito, e reparando no milagre deu conta a outras pessoas que tambem viram e experimentaram esta maravilha; e querendo fazer experiencia do milagre alguns homens fidedignos e sacerdotes, trazendo comsigo as chaves, indo ao outro dia tornaram a achar as portas abertas, e, pondo um sello com sinete no buraco da chave, achavam outra vez as portas abertas no seguinte dia, ficando intacto o sello. D'este caso foram muitos testemunhas de vista e experiencia, e muito publico e notorio a todos; que por essa causa se escreve, mostrando o glorioso santo portuguez a seus portuguezes que lhes mostrava os caminhos e abria as portas de sua liberdade, e se teve por bom presagio succeder este milagroso caso na igreja do engenho de João Fernandes Vieira, por cuja causa se dava á execução esta famosa empreza, de que elle dava a Deus muitas graças e ao glorioso Santo Antonio, cuja festa mandava celebrar todos os annos com grande devoção.

Assim como na acclamação de el-rei D. João, o 4° de Portugal, e liberdade do dominio de Castella, succedeu o notorio milagre de Santo Christo, que despregou um dos braços da cruz, como que mostrava tomar a seu cargo a defesa do reino contra Castella; assim este glorioso santo, abrindo as portas de sua igreja, e fazendo patente a sua imagem com a cruz e Menino Jesus, mostrou aos portuguezes d'estas capitanias de Pernambuco que os ajudaria n'esta empreza e favoreceria, pois era contra hereges, com quem tantas vezes tinha pelejado com suas prégações e argumentos para os convencer de sua perfidia, obrando tantos milagres, como na historia da sua vida se relatam; e n'este mesmo dia d'este santo, em que se principiou o levantamento, não se fez a festa na mesma capella (que

assim chamam as igrejas dos engenhos no Brasil) do santo, no engenho de João Fernandes Vieira, por elle se não poder achar presente ; e se mudou para a igreja matriz da Varzea, onde se fez com solemnidade, mas com sentinellas postas ao largo por andar tudo revolto com as tropas dos hollandezes, que sahiram a buscar os conjurados, mas a nenhum prenderam.

Fizeram logo muitos homens aviso a João Fernandes Vieira, e alguns escravos seus, que os hollandezes vieram declaradamente a prendêl-o, e que estavam senhores da casa, e do que n'ella havia, e assim no mesmo dia de Santo Antonio, pela manhã, sahiu do mato, aonde havia dormido, e descobrindo primeiro o campo se estava seguro, chegou ao engenho de Luiz Braz Bezerra para saber o que passava e tomar resolução no que devia fazer. Alli se ajuntaram com elle os conjurados da Varzea, convem a saber Francisco Beranger de Andrade, seu sogro ; Christovão Beranger, seu cunhado; Antonio Bezerra, o capitão Antonio Borges Uchoa, Francisco de Faria, Antonio da Silva, capitão dos cavalleiros, o capitão Antonio Carneiro Falcato Bernadin de Carvalho, Cosme de Crasto Passos, Manoel Cavalcanti, Antonio Cavalcanti com dois filhos, o capitão João Nunes Victoria, estes com alguma gente de armas de fogo: João Cordeiro de Mendanha, Alvaro Teixeira, Amaro Lopes Madeira, que veiu a ser capitão n'esta guerra por seus merecimentos, o qual tinha ido ao Recife a esquadrinhar e inquerir secretamente os intentos e determinações dos hollandezes para avisar a João Fernandes Vieira, como por muitas vezes havia feito, e elle se confiava muito de sua fidelidade por ser homem que o merecia e ser natural de sua patria, a ilha da Madeira, e Diogo da Silva, secretario de João Fernandes Vieira ; e assim lhe foram ajuntando todos os mais conjurados das outras freguezias. Com esta gente

partiu João Fernandes Vieira do engenho de Luiz Braz Bezerra ás 3 horas da tarde d'este mesmo dia de Santo Antonio, e se foi pôr no meio de um mato sobre um outeiro, parte secreta. Tambem se lhe aggregou toda a gente que tinha nos seus engenhos e fazendas, com suas armas, e alguns negros minas e angolas, seus escravos, em quem elle tinha confiança, e alli lhes prometteu dar cartas de alforria, se fizessem como valorosos soldados n'aquella occasião,

N'este sitio esteve tres dias dispondo as cousas segundo melhor lhe pareceu, porquanto o tinham todos eleito em governador d'aquella empreza, e com esta gente e alguma mais que se lhe ajuntou, que seriam algumas cento e trinta pessoas, marchou o governador João Fernandes Vieira para um sitio que estava entre uns lagadiços distante meia legua da Varzea, onde chamavam Camaragibe, e alli esteve alguns dias dispondo as cousas necessarias, e mandando aviso por todas as partes e ajuntando alguma gente, mandando dar rebate pelas freguezias, que todos os negros, crioulos, angolas, minas, pardos e mulatos captivos, que n'aquella empreza o acompanhassem e o fizessem como bons soldados, elle lhes promettia carta de alforria e liberdade em nome do monarcha, a quem direitamente tocasse a terra, e isto por não poder dizer de outra sorte n'aquella occasião e tempo, por onde logo alguns se lhe foram ajuntando, e outros andavam em tropas e davam de noite nas casas, e fazendas dos flamengos e judeus, e os desinquietavam, e então se acolhiam para o mato. E ha de se notar que todos estes homens, que se aggregaram ao governador João Fernandes Vieira, sendo os mais d'elles casados e ricos, desampararam suas fazendas, e deixaram suas mulheres e filhos ao rigor do inimigo, como tambem o fez João Fernandes Vieira, por lhes não ser possivel os retirarem-n'os para os matos, porque a muita pressa que o inimigo deu

em querer prender os conjurados, depois que se lhes descobriu a conjuração, não deu lugar a que os moradores se preparassem em fórma, como lhes era necessario.

Vendo o governador João Fernandes Vieira que se não levantaram todos, ou por não saberem com certeza o levantamento contra o inimigo, porque nunca elle se declarou publicamente com o povo, se bem havia as suspeitas que dissemos, e que praticaram n'isto publicamente, e vendo-se faltos de armas, temendo o rigor do flamengo, começou a deitar fama que os hollandezes prendiam os mancebos solteiros (que os casados era impossivel levantarem-se todos, respeito de suas familias e sustento para ellas), e, succedendo prenderem então um, alguns se acolheram, posto que poucos, para onde João Fernandes Vieira estava; outros não fizeram caso de cousa alguma por seus particulares.

Sabendo os hollandezes no Recife o que se passava, e como já publicamente estava levantado João Fernandes Vieira, mandaram com muita pressa continuar em reedificar suas forças arruinadas e pôr muita artilharia n'ellas, e os do supremo conselho trataram por muitas vias de o reduzir á sua obediencia, e que tornasse para sua,casa que lhe fariam toda a conveniéncia que elle quizesse, e que lhe dariam duzentos mil cruzados,postos na parte onde elle estivesse ou tivesse vontade, com que largasse a campanha em sua quietação como de antes, e que se fosse embora se quizesse, e lhe mandaram este recado por Jorge Homem Pinto, homem poderoso da Parahyba, e pelo ouvidor e provedor da capitania de Itamaracá Antonio de Oliveira, mas não o que dissemos que descobriu a conjuração; porém, conhecendo que com suas respostas os ia entretendo, mandaram ajuntar todos os flamengos que por todas as capitanias estavam diffusos e divididos, e juntamente mandaram vir muitos indios e *Tapuias*.

N'este tempo escreveu o governador João Fernandes Vieira a muitos homens, dizendo-lhes que se não levantára senão por fazer guerra aos flamengos, deixando sua mulher, tantos engenhos e fazendas, e lhes mandava o fossem buscar, levantando juntamente a gente que em suas fazendas tinham, porque, como soubessem que seu intento era de pelejar e fazer guerra, facilmente se levantariam todos, como aquelles que tanto (por lhes ter grangeado as vontades e feito a tantos tão boas obras) o amavam, se bem estava muito certo tinha de sua parte a maior da gente da freguezia de S. Lourenço e a da ribeira do Capibaribe, que toda communicava com elle, com que attrahiu suas vontades, e sentia muito o governador não poder (por estarem por aquella parte todos os caminhos tomados, e os matos com hollandezes e indios) fazer aviso aos moradores da Parahyba, Cunhaú, Rio Grande, que nem por fama os de Cunhaú e Rio-Grande souberam de seu levantamento.

N'aquelles primeiros dias despediu o inimigo aviso aos comendores, que pelas povoações e freguezias tinham seus quarteis de soldados, para que prendessem as pessoas, que em rol mandavam, que eram as que os descobridores da conjuração lhes tinham malsinado ; e assim prenderam muitos homens honrados por todas as capitanias de Pernambuco e os trouxeram presos ao Recife, e puzeram em asperas prisões, não permittindo que nenhum portuguez fallasse com elles, e sómente o que os tinha descoberto tinha liberdade para fallar com todos, por estar preso fingidamente, e de os visitarem e passeiar pela cidade Mauricea, e algumas vezes vinha á sua casa, e outras mandava ir sua mulher aonde elle estava, e a tinha comsigo dois e tres dias, e depois a mandava, e lhe alcançou dos do supremo conselho passaporte para estar segura sem algum risco em sua casa, e que nenhum soldado fosse ou-

sado a lhe fazer aggravo nem molestia em sua fazenda. E entre os que prenderam foi Gonçalo Cabral de Goyana, um dos conjurados, que, por ser descoberto por confidente portuguez aos inimigos, o mandaram degolar publicamente no Recife, e a outros deram tormentos cruelissimos, trateando-os.

Os do supremo conselho mandaram tambem prégoar um edital, que nenhuma pessoa podesse tirar do Recife nem da cidade Mauricea cousa alguma de comer, beber ou vestir, sem licença dos do governo, sob graves penas, assim para os que comprassem, como para quem lhe vendesse, e sómente estava isento d'este edital este certo homem (não se nomêa porque não quero aggravar), a quem seus escravos traziam todos os dias de comer, e os mimos e regalos de sua casa, e tiravam do Recife tudo o que lhe era necessario sem as guardas que estavam nas portas lh'os impedirem, e para isto tinha ordem do governador das armas, em cuja casa estava preso, e onde o vinha visitar Antonio de Oliveira todos os dias, e tratava com elle todas as cousas que se passavam pela campanha e nos matos, aonde a nossa gente estava, o qual para isso trazia espias que lhes descobriam tudo, e tanto que se aconselhava com este sujeito (que encubro por não molestar) ia logo aos do supremo conselho a dar conta aos superiores hollandezes, os quaes algumas vezes o vinham visitar á chamada prisão, onde estava, e alli se brindavam de parte á parte, e o que mais continuava com elle era um coronel dos burguezes chamado Mathias Beque, e os judeus jámais o deixavam estar só, e com elles praticava todos os segredos dos moradores e lhes dava alvitres contra nós, para que, como tão peritos na lingua flamenga, os fossem manifestar aos do conselho; e aos portuguezes que ia visitar dizia muitos males de João Fernandes Vieira e lhe chamava muitos nomes indecentes á sua pessoa.

Tambem em companhia dos malsinados, que os hollandezes prenderam, mandaram vir presos a outros homens graves que não eram conjurados, e a estes mandaram soltar dentro de poucos dias, por lhes constar não serem dos conjurados, dando-lhes passaportes de segurança por dois dobrões cada um, e a todos obrigaram a fazer de novo promettimento de fidelidade, e os mandaram para suas casas, encarregando-lhes que aquietassem os moradores, e tambem foram soltando alguns dos malsinados debaixo dos mesmos passaportes e promettimento de fidelidade com as grandes peitas que lhes deram, excepto a Antonio Mendes de Azevedo que, mataram, por trazer já um seu filho e um genro na guerra.

Do Porto do Calvo veiu preso Rodrigo de Barros Pimentel, a quem deram crueis tratos. De Una o padre João Gomes de Aguiar. De Serinhaem Sebastião de Guimarães, Simeão Vieira. De Ipojuca João Carneiro de Mariz, Francisco Dias Delgado, Miguel de Sá. Do Cabo de S. Agostinho Antonio Mendes de Azevedo, que mataram como temos dito. De Gorjaú Antonio Nunes Ximenes. De Santo Amaro Antonio de Bulhões. De S. Lourenço Gaspar Pereira e seu filho Salvador Pereira, que depois se acolheu ao Recife, e ao pai, por ser velho e doente, depois pelo em diante soltaram; mas todos estes acima nomeados que prenderam foi sómente por suspeita que d'elles tiveram, mas não que fossem da conjuração. Das outras freguezias das capitanias, desde o Rio S. Francisco até a Parahyba, prenderam a outros muitos homens, e da Parahyba veiu preso Antonio Barbalho, que não soltaram com os mais. Mandaram prender a outros, os quaes foram avisados e se retiraram para os matos, e puzeram suas fazendas moveis em cobro.

CAPITULO VII

Dos editaes que na campanha mandou publicar o governador João Fernandes Vieira e dos que tambem publicaram os hollandezes, e como se lhe ajuntou alguma gente e foi acclamado por governador da liberdade das capitanias de Pernambuco.

Tanto que João Fernandes Vieira, governador da liberdade, se retirou para o mato, como temos,no capitulo antecedente relatado, tendo dispostas e ordenadas as cousas necessarias, mandou publicar pelas freguezias um edital, cujo theor é o seguinte : « João Fernandes Vieira, primeiro acclamador e governador da guerra da liberdade, e restauração de Pernambuco, faço saber a toda a pessoa, de qualquer qualidade ou nação que seja, que quizer tomar armas contra o inimigo hollandez para bem da restauração d'estas capitanias, o faça logo dentro em quatro dias depois de ter noticia d'este edital; e sendo estrangeiro ou judeu, que queira ficar em sua casa e fazenda, debaixo de minha jurisdicção, se lhe não bolirá em cousa alguma de seus bens, nem fará aggravo algum, e poderá cobrar todas as dividas que se lhe deverem; e sendo soldado, e quizer tomar armas, se lhe pagará logo todo o soldo que a companhia de Hollanda lhe deve, e ao que as não quizer tomar se lhe dará passagem livre. E qualquer pessoa que assim o não fizer o terei e haverei por inimigo, para que como tal proceder contra elle sem piedade alguma, advertindo a todos os moradores que não se fiem nem fiquem debaixo dos falsos passaportes que os do conselho do Recife promettem, que são debaixo de engano, como se tem experimentado tantas vezes. Dado n'esta campanha de Pernambuco, a 24 dias do mez de Junho de 1645 annos.— O governador, *João Fernandes Vieira.* »

Irritados os do supremo conselho, sabendo que o governador tinha mandado publicar este edital, logo mandaram deitar um bando em que promettiam quatro mil florins a quem matasse ao governador João Fernandes Vieira ou lh'o trouxesse preso, e que se o matador fosse escravo, além do dinheiro, lhe dariam liberdade.

Soube o governador João Fernandes Vieira d'este bando, e mandou deitar outro e fixal-o nos lugares publicos, no qual promettia oito mil cruzados a qualquer pessoa que lhe trouxesse a cabeça de cada um dos tres do supremo conselho, aos quaes escreveu uma carta, chamando-lhes tyrannos, ladrões, embusteiros, e que não se cansassem em o buscar, porque elle os viria buscar antes de muitos dias, porque para isto tinha juntos quatorze mil soldados brancos, e vinte e quatro mil homens mais entre moradores, casados, mulatos, negros e mamelucos. E isto lhe mandou dizer em razão que tantos sabia o inimigo que havia n'estas capitanias, por lista que tinham feito muitas vezes, e como elles sabiam que, se se ajuntassem todos os moradores havia a dita quantia, não deixaram de ficar muito receiosos.

Aos 18 de Junho publicaram os do supremo conselho um edital, que mandaram pregar pelas portas das igrejas das capitanias por este theor: « Os illustrissimos e muito nobres senhores do supremo conselho d'esta capitania de Pernambuco, etc. Porquanto á nossa noticia tem chegado (o que muito nos peza) que alguns moradores de nossa jurisdicção, receiosos e temerosos de um rumor falso que se espargiu, que os nossos soldados haviam de sahir pela campanha a matar e roubar a todos os moradores que viviam fóra de nossas fortificações, se haviam ausentado para os matos desertos, e querendo nós atalhar a quantos males e desgraças se podem seguir a este effeito aos mora-

dores, principalmente, aos innocentes, por este nosso edital fazemos saber que a nossa intenção é defender, amparar, e conservar em paz e quietação a todos os moradores da nossa jurisdicção, nossos subditos, e assim requeremos da parte de Deus e da nossa a todos, que com temor andam pelos matos, que nós lhes damos plenario perdão de todas as culpas que contra o nosso Estado hajam commettido n'esta traição e levantamento, com tanto que logo todos se tornem para suas casas e dentro em espaço de nove dias, termo preciso e peremptorio que lhes concedemos; tanto que á sua noticia chegar este nosso edital se venham apresentar a este supremo conselho para fazerem de novo juramento de fidelidade e se lhes dê seus passaportes. E n'este perdão não entrarão os que foram cabeças d'esta rebellião e levantamento, e não tornando os ditos moradores para suas casas, nem vindo apresentar n'este conselho dentro no tempo que lhes assignamos, procederemos contra elles a ferro e fogo e mortes, como contra traidores, sem remissão nem piedade alguma. Dado n'este Recife em supremo conselho, a 18 dias do mez de Junho de 1645 annos, sellado com o sello maior do nosso cargo. — *João Bullestrate.* — *Henrique Hamel.* — *Pedro Bas.* — *João Balbeques.* »

Tanto que se publicou o edital acudiram quasi todos os moradores ao supremo conselho, os quaes se haviam ficado em suas casas por não se haverem podido retirar por causa da grande invernada, e por não terem nos matos com que se sustentarem, suas mulheres e filhos, e juntamente porque não haviam sido sabedores do levantamento, pelo que, por não poderem estar quietos em suas casas emquanto se não declarava em fórma a acclamação da liberdade, foram todos tomar seus passaportes, e a cada um d'elles lhe custava dois dobrões, como temos escripto, com que ajunta-

ram muita copia de dinheiro, como muitas vezes tinham feito sem nunca os guardarem. Tambem mandavam soldados por casa dos moradores dizer, que estivessem em suas casas, e não tivessem escondido seu fato pelos matos, porque os haviam de mandar correr por os indios e roubar tudo o que estivesse escondido, e matar aos que com elles achassem. E isto ordenaram para que, tendo os moradores todos seus bens em suas casas, os mandassem saquear, como com effeito fizeram em breve tempo. Outros, ouvindo o edital e sabendo que o governador João Fernandes Vieira se tinha retirado com a gente para o mato, foram caminhando para onde este estava e se lhe aggregaram, e as mulheres e filhos de alguns que se haviam retirado se recolheram nas casas dos que tinham passaportes, parecendo-lhes que alli estavam seguras de trabalhos ; mas pouco lhes aproveitou, que, como adiante diremos, fizeram os hollandezes infinitas exorbitancias e roubos, sem terem conta com os chamados passaportes.

Sendo o governador João Fernandes Vieira avisado que os do supremo conselho estavam informados por um malsim em como elle estava n'aquelle sitio dos Lagadiços, vendo que não tinha força bastante para ter encontro ao inimigo se alli o viesse buscar, sahiu d'aquelle posto e foi marchando para a mata de Vasco Pires Borralho, por ser paragem occulta, ajuntando mais alguma gente com promessas que lhe fazia em nome de quem lh'as podia cumprir e fazer mercês, e isto fazia porque, para fazer guerra nova, tudo é necessario. Estando no sitio que dissemos, o governador João Fernandes Vieira mandou recado ao capitão Antonio Dias Cardoso, o qual estava na Mata do Brasil, que logo descesse para baixo e se viesse a unir com elle, o qual veiu e trouxe comsigo quarenta soldados com armas de fogo, muito bem armados e praticos na guerra, e animosos para

qualquer empreza de importancia. Sendo chegado logo o governador lhe passou patente e nomeou por sargento maior de toda a gente do bando da restauração da liberdade, tomou conselho do que havia de fazer, e se resolveu em sahir a publico sem reparar em nenhum perigo nem trabalho, deliberando romper por todos, porque lhe não convinha estar n'aquelle sitio ; porquanto podia sua gente ser cercada por muitas partes, porque, além de pouca, estava desarmada, tendo muito poucas armas de fogo, que dardos e fouces aproveitavam pouco, podendo vir o inimigo com muitas clavinas e chuçaria (e ja tinha noticia que os vinha buscar João Blaar, como ao diante escreveremos), e que, quando por favor do céo os não matassem nem prendessem, os derrotassem. o que succedendo nenhum effeito se conseguiria, porque os moradores, temerosos com a primeira fortuna adversa, se lhe não haviam de ajuntar, e que lhe parecia bem abrirem caminho por aquella mata, por não serem sentidos e irem sahir á Maciape, que distava d'alli quatro leguas, d'onde se levantaria a gente da freguezia de S. Lourenço e da ribeira do Capibaribe, que era a melhor, por haver alli muitos homens que na guerra passada haviam sido soldados, dos quaes elle tinha conhecimento, e muitos finham suas armas de fogo escondidas, e por ser aquella parte mais abundante de mantimentos para sustentar a gente.

Parecendo a todos bem o que o governador dizia, mandou marchar toda a gente, que poderiam ser duzentos e cincoenta homens e trinta negros minas, para Maciape, onde se lhe ajuntou o capitão do campo Francisco Ramos e o capitão Braz de Barros, com quarenta homens bem armados, e o capitão João Barbosa, e os capitães Sebastião Ferreira, Domingos Ferreira Rebello, Domingos da Costa, João Nunes da Matta, Domingos Raymundo. Alli esteve o governa-

dor cinco dias tratando das cousas importantes para a guerra, e mandou ao ajudante Amaro Cordeiro com alguns soldados da Bahia e outros da terra mais praticos á ribeira do Capibaribe, e d'alli fossem na volta da Mata do Brasil, para que fizessem descer todos os moradores com as armas que tivessem, aliás que os castigaria conforme lhe parecesse. Elles, sabendo que o governador João Fernandes Vieira estava em Maciape, obedeceram com demonstrações de muita alegria, não se lhes dando dos falsos passaportes, pela muita fé e confiança que n'elle tinham, e com maior cuidado e diligencia do que lhes foi mandado se ajuntaram, convocando-se uns aos outros, e vieram oitocentos homens brancos. mamelucos e mulatos, entre os quaes haveria cento e trinta espingardas grandes e pequenas, alguns dardos, fouces e páos tostados. Tinha mandado tambem outros officiaes de guerra para juntarem estes moradores, e deu cargo de cabo de companhias para este ministerio ao padre Simão de Figueiredo, por haver sido capitão antes de ser clerigo e entender as cousas da milicia, e por sua boa diligencia e dos mais officiaes se lhe ajuntaram em tres dias os oitocentos homens que dissemos, na freguezia de S. Lourenço, da Moribara, ribeira de Capibaribe, Mata do Brasil e outras partes, os quaes por zelo da fé de Christo, Senhor nosso, e da liberdade da patria, deixando suas casas, mulheres e filhos ao rigor do inimigo, encommendando-lhes que se escondessem pelos matos, emquanto durava aquelle aperto e trabalho, que não poderia durar muito, pois a guerra se fazia pela honra de Deus, e defensão da fé catholica e dos fieis christãos; e assim são estes e os mais merecedores de que Sua Magestade os favoreça, e lhes faça muitas mercês pelo bom animo que mostraram, e exemplo que deram a todos.

Como estes homens estavam os mais d'elles desarmados,

mandou o governador provêl-os de chuços, facões e de algumas armas de fogo aos que as não tinham, que logo se concertaram por estarem ferrugentas e haver muito tempo que estavam escondidas.

Mandou o governador d'este sitio fazer o damno que podessem aos hollandezes, com os quaes encontrando-se os capitães Paulo Velloso, Francisco de Lisboa e Matheus Ricardo, que andavam com cincoenta homens, deram no caminho com trinta flamengos e vinte indios, que iam buscar farinha á povoação de S. Lourenço, e lhes mataram treze e oito indios, e lhes tomaram as armas e polvara que levavam, que foi para os nossos de muito proveito.

De Maciape marchou o governador com toda a sua gente (mandando primeiro descobrir o campo), que fazia numero de novecentos homens, afóra mulatos e negros, para a povoação de S. Lourenço, que de Maciape dista duas leguas para a parte do Recife, onde chegado todo o povo, assim moradores, como soldados, o tornaram a acclamar por seu governador da liberdade, repicando os sinos com muita festa, promettendo debaixo de juramento de lhe guardar toda a fidelidade e seguir sua ordem.

Aqui, pelo tempo ser tempestuoso de chuvas no coração do inverno e os rios irem cheios, não se tratou mais que de ajuntar farinha e gado para sustento dos soldados, e fazer dardos, chuços e concertar as armas em espaço de tres dias, quanto poderam fazer dois ferreiros, e em Maciape tinha o governador mandado chamar os lavradores de farinhas, aos quaes deu dinheiro para que lhe tivessem muitos juntos, porque os tres mezes que andou na campanha sustentou toda a gente á sua custa com muito dispendio de sua fazenda, porque não sómente sustentava a gente de guerra, mas ainda todos os seus escravos, que traziam comsigo os moradores, para que os hollandezes lh'os não tomassem,

que eram quatro vezes mais em dobro, afóra muita gente inutil que com temor se vinha amparar do exercito. Deixemos agora estar o governador em S. Lourenço com a sua gente, e tornemos atraz a dar conta de outras que n'este intervallo de tempo succederam, para que vá o decurso da historia, sem perder o fio direito.

CAPITULO VIII

De outra segunda embaixada que os hollandezes mandaram á Bahia ácerca do levantamento de João Fernandes Vieira, de como enviaram contra elle ao sargento maior João Blaar com gente de guerra e ao governador das armas Henrique Haus contra Amador de Araujo á Ipojuca, d'onde se veiu a unir com o Blaar para pelejarem com o governador da liberdade.

Os hollandezes do supremo conselho do Recife, vendo que declaradamente lhes fazia já João Fernandes Vieira a guerra, de que se intitulava governador, como nos editaes que elle mandou fixar, assim na villa de Igaraçù, como em outras partes se continha, com o que ficaram attonitos e confusos; mandaram em principio do mez de Julho de 1645 em uma não, que prepararam uma embaixada á Bahia, ao governador Antonio Telles da Silva, para descobrirem com esta sobcapa de embaixada se estava na Bahia alguma armada de Portugal, e mandaram por embaixadores a Theodoro de Straeten, capitão e comendor do forte do Pontal de Nazareth, do cabo de Santo Agostinho, que foi a primeira vez tambem por embaixador, como no capitulo quarto d'este segundo livro temos relatado, e a Balthazar van de Voorde, que havia sido publico, e de presente era um dos do supremo conselho politico, os quaes ambos sabiam fallar a lingua por-

tugueza. Chegados á Bahia deram conta ao governador geral Antonio Telles da Silva do levantamento de João Fernandes Vieira em Pernambuco, e como estava já intitulado governador, e convocava o povo para fazer guerra aos flamengos, e de tudo o mais que se passava, e lhe fizeram protestos de que não favorecesse este levantamento, nem lhes fizesse guerra, pois estavam em treguas, porque fazendo-lhes elle guerra, ou mandando soccorro a João Fernandes Vieira, protestavam mandar vir uma armada de Hollanda, com a qual não sómente passassem a cutello todos os moradores de Pernambuco, como rebeldes e traidores, mas tambem lhe fossem tomar a Bahia, e que já em Pernambuco se dizia publicamente que em soccorro de João Fernandes Vieira eram partidos da Bahia, e haviam passado o rio de S. Francisco, o tenente-general André Vidal de Negreiros, e os capitães Paulo da Cunha, Pedro Cavalcanti, Lourenço Carneiro, Antonio Gonçalves Tissão, Ascenso da Silva e outros mais, com grande numero de soldados.

Não deixou de se enfadar Antonio Telles com o que lhe disseram os embaixadores, perguntando-lhes se conheciam André Vidal de Negreiros, Paulo da Cunha e os mais capitães que diziam, e responderam-lhe que muito bem os conheciam; mandou logo chamar André Vidal e aos outros capitães, e lh'os mostrou, perguntando-lhes se eram aquelles, e respondendo elles confusos que aquelles eram: disse Antonio Telles da Silva:

« Os senhores do conselho não sabem outros primores mais que tratar em suas mercancias, e negocios e interesses; não se lhes dá nada de usar de cousas mal feitas, e de quebrar as palavras aos reis e principes christãos, e mais a um tão primoroso e poderoso como é el-rei D. João, meu senhor, o que se tem visto nas traições que lhe têm feito

n'este Estado do Brasil e no mar d'esta parte da linha, depois de celebrarem as treguas; e d'estes aggravos podéra eu tomar boa satisfação se não me impedira o mandado expresso que tenho de Sua Magestade, que conserve a amizade e paz com os hollandezes de Pernambuco, porém tambem me manda que me vigie e esteja de sobreaviso, porque se não póde ter muita confiança de fidelidade em mercadores, e que tome exemplo do que elles têm feito, que no tempo de pazes celebradas lhe foram á falsa fé tomar Angola, S. Thomé e o Maranhão, e que de presente mandavam a elle governador embaixada com embustes, dizendo que o tenente André Vidal de Negreiros e os mais capitães nomeados haviam passado o rio de S. Francisco com grandes tropas para Pernambuco, sendo que todos estavam alli na Bahia, como os viam, e assim lhes fazia saber que, ou haviam de deixar de fazer tantos males aos moradores de Pernambuco, não lhes roubando suas fazendas, opprimindo sua liberdade e impedindo o culto divino, ou lhes havia de fazer guerra a fogo e sangue, e assim o jurava, ainda que soubesse que Sua Magestade lhe havia logo de mandar cortar a cabeça por desobediente a seus mandados. »

Os embaixadores, ouvindo isto e outras cousas mais, responderam : « Illustre senhor, nossos superiores do supremo conselho nunca deram verdadeiro credito de que V. S. lhe poderia mandar fazer guerra, porém como o povo todo falla, forçosamente haviam de ter receios, e por isso nos mandaram pedir a V. S., da parte de Sua Magestade el-rei D. João e dos senhores da illustre companhia das Indias occidentaes, que mande aquietar os moradores de Pernambuco e prender a João Fernandes Vieira, porque elle preso os mais se aquietarão, e para este effeito promettem os senhores do supremo conselho passo franco

e livre por suas terras de Pernambuco a todas as tropas que V. S. mandar para beneficio da paz e quietação da terra. » Ao que o governador Antonio Telles da Silva respondeu : « Esses senhores do supremo conselho, como têm feito muitas traições a Sua Magestade, e muitas extorções e aggravos aos moradores de Pernambuco, suas maldades lhes trazem as consciencias perturbadas e os fazem temer e receiar : ora, eu, supposto que entendo que me enganam, me quero deixar enganar por esta vez Vão-se para Pernambuco, e digam aos do supremo conselho que dentro de quinze dias pouco mais ou menos eu mandarei aquietar os moradores de Pernambuco e João Fernandes Vieira, se elles quizerem obedecer, porque estão fóra de minha jurisdicção. »

Despedidos os embaixadores do governador para se fazerem á vela no seguinte dia pela manhã, e n'aquella noite buscou só o capitão Theodoro Straeten ordem para se avistar com o governador secretamente, e lhe fallou d'esta sorte: « Senhor, V. S. ha de saber, que, tanto que eu soube que Sua Magestade D. João o 4° tomou posse do reino de Portugal logo tive grandes desejos de o servir na guerra e pretendo assim pôr por obra, mas nunca os senhores do supremo conselho do Recife me deram licença para me embarcar. Hoje de presente sou capitão e comendor da força do Pontal de Nazareth, cabo de Santo Agostinho, que é um porto dos mais principaes de Pernambuco. João Fernandes Vieira, sabendo os desejos que eu tinha de servir a el-rei D. João, me solicitou de um anno a esta parte por tres vezes, com boa copia de dinheiro e largas promessas, para que eu lhe entregasse a fortaleza, e eu o fui entretendo com umas confusas e acauteladas esperanças até me assegurar se seu intento teria effeito, para que na occasião me offerecesse ; porém n'este tempo tenho visto os extraordina-

rios aggravos, crueldades e tyrannias que os hollandezes governadores de Pernambuco têm feito aos moradores, e que elles, obrigados da pura necessidade e afflicção, não tinham outro remedio senão levantar-se e tomar as armas contra os hollandezes; agora vejo que o povo está levantado e João Fernandes Vieira já retirado para os matos, com grande tropa de soldados ajuramentados a morrer na empreza ou livrar-se do captiveiro em que estão, e vejo que o mesmo João Fernandes Vieira e os que o seguem não fazem caso das fazendas, nem mulheres, nem filhos, e que se vão ajuntando em um corpo para darem sobre os hollandezes; pelo que me offereço a V. S. para lhe entregar a força de Nazareth, e n'isto não haverá falta á lei de quem sou, e por este serviço não quero premio algum, senão que saiba Sua Magestade o animo que eu tenho de o servir, e sobre isto que prometto,espero em Deus de lhe fazer muitos serviços n'esta empreza da liberdade que João Fernandes Vieira tem principiado, que tem dado grande cuidado aos flamengos do Recife, pelo temor que d'elle têm. E por este serviço tenho muita confiança que Sua Magestade me ha de honrar como fôr servido. » O governador Antonio Telles da Silva lhe agradeceu muito o bom zelo que mostrava de servir a Sua Magestade e lhe prometteu a remuneração para seu tempo.

Ao outro dia se partiram os embaixadores da Bahia e em tres dias chegaram ao Recife, e contaram aos do supremo conselho por extenso tudo o que haviam passado com o governador Antonio Telles da Silva, louvando-o muito de severo, sagaz, e sobretudo de muito determinado e resoluto. Tambem disseram em como no porto da Bahia havia muitos navios, mas que eram mercantis, e que só havia um galeão de guerra, o qual era de Salvador Corrêa de Sá e Benavides, que estava para ir para Portugal acompa-

nhando a frota dos assucares, de que os navios e caravelas estavam carregados; finalmente, disseram que o governador-geral lhes promettêra de mandar dentro de quinze dias aquietar aos moradores de Pernambuco; com esta resposta ficaram os do supremo conselho muito satisfeitos, entendendo por esta via se fariam senhores de todo o Brasil, matando com engano e traição aos soldados que viessem da Bahia, que para boa razão haviam de ser os melhores e mais praticos na guerra; e mortos elles iriam sobre a Bahia e a ganhariam com facilidade, e em Pernambuco tomariam vingança de todos os que foram ajuramentados no levantamento com João Fernandes Vieira, como não tivessem d'onde esperar soccorro.

Certificados os do supremo conselho que não estava na campanha a gente da Bahia, ficaram com menos cuidado por saberem que os do levantamento não tinham armas, polvora nem balas, se bem que poderam considerar que quem estava tão resoluto como João Fernandes Vieira, posto que lhe faltasse armas, lhe sobrava animo para se defender e resistir ao inimigo, pelo que trataram logo de o mandar buscar á campanha por seu governador Henrique Haus, que tinha ido aquietar as revoltas que havia em Ipojuca, como ao diante iremos escrevendo, e pelo sargento-mór João Blaar, homem cruelissimo e deshumano, e o fizeram capitão maior, dando-lhe trezentos soldados, armados todos de clavinas e espingardas por se não sentir o cheiro do morrão, e tambem lhe deram duzentos indios *Pitiguares*, grandes inimigos dos portuguezes, e lhe mandaram que com toda esta gente sahisse de noite do Recife, e fosse á mata de Vasco Pires Borralho, onde se dizia que estava João Fernandes Vieira com os de sua parcialidade, e os trouxessem presos e matassem a todos os que com elle estavam, e que, como viesse de Ipojuca Henrique Haus

com seu exercito, o iria tambem buscar por outra parte para que lhes não podesse escapar. Sabendo isto João Fernandes Vieira por pessoas confidentes, que lhe fizeram aviso, abalou com toda a gente para Maciape e depois para a povoação de S. Lourenço, aonde o deixámos o capitulo passado.

Partido João Blaar do Recife, em passando da povoação que chamam o Arraial Velho, lhe chegou um aviso de certo traidor, que com rebuço de fiel andava em companhia do governador João Fernandes Vieira, em como elle havia mudado de alojamento para outro mato mais retirado, pelo que se detivesse mais tres ou quatro dias até segundo aviso. Visto isto deixou João Blaar aquelle caminho, e tomou o da Mata, que vai dar nos rios de Paratyba e Jaguaribe, e estrada para Igaraçú, e foi roubando a todos os moradores por onde passava e espancando a todos que encontrava, mandando matar a outros, e consentindo a seus soldados, e aos indios, que furtassem as donzellas e as casadas, e entrassem nas igrejas e as saqueassem, e quebrassem as santas imagens de Christo, Senhor Nosso, e da Virgem Maria, e de outros santos, com tanto desaforo, que não me atrevo a escrevêl-o sem magoa do coração e lagrimas dos olhos que m'o impedem, e por não offender os ouvidos dos fieis christãos, especificando cada uma por si as grandes crueldades e tyrannias que este malvado executou, e fez executar nos miseraveis moradores, homens e mulheres, e até nos meninos innocentes; mas não lhe tardou muito tempo o castigo da divina justiça em vingança de tão impios sacrilegios, porque d'ahi á cousa de um mez e meio, em 3 de Agosto de 1645, foi aprisionado com Henrique Haus, em uma casa forte, como ao diante contaremos, onde foram mortos muitos soldados que commetteram estes sacrilegos feitos, e todos os indios; e indo prisioneiros Henrique Haus

e João Blaar para a Bahia; foi este Blaar, em Serinhaem, morto á espingarda, com que pagou parte d'estes desaforos, e dizem que o Haus lhes disséra, temendo elle do que lhe succedeu: « Camarada, quem planta semêa e colhe. »

E para que a nossa historia não deixe o direito decurso que leva, é necessario tornar o passo um pouco atraz para que melhor se entenda e não vá confusa. Ha de se saber que, como atraz dissemos no capitulo quarto d'este segundo livro, tinha o governador João Fernandes Vieira eleito por capitães da povoação e freguezia de Ipojuca a Amador de Araujo, que era o cabo, e a Thomé Teixeira, os quaes elegeram por capitão a Domingos Fagundes, o qual em Ipojuca levantou companhia, que não tinha n'aquelle principio mais de dezeseis soldados com que fez alguns assaltos aos flamengos, e em uma casa forte rendeu a treze, e no sitio que chamam Salgado tomou tres barcos aos flamengos, que estavam á carga de assucares e farinhas; e Amador de Araujo, que ficou por capitão-maior, elegeu tambem por capitão a Bartholomeu Soares Cunha, que serviu sempre na guerra com muito animo, e a outros; e sabendo Amador de Araujo que andavam para o prender os hollandezes, como faziam aos mais conjurados, se levantou com gente da freguezia de Ipojuca, e dos matos fazia tambem quanto damno podia aos flamengos, dando-lhes assaltos.

N'este tempo houve grande revolta na povoação de Ipojuca ácerca de um homem matar a um judeu rico que n'ella estava, por aggravo que d'elle tinha recebido, e outros mataram outros dois judeus e os delinquentes se retiraram para os matos temendo que os hollandezes os prendessem, e muitos mancebos solteiros e outros moradores d'esta freguezia se aggregaram ao capitão-maior Amador de Araujo, tanto que se soube que o governador João Fernandes Vieira se havia levantado e andava com a

gente na campanha; e a maior parte dos que se ajuntaram a Amador de Araujo era com dardos e chuços, porque havia poucas armas de fogo, e o capitão Domingos Fagundes proveu a seus soldados com as armas dos treze flamengos que rendeu.

Chegou ao Recife a nova em como os moradores de Ipojuca estavam levantados, e as alterações e mortes que succederam, de que os judeus e judias fizeram grande pranto pelos tres que foram mortos na povoação, principalmente por um d'elles que foi o que primeiro mataram por ser mais autorisado e rico, e começaram a persuadir aos do supremo conselho que lhes mandassem vingar aquellas mortes, e lhes offereciam dinheiro para os gastos da jornada.

Os do supremo conselho mandaram ao Recife a castigar os culpados, e a prender e derrotar Amador de Araujo e sua gente, ao governador das armas hollandezas Henrique Haus,com seiscentos soldados e trezentos indios,e sahiu este exercito da cidade Mauricea, de noite, por não ser sentido dos portuguezes, e foi na volta de Ipojuca em 24 de Junho de 1645, e chegando á mata da Tabatinga, uma legua distante da povoação. lhe deu cargas o capitão Domingos Fagundes, com vinte homens que comsigo tinha, d'entre os matos, e lhes feriu alguns soldados e matou tres, e temendo ser cercado se veiu retirando para onde estava o capitão-mór Amador de Araujo, e o governador das armas se veiu alojar na povoação de Ipojuca para tomar resolução do que havia de fazer; e seus soldados saquearam a povoação, de que quasi todos os moradores se haviam retirado com temor dos hollandezes e principalmente dos judeus, os quaes houveram de fazer muitas exorbitancias senão tivéra respeito ao Haus que tambem era inclinado a fazer bem. Ao padre Fr. Luiz Carneiro, religioso de S. Francisco, com

quem tinha amizade, e por ser muito velho e doente, e não o embarcaram com os outros religiosos, e elle com outro morava em uma casa particular, porque lhe tinham tomado o mosteiro os hollandezes para quartel de seus soldados, como tinham feito aos mais quando embarcaram os frades.

Depois que Henrique Haus deu saque á povoação, mandou deitar bando, que todos os moradores que se quizessem tornar para suas casas o poderiam fazer dentro de tres dias; porque elle lhes fazia segurança de suas vidas e fazendas (tendo-lh'as roubado), e que para isso lhes daria seus passaportes, com o que alguns por não morrerem pelos matos se tornaram para suas casas, aonde acharam sómente as paredes e telhados, que o mais estava saqueado. Vendo tambem que não podia dar alcance a Amador de Araujo, que andava occulto pelos matos, e finalmente sendo avisado alli pelos do supremo conselho em como João Fernandes Vieira tinha sahido a campo e estava posto em som de guerra, tratou logo de o ir buscar, e havendo na povoação mandado enforcar a Francisco Godinho, por lhe ser malsinado que era dos conjurados, sahiu de Ipojuca com toda a sua gente. Na Penderuma, meia legua da povoação, se avistou com a gente de Amador de Araujo, que, como tinha poucos soldados e armas, foi derrotado na pendencia e lhe mataram cinco homens, e morreram alguns flamengos e indios. E não podia ser menos, pois tinham os nossos pouca gente e menos armas, respeito da muita a quem tudo sobrava, que o inimigo levava, e por falta de disposição. E depois com toda a gente que pôde ajuntar foi o capitão Amador de Araujo em demanda do governador João Fernandes Vieira, que estava situado nas casas de Balthazar Rodrigues Covas, como no seguinte capitulo diremos.

Foi marchando o governador das armas Henrique Haus, depois da pendencia que teve com Amador de Araujo, e

d'alli cousa de meia legua, no engenho que chamam da Tabatinga, mataram os hollandezes e indios a um ermitão que acharam tangendo o sino da capella de Santa Luzia, que estava no engenho, dizendo que estava dando rebate á nossa gente. E veiu marchando até a povoação de Santo Antonio do Cabo, ajuntando assim os soldados que n'ella estavam, e o mesmo fez na Muribeca, mandando roubar por seus soldados e indios todos os moradores por onde passavam, e gastou mais de dez dias na jornada por respeito das grandes cheias de rios e terrivel invernada.

Sabendo o governador João Fernandes Vieira que estava com sua gente na povoação de S, Lourenço, ordenando suas cousas tocantes á restauração da liberdade, como dissemos no fim do capitulo antecedente, em como o governador das armas hollandezas Henrique Haus o ia buscar a S. Lourenço com grande exercito, e que pela parte do sertão vinha o capitão-mór João Blaar com a sua tropa para acolherem no meio a nossa gente, e a degolarem sem deixar a nenhum com vida, tomando conselho sobre o negocio, se resolveu que não lhe estava a conto o esperar alli o inimigo, e assim passou com toda a gente ao engenho de Fernão Soares da Cunha, na Moribara Pequena, passando com muito trabalho o rio Capibaribe, que ia de monte a monte, fazendo para a passagem algumas jangadas e muitas balsas, e pela outra banda foi marchando para o engenho, da invocação S. João, de Arnáo de Hollanda Barreto, que agazalhou a todos em tres dias que alli se detiveram, e se aggregou ao governador elle e seus filhos. D'este engenho mandou o governador ao padre Simão de Figueiredo com quatorze homens ligeiros a reconhecer aquelle sitio e a pôr sentinellas pelos caminhos, e chegados ao' rio que se chama Tapicurá, vendo que ia cheio demasiadamente, mandou fazer uma jangada em que passaram

todos os soldados de oito em oito e de dez em dez, á vista de João Blaar, o qual estava com sua tropa da outra parte entre uns matos, com o qual se reuniu Henrique Haus, que por aquellas partes saquearam as mulheres que em suas casas estavam pacificas, debaixo de novos passaportes que obrigaram a tomar os que se não levantaram, como dissemos, e os indios matavam a quantos encontravam por os caminhos, que estavam em suas lavouras, fazendo outros muitos roubos e maleficios,

Havendo passado o governador João Fernandes Vieira com sua gente o rio Tapicurá, chegou á casa e engenho de Manoel Fernandes Cruz, onde se não deteve mais que uma noite, e o fez ir em sua companhia. No engenho de Arnáo de Hollanda havia ficado como de vigia o capitão Cosme do Rego com cincoenta homens, sobre o qual deu de noite e de sobresalto João Blaar com toda a sua gente, sendo guiado por um mulato traidor, que sabia bem aquelles atalhos; e como o capitão Cosme do Rego estava descuidado, e cuidando que por tão asperos matos e caminhos, e tantas lamas, não poderia alli vir pessoa humana, não teve lugar de se pôr em defensão, nem pelejar, porque se lhe espalhavam os soldados; porém ainda os ajuntou no melhor modo que pôde, e rompendo por entre o inimigo se veiu incorporar com a nossa gente. Da casa de Manoel Fernandes Cruz marchou o governador João Fernandes Vieira com muito trabalho para as casas e sitio de Belchior Rodrigues Covas, d'alli tres leguas com o nosso exercito, aonde se deteve vinte e dois dias, esperando pelo inimigo para pelejar com elle se o fosse acommetter, e n'este meio tempo succederam as cousas que no capitulo seguinte diremos.

CAPITULO IX

De como o governador João Fernandes Vieira chegou com sua gente ao sitio de Belchior Rodrigues Covas, e do que alli lhe succedeu, e de como se lhe aggregou a gente de Ipojuca, Cabo, Muribeca e outras partes. Conta-se o desastrado successo e morte dos moradores de Cunhaú pelos hollandezes e *Tapuias*, e outras cousas, até que o governador marchou para o monte das Tabocas.

Chegou o governador João Fernandes Vieira com sua gente ao sitio de Belchior Rodrigues Covas, e se aposentou em suas casas que eram as melhores que n'aquelle sertão havia; alli dispôz as cousas necessarias á guerra, provendo os postos de sentinellas, como quem esperava cada hora pelo inimigo. Estando alojado n'este sitio com sua gente, se começou a levantar quasi uma intestina pendencia e motim, porque um dos ajuramentados com outros de sua facção começou a alvorotar o povo, dizendo que o inimigo os vinha seguindo com dois exercitos para os tomar em meio, para os degolar a todos, e que ainda que quizessem pelejar não tinham alli commodidade para isso nem para onde se podessem retirar, nem cirurgiões, nem medicinas para curar os feridos, e que o trabalho das chuvas e lamas era intoleravel, e que não tinham que esperar soccorros da Bahia, nem tinham polvora, nem armas bastantes para se defenderem do inimigo, que vinha bem provido d'ellas, e, em resolução, que a intenção do governador João Fernandes Vieira era ir-se para a Bahia e levar comsigo os moradores de Pernambuco. De sorte que com estas e outras palavras começou a haver motim, e começaram de apartar ranchos e haver bandos, o que summamente sentiu o governador, aquietando tudo quanto melhor pôde com sua admiravel prudencia, constancia e fortaleza; e

para atalhar estes e outros semelhantes motins, para saber o que tinha na gente de que se fiava, mandou dar um rebate falso, dizendo que vinha o inimigo. Ordenou logo o sargento-maior Antonio Dias Cardoso algumas emboscadas, e repartiu os postos onde os capitães haviam de pelejar com seus soldados; e estando tudo preparado para a pendencia vieram as nossas sentinellas e disseram que não havia novidade de presente, que tudo estava seguro. Logo o governador; mandou aos capitães que se viessem retirando por onde elle estava, e o primeiro foi o capitão Paulo Velloso, o qual havia vindo da Bahia, como dissemos, e tanto que esta companhia e os mais, que eram trinta e quatro, que foi chamando uma, após uma estiveram diante do governador, elle lhes fez uma pratica, animando aos soldados e mais moradores que fossem por diante na empreza que emprehendiam, que tivessem animo e esforço para que pelejassem para defensa de sua fé, honras e vidas, e que os que não quizessem elle os havia por escusos, que se fossem por diante, que não queria levar as cousas por força, senão por vontade; e a mesma pratica mandou fazer pelo padre Simão de Figueiredo aos ranchos dos outros moradores, que d'alli estavam desviados, e muitos desanimados, e o padre o fez com tanto zelo christão e prudencia que toda a gente se ajuntou em um corpo, e á vozes altas começaram a dizer todos: « Nós queremos seguir a empreza começada, e promettemos e juramos de pelejar com os hollandezes, por defensão da fé e liberdade da patria, até vencer ou morrer na demanda. » Ouvida esta resolução tão famosa, ficaram os alvorotadores do povo tão confusos, e o governador muito satisfeito e contente disse em voz alta, para que todos ouvissem, que nenhuma pessoa lhe andasse amotinando seu exercito, porque, sabendo que assim se fazia, o havia mandar enforcar.

N'este meio tempo fizeram muitas pessoas, assim de palavra, como por escripto, aviso ao governador João Fernandes Vieira attentasse por sua pessoa, porque quem com elle communicava e tratava havia mandado buscar veneno para o matar. Fez elle dos avisos pouco caso, não crendo, como homem bem intencionado, que haveria quem intentasse commetter tal maldade; mas vendo todavia que muitas pessoas do exercito por via do sargento-maior, e a elle mesmo, lhe certificaram que o queriam matar com veneno, e que já era vindo, se acautelou mais, tratando os outros mais familiarmente, fazendo-se ignorante de suas maldades, mas tratou sempre de trazer soldados de guarda á sua pessoa de dia e de noite, e o sargento-maior Antonio Dias Cardoso por dois soldados de guarda, confidentes, na porta da cozinha, onde se fazia de comer, e não entrava n'ella mais que um escravo do governador em quem elle tinha muita confiança e lhe deu liberdade, e fez outros muitos favores e mercês.

Havia o governador antes que se levantasse passado patente de capitão com muitos largos poderes a João Soares de Albuquerque, por conhecer bem seus talentos, homem principal da freguezia da Muribeca, para que, sendo avisado por elle, levantasse a gente d'aquella freguezia, que por principal e affavel o respeitavam, e obedeciam todos os d'aquella parte. Dia de Santa Isabel, dois dias do mez de Julho, pelas 10 horas, lhe foi dada carta a este do governador, em que lhe dizia levantasse a gente e fosse incorporar-se com elle ao sitio do Covas, aonde estava. Sahiu logo João Soares do seu engenho, e o capitão João, Leitão seu irmão, com vinte homens. Chegado á povoação disse a todos que o seguissem, com animo de castigar aos primeiros que recusassem, mas não foi necessario rigor que todos lhe obedeceram logo, sem saberem para que João Soares os

fazia levantar, e lhe pediram os deixassem ir buscar as armas que cada qual tinha, e que iriam até ás 3 horas da tarde buscal-o ao seu engenho. Sendo depois do meio-dia deram no dito engenho quinhentos flamengos e muitos indios, que vinham de Ipojuca para prenderem a João Soares, que vendo vir a tropa se retirou com os vinte homens a um monte que á vista do engenho estava, onde o foram buscar os mais, com que tomou a volta de Gorjaú, levantando-se tambem a gente de Santo Antonio do Cabo, com ordem do governador, a qual se uniu com o dito João Soares, posto que alguns do Cabo estiveram duvidosos, porque não davam pelo dito e ordem do capitão Antonio Gomes Taborda, que havia ido a fazêl-os levantar, se bem os capitães Antonio de Castro e João Paes Cabral jámais duvidaram, mas andavam ausentes antes do levantamento, por haverem dito os hollandezes que estavam eleitos por capitães. Juntou-se tambem o capitão-mór de Ipojuca Amador de Araujo com a sua gente, que já havia dias andava levantado pelos matos, como já dissemos, por os flamengos o quererem prender, e depois da derrota da Penderamá, sabendo que o governador das armas hollandezas Henrique Haus ia em demanda do governador João Fernandes Vieira, se veiu unir com a gente de Ipojuca, com a de Santo Antonio do Cabo e Muribeca, que fazia todo o numero de quasi quatrocentos homens, e vieram marchando para o sitio do Covas com o capitão Antonio Gomes Taborda e outros para se incorporarem com o governador João Fernandes Vieira, cuja chegada foi muito festejada d'elle e de todos os mais, porque se viam com mais cabedal para receberem o inimigo. Tambem foi muito festejada a chegada de sete indios do governador D. Antonio Filippe Camarão, que vinham com seus mosquetes biscainhos e com um trombeta, o qual a tocava, e deu por novas

que o Camarão e Henrique Dias chegavam áquelle sitio dentro de sete ou oito dias, que já vinham perto; com esta nova os nossos cobraram novo alento. O governador João Fernandes Vieira mandou dar dois escravos de alviçaras a uma sentinella que lhe trouxe novas de que tinham aquelles sete indios.

Em-quanto succediam as cousas atraz escriptas, os do conselho supremo do Recife mandaram publicar um tyrannico edital, pelo qual mandaram que todas as mulheres dos moradores que se haviam retirado com o governador João Fernandes Vieira para os matos, e andavam em campanha, que dentro de cinco dias proximos seguintes fossem em busca de seus maridos, com seus filhos e filhas, sob pena de morte a sangue e fogo, e perdimento de seus bens, e que passado este termo se não usaria de nenhuma clemencia com aquellas que tendo seus maridos, irmãos ou filhos ausentes, se achassem em suas casas. Considere o leitor que poderiam fazer as miseraveis mulheres, vendo seus pais, maridos, irmãos e filhos ausentes, sem saberem as paragens onde estavam, e vendo-se sós, desamparadas no meio do rigor do inverno, sem mantimento para se sustentar nos matos, e vendo sobre si o rigor com que as ameaçava o inimigo, bem experimentado tantas vezes, e agora mais aspero e cruel; e assim trataram de se pôr bem com Deus, despedindo-se umas das outras com mil lagrimas e suspiros, abraçando-se umas com os pequenos filhos, que causaria lastima ao mais duro peito de diamante; mulheres, e matronas nobres e honradas, que não sahiam nunca de suas casas, como haviam de ir por matos, perdidas, sem saber onde seus maridos estavam?

Comtudo muitas se esconderam em casas de pessoas confidentes, e outras dormiam pelos matos aos pés das arvores, ao rigor da chuva, padecendo muitos infortunios,

por se não verem entregues á furia dos hollandezes e caboclos. Comtudo prenderam á algumas principaes, as quaes levaram á uma casa forte na Varzea, onde o governador João Fernandes Vieira as libertou,como ao diante se escreverá.

Acudiram a vêr se podiam aplacar, e modificar este grande rigor e cruel edital, alguns homens principaes da Varzea, e para este effeito foram buscar ao padre Fr. Manoel do Salvador, que morava na cidade Mauricea, a quem sabiam que os hollandezes tinham grande respeito. Elle foi em sua companhia, e entraram todos pela casa do supremo conselho, e o padre fallou com grande efficacia, estranhando-lhes este edital com uma larga pratica que lhes fez, a qual elles ouviram, mas disseram que não haviam de revogar o seu edital, e isto agastados e iracundos, e que se as mulheres se não fossem para onde estavam seus pais e maridos haviam de morrer todas como estava decretado. Vendo o padre e os mais esta resolução se tornaram sem effectuar cousa alguma; e o padre, chegado á sua casa se veiu ás escondidas retirando com estes homens para a povoação que se chama Apepucos, onde esteve até que o governador João Fernandes Vieira e o tenente-general André Vidal de Negreiros tomaram por armas a casa forte da Varzea de D. Anna Paes, como ao diante escreveremos, e se embarcou d'alli para o reino de Portugal no seguinte anno de 1646 antes que viesse o Sigismundo com o soccorro de Hollanda.

Sabendo o governador João Fernandes Vieira do despropositado e barbaro edital dos do supremo conselho do Recife, se lhes resolveu a mandar pôr outro, que os deixou muito cuidadosos e confusos, e foi causa d'elles aplacarem sua ira e rigor, o qual era pelo theor seguinte: « O governador da liberdade João Fernandes Vieira, nas campanhas

de Pernambuco, etc. Por-quanto me veiu a noticia que os flamengos do conselho do Recife mandaram publicar um edital fóra de todo o estylo da razão, pois nunca se viu em guerras entender com mulheres, como estes tyrannos querem usar de rigor com ellas ; pelo tal respeito ordeno, que nenhuma mulher nem outra qualquer pessoa se saia de sua casa, e aguarde todo o rigor que o inimigo lhe promette fazer, que pelo primeiro que começar em vingança lhe não hei de dar quartel á pessoa alguma de sua jurisdicção, mulheres nem meninos, escravos, bois, cavallos, e todas as mais lavouras e fazendas, lhes hei de pôr o fogo e sangue. E bem conhecem os mesmos flamengos que além de ter eu o favor do céo, tenho o poder da terra, que elles não ignoram, para dar á execução todo o conteúdo n'este edital, e para lhes chegar á sua noticia lhes será este affixado em todas as praças publicas. Campanha, a 15 de Julho de 1645. — O governador *João Fernandes Vieira* »

Por me não tirar do fio da historia, quero escrever um caso infausto que succedeu em Cunhaú (theatro, como já tenho escripto, de tragicos successos), e foi o caso que um domingo 16 de Julho, e não como Fr. Manoel escreve que succedeu em 29 de Junho, dia de S. Pedro e S. Paulo, estando ainda o governador João Fernandes Vieira no sitio do Covas, veiu um hollandez, chamado Jacob, casado com uma india *Tapuia*, e quasi barbaro como estes indomitos e crueis gentios, que com elles havia muito tempo morado no sertão, e exercitado seus brutos e depravados costumes. Veiu, pois, com ordem dos do Recife, trazendo muitos indios e *Tapuias*, e mandou chamar á falsa fé os moradores que estavam em suas casas pacificos, tratando cada qual de grangear suas fazendas sem saber do levantamento de João Fernandes Vieira, e juntos ao domingo, pela manhã, pondo um edital dos do supremo conselho de segurança nas

portas da igreja, e dizendo que queria tratar com elles negocios de importancia. Elles, posto que receiosos dos indios, se juntaram na igreja. O Jacob lhes disse que ouvissem missa, que depois lhes manifestaria o negocio a que vinha, isto fez para os acolher todos juntos os que estavam por suas casas para virem ouvir missa. Não faltou da companhia quem dissesse aos moradores,que fugissem emquanto tinham tempo, porque os vinham a matar, e elles por verem que em nenhuma causa estavam culpados, não fizeram caso do aviso por seu mal. Estando, pois, todos juntos, uns dentro da igreja,que serviu de cadafalso a estes innocentes, e outros na casa do senhor do engenho, mandou o flamengo cercar assim a casa, como a igreja, e entendendo já os miseraveis, a tempo que não podiam fugir, ser certo o que se lhes havia dito, e vendo que os flamengos que vinham com Jacob e os indios lhes foram tomando os bordões que traziam, que estas eram as armas com que vinham, entre mortaes ancias se confessaram ao summo sacerdote Jesus Christo Senhor Nosso, pedindo-lhe cada qual, com grande contricção perdão de suas culpas. Jacob, fazendo signal assim aos flamengos, como aos *Tapuias*, foram matando cruelmente e atrozmente aos que na igreja estavam, e o primeiro que commetteu esta maldade, levando de uma adaga, foi um dos *Petiguares*, principal, chamado o Jererera, filho do Jandoim, que foi grande amigo dos portuguezes no tempo passado, não seguindo as pisadas de seu pai e degenerando de sua bondade. E se affirma que elle foi o primeiro que feriu ao padre capellão d'aquella igreja, chamado André do Soveral, que alli mataram com os moradores, exhortando-os a bem morrer e rezando apressadamente o officio da agonia. Os que na casa do senhor do engenho se recolheram, ouvindo os gritos tristes d'aquelles que na igreja, e seu adro e cemiterio matavam,

desceram pela escada abaixo ; e como no subito perigo não é necessario largo conselho, vendo que não podiam romper por entre a caterva dos *Tapuias* e *Petiguares*, cada qual se abraçou com o seu, e assim, ás dentadas e punhadas, pois outras armas não tinham, venderam as vidas. Mortos aquelles, subiram pela escada acima e fizeram pedaços os que na casa acharam, escapando sómente tres por cima dos telhados, ficando mortos alguns sessenta e nove. E o padre, sacerdote de noventa annos de idade, ou por vêr se podia escapar a vida, ou já por não saber com as ancias da morte, que tão presente via, o que dizia, se bem poderia ser por impulso sobrenatural, disse aos *Tapuias* que lhes fallava bem a lingua, que aquelles que o matassem se haviam de seccar e morrer. Ficaram os *Tapuias* tão admirados e confusos que não quizeram dar a morte ao padre, antes se apartaram d'elle ; mas os *Petiguares*, zombando dos *Tapuias*, fizeram pedaços ao sacerdote, e foi cousa admiravel e estupendo caso que aos mesmos barbaros causou espanto, porque, seccando em brevissimo tempo os braços dos que ao padre mataram, acabaram as vidas raivando, e os que o ameaçaram ficaram com os braços tolhidos, conhecendo o erro que fizeram, que foi este, se assim posso chamar, o primeiro arrependimento que estes barbaros insolentes tiveram por verem com seus olhos o castigo das inhumanidades que fizeram ; e ainda se viu outro prodigio ; porque, indo a Cunhaú, depois d'este successo dois ou tres mezes, umas tropas de soldados nossos, viram na igreja e seu adro o sangue dos que foram mortos tão vivo e fresco como se n'aquella hora fôra derramado, e na porta da igreja uma estampa da mão, que affirmaram ser do padre André do Soveral, que indo para cahir, encostando-se, pôz na porta da igreja, que n'aquelle tempo estava o sangue fresco e vivo, como que pedia vingança, qual o do inno-

cente Abel, e não lhes tardou assim ao cabeça Jacob e mais aggressores, como escreveremos quando contarmos a morte dos moradores do Rio Grande.

Mortos estes homens, começaram os barbaros a fazer muita festa e a despojar os cadaveres, e a um dos principaes que alli mataram chamado Domingos Carvalho, acharam uma cadêa e moedas de ouro, que em cima do corpo começaram a contar e repartir entre si, e com os flamengos, e roubaram os moveis e mais fazenda dos moradores. Considere o leitor o pranto e choro que faziam as pobres mulheres d'estes mortos, vendo as mais d'ellas matar á sua vista seus maridos, e d'estas houve algumas que ficaram com cinco e seis filhos pequenos, e muitas com o temor da morte, e imaguinando que haviam de ter o fim que seus maridos, se esconderam e metteram pela casa d'onde se purga o assucar, pelos tanques de mel, que era piedade vêl-as, e d'alli a poucos dias se vieram retirando para a Parahyba, pelo rigoroso tempo do inverno, avexadas e roubadas com perda de seus maridos, que era um miseravel espectaculo, e algumas pessoas d'aquella capitania com muita caridade as mandaram comboiar para suas fazendas, onde a ellas e a alguns homens que escaparam d'este infortunio, que vindo para a igreja não chegaram n'aquella infausta occasião, e outros que tiveram boa fortuna de escaparem, proveram do necessario. E tanto que os moradores d'esta capitania souberam este desastrado successo, temendo que o mesmo lhes haviam de fazer os hollandezes que a seus vizinhos fizeram, começaram a andar muito precatados e com muita cautela, não se fiando dos flamengos; e quando iam a suas igrejas ouvir missa punham sentinellas ao largo e iam com suas armas occultas, e porque ao diante hei de tratar das cousas que succederam na Parahyba o deixo para seu tempo.

D'este successo teve aviso o governador João Fernandes Vieira no sitio do Covas, que sentiu grandemente e os mais que com elle estavam, o que bem vingou depois mandando muitas tropas a Cunhaú e ao Rio Grande a fazer damno aos flamengos e indios pela campanha.

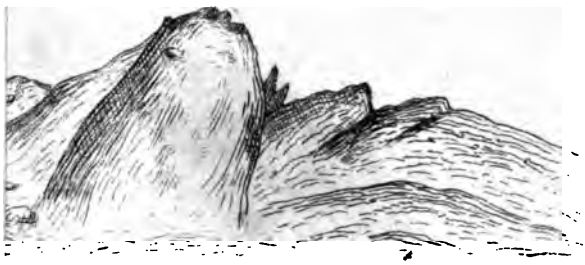
Havendo vinte e dois dias que o governador estava n'este sitio com toda a gente, soube que o inimigo o ia acommetter por tres partes, e vendo que havia campinas e muitos caminhos onde podia fugir-lhe a gente, que andava alguma amedrontada e outra doente, por respeito da muita chuva e frio da campanha, que havia mez e meio que por ella andavam, conhecendo juntamente os bandos que haviam, ordenou ao sargento maior que mandasse buscar sitio, d'onde se não tivesse esperanças de retirada para n'elle estarem até a chegada do Camarão e Henrique Dias, ou esperar o ultimo rigor da fortuna que tão adverssa experimentava, soffrendo diversas vontades, e tratando com alguns inimigos seus, que por todas as vias lhe procuravam a morte, ou por assim o haverem promettido aos do supremo conselho (que isto é o mais certo) para que ficasse tudo frustrado, e os que se levantaram sem vida e os mais moradores expostos á furia dos flamengos, que tal, como este, era o zelo d'aquelles malvados e assim o publica a fama, que do exercito estavam os mais dos dias fazendo avisos ao inimigo, e até no tempo em que se estava pelejando, largando uns a vida, derramando outros seu sangue, estavam escrevendo aos contrarios.

Chegaram os soldados, que uns eram da Bahia, outros da terra, os mais praticos n'aquellas paragens, que o sargento-maior havia mandado buscar o sitio, dizendo que o tinham achado conforme se havia mister, que era um monte alto e empinado, que estava legua e meia de distancia de uma ermida de Santo Antão para baixo, para a parte

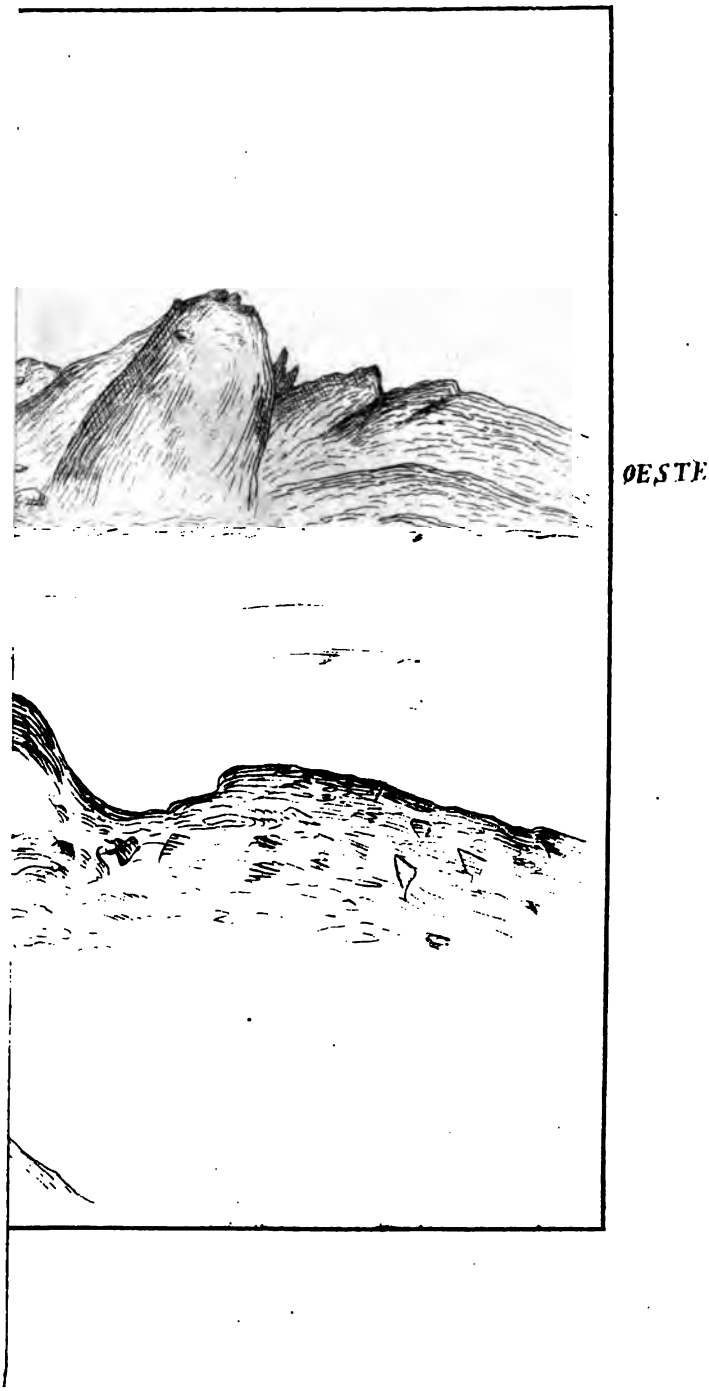
do sul, d'onde está um tabocal, quero dizer cannavial de cannas bravas, de que o sargento-maior tinha bom conhecimento por haver estado n'elle, quando em outro tempo andava com sua tropa na campanha, e, dizendo ao governador João Fernandes Vieira ser o melhor sitio que achar-se podia, lhe ordenou mandasse para elle marchar a gente toda d'aquelle sitio e casas do Covas, d'onde partiu no ultimo dia do mez de Julho, e chegando ao monte das Tabocas, ou cannas bravas, no alto d'elle fez seu alojamento, e se situou toda a gente o melhor que pôde e se preparou para alli esperar o inimigo, e pelejar com elle até vencer ou morrer.

Estando o governador João Fernandes Vieira no sitio do Covas dois dias antes que o inimigo viesse a elle, como diremos no capitulo que se segue, mandou cinco companhias de soldados, e por cabo Antonio Gomes Taborda, ao engenho de Balthazar Gonçalves Moreno, que dista legua e meia do mesmo sitio, e que alli provesse as entradas da mata e caminhos que vinham para elle, e que recebesse o inimigo se por alli viesse pelejando com elle, fazendo-lhe aviso. Depois de ser chegado o capitão com a tropa vinha vindo o inimigo com seu exercito e o troço que vinha na retaguarda, que seriam quatrocentos homens, pelejou com as cinco companhias, que o fizeram com tanto valor, que detiveram o inimigo e lhe mataram quatorze soldados que ficaram no campo, e lhe feriram muitos por se pelejar de emboscadas com melhor vantagem. Da nossa parte morreram tres homens e foram sete feridos. Eram os nossos duzentos e quarenta. O cabo Antonio Gomes Taborda, fazendo aviso d'este successo ao governador João Fernandes Vieira, o mandou retirar para se encorporarem todos, e irem buscar o sitio das Tabocas para que se pelejasse com o inimigo, pois o vinha buscar. Situando-se e preparando-se como temos dito.

(Continúa.)



ØESTE


OESTE

DOCUMENTO IMPORTANTE

a respeito de Antonio Teixeira de Mello, o restaurador do Maranhão do poder dos hollandezes

offerecido ao Instituto Historico

PELO

EXM. SR. VISCONDE DO PORTO SEGURO

« Dom João, etc. Faço saber aos que esta minha carta patente virem que, tendo respeito aos serviços de Antonio Teixeira de Mello, natural da ilha da Madeira, filho de Pedro Gonçalves Ferreira, feitos na conquista do Maranhão, desde o anno de mil seiscentos e quatorze, que os francezes foram lançados d'ella, até ao de quarenta e seis, em praça de soldado, de alferes, de capitão e de sargento-mór, achando-se a principio nas guerras que com elles houve, por mar e por terra, emquanto de todo não foram desalojados d'aquellas praças, ajudando nos recontros e brigas, que com elles se travaram por vezes, a matar e ferir-lhes muita gente, e nas entradas do sertão, e castigo de alguns indios rebellados, em que se achou, no soccorro do Pará, na tomada de uma lancha de hollandezes, e do forte que os inglezes tinham na barra do rio dos Amazonas; proceder como devia, e particularmente sendo elle capitão-mór da gente da guerra, eleito pelo povo da cidade de S. Luiz, na defensão d'ella, quando os mesmos hollandezes, no anno de seiscentos e quarenta e dois a ganharam; se assignalar conhecidamente nos assaltos, emboscadas e mais pelejas, até que, por força de armas, desempararam os postos, e se retiraram d'aquelle Estado; perdendo um filho que os inimigos lhe mataram, na mesma guerra; em satis-

fação de tudo hei por bem de lhe fazer mercê da capitania do Pará por seis annos, na vagante dos providos de quatorze de Março de seiscentos e quarenta e seis, em que veiu consultado do conselho ultramarino. E esta mercê lhe faço, além de outra que, pelos mesmos respeitos, lhe fiz, com declaração que não haverá effeito o despacho do habito de Sant'Iago e doze mil reis de pensão, com que, á instancia da cidade de S. Luiz, estava respondido. Com a qual capitania haverá o dito Antonio Teixeira de Mello o ordenado que lhe tocar, e todos os prós e precalços que directamente lhe pertencerem (1). Pelo que mando ao governador do dito Estado do Maranhão, que ora é e ao diante fôr, que, tanto que ao dito Antonio Teixeira couber entrar na dita capitania do Pará, lhe dê a posse d'ella, e lh'a deixe servir pelo dito tempo de seis annos, e vagante referida de quatorze de Março de seiscentos e quarenta e seis, e haver o dito ordenado, prós e precalços, como dito é, sem a isto ser posto duvida, nem embargo algum. E antes que o dito Antonio Teixeira de Mello entre na dita capitania me fará por ella o preito, menagem e juramento costumado, nas mãos do dito meu governador, de que apresentará certidão nas costas d'esta, que será registrada nos livros do meu conselho ultramarino e casa da mina da data d'ella a quatro mezes primeiros seguintes. E se passou por tres vias; uma só haverá effeito, e pagará o novo direito. Pascoal de Rozendo a fez em Lisboa ao primeiro de Setembro, anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil seiscentos e cincoenta e quatro. Marcos Rodrigues Tinoco a fiz escrever.— *El rei.* »

(1) Portanto não havia fallecido em 1646, como julga Berredo n. 929).

(*Nota do visconde de P. Seguro.*)

DESCRIPÇÃO DO ITATIAIA

OU ITITIAIO

POR

JOSE' FRANKLIN DA SILVA

(Manuscripto offerecido ao Instituto pelo autor)

Sobre a cordilheira da Mantiqueira, que rodeia esta provincia de Minas Geraes, perto de 22 gráos de lat., ao sul, eleva-se o Itatiaia, que na opinião bem fundada de muitos é o ponto o mais culminante do Imperio, embora o Itambé figure como o mais elevado, pois se o Itatiaia fosse visitado por algum naturalista, por certo que já figuraria nos mappas do Brasil como uma montanha notavel.

SITUAÇÃO DO ITATIAIA

Esta montanha existe situada entre o municipio da Ayuruoca, Rezende e Arêas, e tem sua raiz sobre a Mantiqueira e Serra Negra, e esta sobre o Monte Bello, ramificação da Mantiqueira, que se dirige para o norte, porém muito elevada.

ASPECTO DA MONTANHA ITATIAIA

Tem o Itatiaia a direcção de léste para oeste (vide a estampa), e para o lado do norte o observador d'este lugar vê primeiramente tres montanhas, e por detraz d'estas a principal, não só pelo aspecto magestoso que ella apresenta, como tambem pela altitude, e divisa-se mais sobre a fralda uma espaçosa e bella varzea: a montanha do Itatiaia compõe-se de terreno de origem ignea, granitico e piroyde.

Com muita facilidade o granito ahi se decompõe; a montanha offerece um aspecto pittoresco e magestoso; a immensidade e variedade de suas fórmas fazem admirar a aquelle que attento observa este lugar, e principalmente as altas cadêas eriçadas de penedos.

A montanha é muito escarpada tanto para o lado do norte, como para o oriente; os principaes cumes terminam-se em fórma de pilares elevados, e o cimo da montanha principal termina em fórma de agulhas ponte agudas; os flancos estão absolutamente privados de vegetação, offerecendo tão sómente grande porção de rochas retalhadas, e em outras partes profundas furnas, cavernas e brenhas, que são o deposito da geada e neve que ahi atura de um dia para outro; até mesmo os altos cumes estão sempre coroados de camadas de gelo, de um a dois palmos de espessura; para o norte o Itatiaia apresenta pyramides elevadas e columnas unidas umas ás outras, e symetricamente sobremontadas, e no cume d'estas columnas que formam a montanha ha penedos, em fórma de espheroides, uns sobre outros, afastados da direcção principal, e collocados em uma altura tão despropositada que o visita-

dor d'estes lugares recúa attonito e espavorido, parecendo que estas pedras estão prestes a se desabarem.

Os valles estão semeados de rochas e lagedos queimados que facilmente se desfazem, e os cabeços de pedras rolados do meio-dia para o septentrião; tudo isto nos faz crêr na natureza vulcanica do lugar, ou com mais probabilidade em uma convulsão vulcanica, que antigamente ahi rebentou, e que foi causa d'esses desmoronamentos, cabeços rolados, cheios de crystaes, carcomidos e ennegrecidos, e demais sepultados em panellas cheias de cinza.

Toda a montanha apresenta traços e evidente prova da ardente lava que trabalhou n'aquelle lugar; além das rochas se desfazerem, são muito notaveis os rasgos symetricamente bordados na superficie, e lados da montanha, canos e regos profundos que terminam-se em panellas cheias de cinza muito fina, e crystaes negros e queimados; a pedra principal do Itatiaia, ou por outra o Itatiaioassú, tem o aspecto soberbo e horroroso, e além d'isso parece uma obra trabalhada, de altos e baixos relevos; tem a configuração de uma estante com muitos livros, é atravessada por uma linha recta ou fenda; nella começam grandes tubos de um orgão, que terminam em sua fralda em variados pedestaes.

SOBRE A ALTITUDE

O Itambé, segundo Eschewege, tem oito mil pés acima do nivel do mar.

O Papagaio, segundo outros, tem sete mil pés.

A Serra Negra, sobre a qual está o Itatiaia, tem mais de sete mil pés de altura que o Papagaio; o observador, col-

locado no alto da Serra Negra, divisa por cima do pico do Papagaio um horizonte de 40 leguas ; está reconhecido que o Itatiaia é um gigante ; além d'isto um Chimborazo por cima da Serra Negra, de cerca de nove mil pés : tendo o Itambé apenas oito mil pés, bem se vê que nada é em relação ao Itatiaia.

Provas ainda ha que nos convencem de sua grande elevação ; porque a montanha, pela sua altitude, é um famoso conductor do fluido electrico ; pessoas dignas de confiança e verdade affirmam que muitas vezes a tempestade está á grande distancia, e a atmosphera n'este lugar á mais pura, ainda nada ameaça ; e emquanto a tempestade está ao longe, já a montanha vai sendo fulminada pelo raio, que, rasgando os altos cabeços, repercute ao longe o mais terrivel estrondo.

E' sabido que os rios mais notaveis da America, como o Amazonas, tem sua origem em elevadas montanhas ; o Itatiaia tambem se faz notavel por dar origem ao Paraná ou Rio Grande, que depois do Amazonas é o maior rio da America Meridional : não é o Rio Grande que tão sómente tem origem no Itatiaia, ha muitos outros rios notaveis, como são o Rio Preto, que nasce a léste da montanha, em uma lagôa situada em uma garganta ; o rio da Ayuruoca tem sua origem em uma das montanhas (como se vê no desenho), e correndo em fórma de uma fita ondeada, e lançando-se entre diversas cascatas, vem banhar as raizes do Papagaio, que dista do Itatiaia oito leguas ; o rio Pirapetinga tem sua origem em outra lagôa situada a léste da montanha ; o ribeirão dos Crystaes nasce ao sul em outro lago ; e os rios Baependy e Capivari nascem em uma ramificação do Itatiaia, a oeste.

E' de notar que o thermometro de Fhar. durante o inverno tem chegado a 30 e 29 gráos.

PRODUCÇÕES VEGETAES

Todo o terreno é em geral muito esteril, pois todos os lugares estão tostados de gelo, e parecem votados a uma desolação eterna.

Produz tão sómente um capim aniquilado e algumas hervas aromaticas, da mesma familia do poejo, e certo arbusto vulgarmente chamado lingua de tucano.

Ha mais uma especie de canna, vulgarmente chamada bengala, de diversas côres e de muita estimação; tem uma açucena escarlate, sustentada em uma cebola conglutinosa que é uma excellente colla para madeira e semente muito venenosa, e finalmente alguns arbustos pequenos, cujos troncos e ramagem estão cobertos de uma argilla preta.

HORIZONTE VISUAL

O espectador no cume do Itatiaia, em um dia claro e sem nevoas, á olhos nus, observa, além do Capão de Hollanda, Lagôa Dourada, Serra de Caldas. Além dos lados de Barbacena, Rio Grande, Sapucahy, Borda da Mata até a Serra do Cabo Verde, Serra de Santos, Taubaté, Mambucaba, ficando na provincia de S. Paulo lugares para o sudoeste que ainda não se pôde divisar por causa do fumo e nevoeiros, e a mesma cousa tem succedido do lado d'esta provincia.

Na provincia do Rio as serras de Itaguahy, S. João do Principe; emfim, a maior parte d'esta provincia.

O pico mais alto do Itatiaia até o presente ainda não foi galgado por pessoa alguma.

Muitos Ayuruocanos têm visitado o Itatiaia durante os mezes de Maio, Junho e Julho, attrahidos tão sómente pela encantadora vista que apresenta.

E', pois, esta a descripção que fiz do lugar que visitei tão sómente por duas vezes, colhendo tudo quanto pude e esteve em meu alcance, e este tosco trabalho tenho a honra de offerecer unicamente ao Instituto Historico e Geographico do Imperio do Brasil, esperando que será recebida a offerta para conhecimento do lugar que ainda está incognito.

Villa da Ayuruoca, 3 de Dezembro de 1856.

FIM DO TOMO XXXIX, PARTE PRIMEIRA

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXIX

PARTE PRIMEIRA

PRIMEIRO TRIMESTRE

Pag.

MEMORIA historica da igreja matriz de Nossa Senhora da Candelaria d'esta côrte, escripta pelo conego Dr. Manoel da Costa Honorato, vigario d'esta freguezia e pelo mesmo lida nas sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro no anno de 1875.

Prologomenos 5

Capitulo I.—Descoberta do lugar em que se acha a matriz da Candelaria, sua fundação e seus proprietarios . . 7

Capitulo II. — Da creação, progresso e estado actual da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria. . . . 11

Capitulo III.— Da creação da irmandade do SS. Sacramento n'esta matriz, seus progressos, seus encargos e seu estado florescente actual. 40

Capitulo IV.— Das irmandades erectas na igreja matriz de Nossa Senhora da Candelaria. 64

Capitulo V.—Descripção do novo templo em que se acha a matriz de Nossa Senhora da Candelaria. . . . 73

Conclusão 95

HISTORIA da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira, heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra, por Diogo Lopes de Santiago (*Continuada da pag.* 336 *do tomo XXXVIII, parte primeira*).

Capitulo XIV.—Como os hollandezes sitiaram a força do Arraial e a de Nazareth, que ganharam, e das tyrannias que usaram com os que estavam no cerco, e de como o conde de Bagnuolo se retirou para Alagôa. . . 97

Capitulo XV.—De como Mathias de Albuquerque se retirou de Serinhaem e no Porto do Calvo tomou um reducto do inimigo 105

Capitulo XVI. — Da chegada e successos de D. Luiz de Rojas em Pernambuco e da batalha que teve com os hollandezes na Mata Redonda, e de como depois de sua morte lhe succedeu no cargo de mestre de campo general o conde de Bagnuolo, e como fez a grandiosa força do Porto do Calvo. 111

Capitulo XVII.— Da vinda do capitão Francisco Rebello do Porto do Calvo á campanha de Pernambuco, e como foi derrotado pelos hollandezes e das grandes crueldades que usaram com os moradores. 120
Capitulo XVIII.—De como o conde de Bagnuolo mandou á campanha de Pernambuco a D. Filippe Camarão, e dos successos que teve na Goyana, e das crueldades que usaram os hollandezes com os moradores d'ella e outras particularidades. 128
Capitulo XIX.—Em que se trata como o conde de Nassau, João Mauricio, tomou a força do Porto do Calvo e o conde de Bagnuolo se retirou para a Bahia. . . . 136
Capitulo XX.— Da jornada que fez o conde de Nassau, João Mauricio, a tomar a cidade da Bahia, e de como se retirou com grande perda de gente e artilharia, d'onde tomou occasião para embarcar para fóra de Pernambuco os religiosos que n'elle havia. 143
Capitulo XXI.—Da chegada da armada do conde da Torre a Pernambucc, d'onde derrotou para Indias, e da jornada que fez Luiz Barbalho pela campanha até a Bahia e de outros successos. 149
Capitulo XXII.—Do que succedeu nas capitanias de Pernambuco até a acclamação de el-rei D. João, o quarto, de Portugal. 159
Capitulo XXIII.— Em que se trata summariamente de como os hollandezes tomaram algumas terras de portuguezes, depois das treguas assentadas, e da retirada dos soldados da campanha de Pernambuco para a Bahia, e da partida do conde de Nassau para Hollanda. 165
Capitulo XXIV.— Em que se relata parte das tyrannias e crueldades que usaram os hollandezes com os moradores de Pernambuco, com que os obrigaram a tomar as armas e se pôrem em liberdade. 169
Capitulo XXV.— Em que vai seguindo a materia do capitulo antecedente, do manifesto por cuja causa os moradores de Pernambuco acclamaram a liberdade, sendo impulsor e executor d'ella João Fernandes Vieira. . 180
Capitulo XXVI.— Em que se vai proseguindo o manifesto da liberdade das capitanias de Pernambuco..... 190

BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc.
NOTICIA sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa e suas obras, por J. Norberto de S. S 197

SEGUNDO TRIMESTRE

DIARIO da viagem que fez o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria da cidade de S. Paulo á praça de Nossa Senhora

dos Prazeres do rio Igatemy, 1774 — 1775, (*Com um mappa*). Manuscripto offerecido ao Instituto Historico pelo Sr. conselheiro F. I. M. Homem de Mello. 217

ORDENS que el-rei nosso Senhor foi servido mandar á capitania de S. Paulo em 22 de Abril d'este presente anno de 1774 para que o disposto n'ellas se execute litteralmente, sem modificação, interpretação ou alteração qualquer que ella seja.

Em carta para o governador e capitão-general D. Luiz Antonio de Sousa. 279

Para José Custodio de Sá e Faria, em 21 de Abril de 1774. 287

MEMORIA dos feitos que se deram durante os primeiros annos de guerra com os negros quilombolas dos Palmares, seu destroço e paz aceita em Junho de 1678, por Pedro Paulino da Fonseca, socio honorario do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano. (Manuscripto offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo autor). . . . 293

HISTORIA da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira, heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra, por Diogo Lopes de Santiago (*Continuada da pag. 195 d'este tomo*), Livro segundo.

Capitulo I.— Da origem e causas da acclamação da liberdade de Pernambuco, e outras cousas tocantes d'esta historia 323

Capitulo II. — Breve discurso da vida, principio e costumes de João Fernandes Vieira, e do grande estado que teve em Pernambuco, e como principiou a famosa facção da liberdade dos moradores d'estas capitanias. 330

Capitulo III.—Das preparações que foi fazendo Fernandes Vieira para conseguir o effeito da liberdade que intentava 339

Capitulo IV.— Em que se vai proseguindo a materia do capitulo precedente 346

Capitulo V.— Da embaixada que os hollandezes mandaram á Bahia ao governador Antonio Telles da Silva, e como lhes foi revelado o intento e preparações de João Fernandes Vieira, e de como elegeu capitães por todas as freguezias das capitanias para a empreza da liberdade d'ellas. 355

Capitulo VI.— De como João Fernandes Vieira se levantou ás publicas com sua gente e das diligencias que fizeram os hollandezes pelo prender, sahindo frustrados seus intentos, e como lhes começou a fazer guerra pela campanha. 368

Capitulo VII.— Dos editaes que na campanha mandou pu-

blicar o governador João Fernandes Vieira e dos que tambem publicaram os hollandezes, e como se lhe ajuntou alguma gente e foi acclamado por governador da liberdade das capitanias de Pernambuco. . . . 379

Capitulo VIII.—De outra segunda embaixada que os hollandezes mandaram á Bahia ácerca do levantamento de João Fernandes Vieira, de como enviaram contra elle ao sargento maior João Blaar com gente de guerra e ao governador das armas Henrique Haus contra Amador de Araujo á Ipojuca, d'onde se veiu a unir com o Blaar para pelejarem com o governador da liberdade. . . 386

Capitulo IX. — De como o governador João Fernandes Vieira, chegou com sua gente ao sitio de Belchior Rodrigues Covas, e do que alli lhe succedeu, e de como se lhe aggregou a gente de Ipojuca, Cabo, Muribeca e outras partes. Conta-se o desastrado successo e morte dos moradores de Cunhaú pelos hollandezes e *Tapuyas*, e outras cousas, até que o governador marchou para o monte das Tabocas 398

DOCUMENTO importante a respeito de Antonio Teixeira de Mello, o restaurador do Maranhão do poder dos hollandezes. Offerecido ao Instituto Historico pelo Exm. Sr. visconde de Porto Seguro. 411

DESCRIPÇÃO do Itatiaia ou Ititiaio, por José Franklin da Silva. (Manuscripto offerecido ao Instituto Historico pelo autor). Com uma estampa. 413

TYP. DE PINHEIRO & C.— RUA SETE DE SETEMBRO N. 157.

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 06374 4570

DO NOT REMOVE
OR
MUTILATE CARD